



ORGÃO OFICIAL DA COMISSÃO CENTRAL COMEMORATIVA  
DO CINCOENTENÁRIO DO CERCO DA LAPA

# Ilustração Brasileira

ANO XXII - NUMERO 106 - FEVEREIRO, 1944 - PREÇO: CR \$ 5,00

# Ilustração Brasileira

Mensario editado pela Sociedade Anônima "O MALHO"

## DIRETORES :

Oswaldo de Souza e Silva  
Antonio A. de Souza e Silva

Grande premio na exposição do Centenario, em 1922 — Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 — Diploma de honra da Feira Internacional de Nova York em 1940. — Orgão Oficial da Exposição do Centenario de 1922 e do Centenario da Pacificação dos Movimentos Politicos de 1842.

Redação e administração: Rua Senador Dantas, 15-5.º Andar

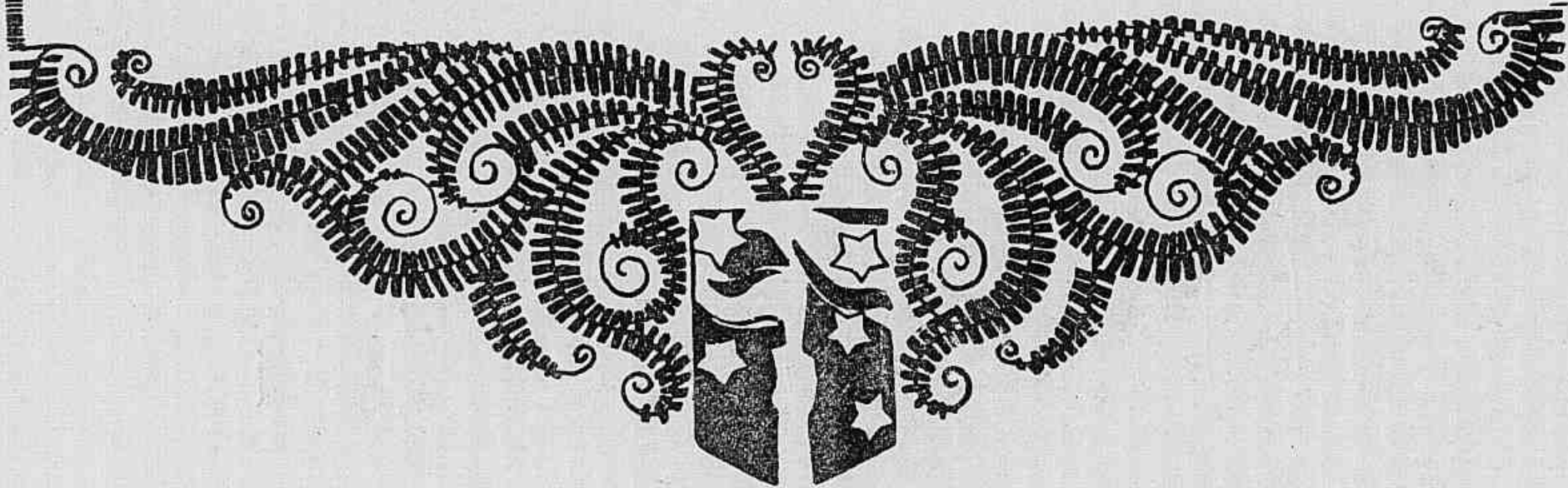
Telefones: 22-9675 — 22-0466 — 22-0745

Caixa Postal 880 — End. teleg.: "O MALHO" — Rio

## PREÇO DAS ASSINATURAS (REMESSA SOB REGISTRO POSTAL)

Brasil, países da América e Espanha:		Demais países:	
12 meses . . . . .	Cr. \$60,00	. . . . .	Cr. \$70,00
6 meses . . . . .	Cr. \$30,00	. . . . .	Cr. \$35,00

NÚMERO AVULSO CR. \$5,00 — ATRAZADO CR. \$6,00





CIA. DE CIGARROS  
SOUZA CRUZ



## Esporte e elegancia

A preferência indiscutível da elite social carioca pelas reuniões que lhe proporciona o Jockey Club em suas aprazíveis instalações da Gávea, aumenta, de dia para dia, caracterizando-se as tardes desportivas do nosso "derby" pela sua finura e elegância. Estes, são flagrantes colhidos ali ao acaso, pela objetiva.

**THE  
RIO DE JANEIRO  
FLOUR MILLS  
AND GRANARIES  
LIMITED.**



**MOINHO INGLEZ** RIO DE JANEIRO

**ESCRITÓRIOS**  
RUA DA QUITANDA, 108-110  
TEL. 23-2130

**MOINHOS DE TRIGO  
FÁBRICAS DE TECIDOS**  
AV. RODRIGUES ALVES (CAIS DO PORTO)  
TEL. 43-2910

**CAIXAS POSTAIS**  
486-740

**TELEGRAMAS**  
"EPIDERMIS" - RIO

FARINHAS "BUDA-NACIONAL" - "NACIONAL" - "SOBERANA"  
FARELO - FARELINHO - REMOIDO - TRIGUILHO - CALVAC  
TECIDOS DE ALGODÃO - FIOS - LONAS E ENCERADOS



**Fonseca, Almeida & C. Ltda.**  
IMPORTADORES EXPORTADORES

FERRO • AÇO • METAES • FERRAGENS  
TINTAS • VERNIZES • LUBRIFICANTES  
OLEOS • TUBOS • GAXETAS • CORREIAS  
CABOS • MAÇAMES •  
EXTINTORES DE INCENDIO

**Material para Estradas de Ferro,  
Oficinas e Construção Naval**

Telefone  
Rêde Particular: 23-1760

CAIXA DO CORREIO 422 - END. TELEGR. "CALDERON"  
ARMAZEM E ESCRITORIO

112

**RUA PRIMEIRO DE MARCO**

112

Dep.: RUA SANTO CRISTO, 54/56.  
RIO DE JANEIRO

para o  
**Mundo Elegante**

*Água de Colônia*  
**RUA DO OUVIDOR**  
 CUJO PERFUME ENCANTA.  
 ATRAI E TORNA A PESSOA  
 INESQUECIVEL.



**MENDEL**

Diretor - LEONCITO AMBRAN  
 Av. Rio Branco, 104 - Tel. 22-2047  
 Em São Paulo - SANTOS NEVES & CIA  
 Rua Libero Badur, 423 - Tel. 7-1909

**Rotomol**  
 À base de óleos balsa-  
 micos e plantas germi-  
 cidas da Amazonia,  
 contém os elementos  
 naturais de que a epi-  
 derme necessita para  
 a conservação de sua  
 beleza

**NÃO HA MELHOR SABONETE  
 SEJA QUAL FOR O PREÇO**

**Modas Odette**  
 CONFECÇÕES DE  
 LUXO E LINGERIE



O. PEREIRA DA SILVA LTDA.  
 AV. RIO BRANCO, 277-11.º-S. 1104  
 RIO - 22-2082

**Bar e Restaurante**  
**BRAHMA**

AV. RIO BRANCO 152 F. 154  
 Irmãos Guarnizo Ltda  
 TEL. 22-2944

O melhor serviço  
 no mais elegante  
 ambiente da cidade



CAMISAS SOB MEDIDA  
 ARTIGOS FINOS  
 PARA O HOMEM  
 ELEGANTE.

**Janota**  
 DECORAÇÃO: JULIO SENNA  
 AV. NILO PEÇANHA  
 38-D - SALA 204

**Abat-Jours**  
 LUSTRES  
 ARANDELAS  
 COLUNAS

**B. Donces**  
 participa à sua dis-  
 tinta clientela o seu  
 novo endereço: R.  
 do Rosario, 28-1º  
 Tel. 43-0721



**PREÇOS** RETRATOS *Só*  
 de Crianças

ED. ODEON  
 (CINELANDIA)  
 7º AND. 712  
 FONE: 42-7424




**Galeria Carioca**  
 DE MODAS


A Casa de Fino Gosto  
 em  
 TAPEÇARIAS - MOVEIS

Peçam orçamento  
 RUA OUVIDOR - GONÇALVES DIAS  
 Tel. 22 5106



**Bernardino Pinto Gomes**  
 ADVOGADO

AV. GRAÇA ARANHA, 326-12º  
 Tel. 22-7082 das 4 às 6  
 Rio de Janeiro



**PASTA S. S. WHITE**

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais completo para higiene e conservação dos dentes.



COMPRAS E VENDAS  
 IMOVEIS  
 (Administração)  
 APARTAMENTOS  
 TERRENOS  
 FAZENDAS

**Consulte**

**CARLOS M. MAC DOWELL DA COSTA**  
 ED MARTINELLI

Av. RIO BRANCO 108-Ss 703/05  
 TELS 42-9061 - 9304




E, depois das compras.  
 Um repouso absoluto

**COLCHÃO**  
 Ventilado de  
 Molas

**Hollywood**  
 Quvidor 59  
 TEL. 43-7132




**A ESQUINA DA SEDA**  
SEMPRE NOVIDADES



SEDA  
LINHOS  
VELUDOS, ETC.

FONE: 42-6946

A ESQUINA DA SEDA.  
o melhor artigo pelo menor preço.  
ASSEMBLEA com LARGO da CARIOCA

**ARCOS & CIA. LTDA.**

## Banco Nacional de Descontos

ABERTO ATÉ AS 19 HORAS

Todas as operações  
bancárias

**ALFANDEGA, 50**

## ONDE FOI ENCONTRADO O CORPO DO ALMIRANTE SALDANHA DA GAMA

Aos 10 de Agosto de 1895, um sargento de nosso Exército, Ramiro de Lima, viu numa grotta, dentro de uma sanga que conflue com o Quaraizinho, a 12 quadras do lugar onde se travara o combate de 24 de Julho de 1895, entre as forças de Saldanha e as do tenente-coronel João Francisco Pereira, isto é, no 4.º Distrito de Sant'Ana do Livramento, R: G. do Sul, o corpo do Almirante, e disso logo cientificou os coronéis Rodrigues de Macedo e Antônio Abade Ribeiro e os tenentes-coronéis Carlos Libindo de Menezes, Júlio César de Barros e Wenceslau Ribeiro. Estes oficiais do Exército apresentaram-se no local referido e reconheceram como sendo do almirante Saldanha o corpo encontrado na grotta.

Dois dias depois, foi passada a certidão de óbito do pranteado Almirante, que é em espanhol e nestes termos concebida:

"El que suscribe, Doctor en medicina, certifica que verificó la defunción del Almirante Luiz Philippe de Saldanha da Gama, de nacionalidad brasileira, de 49 años de edad, de profesión — marino, fallecido en 24 de Junio pasado, en consecuencia de heridas recibidas en el combate del Rincón de Artigas, campos de Osorios, Brasil, y que empleó los procesos determinados por el reglamento de la Junta de Higiene para el transporte del cuerpo.

Rivera, Agosto de 1895. — Dr. Carlos Laudares."

A Junta de Higiene era formada do médico legista citado e do tenente Sebastião José de Saldanha da Gama.

## INDIOS QUE LUTARAM A FAVOR E CONTRA O BRASIL

Nas pelejas, que mantivemos no norte do país contra o poderio neerlandês, contavam-se inúmeros índios e mamelucos. Dos que mais se ilustraram destacavam-se Antônio Filipe Camarão, seu irmão Jacuna, Antônio Pessoa Arco-Verde, um tabajara, Simão Soares, chamado Jaguarí, José de Vasconcelos, Filipe de Souza Castro, Sebastião Saraiva Coutinho, etc., todos cristãos. Vários caíram prisioneiros no campo inimigo. O Pde. Antônio Vieira refere a respeito deles:

"...êstes índios, durante a sua estada entre os holandeses, tomaram os vícios e os máus costumes dos seus mestres, e acata-ram as suas opiniões heréticas.

"Aprenderam a ler e escrever, e trouxeram consigo livros, papel, penas, tinta, e mesmo lacre de Veneza.

"Estas artes desconhecidas dos Tabajaras foram causa de serem tidos os recém-chegados por grandes sábios por seus hóspedes, a quem ensinaram a lingua holandesa, a leitura, a escrita, e também as heresias, que aprenderam nos livros deles, que traziam."

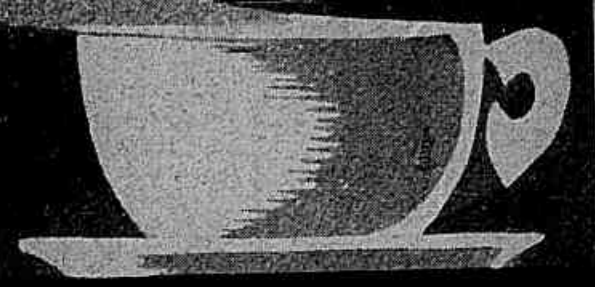
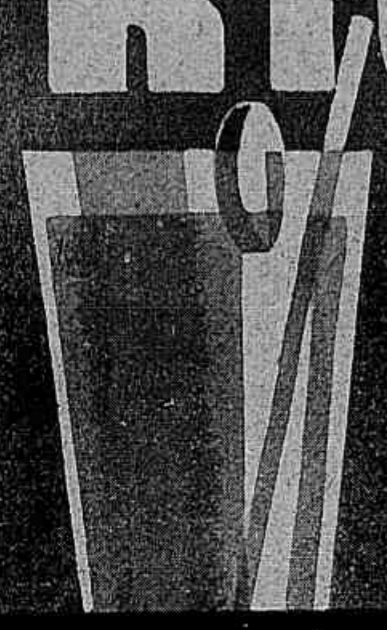
Em detrimento de nossa causa, preliaram os aborígenes de Ibiapaba, durante uns vinte e tantos anos, e nêsse rol figura o famigerado Calabar.

A guerra oficial aos selvícolas foi declarada pelo governador de Pernambuco, em 1715. Ele lavrou uma ordem, mercê da qual mandava perseguir a todo transe o gentio hostil do Ceará, extinguindo-o, cativando-o, afugentando-o.

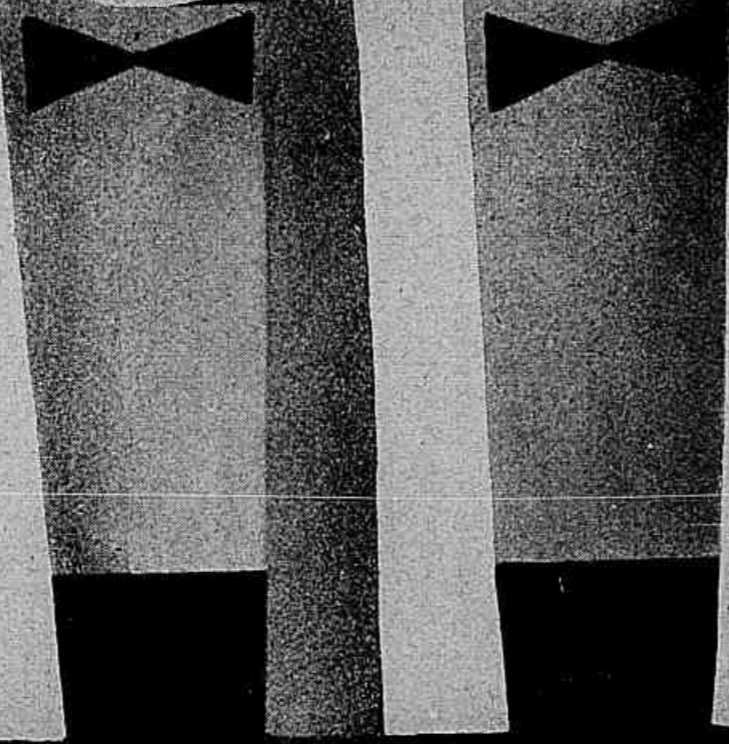
A luta estendeu-se por vários anos, além de 1727. Nesta época, dirigia-a João de Barros Braga, que organizara um sem número de bandeiras.

**EXIJAM SEMPRE  
THERMOMETROS PARA FEBRE  
"CASELLA LONDON"  
HORS CONCOURS**

**FRIJO OU QUENTE**



**OO**



**BEBE**

**MATE**

MICHEL H

## ○ naturalista de Blumenau

Fritz Muller, o grande naturalista darwinico, representa com o paleontologista Lund da Lagôa Santa, os dois maiores cientistas habitando permanentemente e definitivamente no Brasil, como sua pátria. Veio para o Brasil, impellido pela paixão de cientista, aportando em Santa Catarina, em 1850. Vagando um lugar no Liccu Provincial, conquistou a cadeira de matemática, em concurso para sempre célebre. Era nessa época um tomem de 35 a 40 anos, alto, magro, ágil, a barba inteira, curta e rala, sempre vestido singelamente, com roupas de algodão, tecidas na terra catarinense.

Uma das suas singularidades em aula, era realizar os cálculos mais complicados, de modo exclusivamente mental. Jámais faltava ao Liceu Provincial, à hora exata e cumprido o dever oficial, volvia apressadamente à Praia de Fóra, onde morava com a mulher e os filhos, uma numerosa ninhada de crianças louras. De pés descalços e calças arregaçadas até o joelho, colhia à flor d'água, abundantes e inéditos especimens da flora e da fauna marinhas. E à noite, cuidadosamente classificava. Frequentemente, as suas excursões dirigiam-se às florestas e montanhas. Fritz Muller singularizava-se como naturalista, por maravilhosa intuição filosófica, como intérprete das doutrinas de Darwin, com quem ativamente se corréspodia. E o famoso naturalista inglês lhe respondia, com gloriosas referências. Os fatos, investigações e descobertas de Fritz Muller, corroboram e ampliam a grande doutrina darwiniana. Assim, partiu do Brasil, poderosa contribuição para a vitória das idéias de Darwin, sobre a evolução natural dos seres vivos. As numerosas obras de Fritz Muller, todas versando sobre a natureza brasileira, merecem ser colecionadas, traduzidas e vulgarizadas. Aposentado como lente, Fritz Muller fixou residência em Blumenau, onde por muitos anos viveu, cercado de universal admiração.

**A LAGÔA DOS JACARÉS.** — Lagôa dos Jacarés, assim se chamava antigamente Jacarépaguá. É uma paróquia que guarda nas suas tradições, os maiores faustos da lavoura carioca. Dêsde os meados do século XVII, as suas terras teem dado as melhores riquezas agrícolas. A sua área alcança a Tijuca, a Gávea, e Guaratiba, através de majestosas matas e montanhas. Nas suas matas, algumas ainda quasi selvagens, há madeiras de lei de todas as qualidades. A fauna é riquíssima. É paróquia desde 6 de Março de 1661. Os primeiros vigários foram os Padres Antonio Ribeiro de Almeida e Matheus da Silveira Anta. A matriz da antiga Lagôa dos Jacarés foi erigida em 1664. A capéla de Taquara, data de 1745. Havia até o limiar do século XIX, dezoito fazendas, produzindo todas, sendo das mais opulentas a dos Barões de Taquara, a dos Frades de São Bento, em Camorim, Vargem Pequena e Vargem Grande. São várias as nascentes. As terras pertencentes ao Mosteiro de São Bento foram doadas por D. Victoria de Sá, por testamento, tendo morrido em 1667. Em 1872, a sua população era de 7.993 habitantes. Havia 1.106 casas.



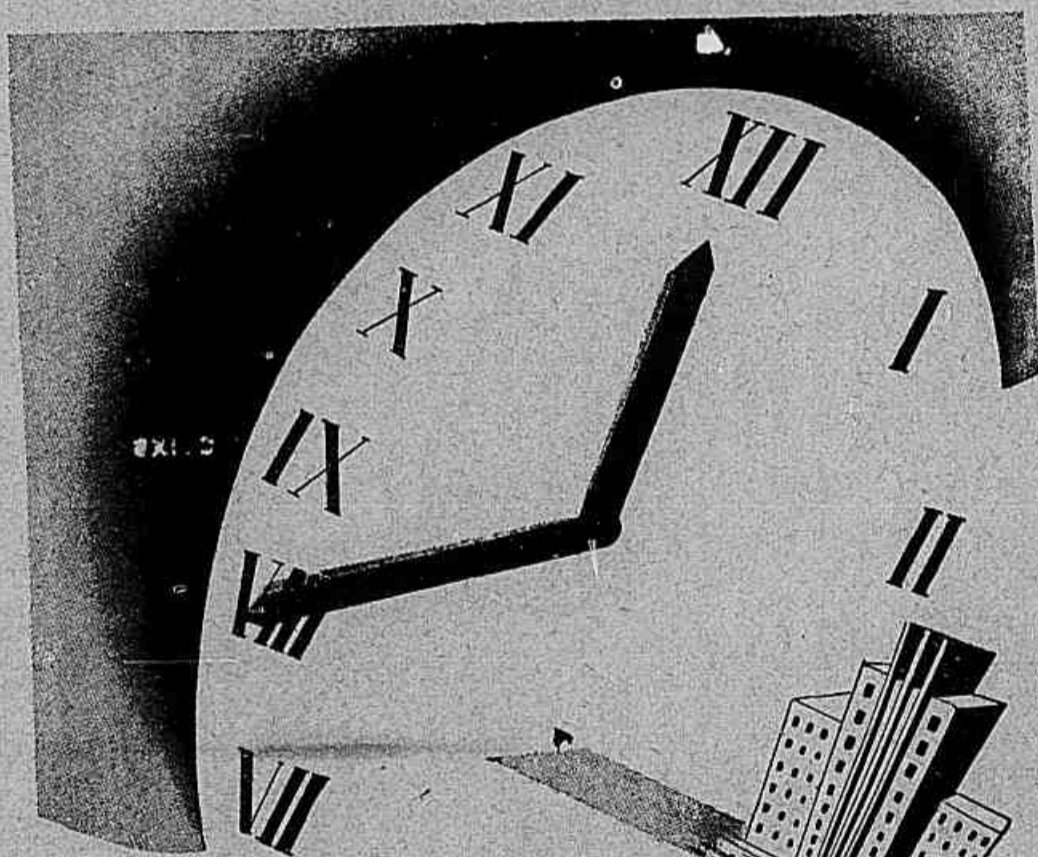
# TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE AO SEU CABELO

Em poucos minutos a côr natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.

APLICAÇÃO FACILIMA: Peça ao nosso serviço tecnico todas as informações e solicite o interessante folheto A ARTE DE PINTAR CABELOS, que distribuimos gratis. CONSULTAS, APLICAÇÕES, VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40 sob. - Rio de Janeiro

NOME..... RUA.....  
CIDADE..... ESTADO.....



**NUNCA É TARDE PARA CONFIAR SEUS IMOVEIS A UMA BÔA ADMINISTRAÇÃO**

• Rapida locação • Rigorosa seleção de inquilinos • Cobrança pronta de alugueis • Perfeito serviço de conservação e reparos de imóveis • Assistência legal gratuita • Segura orientação na compra e venda de imóveis • Atenta vigilância na limpeza e ordem dos imóveis • Prestação de contas até o 5º dia útil de cada mês

**F. R. DE AQUINO & CIA. LTDA.**

MATRIZ: Av. Rio Branco, 91 - 6.º — Rone 23-1830 — FILIAL em São Paulo: R. 15 de Novembro, 244 - 4.º — Fone 3-7353 — AGÊNCIAS: Rio — Av. Atlântica, 554-B — Fone 27-7313 — Niterói: R. Visc. Rio Branco, 425 - 5/3 — Fone 2287 — Petrópolis Av. 15 de Novembro, 593 — Fone 4638.

## A «Eneida» em português

Deve-se a um poeta patricio, o erudito Odorico Mendes, nascido no Maranhão, a tradução dos poemas de Vergilio em vernáculo. Foi editada há quasi um centenário, queremos dizer em 1854, e recebeu aplausos de criticos eminentes, tanto nestas plagas como na Europa. Merece relevar o entusiasmo singular que produziu no espirito de um francês, o Sr. A. Jal, conservador dos Arquivos de Paris, àquele tempo. Ele manifestou sua febril emoção numa longa epístola a Odorico Mendes, que lhe fizera doação de um exemplar de seu trabalho. Nessa epístola, o Sr. Jal, comunicando-lhe sua próxima partida para a Itália, prometeu colher para Odorico Mendes, em Pausilipo, sobre o túmulo do poeta latino, dois ramos de louro e fazer com esse precioso ornamento vegetal uma pequena corôa. Os primeiros versos das *Bucólicas* são decassílabos espontaneos e sonoros:

Tu, sob a larga faixa reclinado,  
Sylvestre musa em tenue canna entoas;  
Nós, Tityro, da patria os fins deixamos  
E a doce lavra, a patria nos fugimos;  
As selvas tu, pausado à sombra, ensinas  
Amaryllis formosa a resoarem.



Tosses?

**PULMONAL**  
é Fantastico...

REFRIGERAÇÃO  
Comercial,  
Doméstica e  
Industrial



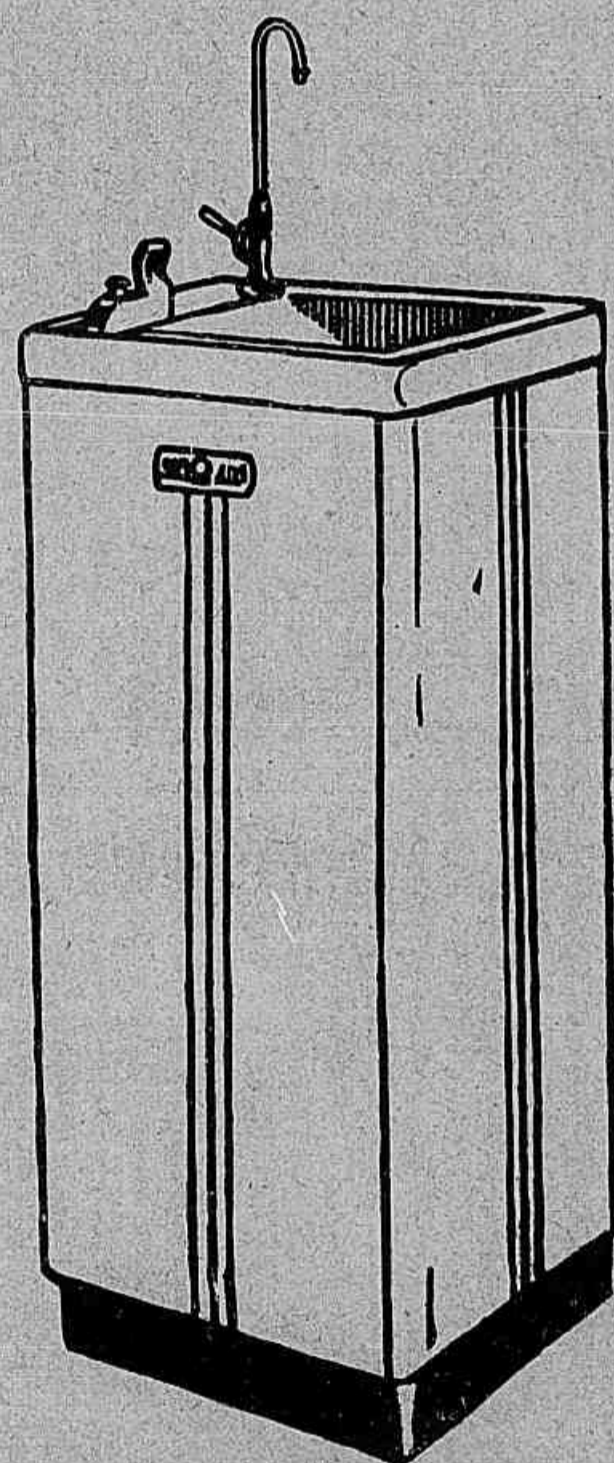
PROJETOS E EXECUÇÕES DE  
CAMARAS FRIGORIFICAS  
INSTALAÇÕES CENTRAIS  
DE ÁGUA GELADA EM EDI-  
FÍCIOS. VENTILAÇÃO E AR  
CONDICIONADO

## AS 5 RAZÕES QUE

FAZEM DO FILTRO  
SEM VELA  
HIDRAFFIN  
O MAIS INDICADO  
DO MUNDO:



- 1.º — O carvão ativado HIDRAFFIN é crivado de canais e póros ultra-microscópicos, cuja tensão superficial lhe confere um extraordinário poder de atração e asorção de toda espécie de impurezas dos gazes e de dos líquidos;
- 2.º — É o único filtro do mundo que decolora, purifica e desodoriza a água, ao mesmo tempo que elimina as substâncias orgânicas que lhe emprestam mau odor e gosto, conseguindo torná-la potável e isenta de quaisquer bactérias ou germens patológicos;
- 3.º — As características do carvão ativado HIDRAFFIN para purificação de água são tais que tornam insubstituível na decoloração e clarificação da água;
- 4.º — A facilidade de instalação e a capacidade de filtração do filtro HIDRAFFIN tornam seu uso o mais generalizado do mundo;
- 5.º — HIDRAFFIN funciona com rapidez e regularidade, só necessitando de limpeza em longos intervalos. Enquanto os filtros de velas são morosos e exigem limpezas frequentes, sempre com grande risco de quebrar, HIDRAFFIN conserva-se fechado, tendo uma capacidade de filtração de cerca de 40 a 50 litros por hora.



**BEBEDOURO**  
**SOLIDEZ**  
**ELEGANCIA**  
**EFICIENCIA**  
**GARANTIA AMPLA**

DISTRIBUIÇÃO EXCLUSIVA DE

**MANDARO, FILHOS LTDA**

COMÉRCIO — INDÚSTRIA — IMPORTAÇÃO — EXPORTAÇÃO

Matriz: RIO DE JANEIRO

RUA DA QUITANDA, 20 — 3.º andar  
Tel. 42-6488 — Teleg. MANDAVELLO

Loja: RUA FREI CANECA, 17  
Depósito: R. JULIO DO CARMO, 251

FILIAIS: SÃO PAULO — NITERÓI

PRODUTOS DIVERSOS — RÁDIO E REFRIGERAÇÃO — ACESSÓRIOS

# CANÇÕES SEM METRO

RAUL POMPÉIA

HOJE

CADA página da história é uma lápide e um epitáfio. Em baixo dessas inscrições dormem os séculos. Poeira, poeira e recordações.

Todas as alegrias do dia de ontem e todas as lágrimas, conquistas, decepções, louros e espinhos, apoteoses e martírios, misérias e grandezas, fortunas, maldições, tudo, reverteu em nosso proveito. Passou o tempo sobre o mundo; e para nós ficou o legado das cinzas.

Por nossa vida foram imoladas as gerações. Dos destroços dessas vítimas, nós hoje ferozes herdeiros, nos alimentamos, como o grêlo egoísta, que vive da podridão do fruto que o gerou. Dura necessidade viver das cinzas maternas!

Mas está servido o banquete. Os séculos foram sacrificados em holocausto aos vindouros.

Vindouros somos nós.

À mesa!

Fartemo-nos!

II

A M A N H Ã

HÁ um ponto no oceano que é o terror dos nautas. Um abismo cavado nas águas, através do qual, como uma formidável trombeta, geme o gênio, devastador dos cataclismos. As ondas, exército selvagem de leões, debatem-se doidamente, arqueiam o felino dorso, sacodem, como alvissimas jubas, a espumarada e rolam rugindo no bártro, devorados pela vertigem.

Às vezes, o redemoinho apanha a embarcação temerária que ousou avizinhar-se do circo tremendo, onde combatem os leões da tormenta... Não há mais fugir. A vertigem prende; a garganta esfomeada do vórtice reclama enérgicamente a presa. Cumpre ceder.

Semelhante ao barco surpreendido pela voragem, nós avançamos para o futuro.

A lei é — prosseguir.

Maelstrom devora, o futuro absorve. Vingador escrupuloso do passado, vai viver de nós, como nós vivemos do dia de ontem. Avante! Avante!

Lá vejo a aurora, a odiosa aurora escancarada no horizonte, como as fauces do monstro fabuloso, emboscado no céu.

Ei-lo, o ávido futuro, que nos espera, como uma hiena faminta de mortos!

## UM ENLACE SO SERÁ FELIZ

quando a noiva se sentir inteiramente satisfeita, inclusive com todos os detalhes do enxoval.

O "GUIA DAS NOIVAS" com seus conselhos, sugestões, modelos e ensinamentos, realiza esse sonho das que se vão casar.

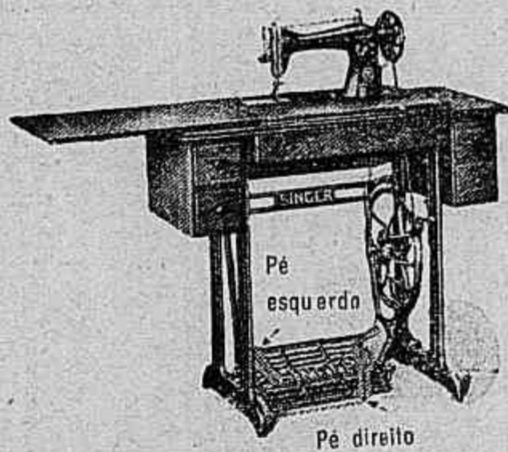
Previendo suas necessidades bancárias na AMÉRICA DO SUL



The Royal Bank of Canada é o seu natural ponto de contacto com os outros mercados sulamericanos, e uma fonte de informação, e uma via pela qual V. S. poderá encaminhar suas cobranças e outros negócios bancários na América Latina. Estabelecido na América do Sul há mais de um quarto de século, as suas filiais servem os centros comerciais mais importantes da Argentina, Guiana Inglesa, Colombia, Peru, Uruguai e Venezuela.

"THE ROYAL BANK OF CANADA"

Singer modernas para coser e bordar



VALENTE, SOARES LTDA.  
PREÇOS REDUZIDOS — GARANTIA ABSOLUTA  
RUA FREI CANECA, 153 — RIO — TELEFONE 22-7496



VIDROS, ESPELHOS  
E CRISTAIS PARA  
INSTALAÇÕES E  
CONSTRUÇÕES  
LADRILHOS E TELHAS DE VIDRO

RUAS: URUGUAIANA N.º 210 End. Tel. "BAIROS"  
TEOFILO OTONI N.º 147 TELEFONE 43-2101  
RIO DE JANEIRO

J. ARAUJO & CIA.

# O CASAMENTO DE CARAMURÚ

A promessa de casamento de Diogo Alvares à bela Paraguassú temo-la nestes versos de Frei José de Santa Rita Durão:

"E esta fé (diz-lhe), espôsa em Deus querida,  
 Guardar-te hoje prometo em laço eterno,  
 Até banhar-te n'água prometida,  
 Por cândida afeição de amor fraterno;  
 Amor, que sobreviva à própria vida;  
 Amor, que prêso em laço sempiterno,  
 Arde depois da morte em maior chama,  
 Que assim trata de amor quem por Deus ama",

A índia regosijou-se com a sua escolha para espôsa de Caramurú, como vamos ver, ainda segundo o poeta mineiro:

"Espôso (a bela diz), teu nome ignoro,  
 Mas não teu coração, que no meu peito,  
 Desde o momento em que te vi, que o adoro:  
 Não sei se era amor já, se era respeito,  
 Mas sei do que então vi, do que hoje exploro,  
 Que de dois corações um só foi feito.  
 Quero o batismo teu, quero a tua igreja,  
 Meu povo seja o teu, teu Deus meu seja."

Tempos depois, o "Caramurú", designação que aplicaram ao herói lusitano os nossos aborígenes, em recordação de um feito por demais conhecido, efetivou o compromisso assumido com a formosa selvícola. Do enlace nasceram vários filhos, cujos nomes a história regista: Marcos, Gaspar, Gabriel, Jorge, Madalena e Filipa.

A bela Paraguassú, antes do casamento, também cumpriu com a palavra, relativamente à promessa de fazer-se cristã.

Um jesuíta batisou-a, e ela recebeu o nome de Catarina, que recorda o de sua madrinha, Catarina de Médicis, rainha de França, em cuja côrte fôra apresentada em companhia de Diogo Alvares.

## NÃO SÓ NO ENXOVAL

mas também nos detalhes da ornamentação do novo lar devem pensar as jovens que se casam. Ambas essas coisas serão feitas com requintes depois do manuseio do **GUIA DAS NOIVAS**, a magnífica publicação da "Biblioteca de Arte de Bordar".

## CHA'

### "BROKEN ORANGE PEKOE"

Acondicionado em latas de 100, 250, 500 e 1000 gramas, ou em caixas de 50 quilos. — Preços especiais para revendedores.

IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES

HENRY ROGERS, SONS & CIA. LTD.

RIO DE JANEIRO

Rua Visconde de Inhauma, 85  
 SÃO PAULO

Rua Florêncio de Abreu, 590



*Mister James  
 chegou para  
 a Sapataria  
 mais querida  
 da cidade.*

*Se está na moda  
 esta na  
 INSINUANTE*

366

367

368

369

370

371

*Compre se lhe  
 convier, mas não  
 deixe de ver as nos-  
 sas exposições.*

366 — Cr\$100,00 — Anabela gomado. Linda combinação de côres.

367 — Cr\$100,00 — Anabela tricolor. 5 andares.

368 — Cr\$100,00 — Luiz XV, salto 5, 6 e 7, todas as côres.

369 — Cr\$100,00 — Luiz XV, tricolor, salto 4 1/2, 5 1/2 e 6 1/2.

370 — Cr\$85,00 — Anabela salto gomado, 5 andares.

371 — Cr\$90,00 — Creação de Mister James, todas as côres.

**INSINUANTE**  
 48 - CARIOCA - 48  
 SETE DE SETEMBRO 199-201

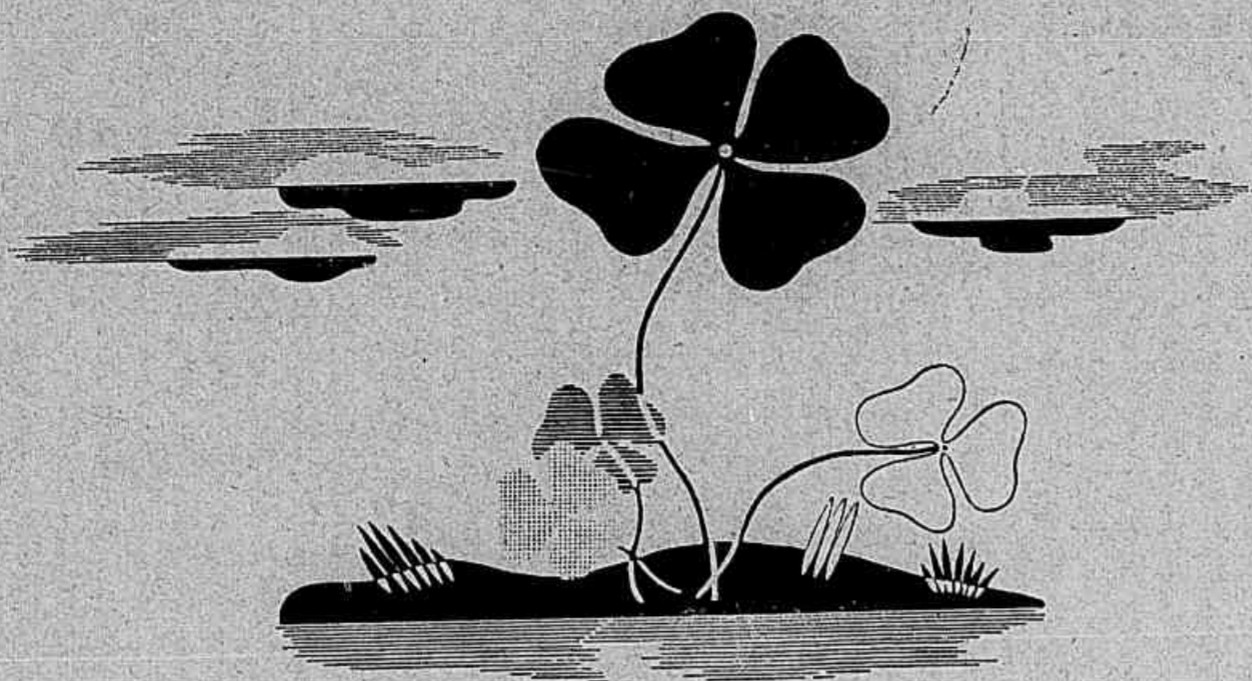
TROCAMOS  
 OU  
 DEVOLVEMOS A  
 IMPORTANCIA

Porte para todo o Brasil — Cr \$ 2,00

## Os nossos Poetas e suas Escolas

A Sylvio Romero devemos o seguinte quadro sinóptico do desenvolvimento da poesia nacional. Abrange dezessete Escolas, como passamos a ver:

1. — Escola Pernambucana: Bento Teixeira Pinto, o autor de "Prosopopéia" e o nosso primeiro poeta, em data;
2. — E. Baiana: Eusébio de Matos, Botelho de Oliveira, Santa Maria Itaparica, Gregório de Matos (tipo divergente);
3. — E. Mineira: Basílio, Sta. Rita Durão, Cláudio Manuel da Costa, Alvarenga Peixoto, Thomaz Antônio Gonzaga;
4. — E. Fluminense: Silva Alvarenga, Souza Caldas, São Carlos etc.;
5. — E. Romântica (2.<sup>a</sup> E. Fluminense): Domingos Magalhães, Porto Alegre e Gonçalves Dias;
6. — E. Romântica: Muniz Barreto (em torno ao qual se grupou a 2.<sup>a</sup> E. Baiana): Maciel Monteiro, J. Maria do Amaral e Laurindo Rabello.
7. — E. Romântica (2.<sup>o</sup> momento — 1.<sup>a</sup> E. Paulista): Alvares de Azevedo, Aureliano Lessa e Bernardo Guimarães;
8. — E. Romântica (3.<sup>o</sup> momento): Junqueira Freire, Casimiro de Abreu, Pedro de Calazans, Constantino Gomes, Augusto de Mendonça, aos quais se prende Fagundes Varela.
9. — E. Romântica (4.<sup>o</sup> momento — E. Maranhense): Trajano Galvão, Gentil Homem, Dias Carneiro, Joaquim Serra e aos quais se juntam Frankin Dória, Bittencourt Sampaio, Juvenal Galeno, Bruno Seabra e Mello Moraes Filho;
10. — E. Romântica: José Bonifácio e Luiz Delfino, precursores do Hugoanismo condoreiro;
11. — E. Romântica: Teixeira de Mello, Machado de Assis e Luiz Guimarães Júnior;
12. — E. Romântica (5.<sup>o</sup> e último momento — 2.<sup>a</sup> E. Pernambucana): Tobias Barreto, Castro Aives, Victoriano Palhares, Eliziário Pinto etc.;
13. — E. Cientificista: Sylvio Romero, Martins Júnior, a que se ligam Teixeira de Sousa, J. do Prado, Sampaio Leite etc.;
14. — E. Realístico-social: Celso de Magalhães, Generino dos Santos, Souza Pinto, Carvalho Júnior, Fontoura Xavier, Lúcio de Mendonça, Assis Brasil, Augusto de Lima, Valentim de Magalhães, aos quais se agrega Medeiros e Albuquerque;
15. — 2. E. Paulista (Parnasianos): Theophilo Dias, Raymundo Corrêa, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Afonso Celso, aos quais se unem João Ribeiro, Guimarães Passos, Rodrigo Octávio, Magalhães de Azeredo etc.;
16. — Divergentes pronunciados do Parnasianismo: Luiz Murat, Múcio Teixeira, Emílio de Menezes, João Barreto de Menezes;
17. — E. Simbolista e Decadista: Cruz e Souza, Bernardino Lopes, Alphonsus de Guimaraens, Francisco Mangabeira, Nestor Victor.



## Trevo de Quatro Folhas...

Entre as mais curiosas crenças populares, está a de que o trevo de quatro folhas traz felicidade. Foi a sua raridade que deu lugar a essa crença. A felicidade não é somente rara, é inconstante. Não haverá nisso uma lição... a de que devemos fundamentar os nossos sonhos e projetos sempre sobre as bases mais sólidas, dentro das possibilidades humanas?

Essa lição tão sábia deve orientar todos os seus planos de futuro, relativos ao bem estar de sua família e ao encarecimento de seus filhos. Proteja-os, desde já, contra qualquer eventualidade, através de um seguro de vida, seguro que poderá proporcionar-lhe, também, uma tranquila aposentadoria. Informe-se sobre as sólidas garantias que lhe oferece a Sul America e sobre o tipo de seguro que mais lhe convém. Um agente da Sul America estará à sua disposição, sem compromisso de sua parte.

### Sul America

Cia. Nacional de Seguros de Vida  
Fundada em 1895

J. W. T.



À SUL AMERICA  
CAIXA POSTAL 971-RIO  
Queira enviar-me um folheto com  
informações sobre o seguro.  
9-FFFF-

Nome .....

Data do nasc.: dia... mês... ano...

Solt.?... Casado?... Tem filhos?...

Rua .....

Cidade .....

Estado .....



## O GUIA para as futuras mães SÃO MATERNIDADE

3.<sup>a</sup> EDIÇÃO

Um livro útil, mesmo necessário a todas as senhoras que vão ser mães

Obra do notável ginecologista Dr. Arnaldo de Moraes, professor da Universidade do Brasil

PREÇO Cr \$ 15,00

Pedidos com as importâncias ou pelo serviço de Reembolso Postal, à S. A. "O Malho" — C. Postal, 880

R I O D E J A N E I R O

Nós lhe recomendamos -- Vêr a página 12

# FERRO PARA O BRASIL

## DA COMPANHIA SIDERURGICA



Nós lhe recomendamos...

MUDANÇAS?  
GUARDA-MOVEIS  
NEPOMUCENO & C<sup>IA</sup>  
FUNDADO em 1918  
TEL 43-3276



Caspa?  
Petroleo  
Soberana

DR. A. A. VILLELA  
ESPECIALIDADE  
DOENÇAS DO CORAÇÃO  
ELETROCARDIOGRAFIA  
RUA MEXICO, 168 — Sala 1.107 — Diaria-  
mente de 13½ as 16 horas  
TEL 42-7124 Resid 25-2148

CABELOS BRANCOS OU DESCORADOS

CASPA, QUEDA DO CABELO, ONDULAÇÃO NATURAL?  
USE OLEO TINTURA "LATOKIN" O EFEITO  
É IMEDIATO, DANDO TAMBEM AO  
CABELO UM BRILHO NATURAL.  
SEJA SEMPRE JOVEM  
USANDO

ANTES Oleo tintura DEPOIS  
**LATOKIN**



POMADA SECATIVA DE  
**S. LAZARO**



É o remedio 100%, mais  
eficaz no tratamento  
de qualquer molestia  
da pele, como sejam:  
Feridas, Manchas, Espi-  
nhas, Cravos, etc., etc.

MOLESTIAS DAS CRIANÇAS  
**DR. FRIDÉL**  
(CHEFE DA "CLINICA  
DR. WITTRÖCK")

Tratamento dos vômitos, diarréia,  
anemia, fastio, tuberculose sífilis e  
moléstias da pele.

RAIOS ULTRA - VIOLETA  
Rua Miguel Couto, 5 — Tel. 22 - 6713

BOA PELLE  
RINS NORMAES  
FIGROO SAO

Limpe sua  
COM  
**UREDOL**



**Miveste**



VESTIR BEM  
COM ECONOMIA

MIVESTE PIEDADE  
MIVESTE ESTACIO  
MIVESTE CATETE  
MIVESTE PENHA  
MIVESTE NITEROI  
DEPOSITO DE RETALHOS  
Rua do Costa, 8  
Vendas em kilos e frações

AGUA PURA  
SAUDE SEGURA  
SO' COM VELAS  
ESTERILISANTES  
**SEUNUN**



**DR. ANNIBAL VARGES**  
CLÍNICA MEDICA E GINECOLOGICA E  
ELETRICIDADE MÉDICA

Sob todas as formas; galvanodiatermia, nova corrente  
elétrica do Dr. Annibal Varges, adotado na Europa e na  
America do Norte, trata as molestias crônicas, paralisias,  
polinevrite, reumatismo crônico, tumores, fibromas  
hemorragias. As paralisias tanto a hemiplegia como a  
infantil, mesmo datando de alguns anos.

Rua 7 de Setembro, 141. Das 15 as 18 horas  
e horas marcadas previamente.  
FONE: 43-2522

**Dr. Telles de Menezes**  
CLINICA DE SENHORAS

Diatermia, Ultra-Violeta, Infra-  
Vermelho, etc.

Rua Gonçalves Dias, 84 — 5° s/504-5  
Das 15 às 18 horas — Tels.: Con-  
sultório 23-3147 Residencia 42-1948

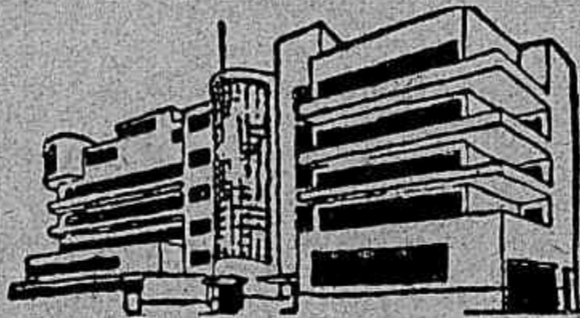
FABRICA DE  
CALÇADOS  
Homens, senhoras e  
crianças  
**ANDRÉ JUHÁSZ**  
Especialidade em calçados trançados  
RUA PAULO DE FRONTIN, 49  
Fone 22-8285 Rio



**DR. GERALDO BARROSO**  
CIRURGIA GERAL

Doenças de senhoras — Vias Urinárias —  
Doenças Ano-Retais e Varizes — Infra  
Vermelhos. — Ultra Violeta — Diatermia  
Diatermo-Coagulação.

R. 13 DE MAIO, 37-5.º and.  
Tels. 22-6156 — 27-1719



**M A T E R N I D A D E**  
**ARNALDO DE MORAES**  
PARTOS E CIRURGIA DE SENHORAS  
TEL. 0118

Instalações e aparelhagem modernissimas. Ar  
condicionado nas salas de partos e de opera-  
ções e nos apartamentos. Internamento e assis-  
tencia e parto por Cr \$ 1.200,00, com inscrição prévia. Radioterapia profunda. Raios X  
diagnostico. Tenda de oxigenio e Eliot-terapia. Parto sem dor.

RUA CONSTANTE RAMOS, 173 — COPACABANA



15 ANOS MENOS EM  
15 MINUTOS COM  
**IMÉDIA**

O RECOLORANTE DO CABELO BRANCO  
UMA ESPECIALIDADE  
**L'ORÉAL PARIS**

Galeria  
Santo Antonio  
Rua da Quitanda, 25  
Especialista em restaurações de  
quadros a óleo

**REGINA HOTEL**

Próximo aos banhos  
de mar e da Av. Rio  
Branco

EXCELENTE SERVIÇO DE RESTAU-  
RANTE NO 6.º ANDAR, COM VISTA  
PARA A GUANABARA

ORQUESTRA DIARIAMENTE  
End Tel.: "REGINA"  
TELEFONE: 25-7280

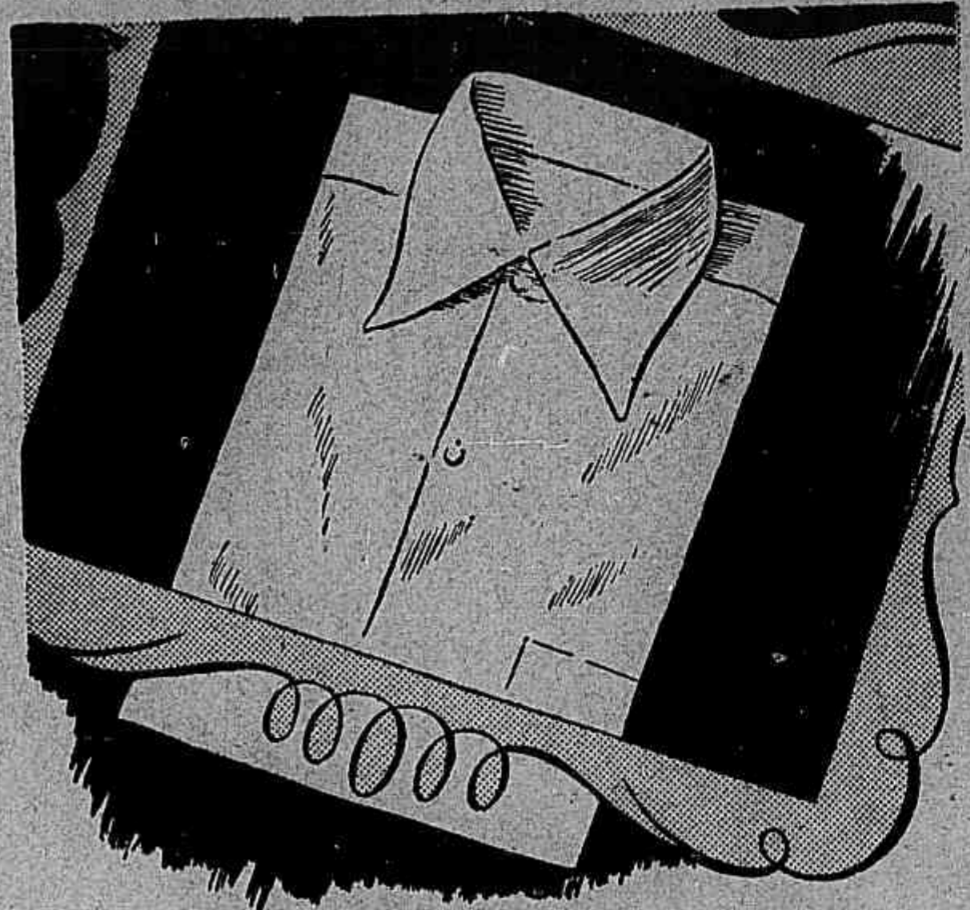
RUA FERREIRA VIANA, 29 a 33  
(Praia de Flamengo)



# Macaquinhos no Sotão

Ferreira de Araujo

— Alô !  
 — Pronto !  
 — Quem fala?  
 — Sou eu.  
 — Eu, quem?  
 — O aquêle.  
 — O Senhor quer divertir-se comigo?  
 — Eu não, e tú?  
 — Tú, vá êle! O senhor sabe com quem está falando?  
 — Eu não, e tú?  
 — O senhor sabe que, si eu vier a saber quem é que está aí a divertir-se comigo, vou lá puxar-lhe as orelhas?  
 — Eu não, e tú?  
 — Queira ter a bondade de desligar a comunicação.  
 Um quarto de hora depois  
 — Alô !  
 — Pronto.  
 — Quem fala?  
 — O supradito cujo.  
 — Isto só pelo diabo! Então o senhor não desligou a comunicação?  
 — Eu não, e tú?  
 — O senhor é um gaiáto de muito máu gôsto...  
 — E tú?  
 — Um malcriado covarde...  
 — E tú?  
 — Vou perguntar à companhia qual é o número a que me ligou, e daqui a nada, lá estou, a ver si me diz na cara o que me está a dizer pelo telefone...  
 — Eu não, e tú?  
 Daí a meia hora.  
 — Dá licença?  
 — Póde entrar.  
 — Foi o senhor que falou ha pouco pelo telefone?  
 — Eu não, senhor; eu até nem sei falar pelo telefone...  
 — Mas houve aqui alguém que falou pelo telefone...  
 — Póde bem ser; mas eu cheguei agora mesmo.  
 — É que eu pedí ligação, e houve um gaiáto que se pôs a debicar-me com gracinhas.  
 — Não deve ter sido aqui; nós aqui somos todos muito desenxabidos...  
 — Pedí à Companhia que certificasse se me tinha ligado justamente com o número pedido, e disseram-me que sim...  
 — Devo fazer-lhe ver uma coisa. O número aqui é 66969, salvo seja; e no escritório confundem às vezes sessenta e nove com setenta e nove; compreende, nem toda a gente tem a educação completa...  
 — E então o Sr. supõe que ligaram ao número 66969?  
 — Deve ser isso.  
 — Bem; vou ver.  
 — Olhe, antes de sair, um consêlho: quando pedir 69, diga depois: seis e nove, ou antes, como no víspera, pernas para baixo e pernas para cima...  
 — Para uma pessoa que não sabe falar pelo telefone, o Sr. parece-me bastante adeantado...  
 — É que eu aprendí por música...  
 — Passe bem.  
 O homem desceu a escada.  
 — Perdão, ainda uma vez. Peço-lhe que me recomende à Sua Exma. Família...  
 — O que?  
 — Digo que lhe peço que tenha a bondade de recomendar-me à sua Exma. Família...  
 — Mas que diabo de história é esta? Eu não o conheço, o senhor não sabe quem eu sou, eu nunca o vi mais gordo, a que propósito me faz êsse pedido? O senhor tem alguma coisa que ver com a minha família?  
 — Eu não, e tú?  
 E antes que o homem subisse, fechei-lhe a porta e saí pelo corredor que dá para o bêco...



## EPSON

A CAMISA  
MODÊLO DAS CAMISAS

*Casa José Silva*

MIGUEL COUTO, 3e5



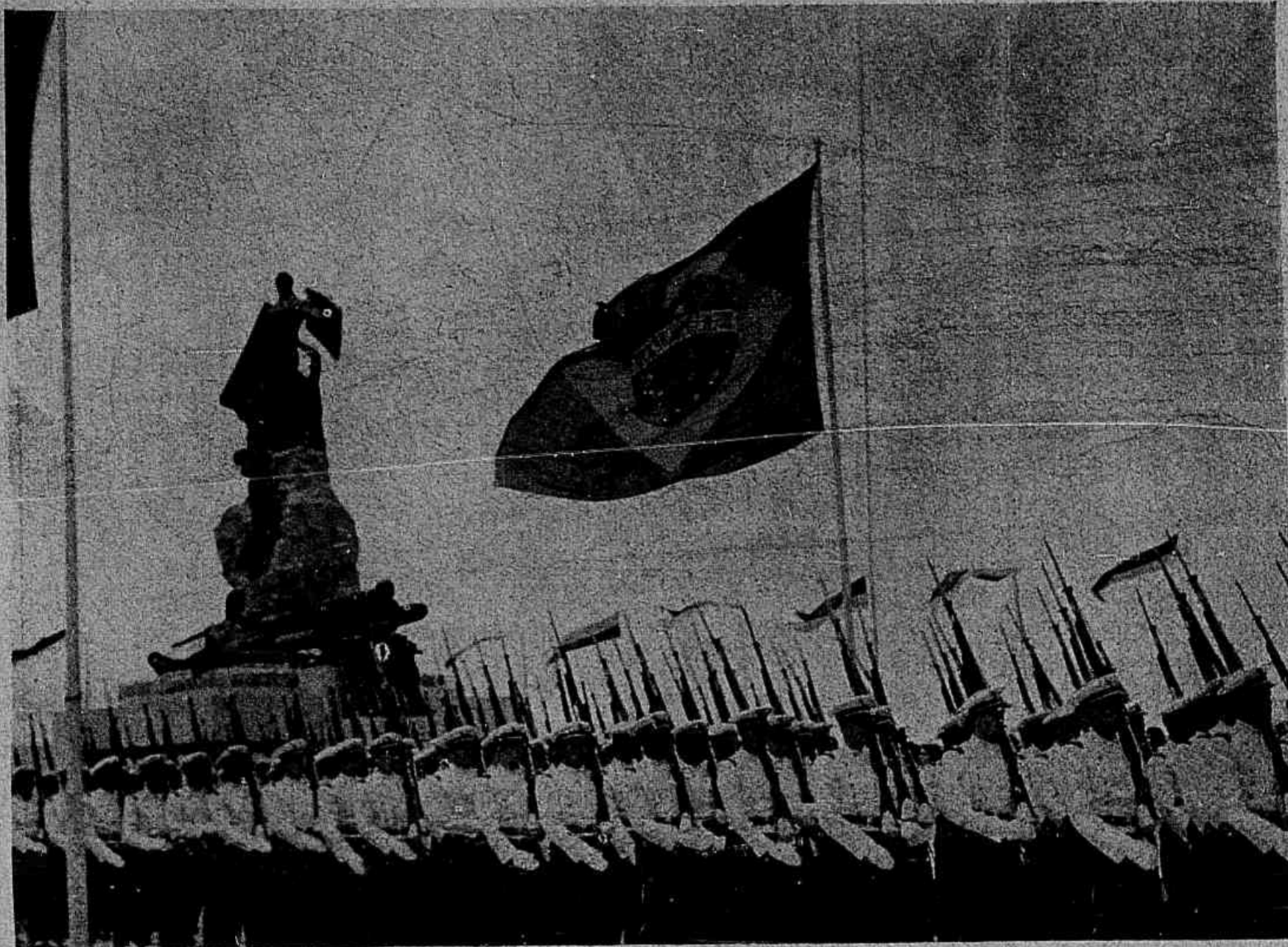
ALMOÇOS, LUNCHS E CHAS  
nos mais belos e ricos salões  
do Rio de Janeiro

Serviço irrepreensível  
**ORQUESTRA**  
Fornecimento a domicílio  
de banquetes e recepções

CONFETARIA  
*Colombo*

RUA GONÇALVES DIAS, 32-36.- Telefone: 22-7650

# HOMENAGEM AOS HERÓIS DA LAPA



Desfile dos jovens cadetes do Ar, da Força Aérea Brasileira que as multidões aplaudem em verdadeiro frenesi

OS UNIFORMES DOS OFICIAIS, CADETES E BANDA MARCIAL FORAM CONFECCIONADOS PELA

## CASA PASSARELLO

FERREIRA PASSARELLO & Cia. Ltda.

MATRIZ

Travessa do Ouvidor n. 15

(EX-RUA SACHET)

RIO DE JANEIRO

End. Telegr. Fornecimento

FILIAL

Rua da Constituição, 30

TEL. 42-8314

MATERIAL PARA NAVEGAÇÃO -- FORNECIMENTOS MILITARES -- ESTRADA DE FERRO -- AVIAÇÃO E ARSENAIS



Fachada da Filial à Rua da Constituição n. 30



Aspecto interno da Matriz na Travessa do Ouvidor n. 15

# PROTEÇÃO À INFANCIA

OSMAR CUNHA MELLO

VÁRIOS são os aspectos que pode assumir o desajustamento social. Porém, na escala de suas modalidades, a mais grave e dolorosa é, por certo, a dos menores delinquentes. A mais grave porque significa a ameaça de uma geração sem esperanças, e a mais dolorosa porque diz respeito àqueles que desabrocham para a vida sem as alegrias e os encantos de sua idade.

Dêsse modo, os problemas de assistência e proteção aos menores se transformam na preocupação máxima das nações modernas. Todos reconhecem que o próprio futuro da nacionalidade está condicionado à solução desses magnos problemas. Daí o interesse, cada vez mais intenso, que eles têm despertado na consciência de cada um, permitindo-nos antever, num futuro próximo, a realidade feliz de uma assistência social mais ampla e aperfeiçoada.

Essas reações anti-sociais entre os menores podem ser provocadas por vários fatores: uns de ordem bio-psíquica, como as oligofrenias, as psicopatias; outros, nitidamente econômico-sociais, tais como a constituição ilegal do lar, o analfabetismo, a precariedade dos meios de subsistência. Esses fatores, isolados ou simultaneamente, determinam toda uma gama de misérias, agravadas pelo doloroso aspecto de terem por protagonistas aqueles que somente deveriam ter sorrisos e encantos, candura e alegria: a infância e a juventude.

Para melhor aquilatar a situação desses infelizes, que vivem à margem da vida, basta que focalizemos alguns aspectos reais, valendo-nos de nossas pesquisas no Juizado de Menores.

Entre esses menores transviados encontramos apenas 60% com seus lares legalmente constituídos; e, em muito deles impérea a separação e a orfandade, como provam os fatos de se ter encontrado 42% dos menores vivendo fóra da companhia de seus pais, e 42% orfãos.

Atente-se que esses infelizes, desde cedo, são jogados à luta pela vida, pois averiguou-se que cerca de 67% concorrem para a manutenção do lar comum, e na maioria começa a trabalhar aos onze anos de idade.

Submetidos a exames mentais, apurou-se que somente 57% eram normais; 26% subnormais; e, 17% eram debeis mentais, idiotas e imbecis.

A tendência para a fuga, para a vadiagem, foi determinada em 20% dos menores; e fumo em 53%; e, o analfabetismo em quase que 19%.

A maioria (68%) tem de 14 e meio a 17 e meio anos de idade; sendo essas idades mais baixas entre as mulheres.

Para se avaliar como o meio ambiente atua sobre o menor, basta que se aponte para o fato de se ter encontrado somente 53% desses menores nascidos nesta Capital.

Esse é, em traços muito largos e se usando da linguagem clara e incisiva dos números, o panorama desolador dos menores delinquentes, cujos problemas constituem os objetivos de estudo da Semana da Criança que ora se comemora. Como se depreende, esse fenômeno da delinquência infanto-juvenil, que constitui o mais grave desajustamento social, solicita, necessária e imperiosamente, o máximo de nossos carinhos, atenções e cuidados.

E sí a grandiosidade do futuro da Pátria está em função da constituição das gerações que nascem, crescem e se desenvolvem física e moralmente, a sua segurança também está condicionada à atenção que esses problemas merecerem de nós.

Devemos ter sempre presente a advertência do Presidente Getúlio Vargas: "É preciso plasmar na cêra virgem, que é a alma da criança, a alma da própria Pátria."



## P A P E L

COUCHÉ E IMIT. COUCHÉ APLICADO  
N'ESTE NUMERO FOI FORNECIDO POR



REPRESENTANTES:

COMP. IMPORTADORA SUECA LTDA.

Av. Rio Branco, 52 - Telefone 23-0632  
RIO DE JANEIRO

## LOJAS CALÇADO POLAR

129, AV. RIO BRANCO, 131



ILUSTRAÇÃO  
BRASILEIRA

MINISTRO DA GUERRA

No momento em que se celebra, por entre júbilos e reverências aos heróis do Brasil, o cincoentenário do Cêrcio da Lapa, onde morreu com glória o General Gomes Carneiro, é com a mais viva simpatia humana e o melhor entusiasmo cívico que, através de 'ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA', rendo a minha homenagem aos gloriosos brasileiros que participaram daquela fulgurante e imorredoura página da História Nacional.

Rio, Fevereiro de 1944

Caetano B. Dutra

1894

1944

# O CINCOENTENÁRIO DO CÊRCO DA LAPA

**A** NIMADO pelo propósito de dar aos nossos antepassados gloriosos o testemunho de admiração devido aos verdadeiros heróis, o Governo Nacional vem emprestando, às celebrações suscitadas pelas grandes datas de nosso calendário histórico, um brilho e uma imponência que são o testemunho da consciência cívica das forças que hoje orientam os destinos do país.

A comemoração do Cêrco da Lapa, cujo cincoentênio agora transcorre, se vem colocar dentro dessa linha de conduta do nosso Governo. E a Comissão para esse fim designada, composta dos Interventores Manoel Ribas e Nereu Ramos, e do General Heitor Augusto Borges como presidentes de honra; do General Raymundo Sampaio, como presidente da Comissão Central e do Major Sinval Autran de Alencastro Graça e Drs. David Carneiro e João Loureiro Fernandes, como membros integrantes — soube emprestar às comemorações daquele episódio histórico dos primeiros dias do regime republicano o relêvo de um acontecimento memorável nas nossas celebrações patrióticas.

Esta edição de "Ilustração Brasileira" — órgão oficial daquela Comissão — destina-se a ser, além da Lapa, uma pliantéia das grandes páginas literárias que esse feito tem inspirado aos nossos escritores.



General Raymundo Sampaio.

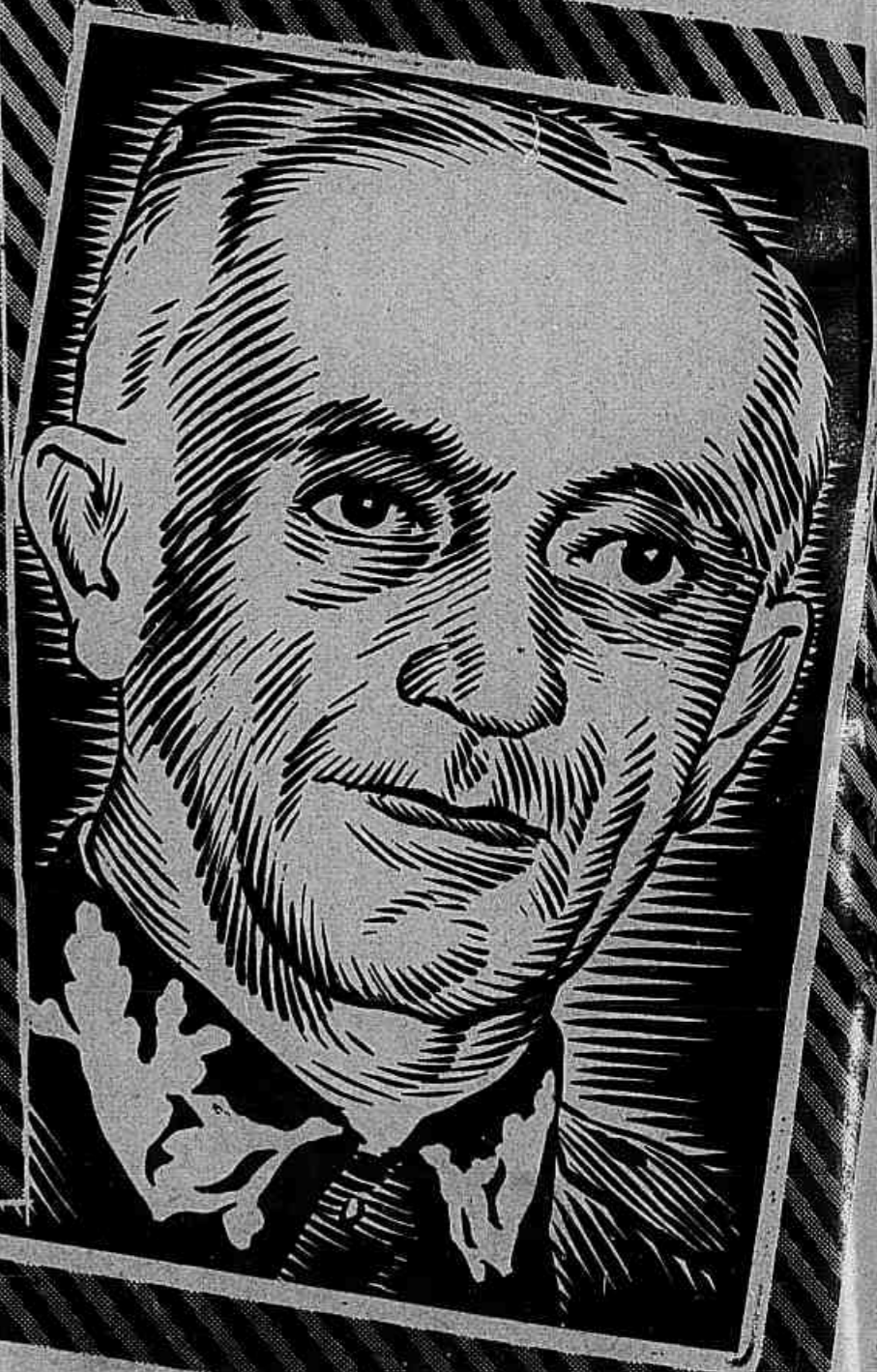


ARM.D.  
PACHECO

Interventor Nereu Ramos.



Interventor Manoel Ribas.



General Heitor Augusto Borges



## A RESISTENCIA DA LAPA e sua influencia na consolidação definitiva do regime republicano

A revolução federalista de 1893/1894 foi um corolário da agitação política que dominou o país em seguida à transformação do regime monárquico em republicano, a 15 de Novembro de 1889.

Não obstante a propaganda republicana que, a partir do Manifesto de 1870, se vinha intensificando por todo o território nacional, era natural, que, dadas as circunstâncias e o tempo relativamente curto decorrido desde a publicação de quele documento histórico, não tivessem as virtudes ou vantagens do nosso regime penetrado ainda a grande maioria dos espíritos, de modo a poderem constituir-lo, politicamente, um supremo anélo da Nação.

Daí a grande confusão então reinante e os consequentes levantes e lutas armadas, sem coordenação e objetivos definidos, que se seguiram à mudança da forma de governo do Brasil.

Em 1893, em algumas regiões do país, sobretudo no Rio Grande do Sul a situação se apresentava verdadeiramente caótica.

A revolução federalista que irrompera naquela unidade da Federação, reunia partidários dos mais diversos matizes políticos. Eram: separatistas de várias modalidades; republicanos conservadores do regime vigente, mas desejosos de apagar o detentor constitucional do poder; republicanos propugnadores do regime unitário e parlamentar; enfim, monarquistas ansiosos pela restauração do regime decaído.

Desse Amalgama dos mais heterogeneos elementos adversos ao governo legal, apenas congregados para derrocá-lo, só poderia surgir a desordem generalizada ou, quiçá, o desmembramento do país.

Foi então que o Marechal Floriano, como Chefe do Estado, soube colocar-se à altura do momento crítico da nacionalidade, de maneira a salvaguardar tanto a unidade pátria como a República recém-creada. "Manter a ordem a todo transe e lutar pela legalidade", foi a sua norma invariável de ação, a única aliás compatível com as circunstâncias para um governo cônico de suas graves responsabilidades.

Para conter a onda revolucionária que, vinda do Extremo Sul do País, ameaçava chegar avassaladoramente até a Capital da República, o Marechal Floriano, depois do insucesso da primeira expedição para esse fim enviada a Santa Catarina, fez seguir para o Paraná o então Coronel Antonio Ernesto Gomes Carneiro, investido no comando da Divisão de Operações naqueles dois Estados.

As instruções especiais que o novo comandante levou fixavam-lhe a cidade da Lapa como ponto de partida para o inicio das operações da Divisão que deveria enfrentar os 10.000 revolucionários, numero indicado como o do total das forças federalistas, no momento já de posse de todo o territorio catarinense.

De chegada àquela localidade paranaense, entrou Gomes Carneiro a

agir desde logo, com a energia e o dinamismo de seu temperamento de lidimo soldado.

Organizou a Divisão com duas brigadas: uma de linha, cujo comando confiou ao Coronel Julião Serra Martins, e outra de paisanos, a cuja frente colocou o Coronel Joaquim de Lacerda. Era de 938 homens o efetivo total da Divisão.

Foi com esta força que o bravo soldado começou as operações na região da Lapa. Durante a memoravel resistência ao cerco, que durou 26 dias, ficou aquele conjunto de homens armados reduzido a cerca de 500, contando assim apenas com tal efetivo foi que resistiu Gomes Carneiro a 3.000 homens dos adversários, fazendo-os sofrer, ademais, perdas superiores a mil combatentes.

Através todas as amarguras e desenganos, todas as privações e sofrimentos físicos e morais, sua alma espartana se manteve firme e inquebrantavel durante todo o período da luta cruenta e desigual.

Resistiu, resistiu brava e galhardamente até a morte, e nos seus últimos momentos, teve ainda, com o espirito inteiramente volvido para a salvação da Pátria e da República, a energia bastante para dar aos seus comandados a derradeira e patriótica ordem de "resistência, resistência a todo o transe!"

Cumpriu, assim, o inclito soldado o compromisso solene assumido para com o Grande Amigo que, numa demonstração de absoluta e singular confiança em seu valor, o incumbira de salvar a República. Prometera a Floriano que a coluna federalista não passaria. E, realmente, não passou. Para tanto, deixou Gomes Carneiro escrita nos rincões da Lapa essa página refulgente de heroismo que o levou a imortalidade, justamente com os seus dignos companheiros de glórias e de sacrificios.

A resistência da Lapa, de cerca de um mês, dera ao Governo da República o tempo de que necessitava para completar a concentração de Itararé e para permitir a chegada às águas brasileiras da esquadra que adquirira no estrangeiro, fatores que se tornaram decisivos para a vitória das armas legais.

Daí em diante transmudou-se inteiramente o cenário da luta. As forças revolucionárias, até então vitoriosas, não puderam atingir as fronteiras paulistas, obrigadas que foram a retroceder do Paraná, diluidas, debandadas, exterminadas.

O país fôra destarte salvo da anarquia, e a República, de morte iminente. Esse, aliás, o conceito eloquentemente expresso por Floriano quando disse que: "Gomes Carneiro morreu cavando o túmulo da revolução federalista, para salvar a República".

Honremos, pois, a todos os heroicos defensores da Lapa e, com eles, a memória imperecível de Gomes Carneiro — prototipo da bravura, da lealdade e do patriotismo.

*Gen. Raymundo Sampaio*

Presidente da Comissão Central Comemorativa  
do Cinquentenario do Cerco da Lapa



# Pe' de Officio do

O General Gomes Carneiro nasceu na cidade de Serro, Estado de Minas Gerais, em 18 de Novembro de 1846; seus pais chamavam-se Marciano Gomes Carneiro e Maria Adelaide Gomes Carneiro. Ainda criança deixou com a sua familia a cidade natal e passou a residir em Curvelo, cidade do mesmo Estado, onde recebeu a primeira educação, razão pela qual ele dizia-se filho deste lugar.

Eram seus irmãos Marciano Gomes Carneiro, fazendeiro no Estado de Minas. Pedro Manoel Gomes Carneiro, reformado no posto de General. Fortunato Gomes Carneiro, Maria Ernestina Gomes Carneiro de Salvo, Maria Henriqueta Gomes Carneiro e Maria Amelia Gomes Carneiro, residentes no Estado de Minas, todos já falecidos. O General foi casado com D. Margarida Octavia Tiburcio Carneiro, filha do General Antonio Tiburcio Ferreira de Souza e Maria Augusta Tiburcio de Souza. Deste consorcio nasceram dez filhos dos quais cinco sobreviveram: Tiburcio Marciano Gomes Carneiro, falecido no posto de capitão de mar e guerra; Mario Tiburcio Gomes Carneiro, auditor de guerra; Deborah Gomes Carneiro de Castro e Silva, falecida, que foi casada com o coronel Manoel Bourgard de Castro e Silva, falecido; Antonio Tiburcio Gomes Carneiro, falecido no posto de 1.º tenente de artilharia; e Jerusa Tiburcio Gomes Carneiro.

Gomes Carneiro, que fizera estudos de preparatórios no Mosteiro de S. Bento, cursava a Faculdade de Medicina, quando rebentou a guerra com a República do Paraguai; contra a vontade de seus pais ele fugiu e alistou-se como voluntário da Pátria em 22 de Janeiro de 1865.

A 5 de Março embarcou para o sul do Império pertencendo ao 1.º corpo de Voluntários do qual era Anspençada, desembarcando no Rio Grande a 10 e a 2 de Abril embarcou para Porto Alegre e aí chegando a 3 embarcou para Santo Amaro a 6, onde desembarcou e marchou com destino a Vila de S. Borja a 12, também de Abril, chegando à mesma a 10 de Junho; tomou parte no combate aí travado no mesmo dia. Fez a retirada sobre o Alegrete onde chegou em seguida sobre Uruguayana e depois de diversas marchas e manobras diante do inimigo ali chegou a 5 de Agosto e fez o sitio até 18 de Setembro, data da rendição daquela praça. Atravessou o rio Uruguai a 28 e marchou incorporado às forças Argentinas a 3 de Outubro com o fim de reunir-se ao 1.º Corpo de Exército na marcha sobre Corrientes. Chegou à Lagoa Brava a 15 de Dezembro. A 1.º de Abril marchou para Currelles à margem esquerda do Rio Paraná em frente ao forte do Itapirú. Fez parte da guarnição da Ilha da Redenção donde a 18, debaixo de constante bombardeio do inimigo do mesmo forte, atravessou o rio e acampou nas ruínas da fortificação inimiga; marchou daí para o Passo da Pátria a 26, tudo de Abril. Tomou parte no combate de 2 de Maio no Estero Bellaco, onde foi ferido e baixou ao hospital de sangue. Foi promovido a Alferes em comissão a 6 do mesmo mês e teve alta a seu pedido a 28 de Julho desistindo da licença de 6 meses, que obteve por inspeção de saúde, pelo ferimento que lhe tinha causado o aleijamento da mão esquerda. Apresentou-se a 3 de Agosto. Fez o reconhecimento das posições inimigas no Estero Rojas a 22 de Setembro e fogo da artilharia e em constante tiroteio de 5 a 19 de Outubro. Foi nomeado instrutor de recrutas e Secretário a 19 de Janeiro de 1867.

1867: Achando-se acampado no Potreiro Pires fez a guarnição da esquerda das posições de Tuiuti de 4 do mesmo mês a 20 de Julho debaixo dos bombardeios do inimigo. Marchou de Tuiuti para Tojucué a 19 de Setembro retirando-se daí a 6 e marchou para o Passo Ipuí a 12 de Agosto. Assistiu aos combates de 3 e 21 de Outubro. Assistiu ao reconhecimento do Potreiro Ovelha a 30 e a 31

tomou parte no reconhecimento do Tagi e a 2 de Novembro no combate que se deu nesse ponto. Foi elogiado na parte dada pelo comandante do corpo pelo valor e calma com que se mostrou debaixo da metralha dos canhões inimigos no combate de 2 de Novembro no Tagi, e por esta razão foi também elogiado na ordem do dia do Comando em Chefe n.º 153 do mês de Novembro. Março 1868: Fez o reconhecimento das posições do Estabelecimento a 17 para Tuiuti afim de pertencer ao 2.º

chou para Tojucué a 16 do mesmo mês. Fez o reconhecimento sobre o Estero-Rojas a 18 para Tuiuti afim de pertencer ao 2.º

de Janeiro. Marchou a 18 para Tuiuti afim de pertencer ao 2.º

Corpo de Exército. Fez o reconhecimento sobre o Estero-Rojas a 19 de Fevereiro e a tomada das linhas a 20 de Março. Fez a ocupação de Curupaiti a 24 onde acampou. Fez o reconhecimento sobre a Fortaleza de Humaitá a 15 de Julho e o cerco da mesma.

Foi dispensado a seu pedido do serviço da secretaria a 14 de Agosto sendo elogiado pelo zelo, inteligência e lealdade com que serviu. Marchou para Tebiquari a 19 de Agosto, transpôs aquele rio, acampou em S. Fernando a 2 de Setembro e chegou a Surubihí a 24 do mesmo mês. Fez o reconhecimento a viva força sobre a fortificação de Angustura a 1.º de Outubro, pelo que fez parte do elogiado no comando em chefe pela coragem, calma e galhardia que ali demonstrou. Embarcou para o Chaco a 21 de Novembro e repassou o rio Paraguai para Santo Antonio a 5 de Dezembro tomando parte nos combates de 6 na ponte do Itororó, de 11 no Passo Avai e reconhecimento de 17 junto a Lomas Valentinas e ao combate desse ponto no dia 21 sempre comandando a 1.ª Companhia. Foi gravemente ferido neste último combate baixando ao hospital. Por ocasião desses combates foi elogiado nas diversas partes pelo seu distinto comportamento, zelo e dedicação, entusiasmo e valor.

1869: A 14 de Março apresentou-se ao Corpo com alta do Hospital na frente de Juqueri. Retirou-se com o Corpo para Luque a 5 de Abril. Marchou para Assumpção e embarcou para a expedição de S. Pedro a 17 de Maio. Desembarcou no Potreiro Iponan a 19 e marchou a 21 para a vila de S. Pedro, daí para as margens do Agaurai e tomou parte no combate de Topun a 30, achando-se comandando a 3.ª Companhia e sendo elogiado pelo comando do Corpo pelo brio e valor com que se portou nesse embate. Foi também mandado louvar por Sua Alteza o Sr. Príncipe Comandante em Chefe pelo mesmo motivo como foi público em ordem do dia n.º 16 de 5 de Junho. Retirou-se com o Corpo para Assumpção onde chegou a 24 e marchou para o Taquaral a 2 de Julho onde chegou a 5. Promovido a Tenente com antiguidade de 2 de Junho assumiu o comando do Exército de 2 de Agosto em diante e bem assim no flaqueamento do desfiladeiro de Sapucaí a 5, ocupando o de Velezuella a 6; chegando diante de Peribebuy a 10 e marchou para o Barreiro Grande a 11 voltando no mesmo dia. Tomou parte no assalto de Peribebuy a 12 sendo gravemente contuso pelo que baixou ao hospital de sangue, e foi elogiado na parte do comandante do Corpo pela sua distinta bravura e valor, com declaração de ter continuado no combate até ao fim apesar de contuso. Assistiu aos combates de 15 e 18 chegando a Caraguatay nesse mesmo dia, onde acampou. Marchou para Ibitimí a 1.º de Setembro, chegando aí a 5 e marchou a 11 sobre Vila-Rica onde chegou a 3 de Outubro. Foi nomeado Secretário a 6. Marchou para a vila do Rosário a 19 onde chegou a 29. Foi promovido a Alferes do Exército por atos de bravura, com antiguidade de 12 de Agosto. Fez a segunda expedição de S. Pedro a 12 e regressou a 20 tudo de Janeiro de 1870.

1870: Por ordem do quartel-general foi a 23 desligado do Corpo e por ordem do Comando das Forças do Manduvirá foi mandado servir no 4.º Batalhão de Infantaria a 6 de Março, tendo sido antes a 23 de Fevereiro, adido ao contingente de linha, sendo desligado a 9 de Março, data em que passou a exercer as funções de Secretário. Ao ser desligado do Corpo em 23 de Fevereiro foi elogiado em ordem regimental sob n.º 7 pelos serviços relevantes e pelo zelo que manifestou no cumprimento dos seus deveres. Por Decreto de 2

## GENERAL DE BRIGADA

# Antonio Ernesto Gomes Carneiro

de Fevereiro do mesmo ano foi aprovada sua promoção a Alferes por atos de bravura com antiguidade de 1 de Dezembro de 1869. Embarcou com o batalhão a 28 de Abril desembarcando em Humaitá a 30. Embarcou com o mesmo batalhão para o Brasil a 14 de Junho.

### SERVIÇOS EM TEMPO DE PAZ.

Embarcou com o batalhão para Baía a 28 de Julho e desembarcou nessa Província a 1.º de Agosto. Pela ordem do dia do Exército de 17 de Setembro foi classificado na companhia de Caçadores do Espírito Santo à qual apresentou-se a 25 do dito mês e obteve do Governador Imperial licença para matricular-se na Escola Militar seguindo para a Corte a 13 de Dezembro de 1873. Por Portaria de 20 de Junho foi transferido daquela Companhia para o 4.º Batalhão de Infantaria e ficou no mesmo batalhão para o Brasil a 14 de Junho.

1874: Pela Imperial resolução de 3 de Janeiro foi mandado constituir-lhe como antiguidade de praça do Exército a data de 22 de Janeiro de 1865 em que se alistou como voluntário da Pátria e antiguidade do posto de Alferes de 12 de Agosto de 1867. Foi proposto pela congregação da Escola Militar para matricular-se no curso de Artilharia visto ter concluído o curso de Infantaria e Cavalaria e satisfeito as condições do Regulamento de 17 de Janeiro de 1874 tudo em 1875. De uma relação de alterações do 12.º Batalhão consta que a 11 de Junho foi adido a este Batalhão por ordem do comandante das armas do Rio Grande do Sul e em 17 de Agosto foi excluído por ter sido promovido a Tenente por Decreto de 31 de Maio. A 6 de Setembro foi reencluído no estado efetivo da 7.ª Companhia do 4.º Batalhão de Infantaria por ter sido classificado neste Batalhão. Consta de uma relação de alterações do 12.º Batalhão que em 2 de Junho fôra nomeado para servir de secretário do dito Batalhão. 1876: Foi exonerado daquele cargo a 22 de Janeiro, sendo por essa ocasião elogiado pelo zelo, dedicação e inteligência com que sempre desempenhou o dito cargo. Seguiu para a Corte a 4 de Fevereiro afim de estudar na Escola de Tiro de Campo Grande. A 14 foi incluído na Companhia do Depósito e a 25 desligado da mesma, tudo de Dezembro. No ano antecedente foi aprovado com distinção para instrutor de tiro no exame que teve lugar na dita Escola.

1877: Por Portaria do Ministério da Guerra de 19 de Abril foi declarado que a antiguidade de posto de Tenente deve ser contada de 6 de Outubro de 1870. Por Portaria do Ministério da Guerra de 25 de Junho foi nomeado Secretário e Instrutor de Tiro da Escola de Campo Grande, sendo desligado do 12.º Batalhão a 25 de Agosto. Por Decreto de 29 de Julho foi promovido a Capitão por estudos para a 5.ª Companhia do 8.º Batalhão pelo qual foi excluído do estado efetivo do 4.º Batalhão, sendo considerado não apresentado no dito 8.º Batalhão.

1880: Por Decreto de 25 de Outubro de 1879 foi transferido do 8.º Batalhão para a 4.ª Companhia do 10.º da mesma arma e pela ordem regimental n.º 57 de 13 de Fevereiro foi excluído do estado efetivo. Pela ordem regimental n.º 892 de 28 foi incluído no dito estado efetivo deste Batalhão, em virtude da ordem do dia da Guarda Nacional n.º 10 de 13 de Outubro de 1879, desligado por Portaria do Ministério da Guerra de 10 de Outubro de 1879. Pela ordem do dia da Escola Geral de Tiro de Campo Grande, foi elogiado pelo elevado talento e esclarecida inteligência, atividade e zelo, excedendo à toda a expectativa com que desempenhou os lugares de Instrutor Adjunto e Secretário demonstrando assim o seu alto merecimento, nunca desmentida lealdade, critério e sizerde a toda a prova. Apresentou-se ao Batalhão e à Repartição do Ajudante General a 6 de Fevereiro procedente da Província do Rio Grande do Sul sendo mandado adir ao Batalhão de Engenheiros afim de aguardar matrícula do 3.º ano do curso superior para o que obteve licença. Consta de uma relação de alterações passada pela Escola de Tiro, que fôra dela desligado a 14 de Novembro. Foi aprovado no exame para o posto de Major feito na Escola Militar.

1881: Sem alteração.

1882: Por Decreto de 8 de Abril foi transferido para o 18.º Ba-

talhão de Infantaria pelo que foi excluído do estado efetivo do 10.º Batalhão. Por ordem do dia da Repartição do Ajudante General de 9 de Dezembro foi mandado adir a este último Batalhão vindo da Escola Militar onde concluiu o curso de engenharia militar e na mesma data passou a comandar a 4.ª Companhia. Desligado a 31 de Janeiro de 1883: Por Decreto de 19 referido em ordem do dia a 23 de Janeiro foi transferido do 18.º Batalhão para o 10.º e assumiu o comando de sua Companhia.

1884: Por Aviso do Ministério da Guerra de 28 de Dezembro foi mandado ficar à disposição do Ministério da Agricultura, afim de praticar em Estradas de ferro deixando no referido dia o comando da Companhia, sendo elogiado em ordem do dia regimental pelo interesse, dedicação, zelo e inteligência que mostrou no desempenho de seus deveres, quer como comandante da Companhia, quer como oficial. Por Portaria do Ministério da Guerra de 21 de Maio foi nomeado para servir de secretário da Inspeção de Corpos, estabelecimentos e fortalezas existentes nas Províncias do Ceará, Rio Grande do Norte, Maranhão, Paraíba, Pernambuco e Piauí, servindo também de auxiliar técnico.

1885: Por Portaria do Ministério da Guerra de 14 de Abril foi mandado continuar na Província do Ceará à disposição da respectiva Presidência. Apresentou-se ao Batalhão a 21 de Maio, deixando de assumir o respectivo comando de Companhia. Apresentando-se de doente a 10 de Junho assumiu nesta data o comando de sua Companhia e a 11 de Julho deixou esse Comando por doente; a 12 passou a comandar a Companhia. Deixou novamente a 14 por doente e a 25, tudo de Agosto, apresentou-se e assumiu o cargo de Secretário da Inspeção a cargo do Exmo. Sr. General Inspetor do 1.º Batalhão de Infantaria em vista da Portaria de 24 do dito mês.

1886: Por Decreto de 15 de Maio foi transferido para o Corpo de Engenheiros pelo que foi excluído do Batalhão apresentando-se ao seu corpo a 24 de Maio. Foi-lhe permitido continuar a usar a espada de aço que lhe foi concedida como prêmio pelo Conselho da Escola Geral de Tiro de Campo Grande.

1887: Por Aviso do Ministério da Guerra de 25 de Janeiro foi nomeado Ajudante da Comissão encarregada da reorganização das Colonias e Presídios militares. Apresentou-se ao corpo a 1.º de Abril por ter assumido o exercício da referida Comissão. Por Portaria de 19 de Abril foi promovido a Major por merecimento. Por Portaria do Ministério da Guerra de 28 de Julho foi aprovada a designação feita da Comissão encarregada de apresentar um plano de reorganização das colonias e presídios militares, para inspecionar as colonias de Santa Tereza em Santa Catarina e Jutai no Paraná sendo nomeado para essa Comissão e a 23 de Agosto seguiu para Santa Catarina em trabalhos da dita Comissão. Apresentou-se ao Corpo vinda em trabalhos da dita Comissão. Apresentou-se novamente ao Corpo a 27 de Abril por ter sido extinta a dita Comissão da qual era Ajudante e ficou adido à repartição do Ajudante General. Por Portaria de 10 do dito mês foi mandado servir naquela qualidade incumbida ao Exmo. Sr. General Conrado Jacob de Niemeyer. Por outra Portaria de 7 de Junho foi mandado servir naquela qualidade com o mesmo Exmo. Sr. Brigadeiro na inspeção do Batalhão de Engenheiros. Por Portaria de 2 de Julho foi nomeado para servir na 1.ª secção da Diretoria Geral de Obras Militares. A 4 do mesmo mês apresentou-se para seguir em inspeção e serviço de engenharia às fronteiras, sem prejuízo de suas comissões conforme a comunicação da Repartição do Ajudante General em officio reservado de 9 de Julho. Apresentou-se ao Corpo a 11 de Outubro da Guerra de Mat Grosso. Apresentou-se ao Ministério da Guerra de 11 de Novembro de 1889. Por Portaria de 31 de Maio deste mesmo ano foi mandado elogiar em ordem do dia pelo zelo, inteligência e dedicação com que desempenhou o cargo de Secretário da Comissão encarregada de inspecionar o Arsenal de Mato Grosso e de examinar o estado, a força, quartéis e mais estabelecimentos a cargo do Ministério da Guerra e meios de defesa existentes na capital da mesma Província, em Corumbá e no forte de Coimbra, conforme publicou a ordem do dia da Repartição

do Ajudante General n.º 1263. Por Portaria de 6 de Junho de 1887 foi exonerado a seu pedido do lugar de auxiliar técnico do Ministério da Guerra. Por Portaria do mesmo Ministério de 22 foi nomeado ajudante da Comissão encarregada da linha telegráfica de Uberaba a Cuiabá. Quando deixou o lugar de auxiliar técnico do Ministério da Guerra foi mandado elogiar pela dedicação, zelo, inteligência e lealdade com que desempenhou o dito lugar. Apresentou-se por ter de seguir para a Comissão da linha telegráfica a 27 de Junho. Regressou à Corte, em serviço, a 19 de Outubro, como consta de uma relação de alterações relativa ao dito mês, assinada pelo chefe da dita comissão e remetida à Repartição do Ajudante General. Por Portaria de 21 de Dezembro foi nomeado Chefe da Comissão das linhas telegráficas do Estado de Mato Grosso.

1890: Por Decreto de 17 de Março foi promovido a Tenente-Coronel por merecimento. Assumiu em Mato Grosso a direção dos trabalhos da referida comissão das linhas telegráficas a 18 de Março, como consta das relações de alterações dali remetidas de Março e Abril do dito Corpo de Eengenheiros a 17 de Maio. (Aqui termina o conteúdo da sua folha).

\* \* \*

O General Gomes Carneiro era condecorado com as seguintes comendas:

Hábito de Aviz — Hábito da Rosa — Medalha da Campanha Oriental de 1865 — Medalha de Mérito Militar — Medalha da Campanha do Paraguai — Passador 5 — Oficialato de Aviz.

\* \* \*

De sua fé de officio não consta um só castigo e a única licença que teve foi a de 6 meses em consequência do ferimento recebido no combate de 2 de Maio no Estero Bellaco e da qual desistiu tendo gozado apenas 2 meses e meio.

\* \* \*

Os seus serviços e alterações mais importantes, de 1890 até sua morte em 9 de Fevereiro de 1894 na cidade da Lapa, são:

1890 — Por Decreto de 17 de Março foi promovido ao posto de tenente-coronel por merecimento. Em virtude do convênio firmado em 13 de Maio de 1888 foi-lhe concedida a medalha de prata da República Argentina comemorativa da guerra contra o ditador do Paraguai. Por Decreto de 4 de Setembro foi nomeado Oficial de S. Bento de Aviz.

1891: Sem alteração.

1892: Por Portaria de 5 de Janeiro foi posto à disposição do Ministério da Agricultura para comandar o Corpo de Bombeiros da Capital da República. Por Decreto de 9 de Janeiro foi transferido para o quadro extranumerário de acôrdo com o Decreto de 21 de Novembro de 1889. Por Decreto de 9 de Abril foi promovido a Coronel por merecimento. Por Aviso de 4 de Junho o Ministro da Guerra, apreciando devidamente a dedicação, o zelo pelo serviço e pela economia dos dinheiros públicos, a atividade e inteligência de que ainda uma vez deu provas no estabelecimento da linha telegráfica de Cuiabá ao Araguaia, mandou louvá-lo em nome do Sr. Marechal Vice-Presidente da República.

1893: Por Decreto de 27 de Outubro foi exonerado, conforme pediu, do cargo de comandante do Corpo de Bombeiros. Passou a comandar forças de guarnição no litoral desta Capital. Por Portaria do Ministério da Guerra de 17 de Novembro de 1893 foi nomeado comandante das forças em operações ao Norte de Santa Catarina.

\* \* \*

Por Decreto de 26 de Março de 1894 foi promovido a General de Brigada.

\* \* \*

Em 9 de Fevereiro do mesmo ano faleceu na cidade de Lapa em consequência de ferimento recebido em combate — Em Aviso de 2 de Abril o Ministro da Guerra deu disso conhecimento ao Exército.

Brigadeiro de linha,  
Meu Ex.º General de Divisão  
Dr. Comandante Jacob de Klemmeyer

Neste momento, 5 1/2 horas da  
manhã, acabo de receber a carta  
do Ministério da Guerra a  
V. Ex.ª dirigida e contendo a  
ordem para o meu novo des-  
tino

Fico sciante, tenho a honra  
de devolver a V. Ex.ª a carta e  
vou imediatamente cumprir  
a ordem

Com toda a con-  
sideração e estima

De V. Ex.ª em

Subscrito e am.º dedicado

Antônio E. Gomes Carneiro

Capital Federal  
em 30 de Outubro de  
1893

Precioso autógrafo do general Gomes Carneiro, datado de Outubro de 1893 e através do qual se patenteia o alto espírito de disciplina e rapidês do bravo soldado no cumprimento das ordens que recebia. O instante em que essa carta foi escrita mostra, outrossim, que para o heróico defensor da Lapa a questão de horários não importava, sendo sempre hora de servir ao Brasil.

# UM CLARÃO DO HEROISMO MILITAR

**O**S positivistas da propaganda republicana haviam sabotado o heroísmo militar da Guerra do Paraguai.

A campanha contra Lopez fôra obra do Império. Logo, como tudo que tinha a responsabilidade de D. Pedro II, devia ser atacado, destruído ou esquecido. Os primeiros anos da República assistem a este aberrante crime de lesa-patriotismo: o menosprezo dos nossos heróis, a deturpação, em nosso desfavor, das causas da Guerra do Paraguai, e, pior que tudo, o aviltamento da glória militar.

O escândalo chegava a tal ponto que os velhos generais do Paraguai — segundo o depoimento pessoal do General Tasso Fragoso — se sentiam constrangidos em usar as suas condecorações obtidas no campo da honra, em armas contra o inimigo da Pátria. Essas medalhas, para esses pre-comunistas de 89, eram símbolos de opróbrio, atentados às leis da Paz Universal e da Humanidade...

E, no entanto, a República não tardaria em apelar para o Soldado, para a espada, para os que se dispõem a morrer no campo da batalha, em defesa dos ideais de seu povo e da sua Pátria. E esse momento chegou.

A Revolução de 93 faz mover os canhões da Esquadra contra o governo de Floriano, então considerado como necessário à consolidação do novo regime. E, do Sul, em galopada avassaladora, com ímpetos garibaldinos, os gaúchos de Gumerindo Saraiva, atiram-se rumo ao Norte, com a pretensão de amarrar seus cavalos no pátio do Itamarati...

É preciso deter aquêles grupo de cavaleiros desabusados, lenço ao pescoço e faca afiada para os degolamentos. De quem se lembrará a República, em transe tão angustioso?

— De algum retórico propagandista do novo regime? De algum positivista-militar, intoxicado de Augusto Conte e já preocupado em restituir os troféus da Guerra do Paraguai? De algum militar-positivista, platônico enamorado de Clotilde de Vaux e que, à leitura dos tratados de Arte Militar, prefere as prégações do Papa Verde?

— Não. O olhar, frio, asiático, penetrante, de um cabôclo, que se chama Floriano Peixoto, cabo de guerra, conhecedor de pólvora e de almas, vai buscar o homem indicado para o momento. Nem é um discípulo de Benjamin Constant, nem um exaltado do Campo de Santana. É mais do que tudo isso: — é um Soldado, que saberá morrer em seu posto, se fôr preciso, e que, modestamente, num longínquo recanto do País, esconde, como se fôra um constrangimento, as laureas do seu heroísmo na Guerra do Paraguai.

Chama-se Gomes Carneiro.

A República apelára para o heroísmo militar...

Carneiro marcha para Lapa e aí espera ataque dos gaúchos de Saraiva. Bem sabe da precariedade dos recursos com que pôde contar: uma topografia desfavorável a uma defesa; pouca gente; pouca munição e a vaga esperança de um auxílio do Rio de Janeiro.

Mas é preciso barrar o caminho aos revolucionários. E ele ali está, com um punhado de bravos, a determinar.

“Resistência! Resistência a tódo o transe!

\* \* \*

A sua figura polarisa todas as atenções da sua tropa.

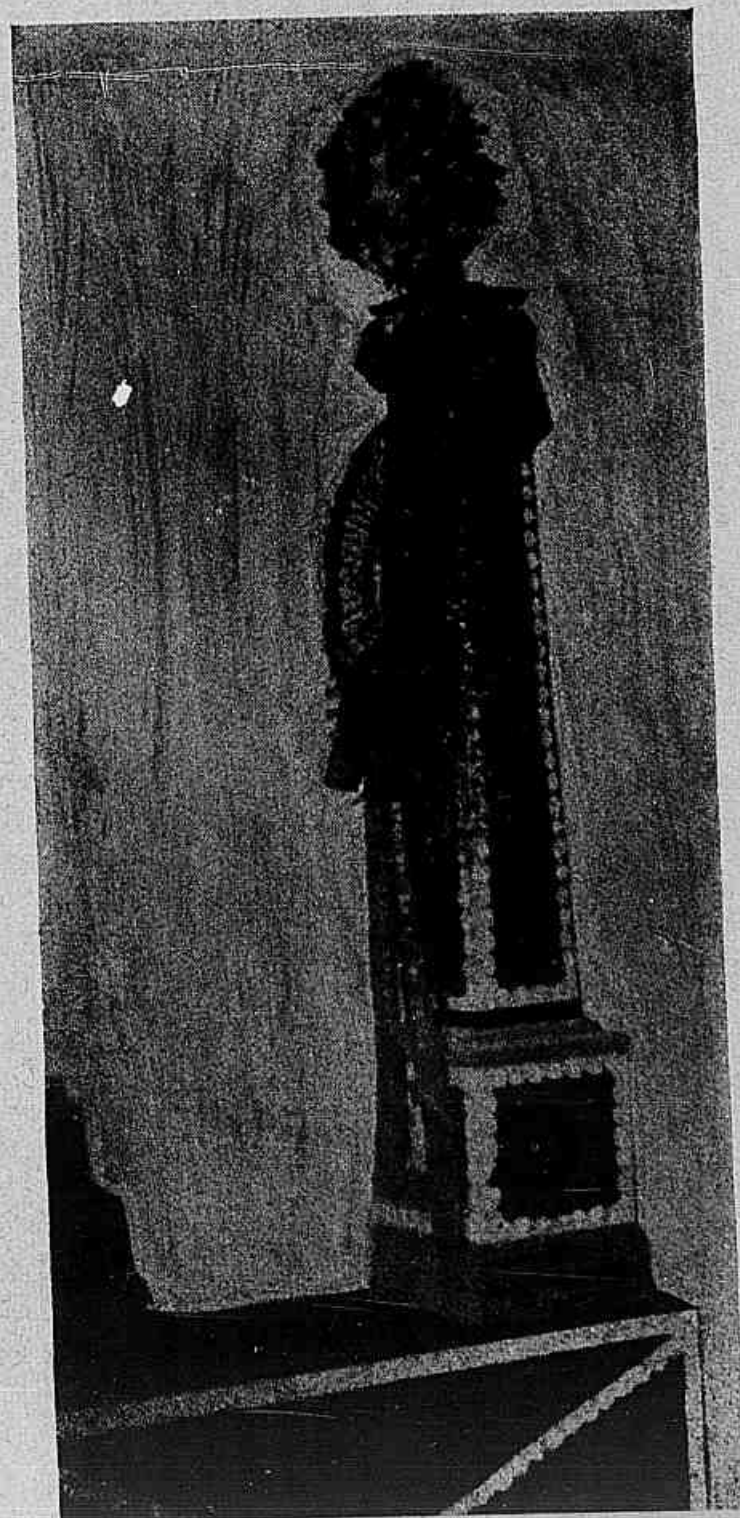
Vendo aquêles coronel austero, a barba a completar-lhe a clássica feição dos generais do Império — o olhar firme, a palavra enérgica, a decisão pronta — seus comandados adivinham um Chefe. E ele ali está, numa presença gloriôsa, remarcada com todas as relampejantes tradições do Paraguai. É um bravo, que se fez aos impulsos de uma irresistível vocação militar. É um Soldado, que traz dos recessos das montanhas mineiras, o dom peculiar à terra de Tiradentes, de crear a glória no silêncio; a grandeza na modestia; e na sombra, o resplendor.

Nascêra para a Guerra. A sua vida não é vida, sem o clarão de uma espada e o grito de um clarim.

Esse homem cheira a pólvora.

E é exatamente um chefe dessa envergadura que o Marechal de Ferro coloca no caminho dos revolucionários, certo de que a sua presença, em meio

*Mausoléu erigido na Sacristia da igreja da Lapa por iniciativa da oficialidade do 14º Regimento de Cavalaria, aquartelado naquela cidade em 1895*



da estrada da invasão de Saraiva, vale como a obstrução de um pedaço de montanha. Esse homem realmente cheira a pólvora. E é frio, impassível, resistente como um pedaço de rocha das suas montanhas de Minas...

E Floriano não se enganára. Os longos dias do cerco da Lapa são o último capítulo de glória da vida do herói. Carneiro é da teoria de Ricardo Franco e de Antonio João: uma praça de guerra não se rende. A inferioridade numérica não é argumento de rendição. O bom soldado combate até o último cartucho, até a última granada. E é por isso que o comandante da praça sitiada afirma que, enquanto viver, a Lapa não se renderá. Enquanto viver...

\* \* \*

Mas numa trágica manhã de fevereiro de 1894 — já lá se vão cinquenta anos! — duas balas vêm condecorar o peito desse bravo com a vermelha condecoração dos heróis: dois ferimentos de morte.

Perece Carneiro. E, logo após, a cidade se rende.

O bravo militar morre em pleno tiroteio, quando, em combate, acolhe em seus braços um camarada, mortalmente ferido.

A morte quizera ter a magnitude de surpreendê-lo num momento em que a bondade do homem se irmanava à bravura do militar; num instante em que a santidade de um gesto se hombrava com o hercismo de uma atitude.

O combate continua.

E quando os gaúchos se assenhoream da cidade, têm logo a preocupação de receber, como prisioneiro, o valente comandante da praça.

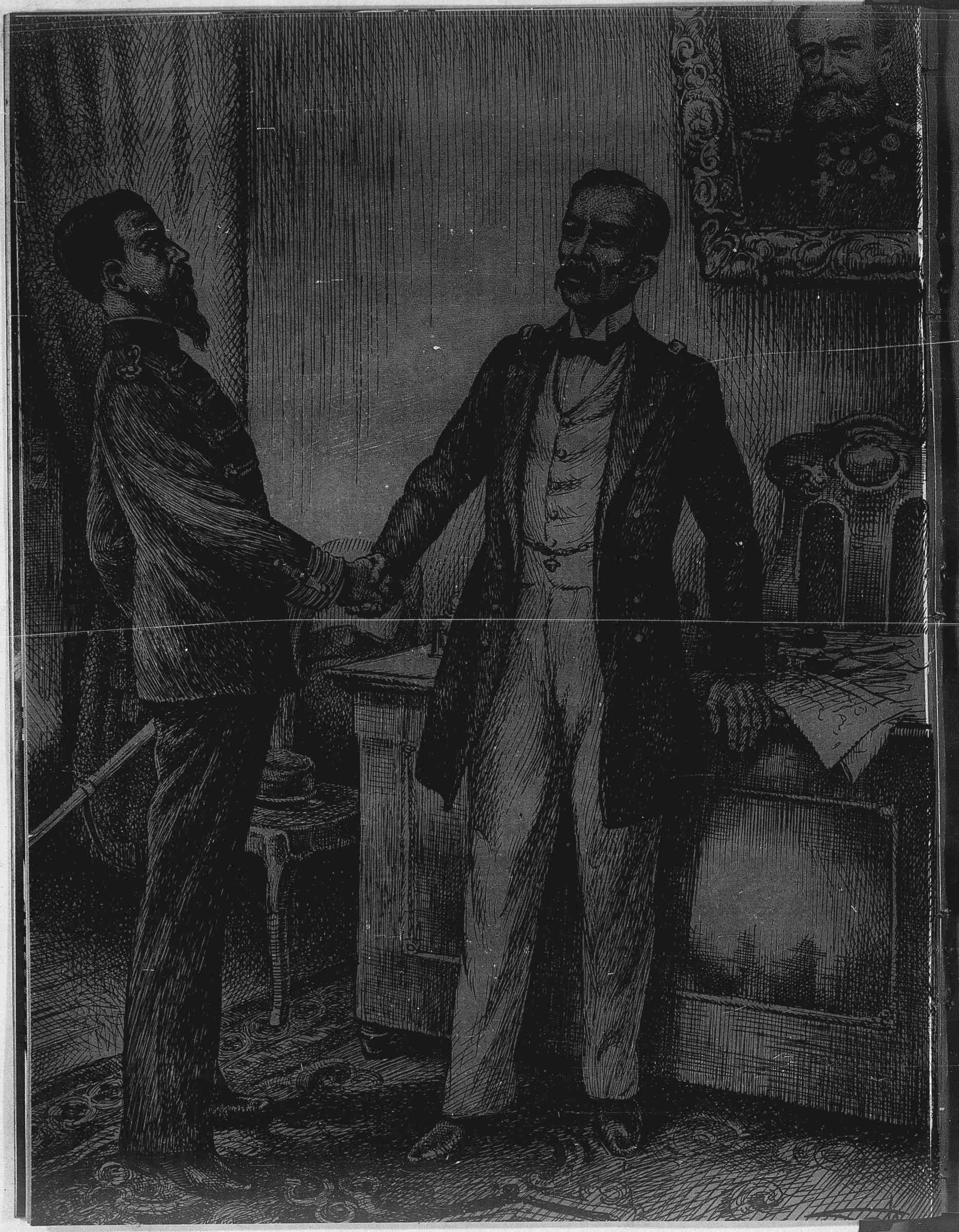
Mas, em vez da espada de um comandante que se rende, o que encontram é o cadáver de um chefe, que baqueára ferido de morte.

É enterrado ali na sacristia de uma igreja, no silêncio e na sombra de um modesto templo — ambiência de sagrado respeito e de humildade, muito em consonância com quem, em vida, fôra severo devoto da modestia e do silêncio.

Aquêles cadáver não salvará a praça dos vexames de uma rendição. Mas barrará o caminho dos gaúchos avoçados, que pretendiam alcançar o Rio, mas, logo depois, torcem as rédeas, de regresso ao Sul.

A República havia perdido uma cidade, mas, ao final ganhara uma campanha. Havia se reacendido a lâmpada do heroísmo militar...

E Carneiro era agora, em plena República, garantida e consolidada, corrigidos os excessos de toda a revolução, a chama a arder em caçoila de ferro, restituindo à República o primeiro clarão de sua alegoria guerreira, e alimentado pelo mesmo óleo, que no Paraguai acendeu as luzes de tanto heroísmo.



# Uma cena histórica

A revolta da esquadra explodiu a 6 de Setembro. A 27 de Outubro foi Carneiro designado ao cargo de bombeiros. Floriano deu-lhe a tarefa de um largo trecho do litoral. Levantou na Igreja a sua guarita de sentinela da costa. Foi a 16 de Novembro que o marechal mandou chamá-lo de novo.

Triplicis dias tinham sido aqueles, de canhoneio da armada, que lembrava aos veteranos do Paraguai a barranca pestilenta de Curuzú, de sobressalto da cidade rolando em terra a fuzilaria, trepada aos morros a população angustiada que assistia, do seu anfiteatro penhacoso, ao espectáculo inédito de uma marinha de ferro a bombardear um governo impassível. Entre o governo e a marinha havia as fortalezas, as baterias e os regimentos estendidos ao longo do cais, e, risonha tropa cujo entusiasmo contagiado vibrava pela capital um eco de festa, os estudantes...

Na máscara do marechal nenhuma linha tremia. Recebeu, com um ar sério, o coronel Gomes Carneiro. Os oficiais, que momentos antes comunicavam ao ditador as notícias das operações, deixaram-nos a 308. Floriano teve o cuidado de fechar as portas. E voltando-se, brusco, abalou o amigo com estas palavras:

— Carneiro, não é o marechal que lhe fala, é Tibúrcio...

Na parede fronteira, um retrato de Deodoro, amplo, acurado, triunfal, testemunhava a cena histórica.

Diante do magestoso antecessor, seu cõmpadre, seu fraternal amigo, depois seu adversário — Floriano parou, erecto, como se o generalíssimo lá estivesse vivo, a envolvê-los com o agudo e chamejante olhar que dava à sua austeridade de velho guerreiro um lampejo de colera divina. E sorriu vagamente, lembrando-se do bilhete em que profetizava aquele instante supremo: "se algum dia a República perigar será nas mãos de Carneiro que se há de salvar..."

O homem extraordinário raras vezes se emocionava. Nunca lhe coloriu a face baça ou acendeu a vista mortíca. O seu gesto era preguiçoso, o seu passo arrastado, a sua voz mansa, o seu ar distraído e manhoso. Como que a guerra o insensibilizara, o perigo e a glória, as honras e as lutas, esgotando-lhe as energias vitais, o tornavam indiferente a homens e idéas... Pois Floriano — e Car-

neiro observou-o com espanto — não dissimulava a sua agitação enraivecida. As palmas de ordinário tão calmas, brotavam-lhe ardentes e irritadas, como se o apunhalasse uma grande mágoa. Sobre a mesa, havia mapas desdobrados, telegramas amarfanhados, a desordem de um escritório momentos antes revolvido pela impaciência de um chefe ansioso.

E expôs, calorosamente, a situação. O governo não podia distrair tropas que tomassem o passo ao exército federalista, cujo plano tinha a audácia — assombrosa! — de uma marcha, em grande estilo, sobre a capital da República. Sim. Dez mil homens acabavam de romper, pela serra de Santa Catarina, rumo certo a Itararé. A 30 de Setembro cairá Desterro e implantara-se no Estado uma junta revolucionária. Portanto, o movimento sedicioso se estendia já, das serras do Rio Grande às margens do rio Negro. Para o general Argolo, para enfrentar Gumercindo Saraiva no caminho de Blumenau. Iria dirigir o distrito, em Curitiba, o general Pego Junior. Mas Floriano confiava em Carneiro. Se Tibúrcio fosse vivo — repetiu, comovido — o herói do Chaco lhe teria dito: Chamo o coronel Gomes Carneiro, etc impedirá a marcha de Gumercindo... E convincente, apertando as mãos ao amigo:

— Carneiro, será você o salvador da República. Não é um apelo ao seu dever de militar, mas ao companheiro das horas decisivas... Lembre-se do nosso Tibúrcio... Você me salvará.

Não pestanejou. — Marechal, estou pronto. Partirei imediatamente.

— Tem carta branca, continuou o ditador. Só não lhe posso dar soldados... nem material. Mando contra Gumercindo e o seu exército o coronel Gomes Carneiro. E basta.

— Marechal — e a face de Gomes Carneiro repleandecceu — embarcarei em 48 horas. V. Ex., confiou em mim; eu lhe afirmo, sobre os galões do meu punho, que a coluna inimiga não passará.

Floriano encostou-se à mesa, para contemplá-lo melhor. O coronel penhou-se, a mão esquerda, com a sua cicatriz de Estero Bellaco, crispada sobre o punho da espada — a espada de aço que lhe dera Tibúrcio — e repetiu:

— Não passará!

— Marechal, V. Ex. confiou em mim; eu lhe afirmo, sobre os galões do meu punho que a coluna inimiga não passará!

(Composição de GETH.)

(Excerto do Capítulo IX do livro "Gomes Carneiro, o general da República" de Pedro Calmon — Rio, 1933)



# GOMES

# CARNEIRO

INÁCIO JOSÉ VERISSIMO

**E**IS aqui um homem que nasce fora do seu eu; em condições alheias à sua natureza; em meio oposto ao seu destino.

Filho de um pacífico boticário e destinado, por desejo paterno, ao comércio das drogas — Carneiro acaba General Criado no interior do país — na pequena cidade do Serro — toda a sua vida se transfere para os confins da pátria. Começa no centro e vai se fazer na fronteira. Cresce em meio pacífico e toda a sua personalidade só se afirma na luta. Menino das montanhas só será homem na planície; coração educado na tranquilidade só se revela inteiro quando o movimento o toca. E assim, paradoxal e incoerente, Gomes Carneiro nos mostra que, antes do ambiente físico, a alma forma a estrutura da vida, o impulso vivo, contínuo, inquebrantável, dos destinos humanos. O meio pode condicionar as qualidades de nosso caráter, mas não os detem, nem os anula.

Basta que as circunstâncias estimulem essas qualidades e elas transbordarão.

\*

Aos 19 anos Gomes Carneiro chega à Corte à busca de maior cultura.

Mas, nessa cidade se passa cena diferente da que deixou no Serro; há uma imprensa que contagia; uma opinião pública que agita o ambiente; uma realidade política que palpita nas ruas.

Ora, justamente no instante em que o bisonho mineiro chega a esse meio, explode uma notícia: a guerra entre o Brasil e o Paraguai; Mato Grosso invadido; a pátria precisando de soldados.

A partir daí — dá-se a revelação: Gomes Carneiro levado pela sua natureza; pelos

seus próprios impulsos, pelas suas qualidades anímicas, inflete para outro rumo. Vai ser soldado voluntário e interromper nesse dia, não só o seu destino — que era o de boticário, mas o cenário de sua vida.

Adeus montanhas de Minas e placidez de vida. De ora em diante o seu palco é a planície paraguaia; a natureza agreste do chaco; o calor sufocante que enerva, que abate as energias. Mas, é nesse palco e na cena da guerra que Gomes Carneiro se encontra a si mesmo, se descobre e aflora tal qual é.

Voluntário número 1 do Brasil — ele tem nessa coincidência — u'a marca definitiva: é sempre o primeiro que mais se expõe; o que vive na vigília; o que está sempre na frente e é o exemplo, e é o dever vivo; e é o símbolo da dignidade humana. A viagem é penosa, em navio sem conforto, para um mundo desconhecido.

E desde logo, no Rio Grande, nosso mineiro, soldado anônimo do 1.º de Voluntários, vai conhecer um chefe e receber uma dura lição na guerra.

O Chefe é João Manoel Mena Barreto, a lição é o combate difícil, feroz, infeliz de São Borja.

Depois, assiste a rendição de Uruguaiana; vê Estigarribia de joelhos; vê o Imperador, Caxias, Mitre, o Ten. Floriano. O cenário perde, assim, a rotina da sua terra natal e cresce e se amplia cada vez mais.

É sargento na ilha de Redenção e ali conhece Vilagran Cabrita; descobre Tiburcio e se mistura entre tantos outros brasileiros, fundidos na mesma luta e no mesmo destino. Vinte anos apenas e no entanto Gomes Carneiro já tem a experiência de um velho.

Desde São Borja, por Uruguaiana, pela ilha de Redenção e pouco depois em Tuiuti, se afina o seu caráter, se enrijam as suas qualidades.

Ferido em Tuiuti, é promovido a alferes. Cresce de posto em posto, de perigo em perigo, sempre o mesmo; o exemplo, o símbolo do dever.

Ah! que linda a história desse mineiro bisonho e que orgulho a gente experimenta ao sabê-lo perto de nós, pela língua, pela raça, pelos propósitos.

E ainda mais, por senti-lo, nesta hora de egoísmo e liberalidade — a lição para a nossa atitude, o guia para o nosso comportamento, o inspirador de nosso destino moral.

Por ele — descobrimos que a vida tem um sentido moral; que não basta existir, mas coexistir; que a solidariedade é tecido, enquanto o individualismo é quisto. Gomes Carneiro é sempre renúncia, sempre dedicação, sempre lealdade.

E quiz o destino que o seu último ato fôsse o da Lapa — onde tudo era adversidade, e ele era a fé e onde tudo ruía e ele se fazia integral.

Caxias aparece na vida política brasileira como um providencial; ligando a sua vida, a sua ação, o seu caráter ao nosso próprio destino.

Gomes Carneiro não ocupou cargo algum que lhe desse essas oportunidades, mas foi, pela sua estrutura moral, um fator de ordem, de aglutinação, de coesão espiritual e hoje emerge como exemplo dos que prometem e cumprem; dos que empenham na palavra a própria vida; dos que são iguais na dignidade e dão aos atos inteireza e continuidade.

E é a ausência desse sentido de responsabilidade que permite o covarde, o hi-

pócrita, o mistificador e afinal transforma a vida num comércio sem padrão de medida, sem unidade de relação moral, sem garantias e beleza.

✦

A guerra dura até 1870. Depois de Tuiuti, de Curuzú, da Dezembrada, da tomada de Assunção — começa a campanha das Cordilheiras. E em toda essa peregrinação lá está Gomes Carneiro. Ferido três vezes, volta da guerra transfigurado.

Viveu uma eternidade.

Cinco anos de sofrimentos de dificuldades, de desconfortos, deram-lhe uma experiência e uma austeridade que excede dos seus 25 anos.

Mas não volta à sua botica, nem ao seu Serro.

Gomes Carneiro matricula-se na Escola Militar. Depois, já capitão, cursa em Porto Alegre a Escola de Artilharia — comandada por Tiburcio.

Fazem-se então amigos; unem-se pelo caráter; são dois homens que se completam. Tiburcio é entusiasmo, vibração, incontinência; Gomes Carneiro, digno como o seu chefe, é todo tranquilidade, domínio de si mesmo.

Depois — já casado com a filha de Tiburcio, cursa engenharia, pratica em estradas de ferro, aperfeiçoa os seus conhecimentos.

Em 1885 assiste no Ceará a morte de seu sogro — o bravo Tiburcio que se acabava aos 48 anos, após vida tão intensa, tão cheia de perigos, tão variada.

Gomes Carneiro volta à Corte e é na chegada ao Rio que se dá o desastre que o vai aproximar de Pedro II.

Ao desembarcar, seu filho é apanhado por uma corrente de bordo e fratura ambas as pernas. Esse fato chega ao conhecimento do Imperador que vai no dia seguinte, pessoalmente, visitar o menino enfermo, internado na Santa Casa.

Com esse gesto, Pedro II conquista o coração abatido de Gomes Carneiro, que será daí em diante — mais que um fiel súdito, um amigo reconhecido.

Promovido a Major em 1887 — segue para Mato Grosso — inspecionando a fronteira, viajando por Cuiabá, Corumbá, Forte de Coimbra.

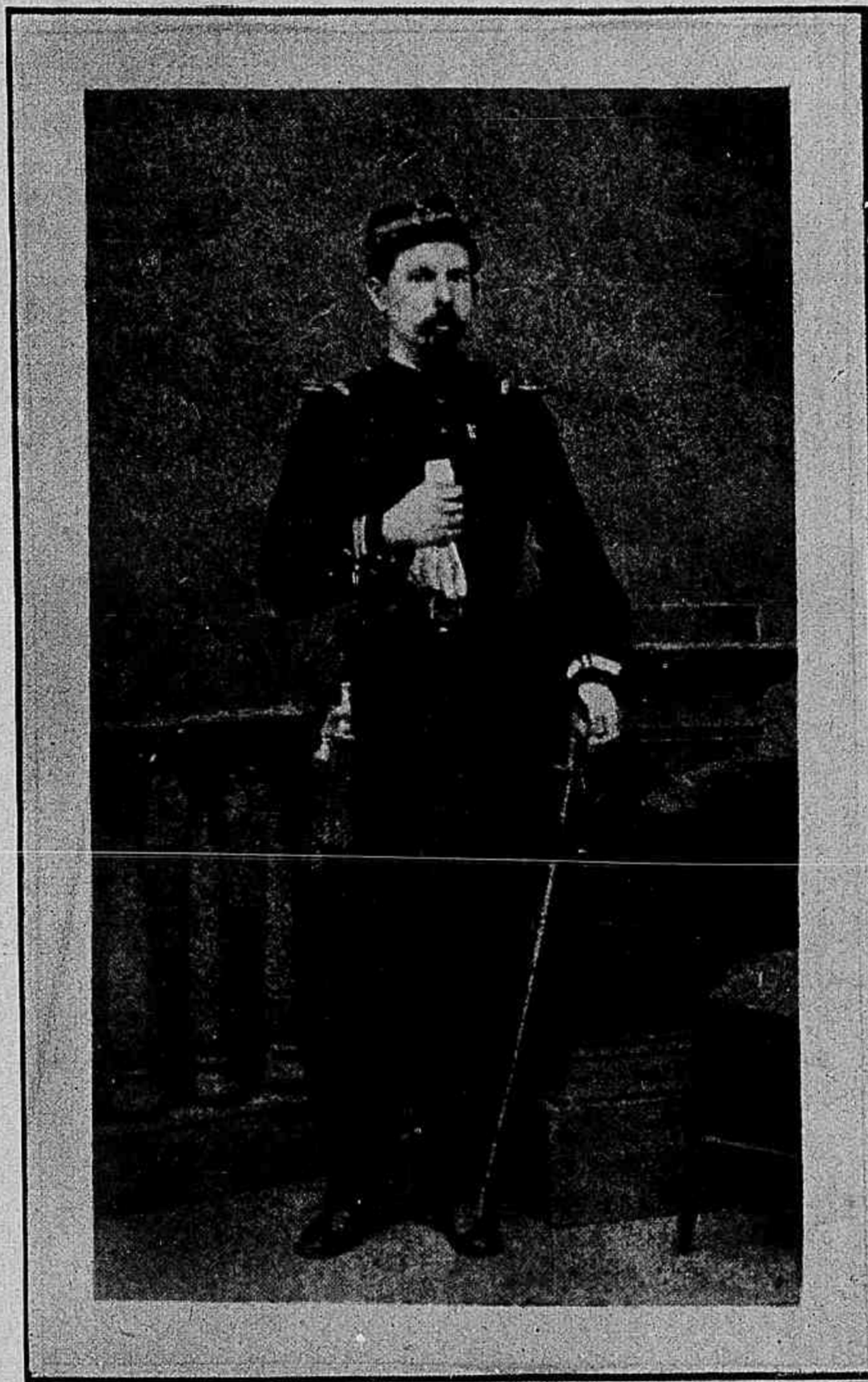
Quando a República já está no ar, e as conspirações comprometem a maioria do Exército, Gomes Carneiro permanece à margem.

Para ele — há-de permeio um dever a cumprir: responder, pela fidelidade ao Imperador, a gratidão do pai. Por isso nada o contamina, nem muda a sua atitude. Que seus companheiros se agitem contra Pedro II, o militar compreende bem; mas que o beneficiado se volte contra o beneficiador — é atitude que o coração de Gomes Carneiro não sabe sentir. E por

isso — entre o dever humano e a solidariedade política — ele não vacila. E fica onde o deixaram; voltado para si mesmo, na digna e dolorosa atitude dos que discordam da massa.

✦

O dia 15 de Novembro o leva a Mato Grosso; aos confins da pátria. É a forma de fugir ao espetáculo que constrange o seu coração; que o incompatibiliza com os amigos, que o faz diverso entre os seus pares.



Tenente Gomes Carneiro em 1878

E Floriano a pedido seu o manda, em comissão, para a construção de linhas telegráficas e o promove a Ten.-Cel.

Nessa hora — é ainda Floriano quem o serve; quem garante a Deodoro a sua fidelidade militar; quem sabe afirmar que antes de ser republicano (suspeita que levou Deodoro a não querer promovê-lo a Ten.-Cel.) Gomes Carneiro era homem de bem.

Interessante esse episódio.

Interessante sobretudo, porque marca os traços de dois temperamentos:

- o de Deodoro, todo emoção,
- o de Floriano, todo raciocínio.

No primeiro o que aflorava era o Gomes Carneiro amigo do Imperador; no segundo era o frio homem de bem; o digno, que soube sofrer o isolamento, e a ani-

mosidade de sua classe para ser coerente com o seu coração e para perpetuar-se nos atos e nas atitudes.

E isso explica porque mais tarde, na hora difícil de 93 — é Gomes Carneiro — quem Floriano encontra para a Missão de deter a marcha de Gumercindo.

Faltam a essa missão os meios materiais; os recursos que tornem viável; o argumento força que a realize de fato.

Carneiro parte para cumpri-la. Sabe mesmo, por Floriano, que não há quasi soldados, que o Governo não tem armas, que tudo se resume numa temeridade.

Mas — apesar disso, Gomes Carneiro parte. É o seu destino; é o seu modo de ser. Nunca ele vacilou na hora do dever e não havia de ser agora que ele iria se desmentir; ludibriar o seu passado; esgueirar-se por detrás de desculpas que repugnavam o seu caráter.

✦

Agora vai começar o seu drama máximo.

Na Lapa — Carneiro encontra, como guarnição, uma tropa bisonha e pequena, e em torno um quadro de derrotas das tropas Florianistas.

Para aumentar-lhe a aflição tem a notícia que lhe morreram dois filhos. Chama os oficiais: dá-lhes a notícia triste e pede então que descubram em suas lágrimas, o coração do pai que sofre e não do chefe que teme. Por outro lado, Floriano lhe anuncia reforços, que não existiam que eram um artifício psicológico; um processo para mantê-lo firme e à guarnição bisonha que comandava.

O assedio é terrível; as forças em presença desproporcionadas; a tropa da praça sem valor militar e no meio dela, sem recursos e sem meios de recebê-los, está Carneiro — sempre o mesmo homem austero; sempre imperturbável; presente a todas as frentes; enigmático e inflexível; contaminando com o seu exemplo e com a sua tranquilidade, o ânimo que faltava à guarnição. O cerco dura 25 dias e antes que a praça se renda Gomes Carneiro morre.

Morre lentamente, sereno, desfeito pelos esforços; com a roupa gasta, magro e macilento.

Aos poucos viu chegar o seu fim; viu desmoronar os seus recursos de defesa; e cair os companheiros mais fiéis. Mas, nem uma hora de dúvida e de tibieza: Resisit sempre, sem desfalecimentos, como uma rocha. Era a sua ordem; e é a sua última lição. Um combatente — combate; um chefe — comanda; um homem é dever. E assim acabou Gomes Carneiro: o bisonho mineiro da cidade do Serro — manso e quieto, mas tão rico de energia moral; tão transbordante de dignidade, tão estranho entre o vulgar dos homens, que é impossível deixar de sentir por ele — o encanto que se irradia dos santos e dos nobres.

# UM PERFIL DE GOMES CARNEIRO

QUANDO, há justamente 50 anos atrás, um homem foi escolhido para barrar passagem aos inimigos da República, que deviam seguir em marcha triunfal e quasi sem tropeços até o Rio de Janeiro, trazia esse homem, já, a fronte coroada pela auréola inconfundível dos iluminados. Essa auréola nada tinha de fictícia, e menos de sobrenatural. Era resultado do conceito em que era tido no exército; e fizera a golpes de audácia, de bravura e de dedicação à Pátria, a fama que lhe proporcionou a oportunidade que aqui se lhe deu.

Antônio Ernesto Gomes Carneiro, filho de pais modestos, fôra dedicado desde a infância à profissão paterna.

Queria-o seu pai, boticário, e para satisfazer a tal ambição o filho foi mandado ao Rio onde começou o seu curso, tal como todo o mundo. No menino do Serro Frio que nascido em 1848, tinha apenas 17 anos ao começar a guerra do Paraguai, aquela centelha dos iluminados de que falamos, trabalhava, fazendo com que dissesse invariavelmente que havia de ser general, numa auto visão profética dessa glória que apenas anteveria em dias de sua vida.

A guerra deu-lhe o desejado ensejo para ser soldado, e com os primeiros, lá o menino foi, no 1.º corpo de voluntários da Pátria, destinado a combater, sob o comando de Mena Barreto, as forças invazoras que se haviam apossado de São Borja.

Tal foi a bravura com que se houve desde os combates iniciais, que as medalhas começaram a povoar-lhe o peito como as cicatrizes a deformar-lhe o corpo. Mas nem a umas nem às outras deu, jamais, essa importância que serve para a ufania dos jactanciosos.

Cinco anos de campanha; cinco anos de trabalhos ininterruptos, de combates, de batalhas, de privações e de riscos sem conta, fizeram da praça de pret que se inscrevera nos voluntários da Pátria, saídos da Côte em 1865, o tenente das forças de linha de 1871. Ferido várias vezes e gravemente contuso outras tantas, Gomes Carneiro não fêz somente, entretanto, a fama de

bravo. Ledor impenitente, estudioso sem descanso, todos os lazeres de hospital, forçados pelos ferimentos de guerra, como todos os minutos da folga habitual dos acampamentos, eram o tempo em que se jogava à ilustração do seu espírito, à alimentação da sua excepcional inteligência.

Quando a guerra terminou, depois do Aquidaban, Gomes Carneiro trouxe consigo várias qualidades que o punham em destaque: Soldado de pena e de espada, segundo o dizer do Marechal de Ferro, havia sido tocado pelos ideais novos, pelos anseios de uma pátria Livre, e aninhava em seu coração um republicanismo sincero, czpás dos maiores sacrifícios. Fizera, a rasgos de bravura, entre aqueles que o exército acatava como sendo dos mais bravos entre os mais bravos, tais como Tiburcio e Floriano Peixoto, um conceito excepcional, que o indicaria para os postos de sacrifício, quando eles surgissem, como si fosse um predestinado.

Nada melhor para demonstrar isso, que a sua frase escrita em 1871, numa dedicatória:

*"Felizmente tenho a firme esperança de que o dia da liberdade raiará, e então dominarão as idéias que religiosamente alimento no espírito e que não temo enunciar, a despeito de tudo; porque a maior glória será o morrer por elas."*

Eis como Gomes Carneiro se traçava, no início da sua mocidade, uma diretriz idealista, como quem sistematicamente deseja fazer da sua, uma grande vida: *"Um pensamento da mocidade, realizado na idade madura"*, segundo a definição de De Vigny.

Também, jamais teve Gomes Carneiro a preocupação de ser ou deixar de ser martir de suas idéias. Por elas procurou viver, e trabalhou, pouco se lhe dando encontrar a morte no caminho de suas ações, enérgicas, altruísticas e dignas, sempre claras e postas ao ezame dos seus concidadãos.

A morte foi para ele o último ato inadiável, que havia de fatalmente coroar a sua existência de patriota e de soldado.

De volta da guerra, fêz o curso de armas, e os complementos exigidos então, como indispensáveis

aos que deviam ter a chefia do exército. E assim como se fêz notar na guerra pela bravura, Gomes Carneiro fêz-se distinguir pela inteligência nas lides do espírito. Como ganhara medalhas militares e ascendera postos de guerra, obteve prêmios, citações e loiros, nos cursos que tiçou como aluno de mérito.

A espada de honra que trouxe para a Lapa e que de entre as suas relíquias foi roubada por seus inimigos era um dos prêmios da escola de tiro de Campo Grande, de onde havia de sair merecendo do conselho de instrução o mais honroso conceito espreço.

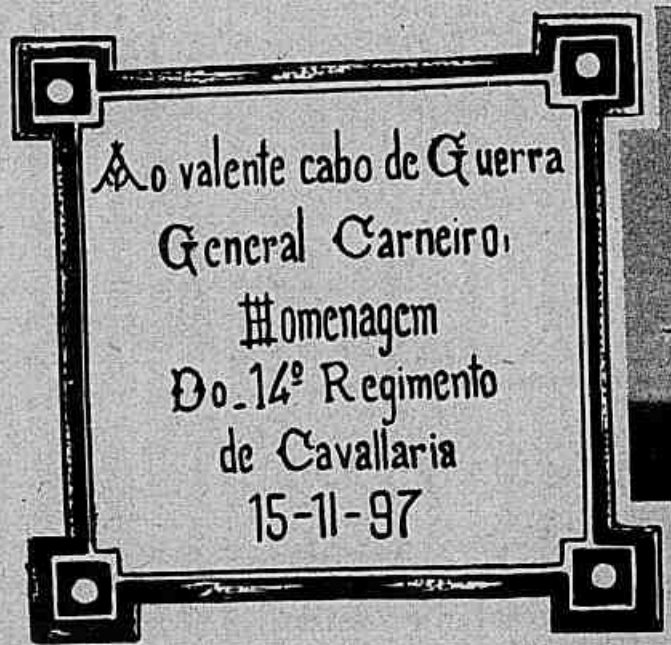
Depois, quando se desliga da Escola da Praia Vermelha, por término do curso de eegenharia militar, havia de receber de Tiburcio que era seu comandante, o elogio profético que se tornou célebre:

*Este oficial, disse de Gomes Carneiro, conquista sempre uma menção especial dos chefes com quem serve. Cumpro um dever resumindo aqui o seu passado: Pertencu a essa turma brilhante de estudantes brasileiros que ao apêlo patriótico do governo, em 1865, corra pressurosa às armas, e sob a honrosa denominação de Voluntários da Pátria lá seguiu para o Sul do império a desafrontar os brios nacionais ultrajados.*

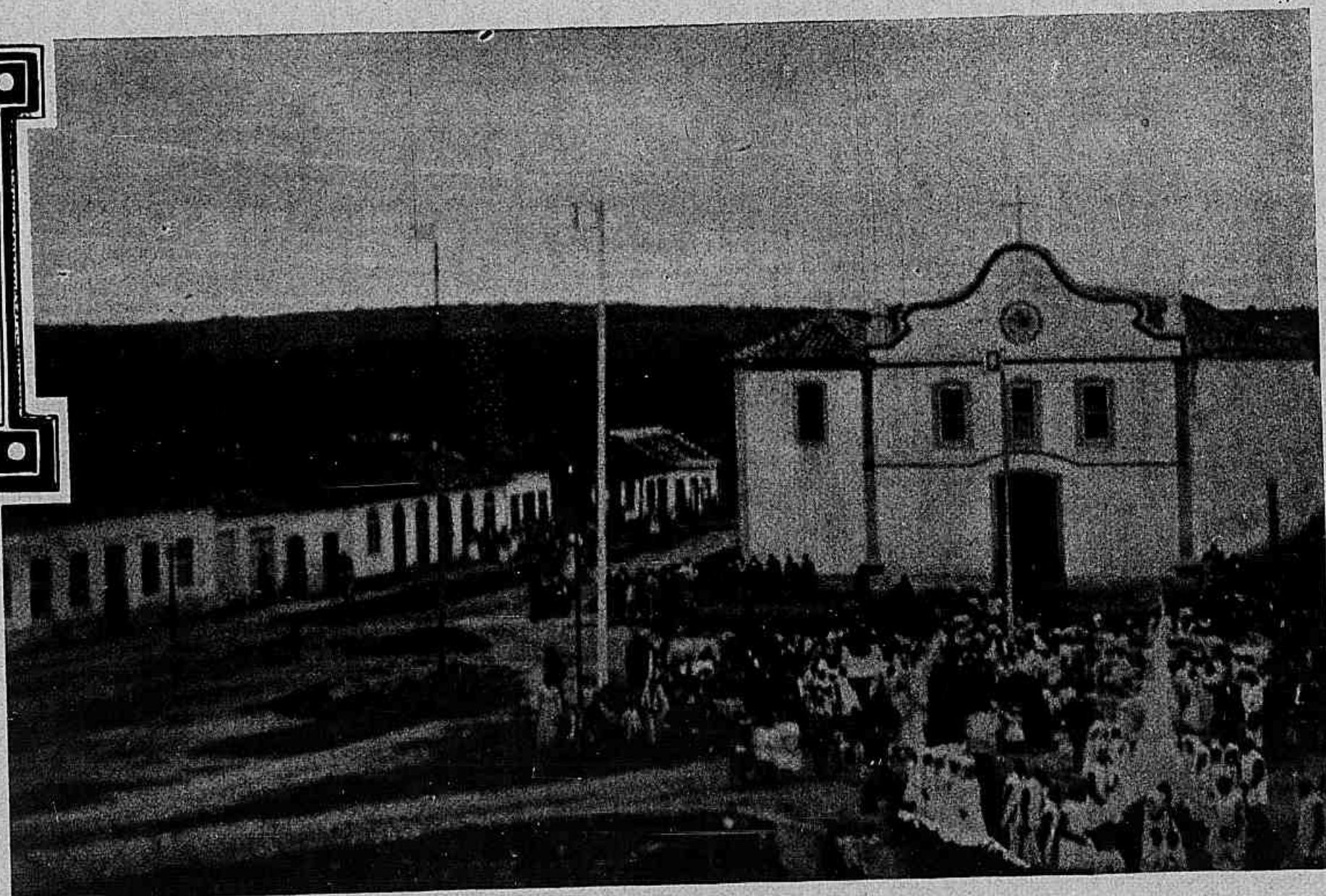
"De simples soldado e sem o menor privilégio ou recomendação que não fosse o seu mérito pessoal, suas virtudes militares e seu valor atestado em muitos combates, conseguiu elevar-se ao posto de tenente. Terminada a guerra entrou para o exército no posto de alferes, matriculando-se na Escola Militar onde obteve o curso com aprovações distintas. Foi mais tarde promovido a tenente e a capitão por estudos. Frequentou em 1876, a escola de tiro obtendo a espada de honra que só se concede aos laureados pelo conselho de instrução da mesma escola."

E a esse preâmbulo Tiburcio dá o seguinte desfecho:

*"Não tenho encontrado em 27 anos de serviços um soldado mais completo nem oficial mais nobre. Além da instrução variada que já possuiu ele estuda com o interesse de quem compreende*



Fac-simile da placa de bronze existente na igreja matriz da cidade da Lapa.



A igreja matriz da Lapa, no Paraná, em 1894.

a extensão de seus múltiplos deveres tudo quanto se prende à profissão das armas.

"Finalmente, completa Tiburcio, o capitão Gomes Carneiro é daquelas personalidades para as quais parece, foram inventados os qualificativos: Recomendável sob todos os pontos de vista, bravo, obediente com dignidade, inteligente e ilustrado, é um brilhante ornamento do exército!"

Engenheiro dos mais distintos e capazes, Gomes Carneiro percorre o Brasil Sul, mais tarde, fazendo prospecções mineralógicas em que os seus conhecimentos se evidenciam e seus talentos se aplaudem.

Inspetor nos serviços de engenharia em Mato Grosso, depois ajudante de ordens do Ministro da Guerra Tomás Coelho, cite-se um dos seus muitos serviços para que se tenha, dentro desse período, a medida dos seus méritos:

Foi o ideador do Colégio Militar, fundado a 6 de maio de 1889!

Ligado a D. Pedro II por uma firme dedicação pessoal, oriunda dessa gratidão dignificante que os homens de grande coração distingue dos demais, Gomes Carneiro esteve fóra das conspirações que precederam e provocaram a eclosão de 15 de Novembro.

Como Major e Tenente Coronel, foi chefe da comissão de linhas telegráficas de Mato Grosso; e até ao Araguaia levou a sua árdua tarefa, essa que daria brilho e quiçá a imortalidade aos seus dignos sucessores.

Foi dessa comissão que o arrancou Floriano para o posto de onde só o tiraria a defeza da Lapa.

Comandante do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro, teve ocasião de criticar o presidente Balmaceda do Chile, cujas tropas se renderam depois da batalha de Santiago, em agosto de 1891, e acentuára sempre que, caso algum dia se visse sitiado, como aquele, morreria, antes do que capitular.

Era dos que como Carnot achavam merecer pena capital todo o governador de praça de guerra que com viveres e munições se rendessem ao inimigo antes de haver brecha acessível e praticável no corpo das fortificações, ou antes de sustentar assalto por detrás da brecha, com entrincheiramento interior.

Não tendo contribuído embora, para a insurreição republicana, nem por isso esteve menos capáz de servir à Pátria sob os moldes livres do governo do povo, segundo o espírito da época.

O então Coronel Gomes Carneiro pertencia de corpo e alma ao movimento renovador que fazia dos homens, em virtude do quadro brasileiro em que as ações cívicas se desenrolavam, heróis, sob o título humilde de cidadãos.

E foi por conhecê-lo tal qual era; foi por conhecê-lo desde Yataí, Uruguiana, Tebiquari e Lomas Valentinas, que o Marechal Floriano Peixoto, o prototipo nacional do soldado, escolheu-o para resistir à invasão. Atravessou os Campos Gerais como um raio, em busca do campo da honra, à procura do lugar de onde o estavam chamando o seu dever e a sua glória.

Nem teria visto as belezas desses campos, desertos, mas tão belos que se os chamou de Paraíso Terrestre, e que Virgílio Moreira descreveu assim:

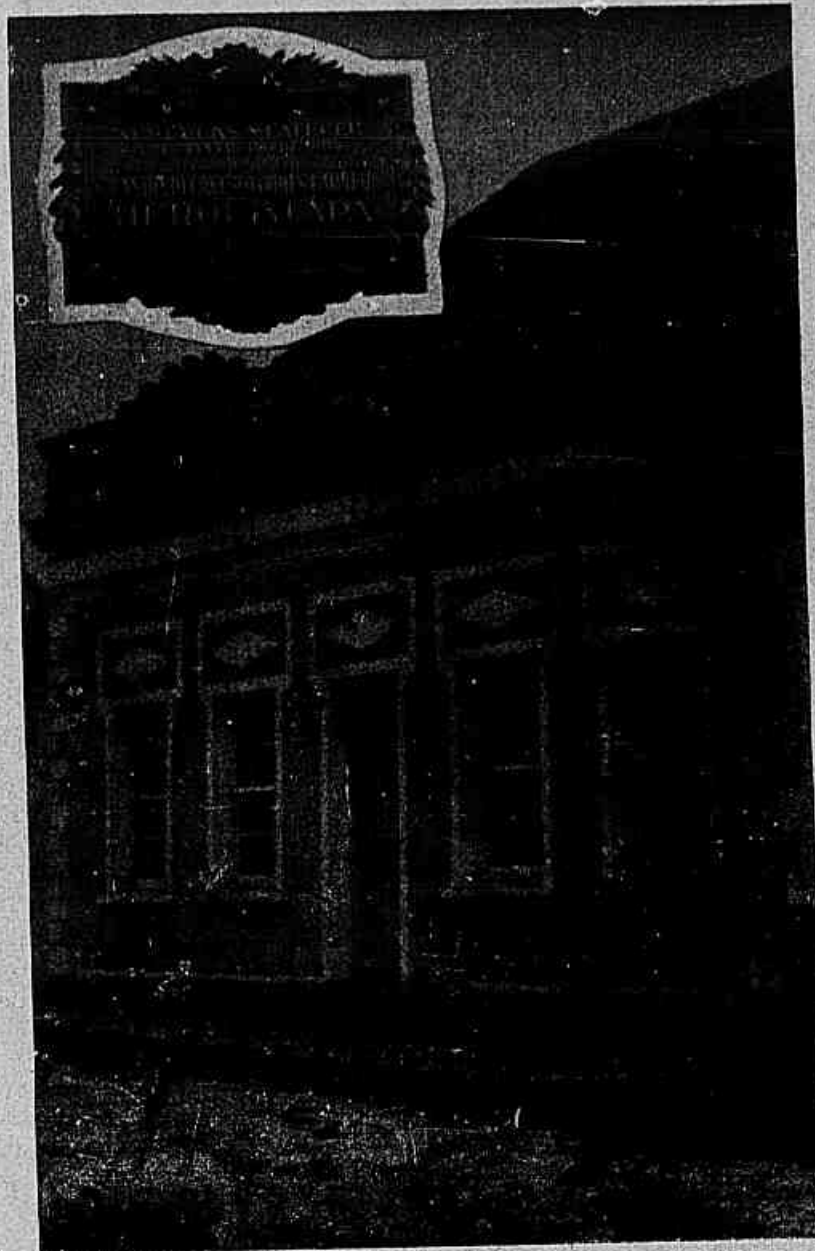
Tem o nobre viajero a frente suada:  
Olha, medita, o campo vai adiante...  
Caminha e a vista alonga na chapada:  
Só lhe aparece o campo verdejante...

Quando Carneiro chegou à Lapa, foi sua preocupação transformar os seus soldados em heróis como ele, transmitindo a cada um as suas profundas convicções republicanas, aplicando o seu princípio de psicologia militar:

"Um comandante não deve exigir dos seus subordinados sinão aquilo de que é capaz!"

A luta para fazer soldados de civis impenitentes que apenas tinham como condição essencial veneração e brayura, foi árdua, e tanto que da sua pena discreta deixou sair uma frase magoada de julgamento, ferindo ao colega que o precedera no comando da coluna:

"Condono-o, disse, por ter deixado que esta gente toda enfraquecesse pela desconfiança e pela inércia; gente boa que êle comandou sem capacidade e sem bravura."



A casa em que expirou o general Antonio Ernesto Gomes Carneiro, e ao alto a placa de bronze que a assinala como documento histórico.

A terapêutica de que havia de lançar mão, seriam as missões exteriores constantes, as batidas de vanguarda, o contacto diário com o inimigo, e as proclamações aos seus soldados e ao povo.

Numa delas, já depois de sitiado, Carneiro dirigia estas frases dignas do seu estoicismo, dignas de quem, desde a 20 anos achava que a maior glória na vida, seria morrer pelos ideais abraçados em boa hora:

"Resistamos, disse aos seus camaradas, porque nós militares não temos direitos, mas apenas deveres a cumprir. E os deveres do soldado se resumem num único: Queimar o último cartucho e depois morrer!"

Bem compreendia, como se pôde ver dessa frase, que não basta a uma força para que seja eficiente, a instrução, a disciplina, a temperança, nem mesmo a capacidade de adaptação dos soldados às privações mais duras e aos trabalhos mais intensos e constantes. Tudo isso no fundo e corpo na profissão das armas. O espírito, a almas das vitórias e das resistências que causam a admiração dos coevos e a exaltação dos posteriores, é a honra, porque o ofício das armas é como religião de permanente sacrifício à Pátria, segundo os ditames do dever.

Eis porque só podem caber louros nas frentes livres, imaculadas de mancha, limpas de dezares, puras de egoísmo avassalador e estigmatizante.

Não relatarei, senhores, o que foram os 26 dias de épica resistência, durante os quais menos de 800 homens das forças aqui encerradas resistiram às forças sitiadas avaliadas em 3.000 federalistas. Não relatarei também, o que foi o terrível combate de 7 de fevereiro, porque todos teem conhecimento dos resultados essenciais dessa vitória de Pyrrho, de que saem feridos Gomes Carneiro e Dulcídio Pereira, e onde morreram José Amintas da Costa Barros, Henrique José dos Santos e alferes Charlot.

Segura por um tenue fio, a vida de Gomes Carneiro, era desse fio tenue que pendia toda a resistência homérica da Lapa. Que elementos tinha?

Talvez cinco dias de comida escassa para a guarnição; pouco mais de 100.000 tiros de fuzil, menos de 200 balas de artilharia, êsse era o total do acervo de que dispunham os bravos encerrados na nova Thermopilas.

Juram, porém, os chefes imediatos, a pedido de Joaquim Lacerda, que a resistência não havia

de terminar sinão depois de gastos os últimos cartuchos ou então após a morte do coronel Gomes Carneiro.

Tal era a veneração que soubera inspirar o valente cabo de guerra, que todos despojavam espontaneamente os seus princípios, aceitando as suas diretrizes.

Faltando-lhe os elementos com que contára desde o início para uma eficiente ação contra os federalistas reacionários êle, já emfim cético quando à chegada de tais recursos, decidira morrer, fazendo da sua morte "o último ato de uma nobre vida".

Ferido no combate de 7 de fevereiro, sabe que seu ferimento é grave, mas ordena que espalhem a notícia de que logo voltará a atender as trincheiras.

Descrevamos esta sena de há 47 anos atrás: 9 de fevereiro! Dia claro e brilhante... Gomes Carneiro continuava passando mal.

A hemorragia não cessava. O mal estar se ia acentuando com uma crescente angústia.

Teve um deliquio na presença de Waldhausen, mas voltou a si, com a palidez da morte e o suor frio dos agonizantes.

Foi nesse momento que aquêlê alferes do 8.º de cavalaria jogou-se aos seus pés, murmurando entre soluços:

*Meu comandante! Meu comandante! Estamos perdidos!*

A força moral dava ao inclitô chefe uma resistência física apenas concebível. Carneiro ainda voltou à vida para afirmar ao seu médico assistente que estava salvo dessa crise:

*"Salvou-me desta, doutor, disse êle sorrindo, já não morro mais!..."*

Eram 6½ da tarde, pouco mais, talvez...

A fuzilaria não cessava lá fóra, e os canhões soturnamente troavam, respondendo ao bombardeio federalista.

Gomes Carneiro respirou fundo. Todos o olharam ansiosos. Deixou pender a cabeça pondo o olhar vidrado num ponto fixo que só êle via... e morreu.

Que vira?

A salvação da República?

A gloria?

Quem sabe em que pensam os heróis nessas horas de agonia?

Estava cumprida a sua missão.

Estava terminado com um exemplo sublime, o último ato de sua nobre vida.

Carneiro declarára que o pampeiro devastador, vindo do Sul, em movimento de ciclone, avassalando tudo, e visando o centro, não havia de passar, e êle não passou.

Impressionante a decepção dos vencedores a colher os seus troféus: Uns restos de forças, esfaimadas e maltrapilhas!

Gomes Carneiro morreu, dando com a sua enérgica resistência de 26 dias, à República periclitante, a vitória final. Podem orgulhar-se os lapianos por terem dado à República, o teatro magnífico dessa epopéia que foi a resistência ao cêrco, e pôde orgulhar-se a Lapa por ter dado filhos bravos que estiveram à altura da sua missão, honrando o seu torrão natal. O teatro e a gente mereceram de Gomes Carneiro um respeito e uma admiração que depois da sua morte, gota a gota, vão sendo devolvidas em preito à sua memória, como fonte inesgotável.

Enquanto houver espírito cívico, enquanto houver um peito em que vibre o amor à Pátria e o devotamento pelos interesses do Brasil, haverá uma flôr no túmulo do herói que enche dos seus feitos as páginas da história da República, e que trouxe a este torrão a glória, a tradição romântica e os louros da imortalidade.

A Lapa para render homenagem aos seus heróis, sempre que há motivo como nesta hora, vibra como se sentisse compensação de intensa ventura, fazendo irradiar a glória imorredoura de Gomes Carneiro, êsse tipo eminente da dignidade militar e do devotamento cívico, que hoje se comemora.

É por isso que compreendendo os filhos da Lapa, não os poderemos separar em conjunto, da figura do seu máximo herói.

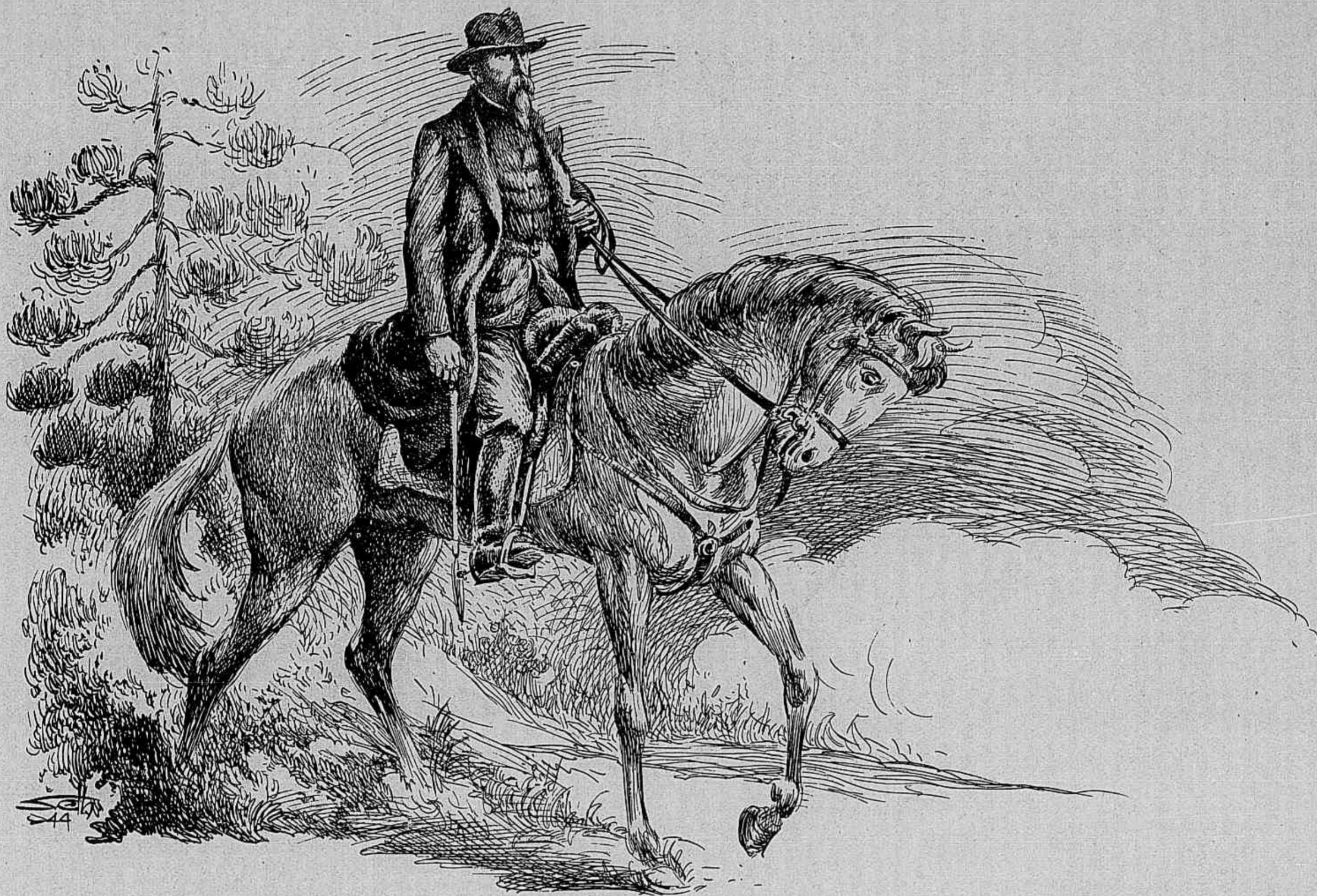


# GOMES CARNEIRO NA VISÃO DE EDUARDO DE SÁ

*EM um dos baixos relevos das faces do monumento à memória de Floriano Peixoto, erguido na praça [fronteira ao Teatro Municipal, no Rio de Janeiro, Eduardo de Sá, o pintor-escultor, soube representar com rara felicidade, a resistência heróica de Gomes Carneiro, na Lapa, em prol da República. Gomes de Castro, que dirigiu a ereção do monumento, assim escreve: "Os baixos relevos tronco-triangulares em mármore branco de Carrara — aí artisticamente emoldurados pelos biseis das facetas em almofadas e caneluras — são a justa glorificação das inesquecíveis personagens que dignamente concorreram para os serviços da defesa da República que o monumento recompensa.*

*O da face direita é o de Gomes Carneiro, o indomável herói do trágico cerco da Lapa, que aí figura de pé, em uniforme de campanha, erecto ao lado de um canhão há pouco disparado, que ele empolga com a mão esquerda, e tendo aos pés a simbólica palma do martírio. O seu porte traduz bem a sua decisão, a abnegação cívica pela causa que defendia".*





## **Lima Figueiredo**

# LAPA — "Tragédia florindo em epopéia"

**U**M bravo ao morrer afirmou: — "Pena não poder novamente viver, para dar mais uma vez minha vida à Pátria".

Gomes Carneiro sabia que tinha uma vida só, que na Capital da República vivia sua esposa adorada, que um filho sem pernas muito esperava d'ele, mas preferiu morrer vivendo eternamente nos corações dos patriotas, a viver com quebra duma cousa que para ele era sagrada — a honra militar.

Ainda não foi bem aproveitada como exemplo a vida do heróico defensor da Lapa. Devia ser ela contada com minúcia, nas escolas, colégios e ginásios, para que crianças e jovens se nutrissem dessas lições de heroísmo, condensando em seus caracteres energias morais que muito lhes ajudariam nos transees difíceis da existência.

Das obras que se escreveram focalizando o feito glorioso, duas chegaram a interessar o público, sem que o poder oficial por elas fizesse qualquer cousa: "Gomes Carneiro — o General da República", de Pedro Calmon e o "Cercos da Lapa e seus heróis", de David Carneiro. Foi só. No teatro, não me consta que o assunto tivesse sido explorado. No cinema, ainda está cêdo para se ver na tela o desenrolar da vida do destemido soldado que, esmagando entre os dedos um pedaço do seu próprio pulmão, mandava informar aos seus companheiros que seu ferimento fôra leve. É bom e oportuno lembrar que, entre as vidas dos brasileiros eméritos a que mais se presta para um celulóide empolgante, capacitando os assistentes da beleza

de morrer pelo dever cumprido, é a do General Antonio Ernesto Gomes Carneiro.

Cincoenta anos depois de morto, o Brasil festivamente memora com alegria a felicidade de ter tido entre os seus filhos um que simboliza a bravura consciente do seu povo.

Gomes Carneiro foi o chefe na mais alta expressão da palavra. Soube querer e transmitiu aos seus comandados o estoicismo que o dominava, a ponto da resistência que ele incentivara continuar por mais três dias após sua morte, quando já de todo faltava munição, alimento e quase mesmo gente válida para pelear.

Experimentado na guerra do Paraguai onde lutara a valer, gaigando os postos da hierarquia em cada ferimento recebido, pôde subir de soldado voluntário a alferes, depois de assistir aos sangrentos encontros em plagas sulinas, na travessia do Paraná e em pleno coração da pátria de Solano Lopez. Três vezes ferido, em Estero Bellaco, Pequiciri e Peribebuí, sabia como comportar-se para ter ao seu lado o feliz êxito, pondo em ação os segredos da vitória, só dos bravos e dos fortes conhecidos.

Culto e profissionalmente bem formado, pois, após o findar da guerra, habilitara-se nos cursos normais a que se submetera, tinha o cabedal suficiente para esquivar-se do inimigo e só combater em condições vantajosas. Mas havia um imperativo que o obrigava a aceitar a luta, mesmo em condições desfavoráveis — a missão recebida.

Dissera ao seu Chefe que os revolucionários não passariam da Lapa, local para onde fôra mandado por Floriano na ocasião aflitiva em que êste procurava o "the right man".

Num momento em que bravos experimentados falharam, dando margem a que a revolução tomasse vulto e se espalhasse por todo o sul do Brasil indo até a hoje famosa linha do Itararé, o coronel Gomes Carneiro foi o fator decisivo da vitória da legalidade. Com a sua atitude desassombrada, lutando até à morte, lenindo sofrimentos morais com sofrimentos físicos, deu ao Marechal de Ferro o mês de que êle precisava para esmagar os que se haviam posto fóra da lei e até aceitado a colaboração do braço assalariado de estrangeiros.

A intranquilidade do país era pasmosa. O incêndio da confusão lavrava crepitantemente. Parecia que a República nascida como um despontar de rosas, ia fenecer como uma boneca despertada por crianças travessas.

Os políticos, bem visto, os máus políticos, que haviam jogado Floriano contra Deodoro, eram os mesmos fomentadores da revolta da Armada e da desabrida agressão dos federalistas gauchos. O alagoano não se deixou engaspar. Venceu, valendo-se apenas das virtudes militares que é uma fôrça incalculável e contra a qual nada adiantam as patranhas dos politicoides.

Quando Floriano mandou Gomes Carneiro para a Lapa, talvez já tivesse a certeza de que não poder-lhe-ia dar reforço algum, tanto assim que o despachou acompanhado tão somente de dois oficiais, para assumir o comando duma tropa já desmoralizada por recuos sistemáticos. Na cabeça do Presidente devia haver um sentimento diretor da sua conduta futura — a necessidade de ganhar tempo. E isso guardava consigo, como seu trunfo para a jogada decisiva.

Partiu Carneiro numa atropelada louca, vingando em seis dias setenta e nove léguas a cavalo.

Muitas vezes na carreira militar, sucede os melhores chefes serem escolhidos para as missões de sacrifício. Gomes Carneiro foi um dêles. Com êle na Lapa, apesar da defecção do general Pego Junior em Curitiba, Floriano teve o mês de que necessitava: os navios encomendados chegaram e a fôrça de reação foi concentrada na fronteira paulista.

A vitória obtida, trabalho coletivo de todos, teve no general promovido *post-mortem* o seu mais eficiente obreiro.

A resistência obstinada dos bravos da Lapa desmerece o brilho final dos sitiados que, ao envês de gozarem a vitória, lamuriavam-se de não terem podido vencer em curto prazo aquela gente esquelada, mais fantasmas do que viventes, pelas provações passadas em dias continuados. Muitos das hostes vitoriosas invejavam a tenacidade e a bravura dos vencidos. E um dêles, tenente Chiquet, enviado como parlamentar pelos revoltosos, depois de sentir a puríssima fibra moral do comandante Carneiro, obtemperou que regressaria às suas hostes para dizer quão forte era o espírito de resistência daquele homem e, se possível, voltar para combater ao lado dêle. Gomes Carneiro, desde o início, meteu na cabeça de sua

gente que dum momento para outro seriam reforçados por tropa de fato. Reduzido a setecentos e cinquenta homens, entre civis e soldados soube a todos dar a mesma convicção de que a LAPA NÃO SERIA TOMADA! Deambula insistentemente, falando a um, falando a outro. E, quando um sinal qualquer despontava no horizonte, como uma criança afirmava: lá vem o batalhão Frei Caneca!

Finalmente, teve que contar com suas próprias fôrças. Foi cercado. Preparou tudo para resistir até à morte, em posições organizadas convenientemente, com os recursos de que dispunha.

O cêrco apertava dia a dia. O chefe doutrinava — fazer valer a munição, vender caro o terreno. De dia lutavam como leões, de noite transportavam os feridos e enterravam piedosamente os mortos. Quando a pressão era muito forte, os sitiados tomavam a ofensiva e faziam do lado oposto um estrago notável. Quotidianamente o espaço a defender diminuía. Só andando como répteis alguém poderia livrar-se das balas que partiam das posições com comandamento sôbre às ruas e praças da cidade. A alimentação escasseava; a criação dos quintais e os parques depósitos dos armazens eram cuidadosa e economicamente distribuídos.

O estribilho do chefe era sempre o mesmo: — "Vamos lutar. Talvez amanhã cheguem os reforços que Floriano me prometeu". E, para êle, Floriano não mentia.

Resolveu mandar um emissário para guiar o socorro e por êle ficaria esperando oito dias. Uma semana e nada de reforço.

A munição estava a findar. E o coronel, mandando guardar uma única bala para libertar cada qual da humilhação de cair prisioneiro, aconselhava o combate a arma branca. A situação poderia mudar nêsse momento, era mistêr ir até ao fim contando com a chegada do refôrço.

Expondo-se destemerosamente, acabou sendo atingido por um balazio. Morreu. Mas nos ouvidos dos seus soldados continuava a ordem: "lutar até a última, à arma branca".

Três dias o chefe esteve em espírito comandando. E ninguém entrou na Lapa. Depois, os sitiados conseguiram um acôrdo e pisaram a terra da cidade heróica, entoando um hino de glórias ao valor dos seus defensores.

Lá na Lapa paira o espírito do impávido Chefe que vive na lembrança de todos os soldados que, por êle, oram todas as noites:

— Meu Deus, dai-nos coragem moral por que possamos repetir onde quer que seja o feito incomparável de Gomes Carneiro.

Da tragédia horrível de uma luta fratricida surgiu esta bonina esplendida que é a glória de festejar o fim dos dias de um herói, que é a felicidade de, com alegria, rememorar as lágrimas outrôra choradas...

Se alguma tropa tiver que sair da glêba das araucárias, tenha ela por símbolo o pinheiro altivo que se não enverga e por nome DIVISÃO GOMES CARNEIRO. Batisada dêste nome já muito dela poderão esperar os brasileiros.



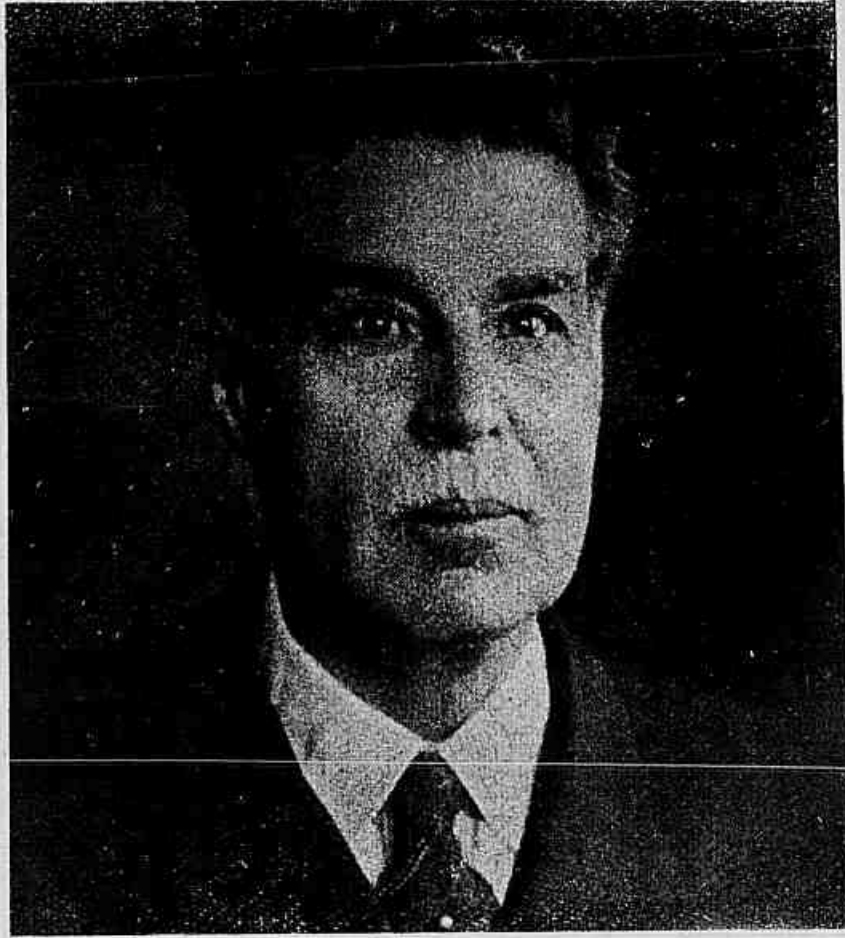


**GENERAL ANTONIO ERNESTO GOMES CARNEIRO**

Gouache de **ARMANDO PACHECO**  
especial para "Ilustração Brasileira"

# A Morte de Gomes Carneiro

Dr. João Cândido Ferreira  
(Capitão Honorário do Exército)



Dr. João Cândido Ferreira que assistiu os últimos momentos de Gomes Carneiro.

Uma testemunha ocular dos últimos instantes de vida do General Gomes Carneiro, o herói do Cêrco da Lapa, dá-nos aqui, em breves linhas a viva impressão do que foi a morte daquele valente soldado da República.

Trata-se do Dr. João Cândido Ferreira, capitão honorário do Exército Nacional, e a cujos cuidados médicos Gomes Carneiro recorreu ao ser vítima do ferimento que lhe roubou a vida.

É uma narrativa simples, mas profundamente impressionante, através da qual ressaltamos o alto valor militar de Gomes Carneiro, a sua inquebrantável decisão de resistir a todo e qualquer preço, e que nos mostra ainda o quanto o grande lidador era querido pelos seus companheiros de luta.

## 7 de Fevereiro de 1894

Às seis horas da manhã o troar de um canhão federalista anunciava o reinício da refrega.

Os sitiados prometiam, nesse dia, tomar de assalto a praça, tripudiando sobre os sitiados.

Apesar de protegidos pelas trincheiras, nossas perdas não eram diminutas. Cerca das 9 horas, na porta do prédio onde fôra instalado o Hospital de Sangue, sob minha direção, eu esperava que arrefecesse o tiroteio para atravessar a praça e entrar na casa de Pedro Fortunato, onde me havia instalado, desde que invadiram e saquearam minha residência.

Com grande emoção ví o Coronel Carneiro dirigir-se para essa casa, ladeado por Lacerda e Líbero Guimarães. Avaliei, precisamente, toda a extensão do infortúnio, nessa hora de infernal fusilaria.

O caso, de tamanho tomo, foi rápido...

Quando Carneiro assomava à esquina da Rua da Boa Vista estimulando o reforço destinado a substituir, na trincheira ali levantada, as guarnições já dizimadas, eis que uma bala de pontaria lhe atravessa o estômago e o fígado. Comprimindo a ferida com a mão espalmada, sem uma imprecação ou gemido sequer, pediu ou aconselharam-no que fosse para a casa em que, então, eu estava residindo.

Ao aproximar-me disse: — “Doutor, venha examinar-me; a bala não penetrou, contundiu-me apenas. Qualquer que seja, porém, a gravidade do ferimento, o Dr. dirá a todos que é leve e que muito breve estarei ao lado dos meus companheiros”. “A resistência continuará brilhante, tenho confiança em meus companheiros de armas. O Coronel Lacerda é um herói e não abandonará os combatentes”.

O ferimento do General da República assemelha-se ao de Sady Carnot, vítima do punhal de Casero.

Cessando o tiroteio, o mais violento de todo o cêrco, Serra Marins veio vêr Carneiro para receber suas ordens.

— “A ordem é uma só: Resistência, resistência a todo transe”.

Preocupado com o estado dos feridos e com a defesa das trincheiras, recomendava que fossem raras e rápidas as visitas, para não abandonarem seus postos.

“Não tardará que chegue o reforço enviado por Floriano”, era a sua **delenda Cartago**.

Um valente e dedicado oficial pediu para falar-lhe e, precipitando-se diante do leito, ajoelhou-se, e beijando a mão do ferido, exclamou entre soluços: — “Meu comandante está ferido!”...

Carneiro afagou-o, de leve, e disse-lhe: “Vá para o seu posto e continuem a resistir”.

## 9 de Fevereiro de 1894, 16 horas

CARNEIRO não cessava de agradecer o carinhoso tratamento por parte dos hospedeiros.

A gravidade do caso era evidente. A fraqueza ia vencendo aquêlo organismo de aço.

Ao voltar-se no leito, teve uma síncope e recuperando os sentidos disse à minha senhora que se aproximava, trazendo uma xícara de chá: — “Seu marido me livrou desta; agora não morro”..

Decorridos alguns minutos, pousou sua mão sobre a minha e, tranquilamente, exalou o último suspiro.

# GOMES CARNEIRO ATRAVÉS DOS SEUS ÚLTIMOS ANOS

Major FRANCISCO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE

A meio caminho do Rio Negro e Curitiba, numa várzea onde a vegetação baixa é ornada de pinheiros isolados, prenunciando que mais para o interior surgirão em florestas espessas e que fazem a riqueza daquele sólo, estende-se uma pequena cidade afastada da linha férrea. Assim vista, mais parece um povoado que os olhos abrangem de extremo a extremo. É Lapa.

Descortinada ao longe e ao bater do sol pinta-se de branco. É por certo na sua tranquilidade de hoje um contraste com aqueles dias dramáticos de cinquenta anos atrás, cenário de uma epopéia, túmulo de um herói. Por isso, ao vê-la pela primeira e única vez, fixou-se-me a ideia de serem inseparáveis a lendária cidade e a memória de um bravo. Amoldaram-se à minha lembrança Lapa e Gomes Carneiro.

Não supunha então que muitos anos passados, visse o destino às vezes feliz, outras tantas inexorável, mas sobretudo incorrigivelmente caprichoso, agraciá-lo com dádivas de emoção forte ao folhear documentos para reproduzir os últimos tempos da vida do grande soldado, quando se vai comemorar o meio século daqueles acontecimentos trágicos, dolorosamente trágicos, porém definitivos para a consolidação da República. Sem a resistência da Lapa, talvez a avalanche vinda do sul não mais fosse contida. Gumercindo Saraiva, por terra, daria as mãos à Saldanha da Gama no mar, e Floriano, possivelmente, não teria meios para debelar a Revolta.

Foi esse o inestimável serviço prestado por Gomes Carneiro ao Brasil. A Pátria exigiu dele um grande sacrifício, contudo conferiu-lhe uma justa e honrosa recompensa — a admiração e o respeito para a eternidade.

Antes de seguir para o Paraná, Antonio Ernesto Gomes Carneiro, tenente coronel de engenheiros, foi comandante do Corpo de Bombeiros. Aí vim encontrar subsídio para um estudo da sua forte personalidade, do seu caráter firme e da sua fibra de soldado, qualidades que valeram por sua bravura. Pude concluir ter sido dono de um temperamento resolutivo que não fazia do amanhã um dia de expectativa.

Designado pelo Marechal Floriano em 8 de janeiro de 1892 para o novo cargo, não adiou a posse, e nesse mesmo dia baixou a sua primeira ordem:

“Tendo sido nomeado por decreto de hoje para comandar este Corpo, assumo o comando e sinto a mais viva satisfação, achando-me à frente de tão intrépidos, disciplinados e corretos oficiais e praças. Espero que durante o meu comando o benemérito Corpo de Bombeiros não desça uma linha sequer do elevado conceito que tão justamente gosa e consigna cada vez mais a estima de todos e ao mesmo tempo ver satisfeitas suas aspirações para o que desde já pôde contar com os meus mais dedicados esforços.”

Investido da responsabilidade de chefe de uma corporação que velava pela segurança da cidade, assume-a imediatamente e o fez com propósitos que definem o seu apêgo às rígidas normas da disciplina. Tinha a consciência do dever para com os superiores, e tinha igualmente a virtude de nunca se escravizar à comodidade da subserviência. Um exemplo dessa altivez, deu, atenciosamente, respondendo à Serzedello Corrêa, Ministro da Agricultura a quem estava então subordinado. Assim se expressou o Ministro:

“Em aviso de 25 de julho, comunicou-me o Ministro dos Negócios da Marinha constar da parte dada pelo Vice Inspetor do Arsenal de Marinha que todo o pessoal desse Corpo dirigido por um alferes prestara valiosos auxílios para a extinção do incêndio manifestado à bordo do vapor italiano “Cittá di Roma”. O que vos de-

claro para vosso conhecimento e devidos fins.” Um menos avisado não teria percebido a verdadeira intenção, o subtil sentido do chefe, mesmo porque não há sequer uma advertência explícita. Mas Gomes Carneiro viu nas entrelinhas a censura. Aquele todo o pessoal do Corpo dirigido por um alferes, era um desprimôr, ferindo-o até no princípio de autoridade que sempre teve por intangível. Não se conteve e respondeu mais claro, rebatendo a insinuação sem quebra do respeito, o que nem sempre é facil de conjugar: “Ciente do que me comunicastes, em vosso Aviso n. 40, de 9 do corrente, devo declarar que todo o pessoal deste Corpo nunca poderia ser dirigido por um alferes. O pessoal que trabalhou na extinção do incêndio a bordo do vapor “Cittá di Roma”, não auxiliando simplesmente, mas fazendo todo o trabalho de extinção, pertencia à Estação Marítima e trabalhou sob as ordens do respectivo comandante. Depois trabalharam sucessivamente três turmas sob a direção de outros oficiais, e eu pessoalmente inspecionei esse serviço. Julgo um dever dar essas explicações para que nunca se possa supôr que todo o pessoal do Corpo de Bombeiros tenha, em qualquer circunstância trabalhado sob a direção de um alferes”.

Gomes Carneiro possuía senso e propriedade em argumentar. Um pedido de certa senhora dirigido à autoridade superior pleiteando baixa do serviço para um filho que ingressara no Corpo com falso nome, mereceu da sua parte esta informação:

“Não me parece de justiça, nem conveniente a concessão. No próprio fato de haver trocado o nome (troca que depois se desfez), reconhece-se que o menor prefere servir ao Corpo a continuar sob o domínio materno que aliás não se tem manifestado benéfico, porquanto nem sequer soube reter esse filho agora tão desejado.”

No julgamento profundo há uma síntese de ordem sentimental que não escapa e evidencia o grande amor de Gomes Carneiro aos filhos. Capaz de tudo para tê-los junto a si, não seria fácil que deles se viesse apartar. Por esse motivo não aceitava sem um reparo a circunstância daquela mulher haver um dia se desprendido de um ente querido, quando para possuí-lo sempre, deveria até glorificar-se pelo sacrifício. Esta sua sensibilidade, para mim, originou-se no meio religioso em que se educou. Aluno aos 10 anos do Seminário de Diamantina veio mais tarde para o Rio de Janeiro com destino à Escola Militar, mas, contrariado nas pretensões matriculou-se no Mosteiro dos Beneditinos, só o deixando para alistar-se como voluntário em defesa da Pátria na guerra com o Paraguai. Pela educação tinha que ser forçosamente um místico e em consequência um devotado à família.

Já me referi como prezava Gomes Carneiro o princípio de autoridade. Detenho-me ainda nesse ponto examinando a “ordem do dia” n. 121, de 7 de maio de 1892. Pela primeira vez iria punir um oficial. Não desejava, nesta emergência, que a própria pessoa julgasse. A ela sobrepoz o valor da função, dando a entender o seu constrangimento mandando que assim a redigissem:

“O Snr. Comandante sente profundo pesar por ter de infringir castigo a um dos oficiais deste Corpo, aos quais até hoje só tem dirigido palavras de louvor, e o pesar é ainda maior pelas circunstâncias e gravidade do fato que motiva o castigo. O Snr. Capitão F. F. esquecido a um tempo do seu dever perante a disciplina, suas obrigações e boa camaradagem para com os companheiros, os outros oficiais, e do sentimento de delicadeza e boas maneiras, etc...”

Esse tópico é admirável pelo sentido psicológico, a verdade porém é que o intento não fóra

compreendido a daí por diante, ao reprimir atos anti-regulamentares, Gomes Carneiro sempre agiu mais pela pessoa.

Não era um intempestivo, nem se deixava dominar pela irreflexão. Indulgente, advertia para corrigir e só ultrapassava os limites da complacência, quando esgotados pacientemente os meios brandos e suassórios. Esse detalhe pôde verificar-se de outro documento onde afirma:

“Depois de tantas observações verbais, vejo-me obrigado a lançá-las em ordem do dia, porque a concordância deve cessar diante do interesse público”.

Referia-se a fatos que o contrariavam prejudicando a regularidade do serviço.

Quando notava um excesso, reprimia-o e punha de parte toda a tolerância, não admitindo hipóteses ou evasivas. Em determinada ocasião, chegando ao seu conhecimento que dois oficiais em comandos isolados haviam detido subordinados, sem poder para tanto, exigiu informações Julgou-as inaceitáveis. E à tarde o boletim interno publicou este reparo:

As explicações dadas pelos snrs. capitão F. e alferes X, não justificam, de modo algum, o abuso que praticaram, impedindo duas praças na Estação de Vila Isabel, quando a única pessoa competente para aplicar castigos é o comandante. O snr. capitão declara que havia ordem antiga para os encarregados de serviço aplicarem aquele castigo, mas si esta ordem realmente existe, não está escrita nem é minha, ficando portanto revogada desde que assumi o comando”.

Com tal temperamento não permitia deslizes, erros, mesmo por parte daqueles que lhe eram afeiçoados e amigos. Tendo chamado para colaborar na sua administração um oficial honorário, não relutou mais tarde em solicitar ao Ministro da Justiça a dispensa do seu auxiliar porque:

“de fôrma alguma correspondêra à sua expectativa, dando ao contrário provas de incapacidade e desídia no cumprimento dos deveres.”

Notável pela sabedoria em coibir desmandos, não o era menos na distinção dispensada aos que serviam sob suas ordens. Nos momentos felizes queria que os comandados partilhassem do seu prazer. Ao atingir o posto de coronel, no exercício de suas funções, fugindo à norma que se resume na inexpressiva transcrição do decreto, adotou outra mais elegante, mais significativa. Foi a que deparei na ordem do dia n. 95, de 11 de abril de 1892:

“Tenho viva satisfação em declarar ao Corpo que por decreto de 7 do corrente fui promovido por merecimento no quadro extraordinário”.

A conduta do valente soldado realçava, sem dúvida, um apreço aos seus auxiliares, dos quais além do mais se orgulhava imensamente. Para analtecê-los prodigalizava conceitos até em demasia. Três meses após a sua ascensão ao cargo, verificou-se no Rio um movimento subversivo, aparentemente com o caráter de greve. Dominado, elogiou-os nestes termos.

“Graças a energia e patriotismo do Governo, dos bons cidadãos e da força armada, cessou felizmente o estado anormal nesta Capital, em consequência das tentativas anarquicas dos inimigos da República moralizadora e forte.

Reconheci durante esses dias que tão preparado está o distinto Corpo para extinção de incêndios em que tem rivalizado e por várias vezes excedido aos melhores do mundo, como para prestar os mais assinalados serviços, sustentando a honra e a estabilidade da República e do seu patriótico governo. Mais uma vez pois, orgulhoso e contente, louvo o benemérito Corpo de Bombeiros.”

Para Gomes Carneiro, os seus subordinados já superavam os melhores do mundo. E bem um arroubo de expressão, mas nobre pela sinceridade. Enaltecendo-os de maneira tão formal, tinha ainda ensejo para expandir-se na sua inquebrantável e grande fé republicana e nessa crença está toda a razão da sua heróica resistência na Lapa. Não que lhe faltassem destemor, despreendimento e coragem, mas a bravura consciente só existe quando nos deixamos dominar por uma certeza e um ideal.

O seu entusiasmo pelo 15 de Novembro era efusivo, não perdendo oportunidade em extravasá-lo, serpeando com o pensamento, ferindo, causticando. Em insignificantes distúrbios via tentativas anárquicas dos inimigos da República e no seu modo de sentir, a honra, a grandeza e a prosperidade da Pátria dependiam da forma de governo instituída em 1889. É uma prova a sua ordem do dia de 15 de Novembro de 1892: "Comemora hoje a República o seu terceiro aniversário. Se as grandes datas nacionais têm sido sempre solenizadas com entusiasmo por todos os povos, nós, principalmente nas difíceis circunstâncias do país, precisamos e devemos, por todos os modos, glorificar o grande dia em que se fundou o regime atual, identificando-nos cada vez mais com a República, convencidos, como não podem deixar de estar todos os patriotas, de que fóra dela não há salvação possível para a honra, nem para a prosperidade, nem, quiçá, para integridade da nossa idolatrada Pátria. Saudemos pois camaradas, dispostos sempre e decididos a honrar e defender a República, sem contar o número e os recursos dos seus inimigos".

Convenhamos como razoável era o intrépido soldado no seu extraordinário vigor, referindo-se ao regime. Nós de uma geração já republicana, que consideramos a restauração da monarquia uma ideia ilógica pelo absurdo, devemos entender Gomes Carneiro no momento e no tempo em que viveu. Os homens vinham de um regime

deposto. Uns por desconfiança nos novos dirigentes, muitos por lealdade a Pedro II, e ainda outros por pertencerem a aristocracia que na queda do Império se destruíra, mostravam-se céticos, indiferentes e até hostis.

E a verdade é que os ventos do temporal que se formava ao longe faziam cair as primeiras folhas. Dentro em pouco nuvens pesadas cobririam céus do Brasil, para que irmãos nascidos no mesmo berço se degladiassem na escuridão, na noite da mais tenebrosa e violenta guerra interna. Sob a impressão do mal que não se vê, mas se adivinha, presagiava Gomes Carneiro dias calamitosos, mostrando-se disposto e exortando os comandados a defenderem a República, "sem contar o número e os recursos dos seus inimigos". Tenho a convicção de que ANTONIO ERNESTO GOMES CARNEIRO deixou o comando do Corpo de Bombeiros inesperadamente, com ordens do Governo para assumir a direção da Lapa. Na véspera nada o fazia prever, e tudo fóra o comum. O expediente em que pediu ao Ministro da Justiça a dispensa de um oficial por não se mostrar cumpridor dos deveres, a que já fiz referência, está datado de 27 de outubro de 1893 e no dia imediato mandava publicar a sua despedida:

"Por decreto de ontem, foi-me concedida a exoneração que pedi do Comando do Corpo, onde servi desde 8 de janeiro do ano passado, procurando cumprir o meu dever, suprimindo com esforço e dedicação o que me faltava em qualidades necessárias para o desempenho de tão honrosa comissão. Diz-me a consciência que não fiz tudo o que desejava em favor do Corpo de Bombeiros, e muito menos tudo o que ele merece, fiz, não bastante, tudo o que me foi possível e nunca me poupei para exaltá-lo e melhorar suas condições. Outros farão, sem dúvida, muito, mas ninguém com maior dedicação, nem terá mais contentamento vendo aumentar o nome e o bem estar do benemérito Corpo. Despeço-me agora dos bravos que comandeie até hoje, agra-

decendo a todos o auxílio que me prestaram, o devotamento, a lealdade com que cumpriram as minhas ordens, os seus deveres e ofereço-lhes os meus fraços serviços em todo o tempo e em qualquer parte."

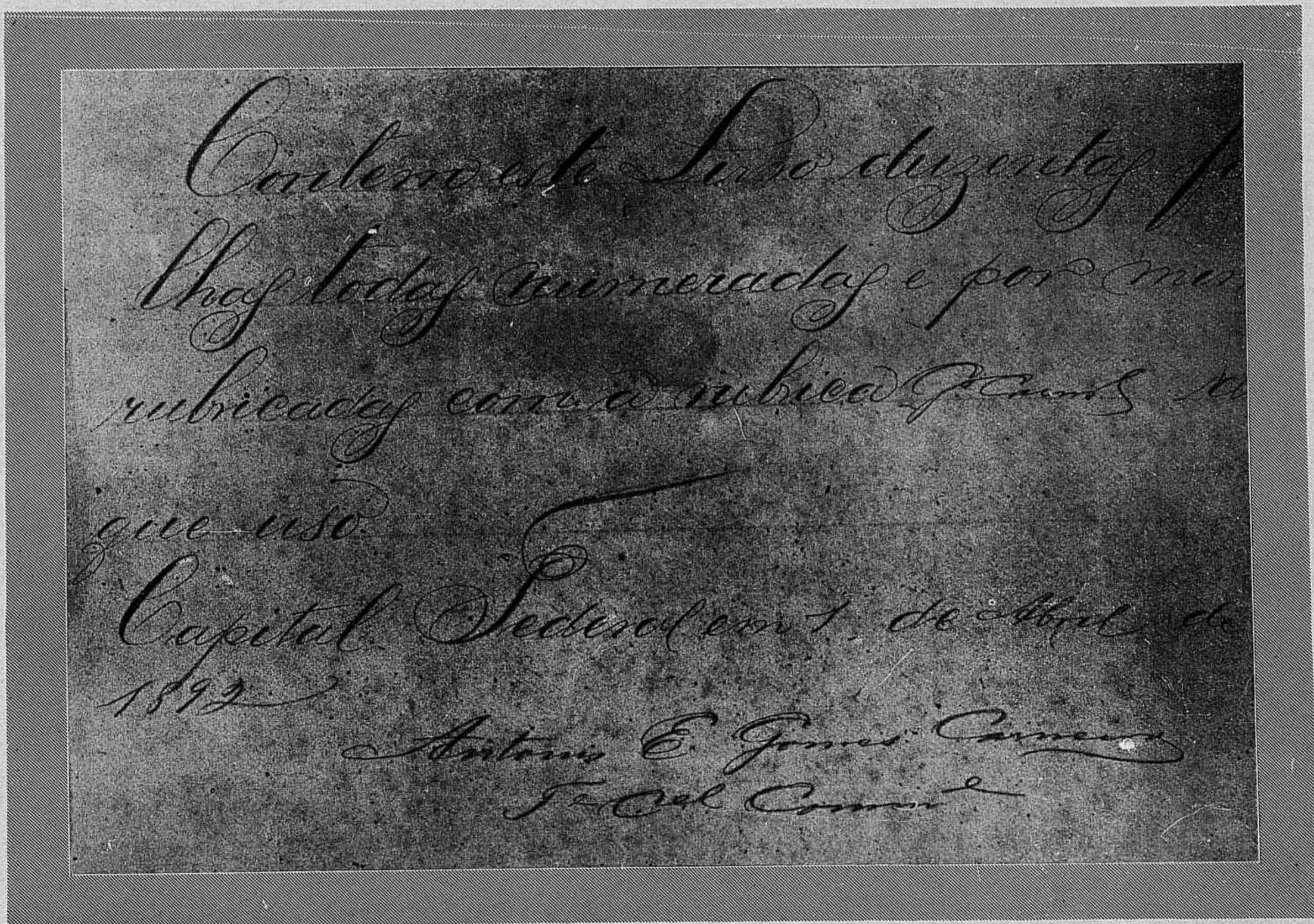
Trocando voluntariamente o cargo de comandante do Corpo de Bombeiros pela chefia das forças legais da Lapa, deu ainda Gomes Carneiro uma prova do seu amor à República, impulsionado pelo sentimento de um dever a cumprir, e para a defesa de um princípio que sempre pregara — a integridade do regime. Presentiu o valente soldado que a sorte das armas se decidiria em campos paranaenses. A coluna vinda do sul para dar alento a Saldanha da Gama seria detida, e Floriano livre na ação dominaria afinal o levante, único obstáculo que ainda restava no panorama político para o fortalecimento das convicções republicanas no Brasil.

Neste ensaio procuro divulgar passagens da vida funcional que muito de perto antecederam o fim dramático de Gomes Carneiro, um dos mais valerosos militares patrióticos, privilegiado por particular circunstância — a de haver conquistado a primeira e a última das promoções, por bravura. A alféres na guerra contra Solano Lopes e a general na véspera de morrer.

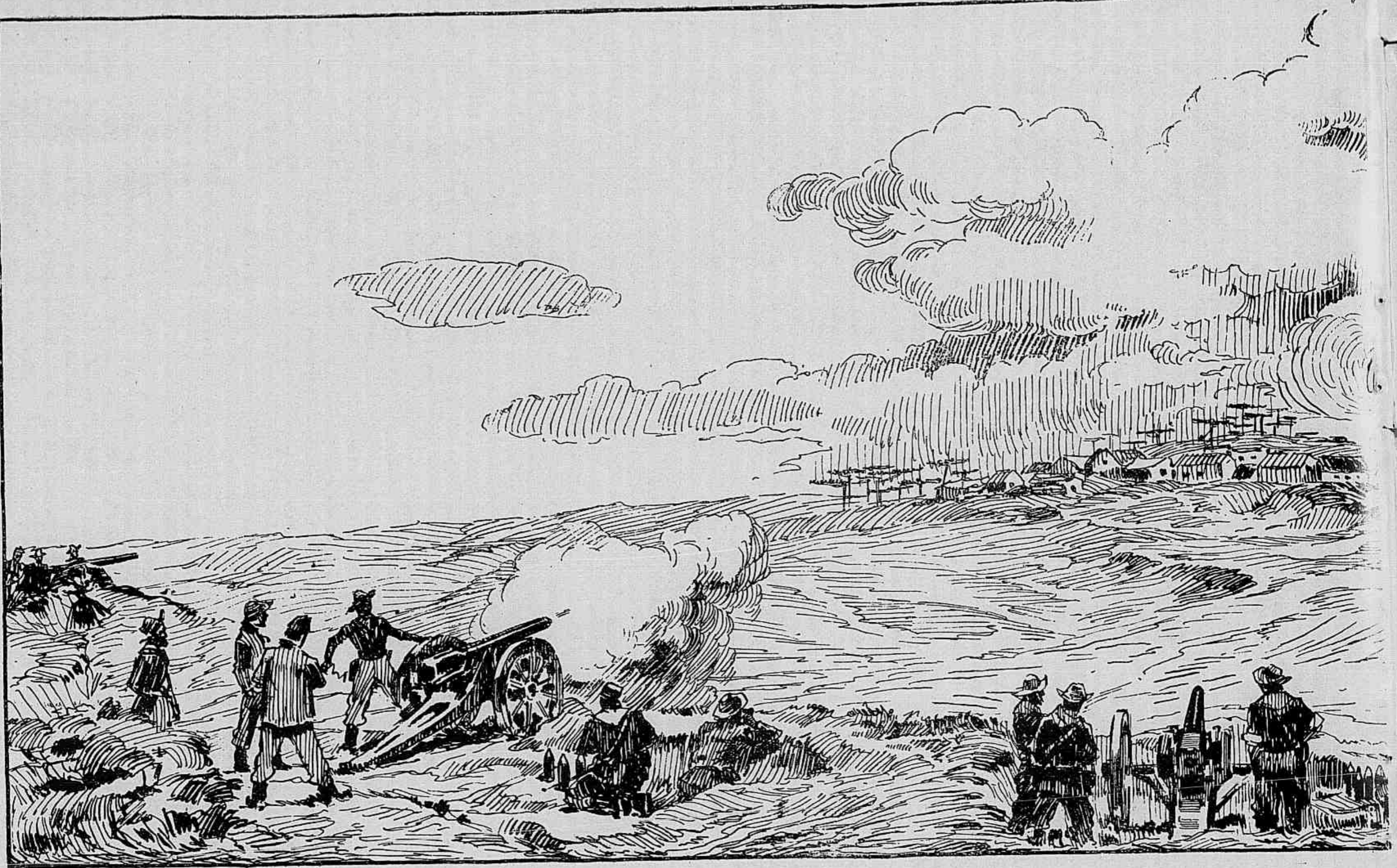
A facilidade com que atribuímos heroísmo e bravura de ações que embora recomendáveis não passam de um dever bem cumprido, é hábito muito nosso. Entretanto o conceito recebe com muita justiça à Gomes Carneiro, porque herói e bravo o foi em verdade, tão herói e tão bravo que na sua "última ordem" um complemento daquela de 15 de Novembro de 1892, exortando à defesa da República "sem contar o número e os recursos dos seus inimigos", ao sentir na agonia a aproximação do inevitável, e para que os seus comandados continuassem o combate sem desânimo, determinou:

"Não lhes digam que morro... é preciso lutar até o fim".

Lapa resistiu. A República venceu.



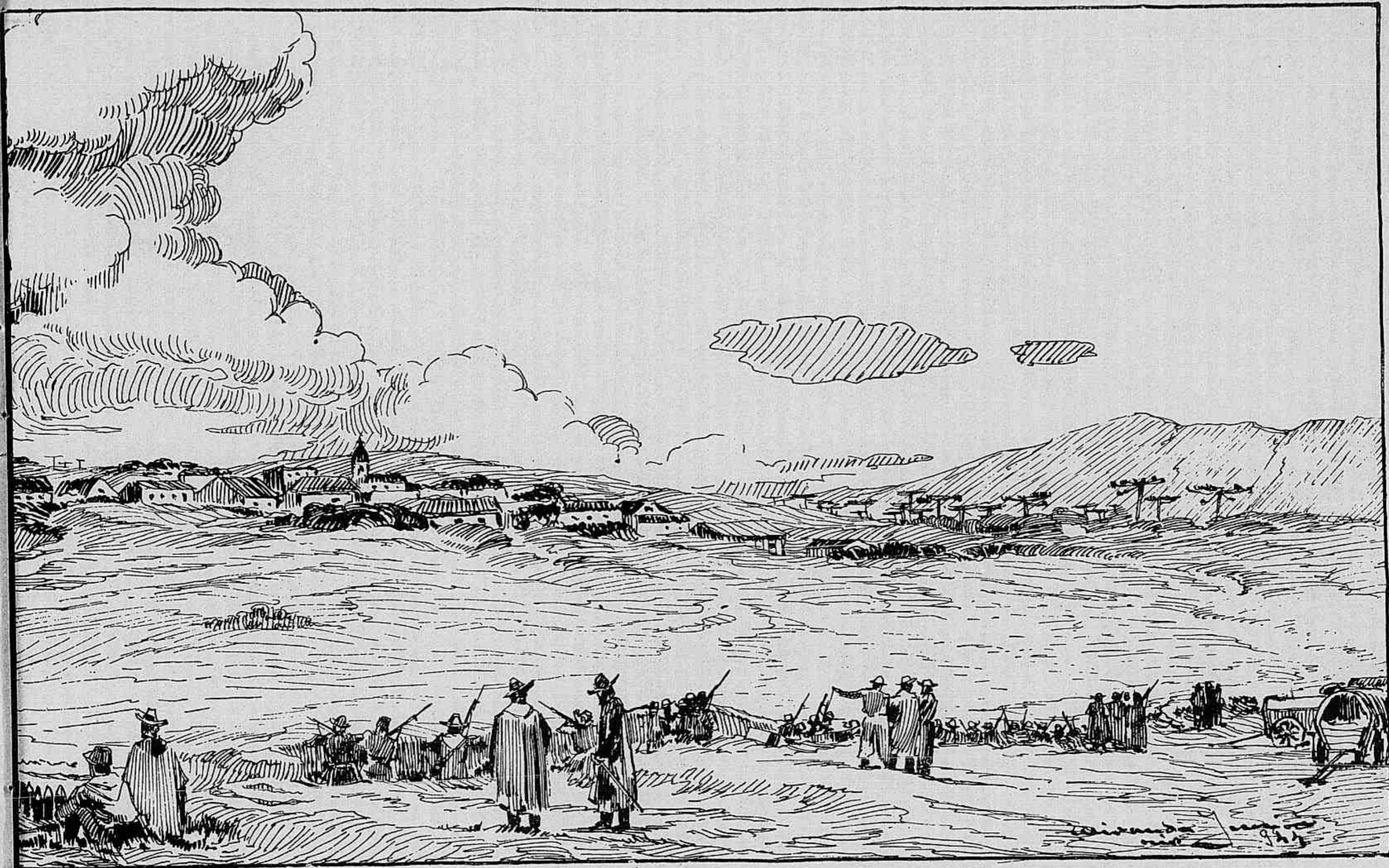
Reprodução do termo de encerramento do livro destinado às ordens do dia do general Antonio Ernesto Gomes Carneiro quando como tenente-coronel e posteriormente coronel comandava o Corpo de Bombeiros do Distrito Federal. Notam-se aí a assinatura e a rubrica do herói da Lapa.



# O HERÓI DA LAPA

**A** epopéia da Lapa tem uma alta importância para a história das armas brasileiras. Não como um capítulo dos acontecimentos de 1893, quando a guerra civil punha á prova a solidéz das instituições recentes. Porém como um episódio da vida militar, um aspecto dos sentimentos que lhe davam grandêza e poesia e um detalhe de seus obscuros sacrifícios. Prepondera por isso naquêle cenário de dura luta o vulto tranquilo do Herói. É a sua honrada individualidade que enche com o prestígio suave a praça sitiada; é a sua figura calma que a domina; é a sua bravura silenciosa que a empolga, que a galvaniza, que a governa. Tudo se resume nêle; vive com êle; e com êle morre. A sua vontade sem ênfase organiza a resistência, compõe a defesa, comanda a batalha, realiza o prodígio duma ação tenaz que cumpre seu formidável programa de retardar por um mês a marcha de Gumerindo Saraiva sobre S. Paulo: e esborôa-se o baluarte cercado, metralhado, investido por forças quatro vezes mais numerosas, quando sucumbe o chefe, sereno e inabalável na agonia pela certeza in-

tima de que o holocausto era a vitória. A sua volta houve gloriózas dedicações. Guerrilheiros magníficos. Voluntários admiráveis. Tenentes que foram o seu orgulho; e soldados que queimavam rindo o último cartucho, chumbados à trincheira, de ordenança ao canhão, cujo fogo intermitante era como o estertor da cidade mal-ferida — e o seu rugido. Mas a todos sobrelevava a sua autoridade. A sua virtuosa e impávida autoridade. Porque sómente êle tinha o segrêdo da campanha. Mais do que isto, a chave do seu mistério; ou a confidência do seu destino. Êle apenas, que não outro, sabia o significado da imolação, o que a hecatombe representava, as esperanças que nela punha o “major”, o seu caráter acidental, de chóque no planalto, e o seu sentido profundo, de contra-golpe, que fecharia à colúna federalista a porta de Itararé, marcando o momento decisivo do combate pela legalidade. Para tanto, sobrava-lhe a experiência de veterano do Paraguái, de engenheiro-sertanista, de rijo esteio da ordem nos anos anteriores à proclamação da República, de seu defensor — chamado para as comissões



Por PEDRO CALMON  
DA ACADEMIA BRASILEIRA

mais arriscadas — na hora das supremas renúncias. Quando se pedia à idéia do dever uma atitude estóica. Quando se necessitava dum exemplo. Quando era indispensável firmar o pé numa colina, distribuir em linha de atiradores o batalhão escasso, e recomendar-lhe a guarda desse terreno até o derradeiro homem, mesmo que a improvisada fortaleza se convertesse no cemitério — dos que não faltaram ao juramento. Pois foi essencial a sua abnegação, não a regateou: sublimou-a, levantando nas ruas da Lapa as estacadas dum castélo — que seria o seu mausoléu.

Alí rodeado de cavalarias “guascas”, infantaria compacta e artilharia leve, perdeu desde o primeiro instante a veleidade de romper o assédio, para retomar em campo aberto o contáto com as tropas que marchavam do norte. Concebeu as operações seguintes como uma questão de tempo. Que o problema era esse. Ganhá-lo. Ganhar o precioso tempo que anulasse a vantagem inicial de Gumercingo com o seu ímpeto através da serra do Mar; que o retivesse na Lapa ou em Curitiba, que o atrazasse além do Paranapanema; que o imobili-

zasse nalgum conflito secundário, à rodaduma povoação modesta, enquanto se deslocavam para os “campos gerais” os destacamentos de Floriano, celeremente despachados para a contra-ofensiva do outôno de 1894. Bastar-lhe-iam vinte dias. Detendo por vinte dias o caudilho à vista da Lapa, junto às suas ladeiras varridas pela fuzilaria, à sombra dos montes côr de lilás que formam a austéramoldura da cidade a meio demolida pelo bombardeio, teria vencido o adversário: porque o obrigaria a voltar, de roldão com a vanguarda de Pires Ferreira, para a cordilheira e as cochilhas, donde viéira. Não mentiu à sua palavra; nem foram ilusórios os seus vaticínios. Venceu a furiosa “batalha do tempo” dando-lhe a vida. Rendeu-se a Lapa depois de sua morte. Uma bala de fuzil abreviou aquela espantosa resistência. O acôrdo para a capitulação foi feito sôbre a sua campa fechada na véspera. De fáto, salvára o govêrno de Floriano Peixoto. A história do cêrco da Lapa passou a ser a sua própria.

A iliada do coronel sem mêdo e sem mácula.  
Antonio Ernesto Gomes Carneiro.

**E**NTRE os documentos que nos ficaram, do grande feito militar que passou à História sob a denominação de "Cêrcio da Lapa" esta fotografia, altamente histórica teve especial significação. Ela nos mostra o inolvidável cabo de guerra que foi a alma desse episódio dos primeiros dias da República, general Gomes Carneiro, em plena zona de ação, cercado pela oficialidade que serviu, naquele histórico momento, sob seu comando. Carneiro está ao centro, ladeado por Serra Martins e Joaquim Lacerda. Figuram mais, no grupo, da esquerda para a direita: tenente Clemente Argolo, tenente Raimundo Serra Martins,

tenente Regis, cap. Adalberto de Menezes, cap. José Maria Sisson, tenente Mario Tourinho, tenente-coronel Emilio Blum, alferes E. Coelho, major Felipe Schmidt, tenente Raimundo de Abreu, cel. Carlos Napoleão Poeta, tenente Odilio Bacelar, tenente Anésio Pinheiro, major Lauro Muller, cap. Homem Bom Justo Cavalcanti de Albuquerque, tenente-coronel Libero Guimarães, cap. Leoncio Correia e alferes Waldhausen. Os dois únicos sobreviventes desse grupo, atualmente, são o general Mario Tourinho e o escritor Leoncio Correia. Este, e Joaquim Lacerda tem no chapéu preto a estrela do Batalhão Patriótico.



# O SITIO DA LAPA

**N**ENHUMA descrição dos acontecimentos ocorridos na histórica cidade paranaense da Lapa poderá oferecer maior nitidez e mais exato colorido, que a contida nas linhas que se vão ler, escritas no próprio local onde teve lugar aquela heróica epopéia.

Trata-se do relatório enviado ao ministro da Guerra pelo então major de engenheiros Felipe Schmidt, que fôra especialmente incumbido da missão de pô-lo ao par do desenvolvimento das operações militares.

O major Schmidt, na linguagem sóbria dos soldados, atendo-se aos fatos e não se deixando levar pelos detalhes inúteis, mas não dispensando as minúcias necessárias, fez nêsse documento uma narração clara e emocionante dos eventos que passaram à História sob a denominação de O cerco da Lapa.

E' essa narração que ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA oferece, aqui, aos seus leitores, na íntegra:

**A**O cidadão general encarregado dos negócios da guerra — Cumprindo a ordem que tive a honra de receber verbalmente de V. Ex., venho entregar-vos hoje uma exposição escrita das ocorrências havidas durante as operações de guerra que se desenvolveram na cidade da Lapa, estado do Paraná, desde 15 de janeiro até 11 de fevereiro do corrente ano, entre as forças legais que constituíam a divisão em operações ao norte do estado de Santa Catarina, sob o comando do intemerato coronel Carneiro, de saudosíssima memória, e forças rebeldes, chefiadas pelo caudilho Gumercindo Saraiva.

Acompanhei, como sabeis, toda a marcha dessa divisão, desde a sua formação na cidade de Curitiba, em meados do mês de outubro do ano passado, pelo general de brigada Francisco de Paula Argolo, em cuja companhia segui desta capital no dia 3 do dito mês, até o seu desaparecimento em virtude das capitulações dos Ambrosios em 19 de janeiro e da Lapa em 11 de fevereiro do corrente ano.

Poderia, portanto, remontando a datas anteriores, seguir *pari passu* todas as fases dessa luta tremenda que teve por teatro o estado do

Paraná, especificadamente naquelas duas localidades, e dar-vos dela uma notícia tão fiel quanto permitisse a minha memória, única fonte a que recorro, na falta absoluta de notas e diários, que não mais possuo.

Não darei, porém, tão grande extensão às minhas informações.

Do que ocorreu em Ambrosios com a 3ª brigada sob o comando do tenente-coronel em comissão Ismael Lago, a princípio, e depois sob o comando do coronel honorário do exército Adriano Pimentel, deveis ter completo conhecimento. Referir-me-ei, pois exclusivamente à parte da divisão que guarneceu e operou na cidade da Lapa, e procurarei circunscrevê-la tanto quanto possível aos limites daquelas duas datas, porque elas encerram um período de lutas ininterrompidas, sustentadas dentro daquela pequena cidade, com forças seis vezes superiores, do qual não nos foi permitido ter notícias diretamente transmitidas pelo herói a quem haveis confiado naquela zona a defesa e integridade da Pátria e das instituições republicanas, tão traiçoeiramente ameaçadas por brasileiros degenerados, postos aqui indignamente ao serviço dos Braganças e Orleans. Em princípio de janeiro contava a divisão um efetivo de cerca de 1.800 homens, distribuídos em quatro brigadas, estacionando a primeira, segunda e quarta na cidade da Lapa e a terceira na povoação de Tijucos, situada a mais distância da estrada dos Ambrosios, que conduz da vila de S. José dos Pinhães ao alto da Serra de Joinville, no lugar denominado Encruzilhada, ponto de entroncamento daquela com a estrada de D. Francisca, que liga a cidade de Joinville à vila do Rio Negro.

Contava então a Lapa um efetivo de 1.400 e poucos homens, e Tijucos o de 300 e tantos.

Com esta disposição das forças e sua divisão, pretendia o coronel Carneiro penetrar no estado de Santa Catarina, com movimentos combinados de maneira a poderem as duas colunas prestar-se mutuo auxílio no ataque projetado contra a coluna de Piragibe, acampada na vila do Rio Negro, a qual devia pela combinação dos nossos movimentos achar-se envolvida, em dado momento, pelas nossas forças, que lhe infligiriam derrota infalível e ficariam com o trânsito desimpedido para Joinville.

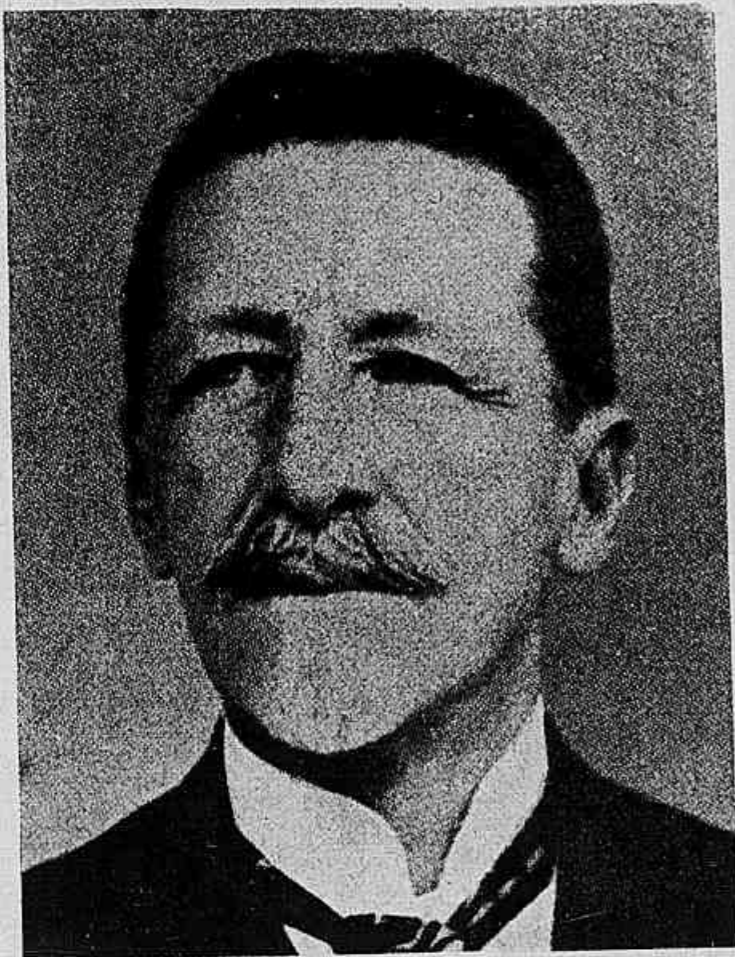
Supunha-se que as divisões sob o comando

dos generais Rodrigues Lima e Arthur Oscar estivessem no centro e sul de Santa Catarina, contendo as forças de Gumercindo e Salgado e impedindo a sua marcha para o norte do estado, em auxílio da coluna de Piragibe.

Neste presuposto, a 3ª brigada avançava pelo caminho dos Ambrosios, marcha que se fazia vagarosamente, atenta a necessidade de se ir reparando o mesmo caminho, para dar acesso à artilharia que acompanhava a coluna.

Enquanto esse trabalho se ia executando, a princípio sob a direção do tenente-coronel da guarda nacional, engenheiro civil, Hercílio Pedro da Luz, e depois pelo tenente-coronel de engenheiros Martins de Mello, as forças de guarnição na Lapa, sob o comando direto e imediato do finado coronel Carneiro, ia fazendo descobertas e entretendo com guerrilhas pelos campos dos Tenentes, rios da Varzea e Negro as forças então reunidas de Piragibe, Juca-Tigre e Torquato Severo, que viviam em constantes correrias e depredações por aquelas localidades.

Certos da vitória que as nossas forças deveriam alcançar sobre os revoltosos do comando de Piragibe e mais tarde um pouco sobre todos que talavam o sólo catarinense, pela ação combinada



Senador Felipe Schmidt, em 1923, e que como major das forças legalistas, em 1894, foi o autor deste Relatório.



General de Brigada Francisco de Moura, quando ocupava a pasta da guerra no governo de Floriano Peixoto.

na nossa com as colunas dos generais Rodrigues Lima e Arthur Oscar, aguardávamos ansiosos o preparo do caminho dos Ambrosios e a consequente ordem de marcha para as nossas forças. Um dia houve em que julgámos chegado esse momento tão desejado por todos nós, soldados republicanos, que anciavam por ver expulsa do sêlo da Pátria, aquela horda de malfeitores, que infelicitava tão diretamente os tres estados do sul da República.

Foi aquele em que o valente e intemerato comandante da nossa divisão ordenou-me que tivesse tudo preparado e bem disposto — munições e viveres — para que a nossa coluna se puzesse em movimento dentre de dois dias, dizendo-me que ia tomar a ofensiva, e marchar com a máxima rapidez sobre o inimigo acampado no Rio Negro e ordenar que o mesmo fizesse o comandante da 3ª brigada ainda que fosse preciso deixar esta artilharia, pela impossibilidade de conduzi-la, devido às más condições em que se achava ainda o caminho que devia seguir essa coluna.

Ou porque tivesse o coronel Carneiro sabido da retirada das colunas dos generais Rodrigues Lima e Arthur Oscar do litoral de Santa Catharina, ficando por essa fórma com inteira liberdade de ação as forças de Gumercindo, Salgado e Laurentino Pinto, ou por outra ordem de considerações que nunca chegaram a meu conhecimento, deixou de ser executado aquele plano que, na minha humilde opinião, uma vez posto em prática, com prontidão e energia, teria evitado inteiramente os acontecimentos de que foi teatro o Estado do Paraná e quiçá mudado a infeliz sorte das nossas armas.

Batida, como indubitavelmente seria a coluna de Piragibe, que então se achava isolada na vila do Rio Negro, poderia a nossa divisão, vencendo pequenas dificuldades, ocupar a Encruzilhada e como consequência a cidade de Joinville. Ficavam assim fechados todos os passos que deram ingresso às colunas inimigas no interior do Paraná, restando-lhe apenas aberto o porto do Paranaguá por onde certamente não iriam tentar a invasão daquele estado, si não pela dificuldade de efetuarem o desembarque, ao menos pela certeza de não conseguirem vencer a defesa que fosse organizada nos passos da Serra que dão ingresso para Curitiba e pela razão principal de não deverem abandonar, deixando entregue a nós, o estado que já tinham avassalado.

Dessa maneira, quando mesmo de pronto não marchassem novamente para o litoral catarinense as colunas Rodrigues Lima e Arthur Oscar, movimento que, faria cair desde logo em nosso poder todo o estado invadido, conseguiríamos manter os revoltosos inativos no litoral catarinense até se efetuar aquele movimento, ou chegarem recursos que esperavamos de S. Paulo.

A não execução dessa marcha deu aos inimigos da Pátria o tempo necessário para desenvolverem contra nós o ataque simultaneo por Paranaguá, Ambrosios e Lapa, que ocasionou aquela



*Um canhão Krupp 75, dos sitiados na Lapa*

divisão inconvenientíssima das nossas forças, da qual nos veio a serie de desgraças que não foi possível evitar, apesar dos herculeos esforços feitos pela divisão do bravo general Carneiro.

Descoberto o plano do inimigo, o general comandante do distrito fez imediatamente retirar da coluna da Lapa cerca de 500 praças para reforçar a coluna dos Ambrosios e a guarnição de Paranaguá.

Seguiram nesta ocasião para Ambrosios o comandante da 4ª brigada, coronel Adriano Pimentel que foi assumir o comando da coluna, 100 praças do 17.º batalhão de infantaria do distrito, sob o comando do capitão Theodorico Guimarães, 100 do 18.º de infantaria da guarda nacional da Lapa, sob o comando do capitão Rozendo Marcondes, toda a ala direita do batalhão francos-atiradores, então comandado pelo tenente-coronel em comissão José Bevilacqua; e para Paranaguá, sob o comando do capitão da guarda nacional de S. Paulo Julio Garcia, 180 praças dessa mesma milicia, pertencentes aos batalhões 103.º e 111.º.

Além de tão consideravel diminuição no efe-

tivo de nossas forças, tínhamos ainda em diligências importantes, em pontos dos rios Negro e Iguassú, 200 praças, das quais 60 a 80 do regimento de segurança do estado do Paraná, comandadas pelo capitão do mesmo regimento Custodio G. Rollemberg, e aos restantes do 18.º de infantaria da guarda nacional da Lapa e dos batalhões patrióticos Floriano Peixoto e Quinze de Novembro da mesma cidade, comandadas pelo tenente deste último, adido ao piquete do 8.º de cavalaria do exército, Francisco Bacellar.

Enfraquecida assim a nossa coluna, agora reduzida a um efetivo de pouco mais de 700 homens, entre os quaes 60 a 80 do batalhão da reserva, incumbidos exclusivamente da policia da cidade, pela falta de armamento, vimos por nossa vez aproximar-se a coluna inimiga, sob o comando de Piragibe.

A presença dessa força não era para nós uma surpresa, pois os nossos piquetes de descoberta já haviam-na presentido nos dias 13 e 14, por encontros tidos com piquetes dela nos quilômetros 13, 11 e 5 da estrada do Rio Negro, nos quais havíamos feito mortos e prisioneiros.

O ataque simultaneo da esquadra de Custodio à cidade de Paranaguá e das colunas de Gumercindo e Laurentino Pinto à nossa coluna dos Ambrosios, na povoação de Tijucos, nos deixou bem claro o plano do inimigo.

Não recebíamos, entretanto, pela sorte de nossas armas.

Reconhecíamos, é verdade, que cada um dos nossos pontos atacados era guarnecido por forças numericamente inferiores às atacantes, mas a confiança na bravura dos nossos soldados, tantas vezes já comprovada em combates parciais o amor pela justiça da causa que defendíamos e a convicção de que tanto em Paranaguá como em Tijucos e Curitiba haviam-se acumulado recursos, como o fizemos na Lapa, que permitissem uma resistência eficaz pelo tempo suficiente para a chegada de reforços que já marchavam de Jaguarihyva para Castro, segundo comunicação que ao comandante da divisão havia feito o comandante do distrito, davam-nos alento preciso para uma luta tão desigual e a certeza da nossa vitória.

Esta era a disposição de espirito em que se achavam officiaes e soldados que guarneciam a pequena cidade da Lapa no dia 15 de janeiro, ao rompermos o fogo da nossa artilharia contra o

*Tropas que lutaram sob o comando do general Gomes Carneiro quando do cerco da Lapa*



inimigo, que se apresentou na nossa frente, entre os quilômetros 3 e 4 da estrada que ligava Lapa a Vila do Rio Negro em número que calculamos atingir a 1.200 homens.

Ao nosso cartel de desafio respondeu o inimigo fazendo-nos fogo com um ou dois canhões Krupp e estendendo em linha de atiradores a sua infantaria, em cujos flancos e retaguarda via-se movimentar numerosa cavalaria.

Entre a nossa e a posição inimiga a distância aproximadamente de um quilômetro de nós, corria da direita para a esquerda um pequeno arroio, para o qual o terreno de ambas as posições descia consideravelmente, mas com declive suave, formando um vale fundo e espraído, perfeitamente dominado pelas duas forças.

Separava-nos da margem esquerda do arroio, por toda a extensão de nossa frente, um mato ralo e baixo que bordava essa margem; do lado inimigo, a frente do terreno era de campo e os flancos e retaguarda bordados também por matos da mesma natureza, que nos ocultavam os seus movimentos e de onde partiam caminhos e veredas que permitiam, a distâncias mais ou menos consideráveis, contornar por ambos os flancos a cidade.

Aproveitando-se dessa disposição e acidentes do terreno, o nosso bravo comandante fez descer para o arroio o piquete de cavalaria e forças de infantaria que, dispostos convenientemente e mascarados pelos matos aguardavam a aproximação do inimigo.

Este, porém, manteve-se na sua posição primitiva, limitando-se a nos bombardear durante toda a tarde desse dia e a tiroteiar improficuamente de 1 a 2 quilômetros de distância para a mata do arroio, naturalmente por ter percebido ali a existência de forças nossas, que nenhuma resposta deram a esse fogo, deixando somente operar a artilharia.

Assim terminou o dia 15.

Do nosso lado, nem mortos nem feridos; apenas ligeiros estragos em uma ou duas casas da cidade causados pela artilharia dos traidores. Do lado destes, não sabemos o que ocorreu.

As nossas forças conservaram as suas posições. Na frente a artilharia em linha de batalha, tendo à esquerda acampado o 17.º de infantaria e um pouco à retaguarda o piquete do 8.º de cavalaria de linha; à direita, o regimento de segurança e 50 praças do 11.º da guarda nacional de S. Paulo; à

retaguarda e o 13.º de cavalaria da guarda nacional da Lapa, comandados, o primeiro pelo alferes do exército, comissionado em tenente-coronel, Aristides Villas-Bôas, e o segundo pelo coronel João Pacheco; mais à retaguarda ainda, vigiando o extremo oposto da cidade, os batalhões patrióticos Floriano Peixoto e 15 de Novembro, que guardavam no flanco direito a estação da estrada de ferro, no centro o cemitério e na esquerda o engenho Lacerda.

Dispostas assim as forças dentro da cidade e colocadas duas guardas a um quilômetro e pouco



*Antes do cerco da Lapa, grupo de oficiais, vendo-se ao centro o coronel Dulcídio Pereira.*

para cada flanco, uma à direita no alto da Cruz, e outra à esquerda no alto do Monje, duas coxilhas que dominam toda a cidade, aguardava o coronel Carneiro as hostilidades do inimigo.

Nessa ocasião já se haviam feito duas trincheiras, uma fechando toda a frente do largo Municipal e a outra na rua das Tropas, no entroncamento desta com outra que a comunicava com o referido largo, nas quais se deveriam abrigar, em caso de necessidade, as forças que ocupavam a frente do acampamento, e bem assim corrido uma cerca de arame do cemitério para o engenho Lacerda e para a estação, fechando a qualquer golpe de cavalaria que nos viesse pela retaguarda as entradas para a cidade.

No dia 16, aos primeiros raios do sol, quando se observava do alto da posição ocupada pela nossa artilharia alguns movimentos de carreta que ao longe fazia o inimigo e que nos parecia de retirada, fomos saudados pela sua artilharia, assutada na mesma posição da véspera.

A esse canhoneio repetido a espaços demorados, durante todo o dia, não quiz responder o nos-

so chefe, para não consumir improficuamente munições, pois, era enorme a distância, três para quatro quilômetros, e nada mais via-se do inimigo, a não ser o fumo da pólvora espaçadamente queimada pelas suas duas bocas de fogo.

Nesse dia, recebeu o coronel comandante da divisão notícia da tomada de Paranaguá, na véspera, pelos revoltosos, que ali haviam efetuado um desembarque de 800 homens.

A muito poucos de nos transmitiu ele a nova desse desastre de nossas armas.

Lembro-me que, conversando com ele e com o capitão Lauro Müller, assistente do atual ajudante-general junto à divisão, sobre semelhante ocorrência, perguntei-lhe si nossas forças tinham conseguido retirar-se em ordem e com a artilharia para Curitiba, pois em tal caso aquilo que nos parecia um mal poderia ser um bem, por isso que fácil seria ao comandante do distrito, agora desobrigado de guardar Paranaguá, Antonina e Morretes com numerosas forças, guarnecer com uma pequena força os passos da serra, impedindo que os revoltosos a transpuzessem e obrigando-os a se conservar inativos no litoral, ao passo que com as forças restantes ficaria habilitado a enviar, enquanto não chegassem os reforços esperados de S. Paulo, uma coluna em apoio da que se batia em Tijucos.

Responderam-me que nada sabiam sobre a retirada, dizendo-me o coronel que era de esperar que a tivessem feito em ordem, visto que dispunham para tal fim da estrada de ferro e dos recursos necessários e que ia entender-se com o general comandante do distrito sobre a execução de um novo plano de defesa, que em sua opinião não se afastaria muito daquele que em traços ligeiros eu havia delineado.

Nessa noite o coronel Carneiro conferenciou com o coronel Lacerda.

Ignorei e ignoro todo o assunto dessa conferência; mas sei que nada ficou resolvido seguir para Curitiba, na manhã de 17, o capitão Lauro Müller, em trem especial, a entender-se com o general Pego, da parte do coronel Carneiro, naturalmente sobre a defesa a que já me referi.

Nessa manhã, ao romper do dia, partiu o capitão Müller, que foi acompanhado até à estação pelo coronel Carneiro, que daí observou o inimigo já nos flanqueando pela direita e esquerda.

O coronel fez partir o trem a toda velocidade, e, voltando, mandou avisar os coroneis Serra Mar-

*Outro aspecto das forças legalistas que combateram sob o comando de Gomes Carneiro*





A rua da Boa Vista, na Lapa, onde se deu o maior combate, a 7 de fevereiro de 1894

tins e Lacerda, comandantes das 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> brigadas do que estava ocorrendo, recomendando-lhes a máxima vigilância.

Momentos depois da partida do trem, meia hora, si tanto, rompia o inimigo vivo fogo de fuzilaria contra as forças patrióticas que guardavam o cemitério, o engenho Lacerda e a estação da estrada de ferro. Era um verdadeiro ataque pela retaguarda.

O inimigo, durante a noite anterior, bem montado como se achava, havia contornado a cidade por longe e de modo a não ser presentido por nós.

Travado o combate, que pouco a pouco se foi tornando renhido e audaz por parte dos atacantes, mandou o coronel Carneiro colocar no cemitério um Krupp e um Wiltworth e reforçar os dois batalhões patrióticos com os sapadores de S. Paulo e contingentes do regimento de segurança, ficando na frente, de proteção à artilharia e praças do 17.<sup>o</sup> e do 111.<sup>o</sup>, dirigidos pelo coronel Serra Martins.

A ação na retaguarda foi dirigida em pessoa pelo coronel Carneiro, auxiliado sempre pelo comandante da brigada atacada, coronel Lacerda.

Percebendo o coronel comandante da divisão que uma força inimiga marchava no nosso flanco direito, pela coxilha do Boqueirão, em direção ao Alto da Cruz, fez seguir para ali o restante do 18.<sup>o</sup> da guarda nacional, sob o comando do tenente-coronel Aristides Villas Boas, que em pouco tempo de combate poz essa força em debandada e fuga, aprendendo cerca de 60 cavalos, entre os quais alguns arreitados.

O combate durou até às 4 horas da tarde, sendo os assaltantes enxotados dos matos em que se acoitavam e perseguidos até perto de dois quilômetros de distância pela nossa infantaria e piquete de cavalaria, perseguição que não pode ir além, porque o inimigo fugia bem montado e o nosso piquete era diminuído para a empreza.

O ataque pela frente foi relativamente fraco; apenas alguns tiros de artilharia e duas tentativas de um piquete de 150 homens, si tanto, contra as 50 praças do 111.<sup>o</sup>, que os repeliram sempre com tiros certos e bem dirigidos.

O inimigo teve muitos feridos e deixou nos matos e no campo alguns mortos, e em nosso poder animais e armamento.

Tivemos entre os nossos algumas baixas por ferimento, e cinco por morte, sendo conservadas todas as nossas posições.

As nossa forças patrióticas da guarda nacional tiveram nesse dia o seu primeiro batismo de uma luta séria e portaram-se com coragem e galhardia, recebendo oficiais e soldados os mais calorosos elogios do coronel-comandante da divisão. Estavamos, porém, completamente cercados. O inimigo, dividido em duas colunas, acampou na nossa frente e retaguarda à distância aproximada de cinco quilômetros de um e outro lado, nas margens da estrada de ferro e de rodagem, e cortando-nos a linha telegráfica interceptou de todo as nossas comunicações com Curitiba.

Vendo o coronel Carneiro que, com a diminuta força de que dispunha, ainda com instrução militar suficiente, lhe era impossível romper o cerco e fazer uma retirada feliz até Curitiba, afim de operar junção com as forças do general Pêgo, e contando com a vinda, dentro de poucos dias, do batalhão Frei Caneca e dos Campinheiros, resolveu conservar-se na defensiva, enquanto esperava esse auxilio, e para isso fez levantar trincheiras em diversas ruas, fechando com elas cerca de dois terços da área da cidade, parte que podia eficazmente ser defendida pela nossa pequena força.

A rua das Tropas e a estação da estrada de ferro no flanco direito; o cemitério e o engenho Lacerda na retaguarda, ficaram fóra da área entrincheirada, mas eram dominados por algumas de nossas trincheiras.

Grande parte desse trabalho foi feito do dia 18 a 21, durante os quais o inimigo pouco nos incomodou, limitando-se de vez em quando, já de dia, já de noite, a tiroteiar com as nossas guardas avançadas.

Durante esses dias quasi de armistício, observamos sempre das nossas posições continuas saídas e chegadas de comboios a uma estação da estrada de ferro ocupada pelo inimigo e distante cinco quilômetros da cidade, sem que pudessemos perceber o que ali se passava.

Conjecturavamos então que eram comboios vindos de Curitiba e da Palmeira, apreendidos pelo inimigo, na estação da Serrinha, e que esse continuo movimento era feito entre esta e a estação que ele ocupava, com o fim de fazer acreditar o boato, que mandára circular na Lapa, de estar Curitiba em seu poder.

Como estavamos iludidos!

Na madrugada de 21 para 22, sem que pudessemos perceber, o inimigo, deixando os seus acampamentos, veio se colocar nas matas e casas que

bordam toda a encosta do morro da Monge pelo nosso flanco esquerdo e fundos do engenho Lacerda e cemitério, conservando-se assim completamente oculto.

As 7 horas da manhã deste dia, de uma casa que olhava para o morro da Monge e que servia de depósito de munições e generos e onde havia-se montado uma ligeira officina para ir reparando o armamento que se inutilisava nos combates, observei que três cavaleiros desciam aquele morro, trazendo um deles uma bandeira branca.

Mandei imediatamente avisar ao coronel Carneiro, que então se achava com o coronel Serra Martins na frente do acampamento e no flanco esquerdo da artilharia

Desaparecendo na mata, marcharam eles para um caminho que vinha ter ao local em que estava o nosso chefe.

Ao reaparecerem em terreno limpo, à distância de 600 metros mais ou menos, fazendo sinais que queriam parlamentar, o coronel gritou-lhes que retrocedessem, que não recebia parlamentarios; que mandaria fazer fogo si insissem em avançar.

Eles insistem e a ameaça do coronel foi posta em prática, partindo do 17.<sup>o</sup>, que aí estava, uma descarga.

Recuaram então, voltando a galope para o lugar de onde haviam vindo e onde em poucos momentos chegaram.

Ouvimos cornetas e clarins tocarem avançar e fogo.

De três pontos do Monge, outras tantas bocas de fogo dispararam sobre a cidade e uma fuzilaria cerrada rompeu dos matos e casas próximas sobre as nossas forças da retaguarda.

Estava travado o combate, que foi renhido por alguns instantes.

Repentinamente cessa o fogo da parte dos inimigos e aparecem no lugar em que estavam o coronel Lacerda e o comandante do regimento de segurança, coronel comissionado Candido Dulcídio Pereira, os negociantes de Curitiba José Loureiro e Arthur Blaster.

Vendo o negociante José Loureiro, amigo dedicado do governo de Paraná, os coroneis Lacerda e Dulcidio receberam-os, e, inquerindo-os sobre sua presença ali, souberam que queriam parlamentar

Comunicando-se que queriam parlamentar ao coronel Carneiro, o que ocorria na retaguarda, aí compareceu ele *in continente* e sabendo que os negociantes vinham parlamentar em nome do comércio de Curitiba, negou-lhes esse direito e fê-los retirar, deixando de receber um officio que um deles trazia.

Momentos depois recommçou o combate, que tornou-se renhido na retaguarda e em todo o flanco esquerdo.

Até às 2 horas da tarde, os inimigos, em número três ou quatro vezes superior a nós, foram ganhando terreno; os nossos recuando para as trincheiras e eles ocupando a estação da estrada de ferro, o cemitério e o engenho Lacerda.

Varridos, porém, continua e eficazmente pela nossa artilharia e fuzilaria, nas matas do flanco esquerdo e nas duas últimas daquelas posições, chego-lhes também a vez de recuar. Então os nossos, apoderados de grande entusiasmo e debaixo de vivas à República, foram reconquistando as posições perdidas. Forças do regimento de segurança, do 17.<sup>o</sup> batalhão de infantaria, 18.<sup>o</sup> da

guarda nacional e patrióticos, guiados pelo major do mesmo regimento Ignacio Costa, penetraram e desalojaram o inimigo das matas da direita; outras, constituídas da mesma forma e dirigidas pelo capitão Clementino Paraná, daquele regimento, assaltaram a estação, de onde a tiros e couce de armas expulsaram os invasores.

Neste ponto, perdemos alguns soldados, ficando o capitão Paraná atravessado por bala e gravemente ferido.

Às 6 horas da tarde cessava o fogo.

O inimigo, completamente rechassado, voltou para suas posições, deixando no terreno que tentou conquistar grande número de homens e animais mortos e em nosso poder 10 prisioneiros, muitos animais e algum armamento.

Segundo nos informaram posteriormente, foram consideráveis as baixas do inimigo, nesse dia, por mortos e feridos. De nosso lado creio que o número de baixas não excedeu a 20.

Durante os dias 23, 24, 25 e 26, o inimigo bombardeava-nos a cidade com os seus quatro Krupps, de sol a sol, e à noite, de intervalo a intervalo, tirotejava-nos pelos francos e retaguarda, afim de levar o cansaço às nossas forças. Ou por efeito da fadiga, ou preocupados com o aumento diário dos recursos do inimigo, apesar das suas constantes derrotas, começavam as deserções nas fileiras da guarda nacional e batalhões patrióticos.

Apercebido disto e notando já um certo desânimo nas nossas forças, em consequência das notícias da tomada de Curitiba e dos Ambrosios, e da demora do reforço esperado, o coronel Carneiro fez recolher todas as forças às trincheiras, com exceção da que guardava o alto da Cruz no Boqueirão, e, no intuito de levantar o ânimo da tropa, publicou uma ordem do dia ou um boletim comunicando que as forças do Pinheiro Machado já se achavam próximas de nós e que a esquadra do governo operava nos mares do sul, onde já havia desembarcado tropas.

Ao mesmo tempo que assim procedia, fez sair próprios para os lados de S. Paulo e Santa Catarina, à ver si encontravam forças legaes e avisá-las do que ocorria na Lapa.

Na noite de 26 para 27, o inimigo, apertando o sitio, ocupou as nossas posições abandonadas colocando no cemitério um Krupp, um canhão de tiro rápido e uma metralhadora de 0m,025.

A 27, do meio-dia para a tarde, enquanto tirotejava com a nossa retaguarda e flanco esquerdo, atacou o inimigo a nossa guarda do Alto da Cruz com uma coluna de 250 a 300 homens.

Não podendo dispôr de forças para socorrer a guarda e manter aquela posição, para ali seguiu o coronel Napoleão Poeta, com ordem de retirá-la para as trincheiras, o que fez, tirotejando sempre com o inimigo e protegido pela nossa artilharia assestada na trincheira do largo Municipal.

Desse dia em diante o cerco tornou-se muito apertado, alojando-se o inimigo em torno de nós, à distância de 300 a 400 metros. A rua das Tropas e o Alto da Lapa, que dois ou três dias antes ocupavam a nossa artilharia e forças do 17.º e 111.º, foram ocupados pelos traidores à República.

Começaram então os grandes sofrimentos dos seus heróicos defensores, que não mais tiveram um instante de repouso.

Sob a ação continua de uma verdadeira caçada humana, que se estabeleceu entre sitiados e sitiadores, e da qual foram vítimas até mulheres e

inexperientes crianças, em combates diários da nossa com a artilharia inimiga, agora postada no cemitério, varrendo toda a rua da Boa Vista, onde estava o quartel general da divisão e onde tínhamos três ou quatro trincheiras, no Boqueirão e no Monge, dominando toda a cidade, passaram-se os dias 28, 29, 30 e 31 de janeiro e 1 de fevereiro. Tornou-se quase impossível o trânsito dos nossos soldados pelas ruas e não raro via-se caírem feridos ou mortos aqueles que, por necessidade do serviço ou por atos muito comuns de imprudência em tais ocasiões, transitavam por elas.

De uma dessas caçadas ia sendo vítima no dia 23 o coronel Carneiro. Conversávamos do lado de fora do depósito, ele a cavalo e eu a pé, quando do lado do Monge, sem que ouvíssemos as detonações, começaram a atirar sobre nós com Manulicher ou Kropatchek.

O coronel ouvia o sibilo das balas que passavam, mas continuava a conversar calmamente.

De repente, uma bala chicoteou por baixo da barriga do animal. Dei então alguns passos para o lado, os necessários para nos desenfiamos por detrás de uma casa fronteira e chamei o coronel para ali, dizendo-lhe não achar prudente continuar onde estava, pois era alvo de uma infame caçada e podia ser vítima.

O coronel atendeu-me e aproximando-se de mim mostrou-me a falta da espora do pé direito.

A bala cortara a fivela de prizão e caçara a espóra, sem deixar sequer na bota o mais leve arranhão.

Os nossos animais do piquete de cavalaria e da bateria de artilharia, em número talvez superior a 300, que antes do dia 27 pastavam em um potreiro existente no fundo da rua das Tropas, entre esta e o Boqueirão, tiveram de ser recolhidos ao quintal da casa do depósito, onde puderam ser mal sustentados por cinco ou seis dias com o resto de milho seco que ainda possuíamos e com capim, milho e feijão verde que os soldados iam cortando nos quintais das casas que ficavam dentro das trincheiras.

A água era toda conduzida à mão de uma bica que ficava distante do quintal, pelos soldados de cavalaria e artilharia que guarneciam as trincheiras fronteiras e próximas do depósito.

Assim maltratados pela impossibilidade de se lhes dar comida e água em quantidade suficiente, foram emagrecendo todos e morrendo alguns, que enterrávamos mesmo no quintal.

No dia 1 de fevereiro, nada mais havendo nos quintais da cidade para forrageá-los, foram os animais colocados em um potreiro que havia na frente do depósito, entre nós e o inimigo do qual estava separado por um banhado.

O inimigo, arrombando então a cerca pela frente e fundos, sem que nós a pudessemos reparar, foi-lhes dando fuga e desta arte os perdemos todos. Crítica e cada vez mais penosa se tornava assim de dia para dia a situação, mas o grande soldado nada deixando perceber do que lhe ia na alma, transmitia sempre aos oficiais e soldados a sua desmedida coragem, levando-lhes ao espírito a convicção da vitória final pela aproximação certa do auxílio esperado.

No dia 2, novo ataque às trincheiras da retaguarda, flanco esquerdo e frente durante duas ou três horas.

Ainda desta vez, os nossos soldados repeliram os assaltantes, que tiveram grande número de baixas.

Além de alguns feridos, perdemos nesse dia o alferes Charlot, um dos mais valentes oficiais das forças patrióticas da Lapa.

Os dias 3, 4, 5 e 6 passaram-se em continuas caçadas humanas, tiroteios diários noturnos e sob a ação de bombardeios partidos do cemitério, Monge e Boqueirão, que a nossa artilharia, sempre bem dirigida, respondia com vantagem, obrigando os destruidores da pequena cidade a mudarem de tempo em tempo a posição antes ocupada. Onde o ataque se fazia mais tenaz e destruidor era do cemitério.

Por isso mesmo, para aí se concentravam mais os nossos fogos, e, no fim dessa luta, a triste e solitária mansão dos mortos, então transformada em couro de traidores e assassinos, era quasi um montão de ruínas.

Durante esses dias, as nossas forças sofreram sensíveis desfalques por moléstias, ferimentos, mortes e principalmente por deserção nas fileiras da guarda nacional e patrióticas. No batalhão da reserva a deserção foi quasi geral.

Bem compenetrado da situação, o coronel Carneiro resolveu fazer seguir em direção a S. Paulo, ao encontro do almejado reforço, uma pessoa de sua inteira confiança.

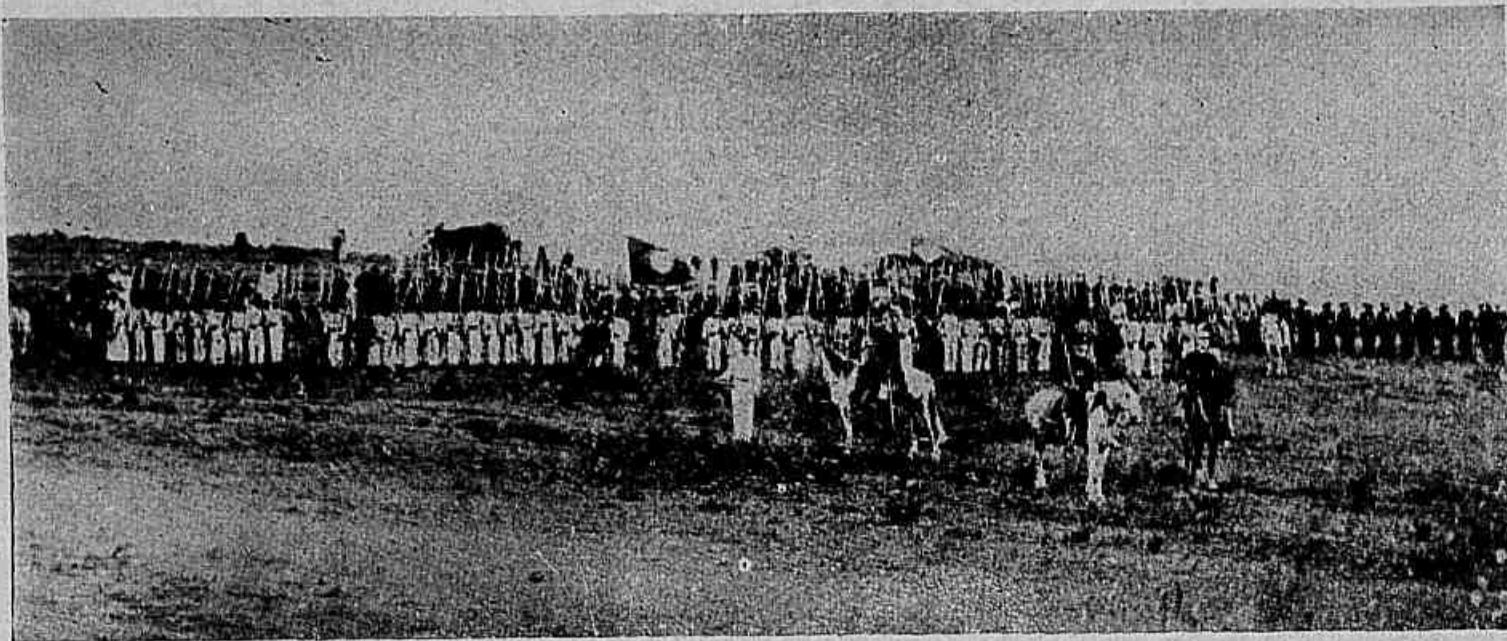
O capitão da guarda nacional Homem Bom Justo Cavalcanti, seu ajudante de ordens, ofereceu-se para desempenhar a arriscada empreza.

Na noite de 3 partiu esse novo emissário.

Como os anteriores, partiu e não voltou mais.

*A Farmácia Westfalm e a trincheira onde faleceu o tenente Henrique dos Santos e onde foram feridos o general Carneiro e o tenente Leblon Regis.*





*A brigada de Serra Martins em formatura. Dezembro de 1893*

No dia 4 ou 5, o inimigo, sempre astucioso e mostrando conhecer bem o que entre nós se passava, fingiu aproximação de forças nossas e um combate simulado foi travado a três quilômetros para a nossa retaguarda, atirando nesta direção a artilharia inimiga postada no cemitério.

O entusiasmo e a alegria apoderavam-se dos nossos bravos e difícil foi então contê-los nas trincheiras.

Em pouco tempo, porém, reconhecemos que a artilharia atirava com pólvora seca e o embuste do inimigo ficou descoberto. Mais tarde, tive a confirmação do que então pensávamos. O inimigo pretendeu nos iludir, atraindo-nos para fóra das trincheiras naquela direção, enquanto que forças suas, conservadas silenciosas na frente, aguardavam o momento oportuno para penetrar a cidade.

Na noite de 6 para 7, o inimigo ocupou grande número de casas da rua das Tropas e, auxiliado pelas trévas, penetrou nos quintais contíguos de algumas casas da rua da Boa Vista, paralela àquela.

Ao romper do dia, troou a sua artilharia do cemitério do Boqueirão. Era o sinal para o ataque e assalto às nossas posições. Ato contínuo, parte do flanco esquerdo, toda a retaguarda, flanco direito, pelas ruas das Tropas e Boa Vista, e a frente são atacadas impetuosamente por forças muito numerosas.

Trava-se então renhido e mortífero combate, no qual os combatentes, si não chegaram ao uso de arma branca, fuzilavam-se, entretanto, apenas separados por cercas de taboas e de pão a pique, que dividiam os quintais ou fechavam os lances de rua onde não existiam casas.

A frente dirigia o coronel Serra Martins, a retaguarda o coronel Lacerda, e em toda a parte onde mais renhida se tornava a ação, animando a todos com o exemplo e com a palavra, o nosso legendário chefe coronel Carneiro.

Em um desses momentos, quando a trincheira erguida no cruzamento da rua com a da Boa Vista, entre as casas de Francisco de Paula e coronel João Pacheco, era fortemente atacada de dentro dos dois quintais e do interior da casa de Paula; quando já os defensores da trincheira eram dizimados cruelmente por cerrada fuzilaria e que um reforço do 17.º batalhão era pedido com urgência pelo 2.º tenente em comissão, aluno da Escola Militar, Gustavo Lebon Regis, comandante da boca de fogo ali postada, chegava a essa paragem da morte o inclito chefe, acompanhado dos tenentes-coroneis Emílio Blum e Libero Guimarães, seus ajudantes de campo. No mesmo instante, é ferido por bala que lhe atra-

vessa o fígado e, sem cair, amparado ao braço do tenente-coronel Blum, recolhe-se à casa do professor Pedro Fortunato, onde ficou em tratamento. Quasi ao mesmo tempo, caíram o comandante da trincheira, tenente do batalhão patriótico Floriano Peixoto, Henrique José dos Santos, o alferes Fidencio, do mesmo batalhão, ambos promovidos na véspera a esses postos, e o 2.º tenente Lebon Regis, este gravemente ferido e aqueles mortos. A guarnição da boca de fogo já não existia; mortos ou gravemente feridos haviam tombado todos.

Foi nesse momento de dor e de luto para nós, que chegou ao lugar maldito o capitão Sisson, comandante da artilharia, o reforço do 17.º e um outro trazido pelo coronel Lacerda e major Menandro Barreto.

Defendendo a trincheira, impedindo que o inimigo se apoderasse da boca do fogo, estavam o tenente coronel Libero Guimarães e três ou quatro praças da primeira guarnição.

Só então conseguiu-se disparar contra a casa de Paula a boca de fogo e fazer explodir no seu interior duas bombas de dinamite que eu enviara ao capitão Sisson por uma praça do 17.º.

Ao mesmo tempo os nossos soldados invadindo a casa e o respectivo quintal, faziam recuar o audaz inimigo, que deixou número considerável de mortos e feridos.

No interior da casa, ao lado dos cadáveres de muitos dos assaltantes, jaziam também os de Miguel Paula e sua mulher horripelantemente mutilada, pernas decepadas, uma neta destes de 13 para 14 anos, que faleceu horas depois!

Tudo isto passou-se entre 9 e 11 horas da manhã, tempo em que também se dava fortíssimo ataque no fundo da rua das Tropas, flanco direito do Largo Municipal, sustentando aí, em pessoa, renhido e prolongado fogo com forças muito superiores, o comandante do 18.º da guarda nacional, com 13 homens apenas, em uma pequenina trincheira nas vésperas levantada, até que com o auxílio de uma metralhadora ao mando do tenente B. Steigler foi o inimigo repellido e derrotado, deixando no solo regular número de cadáveres.

Poucas foram as casas da rua da Boa Vista que deixaram de ser invadidas pelo inimigo e retomadas a couce de armas pelos nossos soldados.

Em um desses assaltos caiu morto com o crânio atravessado por bala de fuzil o tenente-coronel José Amynthas da C. Barros, comandante do batalhão Floriano Peixoto, na véspera elevado àquele posto.

Na retaguarda, são feridos gravemente, por bala que lhe atravessa o ventre, o coronel Candido

Dulcídio Pereira, comandante do regimento de segurança, vindo a falecer às 11 horas da manhã do dia seguinte, e levemente, no tornozelo do pé direito, por estilhaço de granada, o 2.º tenente em comissão Clemente Argollo aluno da Escola Militar, que comandava a boca de fogo postada em uma trincheira no começo da rua da Boa Vista, a 400 metros, mais ou menos, do cemitério, e onde também foi heróica a defesa feita por soldados do 111.º, do 8.º, 15 de Novembro e 3.º regimento de artilharia.

Às 3 horas da tarde começa a declinar o fogo por parte dos assaltantes.

Das 3 e meia para as 4 horas, ouve-se, seguidamente, três tiros de uma boca de fogo do Boqueirão, e a este sinal o inimigo bate em retirada. Era nossa a vitória, mas desta vez, a custo de muito sangue dos nossos soldados e de perdas sensíveis, e irreparáveis de oficiais.

As baixas do inimigo foram consideráveis nesse dia. Em uma parte muito limitada do campo de ação, somente nos quintais das ruas das Tropas e Boa Vista, até onde pudemos levar as nossas pesquisas, encontramos 54 mortos e mais de 100 armas abandonadas.

Segundo nos relataram diversos prisioneiros que fizemos, entre os quais soldados do 17.º que tinham seguido para Ambrosios, o numero de assaltantes só daquelas ruas foi superior a 500 e deles talvez 100 não voltaram ilesos ao acampamento.

Do inquerito a que foram submetidos estes soldados, ficou-se sabendo que o ataque geral desse dia nos foi dado com mais de 2.000 homens; que eram verdadeiras as asserções feitas no dia 22 de janeiro pelo tenente Chiquet e negociantes Loureiro e Balster, e ainda que as forças que vinham de S. Paulo haviam retrocedido de Castro para aquele Estado.

Nesse mesmo dia, às 7 horas da tarde, mais ou menos, estando ao lado do coronel Carneiro, no seu leito de dor, quiz ele saber das novidades que havíamos colhido dos prisioneiros.

Referi-lhe então o que acima ficou exposto, dizendo que estava assim confirmado tudo quanto suspeitávamos, ou antes, tudo quanto sabíamos.

Pedi-me que procurássemos evitar que tais notícias fossem ao conhecimento da guarnição e que resistíssemos por mais dois ou três dias, pois tinha ainda esperança que o capitão Homem Bom chegaria com reforço.

Apezar de termos feito o inquerito debaixo de reserva e conservado incomunicáveis os prisioneiros, tais notícias já eram conhecidas de toda a guarnição, e isto pela razão de terem os soldados aprisionados, antes de nos serem entregues, divulgado tudo aos seus aprisionadores. Não obstante, tentamos desfazer a má impressão que ia pelo acampamento, criando boatos que lançassem a dúvida no espírito da tropa sobre a verdade das afirmações dos prisioneiros, tais como: o prisioneiro F... (davamos o nome de um qualquer que, encontrado ferido, falecera horas depois) declarou que tanto esse como os outros nada sabiam sobre Curitiba, e que, si diziam que essa cidade estava em poder dos revoltosos, era porque estes a isso os obrigavam, ameaçando-os de morte, caso afirmassem o contrário.

O dia 8 amanheceu claro e sereno, fato que havia muito não sucedia, devido ao tempo chuvoso que reinava; mas o nosso acampamento, a cidade, enfim, apresentava um aspecto lugubre e triste.

Determinavam isto os desastres da vespera e o trabalho que era preciso fazer para dar-se sepultura aos 54 cadáveres que jaziam espalhados pelos quintais das ruas das Tropas e Boa Vista e por esta rua.

De quando em vez alguns tiros de fuzilaria e artilharia partiam das posições inimigas como que para diminuir a sua presença.

Às 11 horas da manhã falece o comandante do regimento de segurança em casa do coronel Lacerda. Ao espalhar-se a triste nova, os soldados do mesmo regimento vão abandonando as trincheiras e querem ver pela última vez o seu chefe. Para evitar esse inconveniente, foi preciso inhumar-se imediatamente o cadáver, o que se fez na sacristia da igreja matriz da cidade.

Ali perto, no outro ângulo da praça, em casa do professor Pedro Fortunato e sob a assistência cuidadosa do médico da 2ª brigada, Dr. João Candido, findava-se também, pouco a pouco, o nosso chefe, mortalmente ferido.

A todos, porém, que queriam vê-lo, oficiais e soldados, fazia-se constar que ia melhor, que era leve o ferimento, e, sob o pretexto de que estava dormindo, a ninguém, dos que deviam ignorar o seu estado, se permitia o ingresso.

No dia 9, o inimigo começou cedo a nos bombardear de pontos diversos do Monge, em quanto que do lado do Boqueirão, a 1.000 metros, si tanto, da cidade, fazia levantar uma trincheira em posição de enfiar a praça da Igreja por uma rua existente entre a casa que servia de hospital de sangue e aquela em que permanecia o coronel Carneiro.

Rápido erguemos aí nova trincheira, e antes que o inimigo terminasse a sua, já um canhão nosso com pontarias certas, dificultava-lhe o trabalho.

Dessa posição nos fez o inimigo cinco ou seis disparos de Krupp, sendo logo obrigado a calar e retirar-se, pelo mal que lhe causou a nossa metralha.

Nesse dia limitou-se o inimigo a bombardear a cidade.

Das 2 para as 3 horas da tarde, reuniram-se na casa em que se fazia depósito de munições e generos os coroneis Serra Martins, Lacerda, Napoleão Poeta, os tenentes coroneis Libero Guimarães, Aristides Villas Bôas e Emílio Blum, capitão Sisson da artilharia e tenente Odílio, comandante do piquete de cavalaria, inquiriram-se sobre as condições materiais em que nos achavamos.

Mostrei-lhes que possuíamos ainda cento e poucos mil cartuchos de Infantaria, em sua maioria Manlicher e Chassepot, e cento e tantos tiros de artilharia, entre Schrapnell e granadas; algumas lanternetas para Krupp e 22 para Withworth que eu havia preparado, por estarem já acabadas as que acompanharam os respectivos canhões.

Quanto aos generos alimentícios tínhamos, ainda em depósito feijão, açúcar e café para quatro ou cinco dias e farinha para mais de dez, contando com a distribuição sómente feita às forças, e não às muitas famílias necessitadas, à vista da completa falta de generos no mercado da cidade.

Carne e toucinho nos faltava completamente, tendo-se naquele dia consumido as últimas vacas de cria e leiteiras que os particulares possuíam e guardavam em seus quintais.

Conhecidas essas condições pouco animadoras, retiraram-se aqueles oficiais, tendo antes o coronel Lacerda, referindo-se ao estado grave do coronel

Carneiro, cujo desenlace fatal era esperado a todo o momento, pedido aos seus companheiros que esquecessem ressentimentos que por ventura entre alguns existissem, e promettessem todos ali, sob palavra de honra, que continuariam a fazer a defesa da cidade, até serem esgotados os últimos recursos. De pé — braços estendidos e mãos sobre postas — foi essa promessa solenemente feita. A fatalidade, porém, pairava sobre nós.

Às 6 ½ horas dessa mesma tarde, faleceu o nosso legendário chefe e, como nessa ocasião o inimigo tiroteiasse com algumas de nossas trincheiras, conseguimos evitar que a desoladora notícia chegasse ao conhecimento da guarnição.

Vestido o cadáver com o uniforme de coronel e coberto com a bandeira do 17.º batalhão de infantaria, foi às 8 horas da noite transportado e depositado na igreja Matriz, onde permaneceu toda a noite.

No dia seguinte (10) a lugubre notícia era conhecida por todos.

Oficiais e soldados, silenciosos, tristes, como que esquecidos do perigo por que passavam, percorriam e cruzavam as ruas, encaminhando-se todos para o local onde jaziam os restos mortais do chefe respeitado e querido, que tantas vezes com o exemplo e com a ação os conduzia no caminho da Vitória.

Era preciso apressar o enterro, para sairmos daquela situação ao mesmo tempo angustiosa e inconveniente.

Às 8 horas da manh, envolto na mesma bandeira que lhe servira de coberta durante a noite, e acompanhado das saudades e lágrimas de seus comandados, encerrou-se em sepultura aberta, na sacristia da referida matriz, o cadáver do grande soldado brasileiro, cuja heróica bravura deixara escrita uma das mais brilhantes páginas da história pátria.

No dia seguinte, às 5 horas talvez, fui procurado pelo tenente Odílio, que disse-nos estar informado que naquela noite se dariam muitas deserções de oficiais e de praças. Perguntei-lhe si sabia quais eram os oficiais, respondeu-me que não, mas que o fato se realizaria.

Não podia ser mais grave nem mais desanimador o estado da guarnição.

Dei ciência do que soube aos comandantes das brigadas.

A noite passou-se como as anteriores, ameaças

de assalto às trincheiras com tiroteios ora pelos flancos, ora pela frente ou retaguarda. Desertaram algumas praças, nada ocorrendo com relação a oficiais.

Na manhã de 11, recebeu o coronel Lacerda um offico assinado por Laurentino Pinto Filho, comandante do 2.º corpo de exército revolucionário, no qual afirmava que estavam cercados por mais de 3.000 homens, aguardando ainda eles, revolucionários, a chegada da coluna de Salgado, que não podíamos contar com auxílio exterior nenhum por se achar o estado todo em poder da revolução, em consequência da tomada de Paranaguá e Curitiba, da capitulação de Tijuco e da providência que haviam tomado de guardar com forças suas as fronteiras de Paraná com S. Paulo, para onde havia retirado a força que vinha em nosso apoio; e invocando sentimentos de humanidade, pedia a ele coronel, ou a quem competisse resolver que, à vista da impossibilidade de resistência, depuzesse as armas, ajustando-se previamente as bases de uma capitulação honrosa para as forças sitiadas.

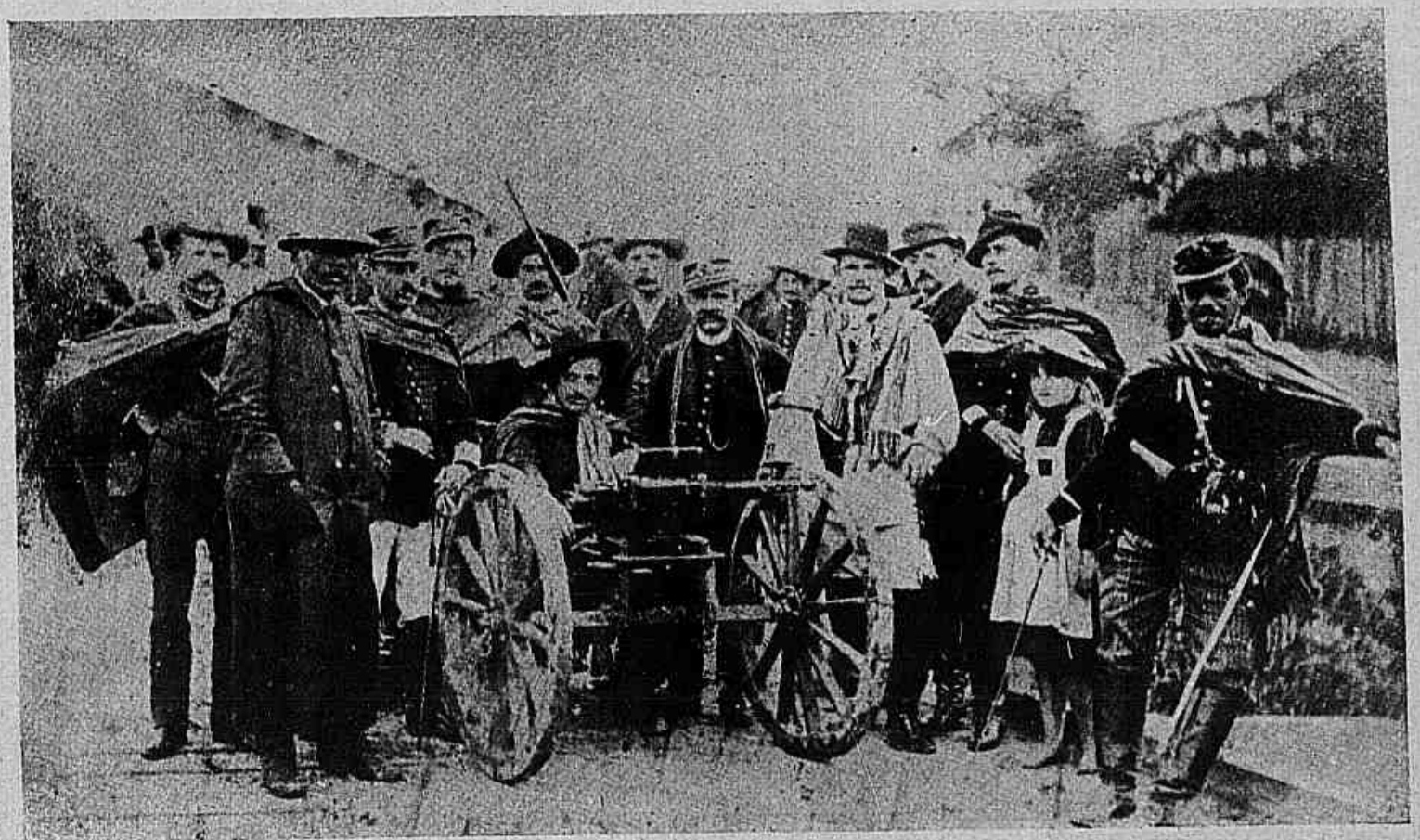
Reunidos os comandantes das duas brigadas, comandantes de corpos e eu, acordámos que nada deveria ser resolvido sem uma reunião plena dos oficiais. Respondendo ao chefe revoltoso, declarou o coronel Lacerda que os oficiais iam reunir-se para deliberar e que enquanto deliberavam cessaria o fogo das nossas trincheiras, caso quizessem ter as trincheiras inimigas igual procedimento. Cessando o fogo de um e outro lado, reuniram-se os oficiais e, após a leitura do offico e discussão travada a respeito da precária situação em que se achavam a tropa e a população da cidade, sem mais generos alimentícios para a manutenção de todos, ficou resolvido por quasi unanimidade parlamentar com o inimigo, para conhecer si eram verdadeiras as suas asserções e resolver depois sobre a proposta de capitulação.

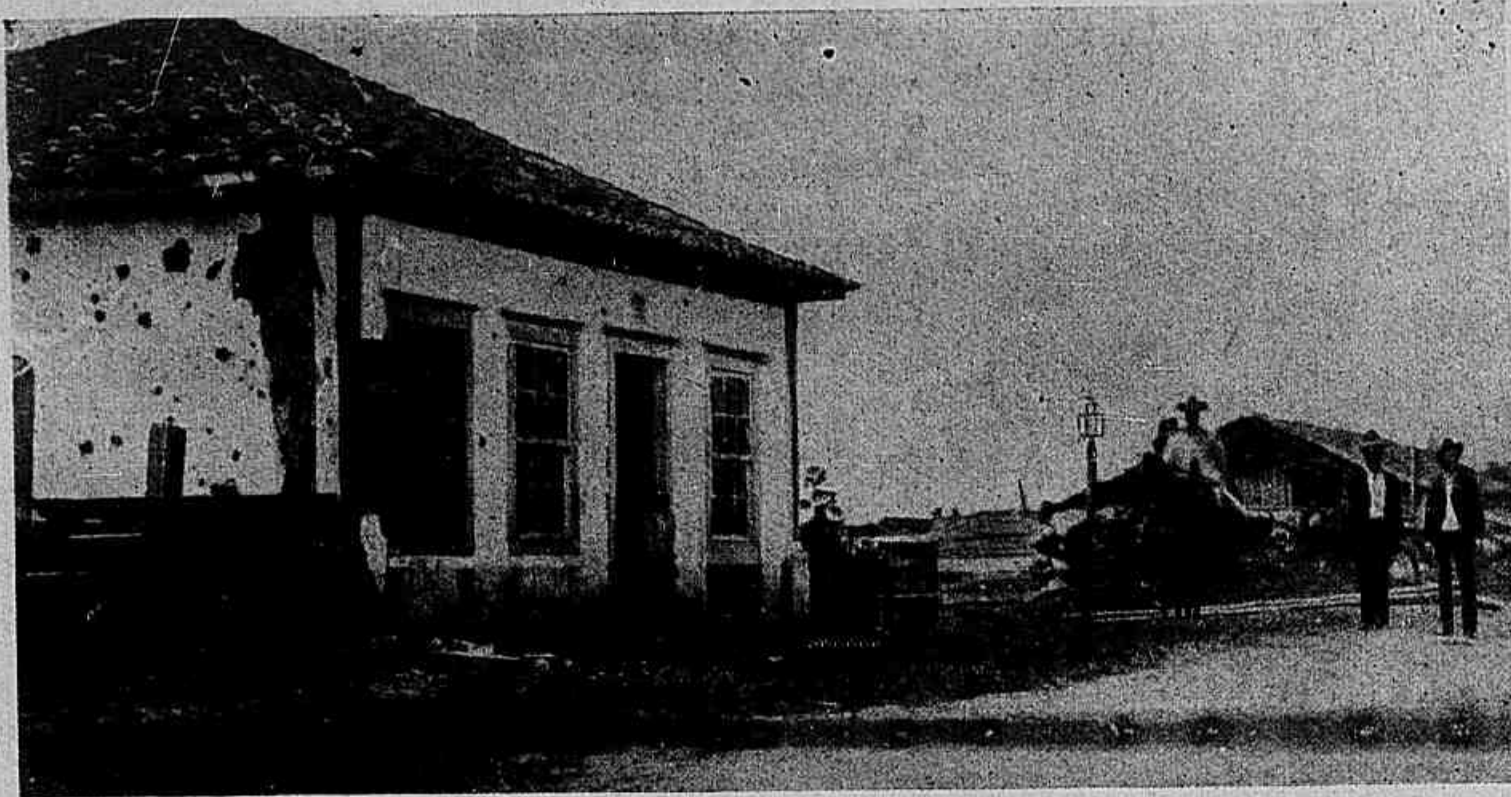
Foi então aclamada uma comissão, que ficou composta dos tenentes-coroneis Libero Guimarães e Villas-Bôas e alferes C. Waldhausen, a qual à 1 hora da tarde dirigiu-se ao acampamento inimigo em desempenho do que lhe era determinado.

Depois de alguma demora, voltou a comissão ao nosso acampamento, acompanhada por Laurentino e seu estado-maior.

Recebidos todos em casa do coronel Lacerda, onde

*Grupo de oficiais legalistas com uma metralhadora Nordenfeld, na Lapa, em 1894*





Uma das casas da cidade da Lapa onde ficaram os vestígios do combate de 7 de Fevereiro de 1894.

estava reunida a nossa oficialidade, aí foram vistos e examinados jornais, telegramas e outros documentos que deixaram provado quasi tudo quanto vinha referido no mencionado officio. Convencidos da impossibilidade de resistência ante os poderosos recursos do inimigo e inspirados pelos sentimentos de subtrair a população da cidade aos horrores da fome e do massacre, que seria inevitavel por parte dos revoltosos penetrando na cidade após assalto, aceitaram os officiais as bases da capitulação oferecida por Laurentino, sendo lavrada a respectiva ata, que V. Ex. conhece e que deixo de transcrever por não tê-la em meu poder.

Nessa mesma tarde foi a nossa tropa desarmada e a cidade occupada por forças de Laurentino. No dia seguinte (12) entravam na cidade Gumercindo Saraiva e Piragibe e com eles os seus sequazes, principiando então as correrias e o saque.

No depósito, já então occupado por muitos soldados revoltosos, appareceu Cesario Saraiva, primo irmão de Gumercindo, degolador de profissão, e mandando-me chamar, quiz em minha presença arrombar as canastras que encerravam os espólios sagrados do coronel Carneiro.

Impedi que tal fizesse, dizendo-lhe que aquilo era inviolavel à vista das bases da capitulação, e que fazia questão de entregar à viuva as canastras intactas como se achavam.

Respondeu-me, falando sempre em hespanhol, que Gumercindo lhe havia dado em vida o coronel Carneiro, tinha ele direito àquella bagagem, mas que entretanto contentava-se com possuir somente o fardamento do coronel.

Contestei-lhe semelhante direito, e lhe affirmei que o coronel tinha sido enterrado com o fardamento.

Simulou então desistir do seu intuito e retirou-se. Por minha vez também saí em busca de pessoal para transportar os espólios para a estrada de ferro e mais tarde, voltando ao depósito, nada mais encontrei.

O bandido tinha saqueado e conduzido tudo para o seu acampamento.

Na mesma occasião Piragibe, vendo o meu auxiliar, alferes em comissão Eduardo Manoel de Silva Coelho, que seguia para a estação, conduzindo um bauzinho de folha onde se achavam todos os documentos relativos a despezas que eu, na qualidade de assistente do quartel mestre general, havia feito com a divisão, e, na suposição de que

houvesse dinheiro em caixa, prendeu o alferes até o dia 13, no seu acampamento, e apoderando-se dos documentos não mais os restituiu.

Às 3 horas da tarde do mesmo dia 12, partiu o trem para Curitiba, conduzindo os officiais capitulados, suas famílias, forças de Laurentino e muitas famílias da cidade que se retiravam.

Por falta absoluta de logares, deixamos de seguir eu, o coronel Poeta, o major Menandro Barreto, o sargento do 17.º commissionado em alferes do batalhão Floriano Peixoto, José Manoel da Silva Coelho, irmão do meu auxiliar, e outros officiais da guarda nacional e dos batalhões patrióticos.

Começaram então as cenas de horror. Diversas casas foram totalmente saqueadas, entre ellas as de negocio do coronel Lacerda e da viuva Lacerda.

O sargento José Coelho é degolado, próximo mesmo à estação, e é provavel que igual sorte não nos coubesse por tê-lo impedido o revoltoso de nome Franklin Cunha, coronel das forças de Laurentino, que também havia ficado.

No dia 13 seguimos para Curitiba, onde dois ou três dias depois Cesario prendeu e degolou o major Menandro Barreto.

Deixo de referir-vos os trabalhos e vexames que cada um de nós soffreu, após a capitulação e os meios que empregou para fugir à perseguição dos invasores, porque seria alongar muito esta exposição, tornando-se excessivamente fastidiosa.

Posso, porém, afirmar-vos que, tanto quanto sei, todos os officiais da Lapa tiveram correto procedimento após a capitulação, com excepção feita do capitão de sapadores de S. Paulo, J. Scatari, tenente da guarda nacional Julio de Barros e alferes do regimento de segurança A. Vidal, que prestaram voluntariamente serviços aos revolucionarios, segundo me constou, anulando assim com esse procedimento ulterior os bons e reais serviços que com dedicação e lealdade prestaram durante o cerco.

De parte, os bons e relevantes serviços prestados pelo coronel Lacerda na formação da divisão, reunindo com o seu prestígio de chefe político e de cidadão benquisto, em todo o município da Lapa, cerca de 1.100 homens, com os quais formou os dois corpos de guarda nacional e os dois batalhões patrióticos que constituíram a sua brigada; os seus não menos estimaveis serviços durante o cerco, animando sempre com a sua presença e coragem as suas forças nos logares em que mais

forte e renhido se fazia o ataque; de parte a lealdade e dedicação do coronel Serra Martins, à República e ao governo constituido, a sua bravura pessoal na luta; devo terminar apresentando-vos os nomes dos officiais que o finado coronel Carneiro distinguia pela dedicação à causa que defendiamos e pela coragem com que encaravam a luta e o perigo. Nesta relação, feita unicamente com o auxilio de minha memória, alguns nomes ficaram esquecidos, principalmente dos officiais da 2ª brigada.

V. Ex., porém, terá occasião de completá-la, comparando estas com as informações prestadas pelo coronel Lacerda.

Eis a relação:

Estado-maior do comando da divisão:

Tenentes-coroneis Libero Guimarães e Emilio Blum;

Coronel Carlos Napoleão Poeta;

Capitão Homem Bom Justo Cavalcanti.

17.º batalhão de infantaria:

Alferes Secundino Eustaquio da Cunha;

Dito em comissão Manoel Augusto Botelho de Athayde;

Ditos Alvaro Cesar da Cunha Lima e Quintino Jaguaribe de Oliveira.

Contingente de artilharia:

Capitão comandante Augusto M. Sisson;

2.º tenente em comissão Gustavo Lebon Regis (atravessado por bala no combate do dia 7, está restabelecido);

Dito Clemente Argollo Mendes (ferido levemente a 7);

Dito Mario Alves Monteiro Tourinho;

Dito Cesar Augusto de Souza Franco (ferido levemente);

Tenente da guarda nacional Oscar Candido Cappella;

Alferes em comissão Candido José Pamplona;

2.º tenente da guarda nacional Julio de Barros.

Este official, depois da capitulação, prestou serviços aos revoltosos, aderindo à sua causa.

Piquete do 8.º regimento:

Tenente Raymundo Gonçalves de Abreu;

Alferes em comissão Carlos Waldhausen;

Dito Antonio de Sá Barreto Sobrinho.

Regimento de segurança do Paraná:

Coronel comandante Candido Dulcideo Pereira (ferido a 7, faleceu a 8 de fevereiro);

Major Ignacio Gomes da Costa;

Capitães: Clementino Paraná (sargento do exército), ferido gravemente a 22 de janeiro no assalto à estação da estrada de ferro, tendo o ventre atravessado por bala, está restabelecido; José Olyntho da Silva Castro (sargento do exército) e Praxedes Borba (sargento do exército, ajudante do regimento);

Tenentes José Lourenço de Carvalho Chaves (sargento do exército e ajudante de ordens do comandante da 2ª brigada) e Adalberto Gonçalves de Menezes, também ajudante de ordens da mesma brigada;

Alferes: Antonio Gomes Ferreira, Manoel Francisco de Araujo e Americo Vidal.

Segundo constou-me, este alferes serviu depois com os revoltosos.

111.º batalhão da guarda nacional de S. Paulo:

Capitão Kock Angelo;

Tenentes: Ricardo Stiegler. (Constou-se que os revoltosos, sabendo ser este official habil mecânico, obrigaram-no a trabalhar a bordo do República em reparos que soffreu no porto de Parana-

guá. José Mausberg e Alberto Polak promovido a este posto depois do assalto à estação no dia 22 de janeiro, no qual foi gravemente ferido, tendo o peito atravessado por bala; está restabelecido); Alferes: Max Schoeler e Pedro Hoffmann.

Pelotão de sapadores de S. Paulo:

Capitão José Sentari (adheriu aos revoltosos depois da capitulação);

Tenente José Meirelles.

18.º batalhão de infantaria da guarda nacional:

Tenente-coronel comandante Aristides Augusto Vilas Bôas;

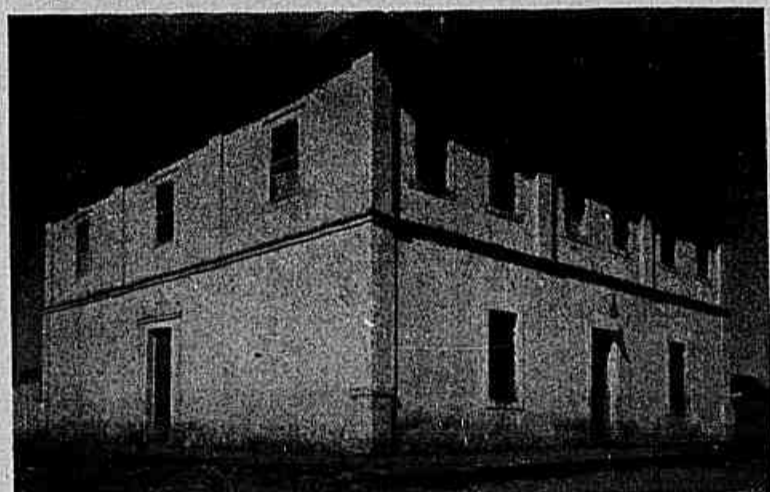
Major Procopio Pereira;

Capitães: Torquato de Pinho Ribas, José Maria Sarmiento Sena e Joaquim de Paula Ribas;

Tenentes: João Serviaky e Frederico Cauzet (foi degolado na Lapa depois da capitulação) e alferes Frederico de Faria e Indalicio de Aguiar.

13.º regimento de cavalaria:

Coronel João Pacheco dos Santos Lima;



A histórica cadeia velha da Lapa, que se transformará em Museu da Revolução Federalista.

Major Henandro Barreto (foi degolado em Curitiba).

Capitão Fermiano Nunes Ferreira;

Alferes Constantino Franco.

Batalhão Floriano Peixoto:

Tenente-coronel comandante José Amyntas da Costa Barros (morto no combate de 7);

Capitão Luiz;

Tenente Henrique José dos Santos (morto no combate de 7);

Alferes: José Charlot (morto no combate de 2 de fevereiro), Francisco Fidencio Guimarães (morto no combate de 7) e José Manoel da Silva Coelho, sargento do exército (degolado na Lapa no dia 12 de fevereiro).

Batalhão Quinze de Novembro:

Capitão João Rodrigues da Silva;

Tenente Otto Roschendorf (morto no combate de 7), e Carlos Ludvigi;

Alferes: João Bernardo da Silveira, Sebastião do Couto (promovido a este posto no dia 6), Mathias Sares Pinto, João Bernal Gonçalves (ferido gravemente no combate de 7), Antonio Bernal Gonçalves e João de Miranda.

Estado-Maior da 2ª brigada:

Capitão do batalhão Quinze de Novembro Francisco Gonçalves Junior;

Tenente Alberto Weiguard;

Alferes do 15.º Francisco Manoel Theodoro;

Alferes em comissão Theodoro Teixeira de Mello (aluno da Escola Militar, ferido gravemente a 22 de dezembro, tendo o peito direito atravessado por bala, conservando-se doente durante o cerco).

Batalhão de reserva:

Tenente-coronel comandante João Domingues Garcia;

Capitão Delfino Domingues Teixeira.

Além destes, manda a justiça que sejam também mencionados mais os nomes do capitão do 17.º Theodorico Guimarães, capitão do regimento de segurança Custodio Rolemberg, tenente do mesmo regimento Francisco Amaro, capitão do 18.º Rozendo Marcondes, tenentes do mesmo batalhão Tiburcio de Camargo e do Quinze de Novembro Francisco Bacellar, os quais, antes de seguirem com forças para Ambrosios e rios Negro e Iguassú, haviam prestado à coluna da Lapa serviços que mereceram elogios e aplausos do coronel Carneiro.

Corpo sanitário:

Tenente médico de 5ª classe contratado Dr. Felipe Maria Wolf e Dr. João Candido, os quais foram incançáveis de dedicação no exercício de sua profissão.

Com relação ao Dr. Wolf, devo acrescentar que, não tendo sido possível transportar para Curitiba, nos dias 12 a 13, os seus doentes, não quiz abandoná-los e ficou na Lapa ao lado deles, não obstante os riscos que corria a sua vida. Esta dedicação custou-lhe, porém, ser detido pelos revoltosos e obrigado a prestar serviços aos feridos deles nos hospitais de Curitiba.

Não finalizaréi esta lista sem apresentar-vos também o nome do alferes em comissão, Eduardo Manoel da Silva Coelho, que, como auxiliar do assistente do Quartel-Mestre General, cargo que exerceu junta à divisão, prestou-me os mais assinalados serviços, concorrendo com sua atividade, zelo, dedicação e probidade para que à divisão nada faltasse, quer antes, quer durante aqueles tremendos 26 dias de luta.

Capital Federal, 5 de julho de 1894 — Felipe Schmidt, major.

Relação nominal dos oficiais e praças mortos, feridos e que mais se distinguiram no cerco da Lapa, pertencentes à 2ª brigada aí organizada. Exm. Sr. general de divisão ministro da guerra — Cumprindo a ordem verbal que recebi de V. Ex., junto as listas dos oficiais e praças da 2ª brigada da Lapa, sob meu comando, sendo: sob n. 1, a lista dos oficiais mortos; sob n. 2, das praças mortas que deixaram viuva ou filhos; sob n. 3, das praças feridas ou mutiladas; sob n. 4, dos oficiais que mais se distinguiram.

Tenho certeza de haver omissões na lista das praças mortas e inutilizadas (n. 3) de cujos nomes não me pude lembrar nem constam de folhas. Pretendo pedir para a Lapa os documentos que

me habilitem a solicitar de V. Ex. qualquer reparação da falta, ora por mim involuntariamente cometida.

Saúdo a V. Ex. — O coronel Joaquim Lacerda, comandante da 2ª brigada da Lapa.

N. 1

## SEGUNDA BRIGADA DA LAPA

### Relação dos oficiais mortos em combate

#### Batalhão Floriano Peixoto

1.º, tenente-coronel comandante Dr. José Amintas da Costa Ramos, morto por bala na cabeça no dia 7 de fevereiro, deixando viuva e dois filhos menores;

2.º tenente Henrique José dos Santos, morto no mesmo combate por bala, deixando viuva e quatro filhos menores;

3.º, tenente José Charlot, morto por bala no combate do mesmo dia, solteiro;

4.º, alferes Francisco Fidencio Guimarães, morto por bala no mesmo combate, deixando viuva e um filho menor.

5.º, alferes José Manoel da Silva Coelho, (sargento do 17.º de linha, comissionado neste batalhão) foi degolado em 12 de fevereiro, deixando viuva e filhos.

#### Batalhão Quinze de Novembro

1.º, tenente Otho Rochendolph, morto no combate de 7 de fevereiro, deixando viuva e dois filhos;

2.º, tenente Frederico Carlos Ludwic, degolado depois da capitulação em 15 de fevereiro, deixando viuva.

18.º de infantaria da guarda nacional Tenente Frederico Ganzerd, degolado em 28 de fevereiro, deixando viuva.

13.º de cavalaria da guarda nacional Major José Menandro Barreto. Preso pelos revoltosos em Curitiba, foi barbaramente mutilado e degolado em dia que se ignora; deixou viuva, que faleceu logo após a notícia da sorte de seu marido; existe uma filhinha de tenra idade de nome Emilia.

N. 2

Relação das praças mortas em combate pertencentes a esta brigada e que deixaram viuva e filhos.

1.º, Benedicto Xavier da Silveira, degolado em 11 de fevereiro, deixando viuva e um filho;

2.º, José Joaquim de Lacerda, morto no combate de 22 de janeiro, deixando mãe viuva de quem era único arrimo;

Oficiais legalistas de artilharia no bivaque no Rio Preto, destacando-se o general Argolo.



3.º, Noé Suppicy, morto por bala de canhão revólver em 30 de janeiro, deixando viuva e filhos;

4.º, Delfino de Araujo, do meu piquete, morto no combate de 15 de janeiro, próximo do Rio da Vargem, deixando viuva e um filho;

5.º, Francisco Rodrigues Franco, do meu piquete, degolado barbaramente em 12 de fevereiro, deixando mãe viuva e uma filha de quem era arrimo;

6.º, Gabriel Manoel Pereira, sexagenário, encarregado de um dos hospitais de sangue, degolado em 7 de fevereiro quando procurava comprar esteiras para o aludido hospital, deixando viuva e cinco filhos na maior miséria;

7.º, Sebastião de Paula e Silva, morto a meu lado no combate de 17 de janeiro, no cemitério, deixando mãe viuva de quem era o arrimo;

8.º, Calardino José Barbosa, morto em 11 de fevereiro, deixando viuva e filho;

9.º, Francisco Fernandes Colaço, do meu piquete, morto em 12 de fevereiro, deixando viuva e filhos;

10, Francisco Germano, morto no combate de 22 de janeiro; tinha mais dois irmãos no batalhão Floriano Peixoto, dos quais o de nome Antonio de quem não se pôde obter a mínima notícia; tem mãe viuva com filhos menores;

11, Florencio Lopes de Almeida, homem velho; serviu com dedicação e bravura durante o cerco; foi degolado em 12 de fevereiro, deixando viuva e muitos filhos;

12, João Baptista de Oliveira, morto no combate de 7 de fevereiro; foi seu cadaver encontrado horrivelmente mutilado; deixa viuva e filhos;

13, Carlos Westphall, degolado em 12 de fevereiro; deixa viuva;

14, João Bill, carroceiro de confiança do general Carneiro, degolado em 11 de fevereiro; deixa viuva e cinco filhos;

P. S. Foram mais degolados em 14 de janeiro, quando foram ao Rio da Vargem, por ordem do general Carneiro, verificar o movimento do inimigo, os paizanos: bombeiros João Prestes Cavalheiro e João Lourenço Pimentel, deixando ambos viuva e muitos filhos.

#### N. 3

##### Relação das praças feridas ou mutiladas

1.º, Felix Ramos, ferido levemente, muito bravo;

2.º, David Antonio Cordeiro, sargento, ferido gravemente, portou-se sempre com a maior bravura;

3.º, Manoel Cordeiro, irmão do precedente, ferido levemente; tão bravo como seu irmão;

4.º, Theophilo da Silveira, sargento, do meu piquete, ferido levemente; portou-se sempre muito bem;

5.º, José Sampaio, amputado de um braço, inhabilitado de procurar subsistência;

6.º, Delfino Collaço, amputado de um braço, inhabilitado como o precedente;

7.º, Pedro de Oliveira Ribas, ferido gravemente em combate; promovido por esse ato pelo general Carneiro ao posto de sargento;

8.º, João Vieira da Rosa, aleijado de uma perna por bala, merecia confiança do general Carneiro, que o encarregava de dar caça ao inimigo, o que executava com perspicacia e bravura;

9.º, Francisco Machado, ferido logo no começo do ataque do Cemitério, continuando a bater-se até ao fim do combate;

10, Ignacio Soares da Silva, ferido em uma perna;

11, Manoel Gonçalves Beira, ferido, salvou carregando às costas um soldado do regimento de segurança;

12, sargento Luiz Maximiano de Faria, ferido por bala em uma das mãos, ficando aleijado;

13, Evaristo Padilha, ferido gravemente em 22

de dezembro; teve promessa do general Carneiro, de um mosquetão com dedicatória, pela bravura com que se portou;

14, Faustino Biola, idem, idem;

15, Miguel Moreira, ferido, portou-se sempre com a maior calma, dedicação e bravura;

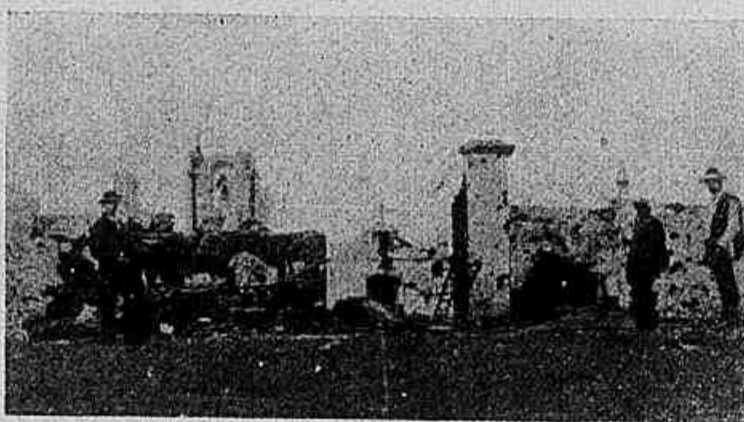
16, José Luiz, sob o fogo do inimigo, carregou às costas o capitão Clementino Paraná, ferido gravemente no dia 22 de janeiro, mais tarde foi ferido quando punha fogo em uma mina de que estava encarregado;

17, Irineu Gonçalves Beira, bravo até à doudice, ferido.

18.º, João da Veiga, ferido gravemente em uma das mãos; era diariamente visitado pelo general Carneiro, testemunha da bravura com que se portou; ficou aleijado;

#### N. 4

Relação dos oficiais que mais se distinguiram desde 20 de novembro, em que marcharam para o Rio Negro, até 12 de fevereiro.



O cemitério em ruínas, depois dos combates

13, regimento de cavalaria da guarda nacional

1.º, coronel João Pacheco dos Santos Lima, comandante do mesmo, primeiro oficial ferido em combate, bateu-se sempre com a maior bravura;

2.º, capitão Firmino Nunes Ferreira, portou-se sempre bem;

3.º, alferes João Pacheco Sobrinho, idem, idem;

4.º, alferes Ernesto Machado, combateu sob as ordens do general Carneiro, foi por ele elogiado e promovido;

5.º, alferes Constantino Soares Franco, portou-se bem;

6.º, alferes Francisco José Martins, ferido, nem por isso deixou de combater até ao fim.

18.º batalhão de infantaria da guarda nacional

1.º, tenente-coronel Aristides Villas-Boas, grande auxiliar na organização das forças civis sob meu comando, disciplinador, bravo e cumpridor dos seus deveres até aos sacrificios. So tenho elogios para este oficial, que se distinguiu sempre, merecendo inteira confiança do general Carneiro; comandou o batalhão desde sua organização;

2.º, capitão ajudante José Maria Sarmiento de Senna, mereceu sempre a confiança dos seus chefes, desempenhando satisfatoriamente todas as incumbências de que se encarregava;

3.º, major Procopio Ferreira da Silva, portou-se bem;

4.º, capitão Rosendo Marcondes; portou-se sempre com bravura, combatendo sempre sob imediatas ordens do general Carneiro; seguiu para Tijuca com uma ala do batalhão, ali caiu gravemente ferido dando vivas à República;

5.º, capitão Torquato do Pinho Ribas, correto cumpridor dos seus deveres;

6.º, capitão Joaquim de Paula Ribas, idem, idem;

7.º, tenente Frederico de Faria, portou-se perfeitamente;

8.º, tenente Benedicto Domingues Leocadio, ferido e aprisionado em combate no mez de dezembro no Serro Verde, ficou preso no Desterro até à entrada da esquadra legal;

9.º, tenente Tiburcio Ferreira de Camargo, portou-se bem;

10, tenente João Taborda Ribas, idem idem, foi ferido em um braço;

11, tenente João Suwicki, portou-se bem durante o cerco; infelizmente ligou-se depois aos revoltosos e auxiliou muito ao saque da cidade;

12, tenente Antonio Nogueira, portou-se sempre com muita bravura;

13, tenente Antonio Bernal Gonzalez, veterano do exército hespanhol (vide batalhão Quinze de Novembro);

14, alferes João Raymundo Pereira Ramos; portou-se bem durante o cerco; infelizmente passou-se depois para os revoltosos, que lhe deram o acesso de posto;

15, alferes Indalecio Rodrigues de Aguiar, bravo combatente e cumpridor de seus deveres;

16, alferes Pedro Taborda Ribas, portou-se bem;

17, idem Roberto Ehelk, idem, idem;

18, idem Serapião Marcondes Fonseca, idem, idem;

19, idem Germano Gosber, idem, idem;

20, Benedito Villalba, idem, idem;

21, idem João Eulalio de Paula, imberbe, valente e bravo, ferido em ambas as pernas em dezembro e por esse motivo promovido pelo general Carneiro.

#### Batalhão Floriano Peixoto

1.º, capitão Luiz José de Oliveira, promovido duas vezes pelo general Carneiro, pela bravura e correção com que sempre se portou;

2.º, capitão Alexandre de Paula e Silva, portou-se bem;

3.º, idem Joaquim Cardoso Paes, ajudante, idem;

4.º, idem Leocadio Lacerda, idem;

5.º, idem João José Corrêa de Lacerda, idem;

6.º tenente João Saldanha Muniz, idem;

7.º, alferes Nestor Saboia, idem;

8.º, idem Francisco de Souza, idem;

9.º, idem Alexandre da Silveira Filho, idem.

#### Batalhão Quinze de Novembro

1.º, capitão João Rodrigues da Silva, portou-se bem, especialmente no ataque de 7 de fevereiro, tendo aprisionado em 22 de janeiro o tenente Corrêa, revoltoso;

2.º, capitão João Teixeira Saboia, portou-se bem;

3.º, tenente Antonio Bernal Gonzalez (veterano do exército hespanhol); portou-se com muita bravura e auxiliou a instrução do batalhão;

4.º, tenente João Bernardo da Silveira, portou-se bem;

5.º, alferes Augusto Corrêa de Lacerda, idem, idem;

6.º, idem João de Miranda, homem idoso, comandou a defesa de uma trincheira durante o cerco, com muita bravura e dedicação, pelo que lhe foi dado este posto pelo general Carneiro;

7.º, alferes Alonso Correa Avelino, portou-se bem;

8.º, idem Mathias Soares Pinto, idem, idem;

9.º, idem João Fernandes Gonzalez (veterano do exército hespanhol) bateu-se sempre com a maior bravura, sendo ferido no combate de 7 de fevereiro;

10, idem Joaquim Hades Tavares, portou-se com bravura e lealdade.

#### Estado-maior da brigada

1.º, capitão Dr. Joaquim Francisco Gonçalves Junior, engenheiro; dirigiu todos os trabalhos de defesa da praça, trabalhando muitas vezes toda a noite; teve o chapéu varado por uma bala;

2.º, capitão Dr. João Candido Ferreira; prestou como médico os melhores serviços desde a organização das forças até ao final; foi o assistente devotado do general Gomes Carneiro;

3.º, tenente Alberto Wainhnard, portou-se bem;

4.º, alferes Theodoro Teixeira de Mello, aluno da Escola Militar adido ao batalhão Floriano Peixoto, saiu em deligência a seu pedido, comandando uma força daquele batalhão; entrando em combate às margens do Rio Negro no dia 22 de dezembro, foi gravemente ferido, tendo o pulmão atravessado por bala;

5.º, alferes Belarmino José da Silveira, serviu com toda a dedicação;

6.º, alferes Francisco Manoel Theodoro; portou-se sempre de modo a merecer elogios do general Carneiro, que o promoveu a este posto.

#### 9.º batalhão da reserva

1.º, tenente-coronel comandante João Domingues Garcia;

2.º, capitão Delfino Domingues Teixeira, foram ambos leais auxiliares na administração da cidade. Capital Federal, 25 de agosto de 1894. — Coronel Joaquim Lacerda, comandante da 2ª brigada da Lapa.



GOMES CARNEIRO FERIDO EM COMBATE

— Têla de Armando Vianna —

LEONCIO CORREIA não é apenas, em nossa história literária, uma figura tradicional, cuja presença nos inspira a veneração do belo grupo de escritores que no começo do século, no Rio de Janeiro, constituiu a nossa boemia literária. É também uma brilhante envergadura de historiador, com um senso muito agudo dos episódios que definem uma época ou retratam exatamente um indivíduo. Sobre



o cerco da Lapa, escreveu ele, para a "Ilustração Brasileira", uma página viva que, pelo seu brilho, pelos seus imprevistos e pelos seus ensinamentos, nos evocam os melhores períodos de Lenore sobre a história da França. Seu depoimento tem um alto valor, por isso que Leoncio Correia participou dos acontecimentos, cujo cinquentenário o Brasil agora celebra.

## EPISÓDIOS À MARGEM DO CÊRCO DA LAPA

O general Francisco de Paula Argolo, soldado bravo, mas prudente, apreendeu num seguro golpe de vista, que as condições topográficas da cidade do Rio Negro eram tão vantajosas para os atacantes quanto cheia de perigo para os atacados, que poderiam ser facilmente presas de um movimento envolvente. E ordenou a contra-marcha para a Lapa. Pela madrugada havíamos sustentado um animado duelo de artilharia com as bôcas de fogo de Piragibe, que irrompeu pela serra da Oratoria. O retorno foi feito num ambiente de apreensões, a 21 de Novembro. Corria, com insistência, o boato de que Aparício, à frente de mais de 6 mil homens — destemidos e aguerridos lanceiros gaúchos — nos atacaria na ponte do rio da Varzea, que teria sido destruída, Hercílio Luz, com alguns soldados de cavalaria, galopou até o rio do Meio e, pelo reajustamento da ponte nos encontros, restabeleceu o trânsito, ameaçado de ser interrompido, separando as duas brigadas que marchavam guardando distância uma da outra.

— Quem é ?

— O general !

— Pronto !

O general Argolo era um belo tipo de soldado. A imponência do porte casava-se ao seu ar marcial. Delicado, calmo, voz tranquila, garbo comedido.

— Irrompeu um movimento subversivo em Triunfo, São Mateus, Porto da União e povoações circunvisinhas, disse-me. Vou confiar ao seu patriotismo e ao seu bom senso a tarefa de jugular a insurreição. Tem às suas ordens cinquenta soldados e três oficiais — um capitão, um tenente e um alferes, um do exército um da polícia e um da guarda nacional; à sua escolha.

— Perdão, general: posso ter como subordinado um oficial de igual patente à minha, contando antiguidade de posto sobre mim?

— Em tempo de guerra pésa-se o fator confiança, que sobreleva a antiguidade de posto. As sete da manhã terá o senhor um trem à sua disposição, que o levará, e a tropa à Palmeira. O senhor é paranaense; deve, quanto possível, poupar vidas de patricios. A revolta é um lamentável incidente na nossa vida nacional, mas é um incidente apenas. Permanente é a paz. Evite ser apontado mais tarde como mandante de assassinatos.

— Peço dar-me como companheiros o capitão Rolemberg, o tenente França e o alferes Araujo. São meus velhos conhecidos. Procurarei ser digno da sua confiança. Agradeço os seus conselhos. Os nossos sentimentos se combinam.

No dia seguinte, pela manhã, estava a força, composta de soldados e oficiais da polícia do Estado, formada em frente a estação da estrada de ferro, e recebemos, dentro em pouco, os adeuses do general, do coronel Joaquim Lacerda, de oficiais do exército e de amigos civis.

Desde logo combinei com o capitão Rolemberg, cabo de guerra experimentado nas ásperas batalhas do Casterledo, caber-lhe a iniciativa das manobras militares. Pude dess'arte, desempenhar-me satisfatoriamente da delicada e espinhosa missão que me fôra confiada. Entregues, em Curitiba, às autoridades com-

petentes, os primeiros capturados: um sacerdote e um tenente-coronel da guarda nacional, polonêses, e um brasileiro, Miranda, aclamado major pelos rebeldes.

Quando regresssei à Lapa, encontrei no comando da divisão o coronel Antonio Ernesto Gomes Carneiro. Fiz-lhe, como desejou, relatório oral do quanto ocorreu durante o tempo que estive à frente da pequena tropa incumbida de jugular o movimento sedicioso.

Quatro dias após haver assumido o comando da divisão, Carneiro foi informado de que a três léguas da cidade, para as bandas do rio da Varzea, andavam grupos de federalistas espalhando o terror entre gentes pacíficas e laboriosas. Foi ver de perto o que havia. Surpreendeu o inimigo, que fugiu, deixando em suas mãos dois prisioneiros.

— Esse home eu num conheço, seu coroné; mais, porém ess'outro é um home capaz, bom chefe de familia, dizia a Carneiro um caboclo que se juntara à multidão que, por esse mórno crepusculo de Janeiro, se apinhava, curiosa, em torno dos dois detidos. E, de pronto, revidou o comandante-chefe:

— Ambos são peiores !

Na noite de onze desse mesmo mês, noite "negra como o terror, triste como Caím", o coronel Lacerda, o doutor Gonçalves Junior e eu, saímos a correr as linhas de frente. Pouco além da cadeia, no campo que se estende município a fóra, ouvimos "o passo regular do sentinela". Falavamos alto. Joaquim Lacerda, como de costume, pilheriava. Ríamos gostosamente. Chegados junto à bisonha sentinela, que andava de cá pr'alá, de lá pr'acá, Lacerda interpé-la-a :

— Você não ouviu passos e vozes de gente que se aproximava? O seu dever era perguntar: quem vem lá? — Se não obtivesse resposta, fazer fogo, ouviu, seu bobo?

— Eu conheci a voz de nhô Quinco...

— Podia ser algum inimigo imitando a minha voz. A sua obrigação era perguntar: — quem vem lá? — está ouvindo? Tínhamos dado alguns passos, o caboclo, com voz dolente e cantada, pergunta :

— Quem vai lá?

No dia 15 de Janeiro, pela manhã, a Lapa assistia, pela primeira e unica vez, ao aparato de um fuzilamento militar — fuzilamento que se não tornou efetivo pela covardia do réu, o cadete-sargento Bexiga, acusado do crime de alta traição. Bexiga, na hora decisiva, atirou-se às pernas do coronel Joaquim Lacerda, derrubando-o do cavalo que montava. O intrépido e generoso comandante da segunda brigada suplica, para o criminoso, do glorioso e magnanimo coronel Carneiro, a misericórdia do perdão. O bravo defensor da Lapa, livido e tremulo de indignação e de asco, esmaga o traidor com estas palavras:

— Traidor da República, traidor da Pátria, traidor dos teus companheiros de armas, nem o menos, sabes morrer como um homem. Estás perdoado, covarde !

No dia seguinte eu partia da Lapa no desempenho de uma discreta missão com que me honrava o imortal soldado da República, o que dizia respeito à situação dos presos da cadeia de Paranaguá. Impossibilitado de alcançar essa cidade, onde nasci, por já se achar em poder dos revoltosos de Custodio de Melo, e de regressar, já cercada pelos federalistas, tomei, em tal conjuntura, o único caminho que me impunham o meu amor à República e a minha honra de combatente: procurar junção com as forças legais estacionadas no sul de São Paulo. E fi-lo, certo de que cumpria um alto dever cívico.

Em Itararé, mais tarde, soubemos da morte de Carneiro, o qual teve o seu maior elogio nesta impressionante frase de Floriano: a Lapa capitulou? Então, é que o Carneiro morreu !

# Aos Batalhões da Lapa

**D**esde o dia 16 do corrente que soffreis o ataque dos inimigos da República, aos quaes tendes sabido resistir com patriotismo e valôr, que ficarão gravados na nossa história como bello exemplo para nossos filhos.

**D**endes vencido sempre esses inimigos, que reconhecendo a sua propria fraqueza appellaram agora para as intrigas, os falsos boatos e as traicões. Não lhes deis credito.

**C**onservai-vos no caminho do dever e da honra, que é também o da victória.

**C**ongratulando-me convosco, pelos triumphos que alcançastes, peço-vos alguns dias mais de constancia e resignação em bem dos nossos proprios interêsses e da República, que estará muito brevemente vencedora e em paz!

**V**iva a República! Viva a Legalidade!  
**V**iva o povo da Lapa!

**A** campamento na cidade da Lapa, 24 de Janeiro, de 1884

**Coronel Antonio Gomes Carneiro**  
**Commandante da Divisão**

MANIFESTO DIRIGIDO PELO CORONEL GOMES CARNEIRO AOS SEUS BRAVOS COMANDADOS DA LAPA, QUANDO IA MAIS ATIVO O ASSÉDIO DA CIDADE. A EXORTAÇÃO DO HEROICO SOLDADO CALOU FUNDO NA TROPA: O SEU VALOR COMBATIVO "EXCEDEU-SE A TUDO QUANTO SE VIRA ANTES"



Gomes Carneiro quando chefe da Comissão Construtora de Linhas telegráficas, em 1890, cercado dos seus auxiliares, entre os quais o então alferes Candido Rondon.

# GOMES CARNEIRO,

## PRECURSOR DA PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS DO BRASIL

A atividade do herói do cerco da Lapa na construção da linha telegráfica Rio-Araguaia, através do testemunho de Rondon

**A**S comemorações do meio centenário do cerco da Lapa, pondo em foco a figura do general Gomes Carneiro como militar e estrategista, não devem fazer esquecidos outros aspectos de sua vida, toda ela dedicada ao Brasil. Trabalhador infatigável, Gomes Carneiro deixou sempre, nas diversas comissões que exerceu, um traço de inconfundível personalidade e a folha de serviços por êle prestados, atesta a sua presença ininterrupta nos mais variados setores de atividade.

De todas as realizações em que tomou parte porém, uma das mais importantes, sinão a mais importante, é sem dúvida, a ligação de Cuiabá ao Araguaia pelo telegrafo, empresa de compreensível arrôjo para aquela época e de incalculáveis benefícios para a Nação.

Foi, para rememorar através da palavra de uma testemunha insuspeita, êsse magnífico empreendimento, que procuramos ouvir o general Rondon, colaborador de Gomes Carneiro e continuador de sua obra.

O grande sertanista patricio recebeu-nos com o mesmo humor e a mesma solicitude que fizeram dele o "pai grande" dos nossos selvícolas. Tendo vivido mais de dois terços de sua vida ao ar livre, vendo tudo e falando a todos, Rondon levou para o Serviço de Proteção aos Índios o mesmo espírito liberal que demarca expressivamente a sua tarefa no sertão.

Sua mesa está colocada em frente à porta. Nenhum continuo barra a entrada do visitante que, ao entrar, depara logo com a figura simpática e atraente de Rondon.

— Faça o favor de sentar-se.

Êle assina um officio, ouve a explicação do funcionário, volta-se para o reporter e convida-o a falar.

— Muito bem! diz, ao ser revelado o fim da visita. Vamos lá, então...

Uma senhora se aproxima da mesa, trazendo uma menina pela mão. Rondon interrompe o que ia dizer para atendê-las.

Conversa com a garota, brincando e rindo.

— Ela é filha do meu antigo ordenança, explica-nos no meio da conversa.

E voltando-se para a menina, acrescenta:

— Diga ao papai que eu ainda não esqueci aqueles bons tempos de Aquidauana...

A menina e a senhora se despedem, saem. A entrevista começa. — Quem teve a idéia da ligação telegráfica entre vários pontos afastados do território nacional, principia êle com a sua voz clara e pausada, foi um dos gabinetes da monarquia. É provável, quasi certo mesmo, que tenha nascido no Ministério da Guerra, partindo do Exército a quem interessava fundamentalmente, como medida de pro-

teção e de verdadeira posse territorial. Quanto ao seu autor, é coisa que não sei... A partir do que conheço, quando a República foi proclamada, já estava em atividade a Comissão de Linhas Telegráficas de Uberaba a Cuiabá, por Goiás, chefiada pelo coronel Everton Quadros e tendo como ajudante o então major de engenharia, Gomes Carneiro. Para ativar os trabalhos, Everton Quadros sub-dividira a sua Comissão, enviando como encarregado de atacar o serviço em Cuiabá, o engenheiro-militar Cunha Mattos. Vinho a República, o ajudante-general Floriano Peixoto propôs a Benjamin Constant, Ministro da Guerra, desdobrar a Comissão chefiada por Quadros para que se acelerasse a ligação de Cuiabá ao Rio de Janeiro. Creou-se a Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Cuiabá ao Araguaia, cuja chefia foi dada ao ajudante-major Gomes Carneiro. Isso em 1889... Gomes Carneiro veio logo depois ao Rio para organizar o pessoal. Escolheu como 1.º ajudante, o major-engenheiro-militar Manoel Caetano Faria de Albuquerque, como 2.º, o 1.º tenente engenheiro-militar José da Cunha Pires e como 3.º ajudante foi buscar na Escola Militar o então alferês-engenheiro-militar Candido Mariano da Silva Rondon... Porque?... Porque queria que esse terceiro ajudante fosse engenheiro-militar e matogrossense... Foi assim que eu entrei para a Comissão de Linhas Telegráficas de Cuiabá ao Araguaia... Nesse tempo ainda pertencia ao corpo da Escola Militar e só fui desligado já a serviço de Gomes Carneiro, em 1890...

Rondon faz uma pausa e sorri, explicando num parêntesis:

— É preciso dizer que o 1.º ajudante escolhido por Gomes Carneiro, naturalmente a pedido de Floriano, era candidato a deputado por Mato Grosso, e só iria fazer parte da Comissão para pleitear a sua eleição ali...

— Mas isso é apenas um episódio... Vamos continuar, diz Rondon depois de fechar o seu histórico parêntesis. O terceiro ajudante de Carneiro seria encarregado dos trabalhos astronômicos e para isso, teve ordem de ficar no Rio, praticando no Observatório Nacional, seguindo logo depois. Gomes Carneiro partiu em Fevereiro e eu só me pude juntar a ele em Março. Mal chegamos, iniciamos a construção, substituindo Cunha Matos e recebendo dele o material. A construção de Cunha Matos tinha cinco léguas além de Cuiabá, e chegava ao rio Aricá. Carneiro reconstruiu esse trecho e prosseguiu sem descanso. O 1.º ajudante ficou em Cuiabá posto que lhe convinha para a luta eleitoral encarregado do material e do movimento financeiro da comissão. O 2.º tomou conta da construção e o 3.º chegou em Abril, sendo destacado para o levantamento da linha construída e determinação das coordenadas geográficas dos pontos importantes dessa linha. E no dia 30 de Abril de 1891, natalício de Floriano, Gomes Carneiro inaugurava a ligação telegráfica que lhe tinha sido confiada, plantando no sertão, em 13 meses, 553 quilômetros de fios... É verdade que a obra era provisória, espécie de experiência, porque o fio empregado era de cobre, com 2m/m e meio, mas nem por isso é menos grandioso o empreendimento realizado... Terminada a construção, Gomes Carneiro passou ao seu terceiro ajudante, então 1.º tenente do Estado Maior, de 1.ª classe, a chefia da Comissão, para recolher o material em Cuiabá, atravessou o Araguaia e rumou para Uberaba onde tomou o trem e veio apresentar-se no Rio, com o intuito de encontrar Everton Quadros que já aqui se achava. Cabe aqui, uma nova digressão que convém registrar... Quando ainda na construção da linha o 3.º ajudante de Carneiro foi nomeado lente substituto da 1.ª Seção da Escola Militar (matemática). Informado disso, Carneiro respondeu às

autoridades que o seu auxiliar fazia grande falta à Comissão, mas assim mesmo foi forçado a permitir que ele assumisse o seu posto... Falemos na primeira pessoa, agora... Vim para o Rio e passei a lecionar Astronomia e a repetir Mecânica para os alunos da Escola. Carneiro insistiu comigo para que eu pedisse uma disponibilidade e voltasse à Comissão. Respondi-lhe então, que só me convinha a troca absoluta, isto é, uma desistência do meu cargo de professor para que regressasse aos antigos trabalhos no sertão. E foi isso que fiz... Pedi demissão e voltei para a companhia de Carneiro, sendo nomeado Engenheiro-Chefe do 16.º Distrito Telegráfico, em Mato Grosso, que ia de Cuiabá a Marechal Floriano, já em Goiás. E de 1892, data em que isso aconteceu, a 1898, reconstruí com fio de 5m/m e postes definitivos, toda a linha antiga. Mas voltemos a Gomes Carneiro, para finalizar... A linha telegráfica teria de ser construída 50 léguas a léste de Cuiabá, através de aldeamentos boróros ainda bravios e em guerra com os civilizados. Sabendo que constantemente lutas se travavam na estrada que ligava Goiás a Cuiabá, entre os índios e os viajantes e mesmo os fazendeiros da região, Carneiro resolveu publicar em edital, ao longo da estrada de Cuiabá ao Araguaia, uma recomendação que quem daquela data em diante perseguisse ou causasse danos aos índios da zona onde a linha teria que passar e a Comissão teria que agir, seria responsabilizado criminalmente... Foi pois, Gomes Carneiro, o precursor prático da proteção aos índios, proteção que iniciou e que constituía uma das suas mais importantes preocupações.

**General Cândido Rondon, colaborador de Gomes Carneiro e continuador de sua obra nos sertões de Mato Grosso, na construção das primeiras linhas telegráficas que cortaram aquela região, e cujas reminiscências oferecemos aos nossos leitores.**



# A epopéia da na poesia Brasileira



## A RENDIÇÃO DA LAPA

Quando da Lapa a rendição se espera  
Nas altas rodas governamentais,  
Luto e tristeza então eram gerais,  
E o desalento que a impotencia gera...  
Floriano ordena, e logo se exaspera,  
Fica impaciente, contra as leis fatais;  
Fala à desidia dos seus generais  
E à propria massa que se degenera...  
Fazendo a ronda pelas fortalezas  
Numa noite de escuro e de humidade,  
Alguem da-lhe a noticia entre tristezas:  
O ninho de heróis - Lapa - se rendera!  
O marechal, então, com gravidade,  
Diz que **Carneiro**, o seu herói, morrêra...

DAVID CARNEIRO

## LAPA

Teu nome, aqui, figura entre as primeiras  
Fundações dos audazes bandeirantes,  
Tambem forjaste rústicas bandeiras  
Para varar invios sertões distantes.  
Mandando ao Paraguai hostes guerreiras,  
Colheste glórias imortais, brilhantes;  
Contiveste a Invasão de hostes traiçoeiras,  
Poupando à pátria bem erueis instantes.  
Como as tribus da Grecia legendaria,  
Tu vives em bucólica simplesa,  
Ao esplendor das cortes refrataria.  
Serrando o pinho e cultivando a terra...  
Sendo o Brasil ferido, com prestesa,  
Alças a espada e marchas para a guerra!

RIBAS SILVEIRA

## LAPA

Ai da Pátria, o coração, um dia,  
Pulsou, sangrando: e em derredor se espalha  
Como que ainda o eco rouco da metralha  
Que, infernalmente, sem cessar, bramia,

Morta a estrela dessa época sombria,  
Que nas dobras do tempo se amortalha,  
A cidade, mumifica, trabalha  
Entre cantos de amor e de harmonia.

Nada, porém, do heroísmo lhe solapa  
A glória esplendida e serena... A Lapa  
Foi guerreira; é pacífica e tenaz.

E assim ficou a legendária terra:  
— Leôa rugindo no estridor da guerra,  
Pomba pairando nos festins da paz!

LEONCIO CORREIA

## GOMES CARNEIRO

Com sua coragem sã, caráter de aço,  
Impávido, despreza da bombardada  
Os tiros surdos que de espaço, a espaço,  
Lançam no ar, do fumo, a nodoa parda.

De um para outro lado estuga o passo,  
Sempre a esperar alguém, alguém que tarde...  
Por vezes ergue a espada, agita o braço,  
Encorajando os seus, honrando a farda.

De repente, onde a luta é mais febril,  
Vara-lhe o corpo a bala de um fuzil,  
E na praça o desanimo se espalha.

Como o sol que em sangue espira no Ocidente  
Morre esse bravo e morre calmamente,  
Porque ouve ainda, o ruído da metralha.

LACERDA PINTO

## LAPA

Não n'a acordes, viajero, que ela dorme  
O sono dos herois, dorme sorrindo;  
De ambicionada glória multiforme  
Cinge-lhe a fronte o resplendor infindo.

Embora o tempo rapido a transforme,  
O aspecto afeie que antes era lindo,  
Faça volver à poeira a rocha enorme,  
Vá a opulencia da terra reduzindo,

Não poderá jamais turvar aquelas  
Ações humanas colossais e belas  
Que em sangue marcam vasta trajetoria:  
De sorte que o lapeano tem a vida  
Como uma faixa de ouro distendida  
Na imorredora flamula da historia!

VIRGILIO MOREIRA

# A Epopeia da Lapa

**N**A Revolução Federalista que ensanguentou os territórios do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná, nos anos de 1893 a 1895, a resistência das forças governamentais na cidade paranaense da Lapa, ficou como um símbolo.

Primeiramente, quando ainda ia acesa a guerra, erigiram-na como símbolo da resistência que a República teria oferecido à terrível investida que lhe deram seus inimigos, os partidários da Monarquia.

Mais tarde, depois que se fez prova de que o movimento maragato nada teve de restaurador, permaneceu e se conserva como símbolo da tenacidade com que o marechal Floriano Peixoto defendeu sua autoridade de Presidente da República, opondo-se à desordem que ameaçava generalizar-se por todo país.

Como operação de guerra, porém, a resistência do general Gomes Carneiro, na Lapa, conquanto edificante, foi inferior à resistência do coronel Carlos Telles, em Bagé, no mesmo período, sendo de assinalar, a propósito, que este resistiu vitoriosamente, conseguindo, afinal, que o cerco de sua cidade fosse levantado, ao passo que o sucessor daquele, no comando da praça que defendia, acabou capitulando.

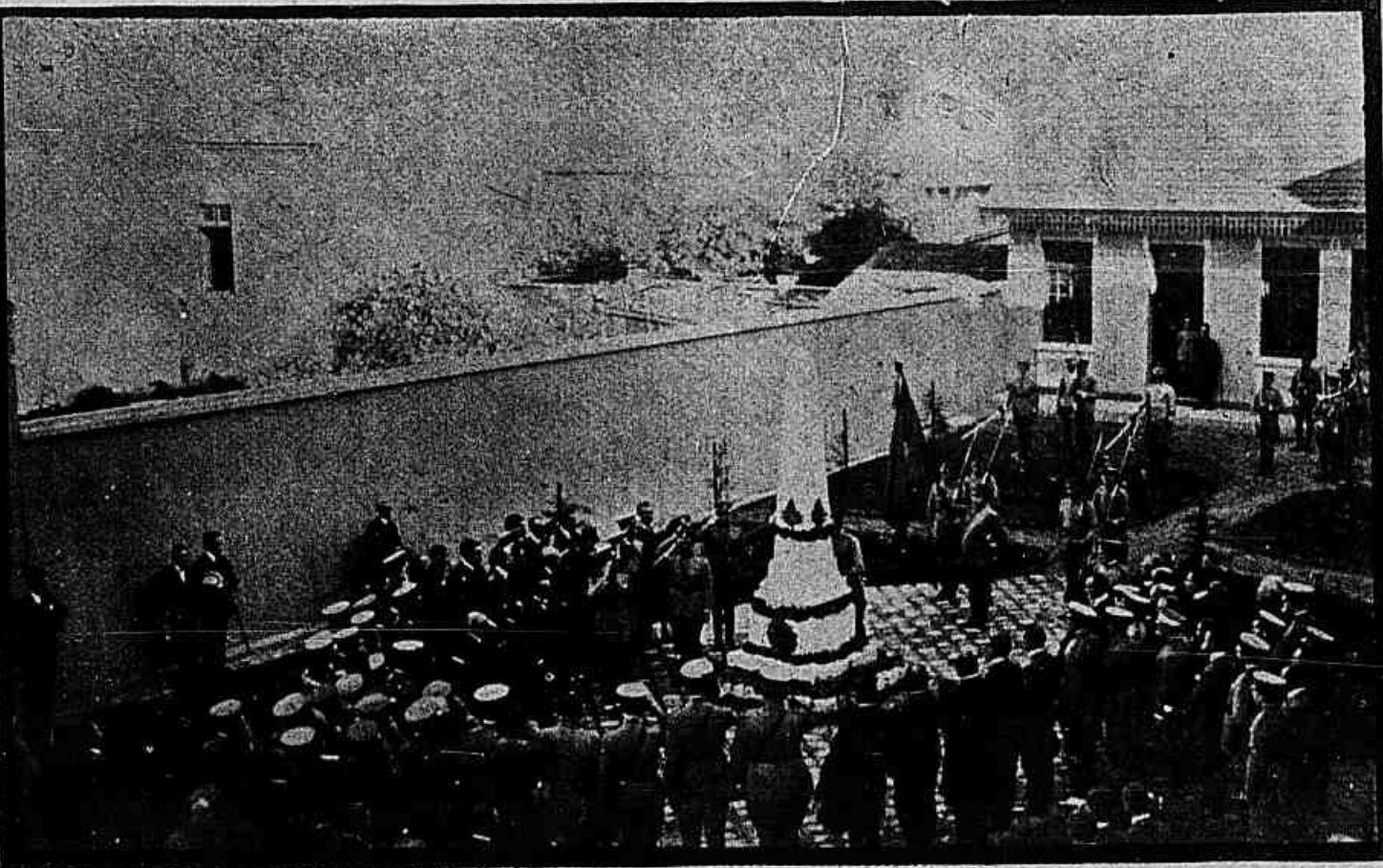
Nem o sítio malogrado de Bagé e nem o sítio feliz da Lapa, entretanto, tiveram importância militar semelhante a da marcha do Exército Libertador Riograndense, ao mando de Gumercindo Saraiva, desde Asseguá, na fronteira do Brasil com a República Oriental do Uruguai, até Jaguariaíva, na vizinhança do Paraná com São Paulo, e a sua volta ao centro do Rio Grande do Sul, em cujo percurso, longo de mais de três mil quilômetros, durante 18 meses, foram travadas três batalhas e mais de setenta combates. A significação da resistência da Lapa, nessas condições, é apenas política.

Deixando de parte a marcha de Gumercindo Saraiva, julgada por comentadores militares estrangeiros como superior à celebrizada marcha de San Martín, do Alto Perú ao Chile, restam os sítios da Lapa e de Bagé para terem co-tejadas, uma com a outra, as respectivas significações.

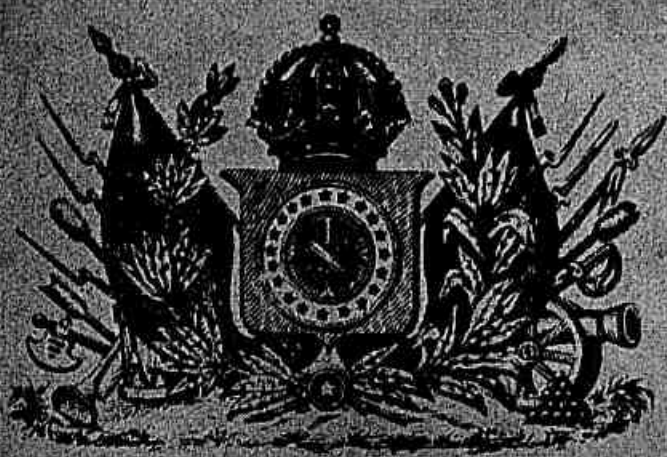
Si a guarnição de Bagé tivesse capitulado ante as forças do general Jôca Tavares, como capitulou a da Lapa à pressão das forças do general Gumercindo Saraiva, a situação da guerra não se teria modificado de forma essencial. Teria sido apenas um novo mau êxito das tropas do Governo a acrescentar ao rol dos já então ocorridos. Sómente isso. A luta continuaria com a mesma intensidade noutros lugares, na sucessão de avanços e de recuos, de vitórias e derrotas, naquêlo luxo perdulário de heroísmo que caracteriza os chóques armados na terra gaúcha. De fato, aniquilada a colúna ao mando do coronel Carlos Telles, permaneceriam as demais formações do Governo que obedeciam aos generais Rodrigues Lima, Pinheiro, Machado, Arthur Oscar, Menna Barreto, Bacellar, Portugal, Thompson Flores, Santos Filho, Firmino de Paula e outros, para oporem-se às tropas dos chefes revolucionários.

De um lado e outro da estacada rebrilhavam espadas que se tinham assinalado gloriosamente nos anos da Guerra do Paraguai.

No Paraná, na época, a situação era em tudo e por tudo diversa, e daí a importância que teve a resistência na Lapa, durante nada menos de 26 dias (16 de Janeiro a 11 de Fevereiro de 1894). O coronel Serra Martins havia capitulado na capital de Santa Catarina (29 de Setembro de 1893), o coronel Adriano Pimentel rendêra-se em Tijucas (19 de Janeiro de 1894), Paranguá, Antonina e Morretes também tinham sido tomadas com o auxílio dos navios da esquadra do almirante Custódio de Mello (15 a 17 de Janeiro de 1894), e Curitiba fôra



*FLAGRANTES da inauguração do obelisco erigido em memória de Gomes Carneiro, no pátio do Quartel General da Região Militar em Curitiba, cerimônia que teve lugar no comando do General Deschamps Cavalcanti, em Maio de 1927.*



## DIPLOMA

DA

### MEDALHA DO MERITO MILITAR

Creada por Decreto N. 4131 de 28 de Março de 1888

*Ao Sr. Antonio Ernesto Gomes Carneiro, major  
do Corpo de Engenheiros  
foi concedido por Decreto de 6 de Junho de 1888 o  
uso da medalha do merito militar creada pelo decreto acima  
referido, por haver sido promovido por actos de bravura ao  
posto de Alferes de Infantaria como se fez publico na  
ordem do dia de commando em chefe do exercito em opera-  
ções no Paraguay n. 39 de 23 de Novembro  
de 1869*

*Repetição de Ajudante General, em 2 de Novembro de 1888*

*Antonio Ernesto Gomes Carneiro*

Fac-simile do Diploma conferido com a Medalha do Mérito Militar ao major Antonio Ernesto Gomes Carneiro, ao ser promovido por atos de bravura na campanha do Paraguai, em Novembro de 1888.

abandonada, sem oferecer resistência alguma, pelo general Pêgo Junior e seus comandados.

A Divisão do Norte, dos generais Rodrigues Lima e Pinheiro Machado, que desde o Rio Grande do Sul viéra picando a retaguarda das hostes revolucionárias, batida em Itajaí, regressára ao sul afim de se refazer.

Além da guarnição da Lapa, pois, não havia qualquer outro elemento governamental que pudesse embargar a passagem, rumo do Rio de Janeiro, do Exército Libertador Riograndense.

Não obstante a ciência certa de tudo isso, Gomes Carneiro aferrou-se magnificamente na resistência ao cêrco em que o puzeram os campeadores sulinos. Eram 3.000 homens aguerridos numa luta que tivéra início um ano antes, contra pouco mais de 500 soldados bisonhos, na maioria recrutados à força nas ruas da Capital Federal.

X X X

Essa desesperada resistência de Gomes Carneiro, na Lapa, não ha a menor dúvida, decidiu a sorte da guerra, não propriamente sob o ângulo militar, mas como elemento psicológico em favor da política do governo, capaz por si só de galvanizar a situação.

Em verdade, era para comover o conhecimento de que o Exército Federalista, que até então não encontrára impecilhos sérios em parte alguma, nem no Rio Grande do Sul de onde saíra, depois de havê-lo percorrido em todas as direções, nem em Santa Catarina, que atravessára de extremo a extremo, nem nas praças fortes do sul e do litoral do Paraná, estancára sua marcha ovante diante da vontade de ferro de um só homem, dando tempo, dess'arte, para que na séde do Governo Federal e em São Paulo, fossem arregimentados os elementos necessários à reação que se fazia precisa, e com isso, igualmente, que a esquadra legal, do almirante Jeronimo Gonçalves, adquirida na Europa e na América do Norte, chegasse à costa brasileira pronta para entrar em ação.

Houve mais ainda, porque houve o gasto excessivo de munições com que não contavam os chefes revolucionários, houve as perdas de elementos humanos precisos, e houve a fadiga de todos os combatentes — comandantes e comandados — obrigando-os a permanência prolongada em Curitiba, para se refazerem.

De fáto, aqueles 26 dias em frente da Lapa, somados aos do repouso do Exército Revolucionário no Paraná, foram o suficiente para o desencorajamento do almirante Saldanha da Gama, na baía de Guanabara, e o seu consequente abandono da luta é simples notícia da aproximação dos navios do almirante Jeronimo Gonçalves.

X X X

Não ha dúvida alguma, portanto, que foi Gomes Carneiro, na Lapa, quem conjurou as ameaças feitas ao governo do marechal Floriano Peixoto, tanto a do Exército Libertador Riograndense, de Gumercindo Saraiva, quanto a dos navios de guerra, do almirante Saldanha da Gama.

Não salvou a República, como se apregoa, porque a República, depois de instituída, a 15 de Novembro de 1889, nunca foi ameaçada, fosse por quem fosse. Si houve adéptos do sistema monarquista, saudosistas do Imperador e de sua Côrte, que tomaram parte nos movimentos revolucionários da época, nunca, em circunstância alguma, confessaram explicitamente ou siquer deixaram transparecer o desejo de vêr restaurado o trôno dos Braganças no Brasil. Aquêle que é mais acusado de ter combatido por esse ideal — almirante Saldanha da Gama — apenas sugeriu que se fizesse plebiscito para que a Nação opinasse entre a continuação da República e a volta à Monarquia... Simples sugestão; nada de preconceito ou de imposição.

A melhor prova disso, porém, está no fáto de que sempre houve partidos republicanos no Brasil, de-

pois da Independência, e que nunca, até hoje, nem mesmo durante o largo reinado de Pedro II, ter havido partido político que tivesse como programa o regime monarquista. Silveira Martins, o chefe intelectual da Revolução Federalista, jámais cansou de dizer que lhe eram indiferentes os regimens de governo, importando-lhe apenas o sistema com que o governo exerce sua autoridade sobre a Nação, o qual sistema desejava que fosse o parlamentarista, porque já da tradição brasileira.

Nada teria impedido, na ocasião, que os chefes monarquistas — si os houvéra — tivessem proclamado suas idéias e seus ideais, e até defendido uns e outros, de público, no justo afan de conquistar aderentes.

O que se viu sempre, entretanto, foi os revolucionários gaúchos, ao invadirem o Rio Grande do Sul, concluírem seus manifestos com vivas à República.

A circunstância de se negar ao inclito general Gomes Carneiro, pela sua homérica resistência, o título de salvador do regime republicano, não quer dizer que se pretenda diminuir-lhe a estatura de grande soldado.

Em verdade, êle não salvou a República, mas sacrificou a vida para salvar a Ordem, escrevendo uma epopéia de bravura na pequena cidade paranaense da Lapa, ha precisamente meio século.



CEMITERIO DA LAPA APÓS A RENDIÇÃO — DESENHO DO MAJOR AUGUSTO FRAGOSO SEGUNDO FOTOGRAFIA DA ÉPOCA

# GOMES CARNEIRO

**N**ÃO se tendo unido Mello e Saldanha no Rio, para a ofensiva, na qual Santos e pois São Paulo representariam papel preponderante, a revolução federalista estava morta.

Só a salvaria o avanço para o norte, rápido, decisivo, com a Lapa e Itararé como acesso, mesmo sem a ligação fracassada com o mar. Ainda aí, porém, a divisão nos chefes prejudicou o êxito final, em favor de Floriano.

Não escapou a êste a fraqueza militar de sua posição. Só o tempo, provendo-lhe de esquadra a marinha fiel, podia vir em seu auxílio. Era preciso deter, pois, o avanço federalista, com homem à altura, pronto a todo o sacrifício. Esse homem foi o General Carneiro.

Filho de um boticário do Serro, em Minas Gerais, Carneiro tinha com Floriano, nascido em Alagôas, mais de um traço comum; os principais, porém, eram a paciência, a obstinação, a insensibilidade diante do perigo. Fizera, também com ele, a guerra do Paraguai, para a qual entrara como voluntário, logo promovido a anspeçada, aos 19 anos, e de que saíra aos 25 incompletos, já tenente, — moço e curtido na luta. Presenciou a tomada de Uruguaiana, viu a invasão de S. Borja, bateu-se em Estero Bellaco, Tuiuti, permaneceu 14 dias sob a metralha em Sauce, esteve em Passo-Pocu, Potreiro-Ovelha, Angustura, Itororó, Peribeubú, ficando também até o fim, sob os chefes legendários, — Osorio, Caxias, o Conde d'Eu. Ferido três vezes, teve citações de bravura e serenidade.

Certa vez, vindo do Norte, depois da guerra, a corrente do leme do navio em que viajava, apanhou e decepou as pernas do filho, Mario Tiburcio Gomes Carneiro, depois capacidade juridico-militar, que não teve ainda hoje padrão maior. Pedro II visitou o pequeno, custeando-lhe o tratamento e interessando-se pela sua saúde. Daí a atitude de reserva do General Gomes Carneiro na proclamação da República. Escreveu seu melhor biógrafo:

"Carneiro, que foi estranho à questão militar e não ajudara a destruir o trôno, recolheu tristemente ao lar enojado, onde, como em muitos lares, se pranteava o desterro do Imperador. Os homens do dia eram seus colegas do Paraguai, os companheiros de Tiburcio, os seus amigos dos tempos obscuros e distantes, quando êle prometia também morrer por sua idéia... Pediu a Floriano que o destacasse para Mato Grosso. Queria estender linhas telegráficas por um sertão fechado às misérias e desvarios da sua época. E porque Floriano o conhecia, mandou-o para o fundo das selvas. Porém, três meses depois o promoveu a tenente-coronel." (127).

Havia Deodoro objetado à promoção de quem não era dos puros. Donde êste bilhete que lhe mandou Floriano, seguro como uma profecia.

"Maneco. Carneiro é soldado de pena e espada. E' um homem de carater. E' mais republicano do que nós. Você sabe que tinha motivos de coração para não tomar parte na República, mas si algum dia perigar esta, será nas mãos dêle que há-de salvar-se." (128).

Vitoriosas, as fôrças federalistas espriavam-se pelo Paraná visando São Paulo, ocupação que, a efetuar-se, levaria o Governo Federal a gravíssima posição. Barrou-lhe Carneiro o caminho, durante 26 dias, na Lapa, à frente de uma tropa bisonha, mas heróica, — cêrca de 800 homens que, ao cabo, não passavam de 400. Havia escrito Dourado, cronista da coluna Gumercindo: "Estava, portanto, o Paraná em nosso poder, exceto êsse osso da Lapa, que nos atravessava a garganta". Mario Tourinho, um dos bravos oficiais da resistência, por seu lado escreveu:

"Teimaram e encontraram um Carneiro que lhes diria: não passarão! E não passaram. Não foram além do Paraná. Carneiro morreu, mas cavou o túmulo da revolução." (129).

Foi ainda Pedro Calmon quem contou, num livro emocionante, o quadro dessa resistência, como nela se finou o chefe, ao lado de companheiros que dia a dia também caíram, numa falta de tudo; ao mesmo tempo à espera paciente e diária de recursos prometidos, que não chegavam. Mas valeu:

"Carneiro reteve Gumercindo pelo tempo conveniente. A sua sina de guardião de fronteira lá o imobilizou, no altiplano da Lapa, para que resultasse do seu sacrificio a salvação da República." (130).

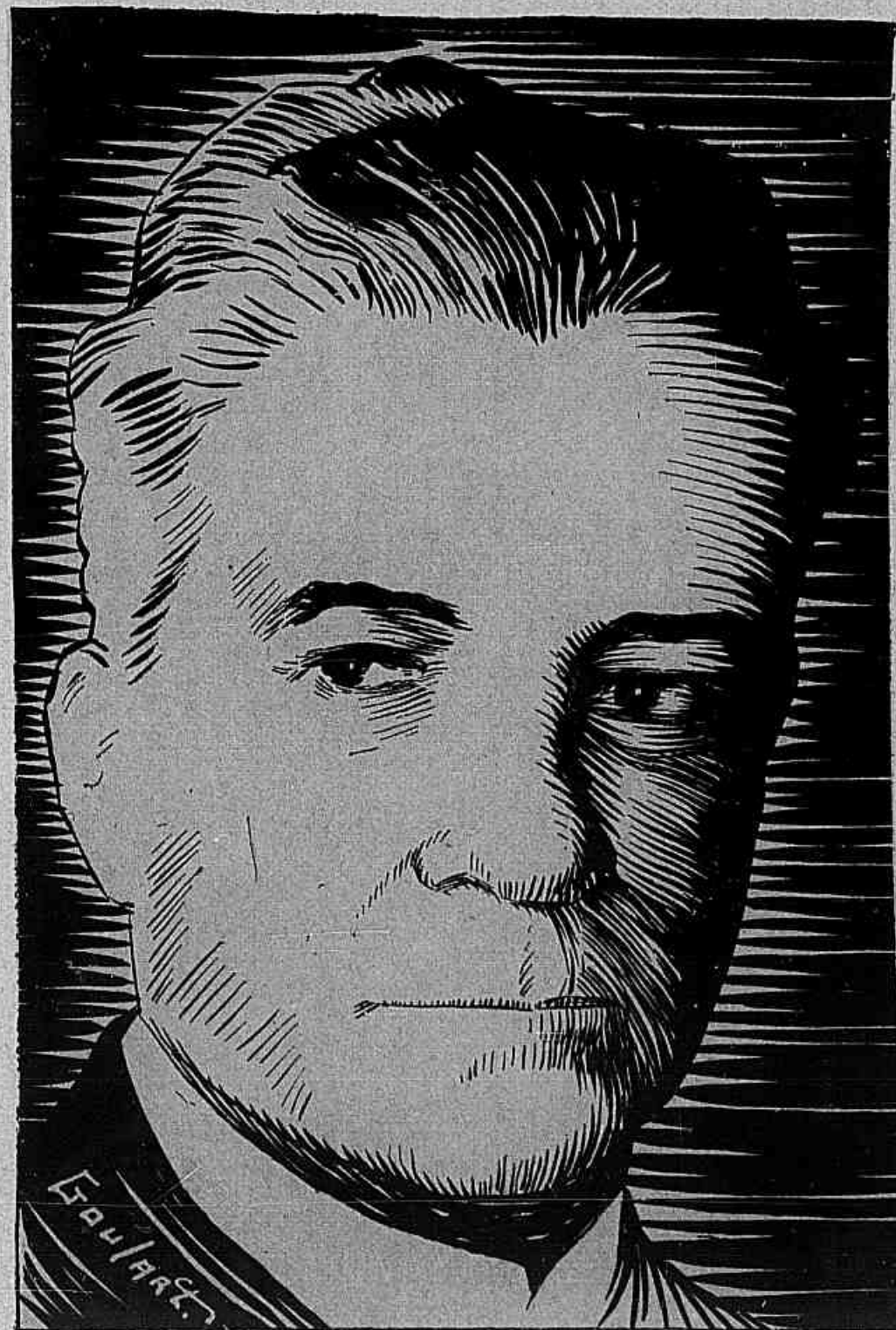
(127) Pedro Calmon, *Gomes Carneiro o General da República*, cit.

(128) Idem.

(129) David Carneiro, *O Cerco da Lapa e seus heróis*. Ed. Navarro, 1935.

(130) Pedro Calmon, *Gomes Carneiro, o General da República*, cit. "Como o velho exército teve Caxias e Osorio, o exército da República tem o seu general, o maior, entre os grandes militares de sua geração: Antonio Ernesto Gomes Carneiro".

*Dr. Mário Tiburcio Gomes Carneiro, Auditôr de Guerra, o filho de Gomes Carneiro a que se refere esta crônica, num desenho de Goulart.*



# GOMES CARNEIRO

## VISTO ATRAVÉS DE SUA CORRESPONDENCIA ÍNTIMA

*P*ARA que a posteridade possa cumprir a sua missão de julgar o carater dos homens que sob qualquer prisma se destacaram em qualquer tempo, faz-se necessário conhecê-lo não apenas como se mostraram em público, como atuaram ou agiram nas suas relações com os outros homens, mas também e principalmente, como pensaram e sentiram no recesso de suas vidas íntimas, que é onde mais vivas e acrisoladas se mostram suas qualidades, ou mais acentuados seus defeitos.

*A carta que se vai lêr, e que parcialmente reproduzimos em "fac-simile", foi escrita pelo herói do*

*Cêrco da Lapa, general Gomes Carneiro, ao seu filhinho Mário — que é hoje o Auditor Mário Tiburcio Gomes Carneiro, e por ela se vê que o soldado ardoroso, inflexível e quando no trato com os seus entes queridos, se derramava em ternuras inexcedíveis, como pai amantissimo e carinhoso.*

*A leitura dêsse precioso documento severo, pertencente à família do valente cabo de guerra, dará mais nutrida impressão do que afirmamos, de que quaisquer comentários em que nos alonguemos.*

**M**ÁRIO, meu filhinho do coração  
Desejo-te e aos teus irmãos saúde, felicidades, muita applicação e bom comportamento.

Como vais no teu colégio?

Como vai a feiticeira Bicotita com as irmãs de Caridade?

Não me dêste parte da commissão que tiveste de cumprimentá-la, quando fez os 7 anos, a 30 de Abril último.

E a valente Cearense? Ainda tem muito medo dos pretos velhos, e só conta historias depois que vão longe?

E o grande heroe Tiburcinho? Ainda chama papae a toda hora da noite, com medo de almas?

E o velhaquinho, o engraçado Marcianinho? Continua prosa, peralta, e diz ainda que mandou "papae ir-se embora para Uberaba ou para Matto Grosso?

Dá-me noticias de todos, e especialmente de ti mesmo, meu adorado filho, meu amiguinho do coração.

Já se tem posto no banco a gratificação da Agricultura, que mandei ficar para ti?

Escreve-me durante todo mez, cada dia um pouco, contando tudo o que sentires, e depois manda a carta para o correio no dia 4, no principio do outro mez.

Dize-me si vives alegre, bem contente, si brincas muito, si corres, si comes e dormes bem, tudo eu quero saber.

Abraça, abraça muitas vezes e beija a teus irmãos, um por um, em meu nome e dize-lhes que do Araguaya, para onde parto amanhã, hei de trazer-lhes alguns presentes bonitos e tambem para tua colecção, que, sem duvida, ainda conservas, naquella mesinha, que levei-te de Santa Catharina.

Abraça e beija teu pae e amigo do coração.

Carneiro

Acampamento na Colonia do  
Capim Branco, 29 de  
Julho de 1890

P.S.

Envio-te pelo Cade. Duarte Nunes umas photographias: Estação do Rio Manso, onde has de conhecer-me; Pequena queda do Salto Floriano, rio S. Lourenço, onde tambem appareço, mto. feio; Duas vistas da estação do Capim Branco, uma no acto de levantar-se a bandeira, outra de-

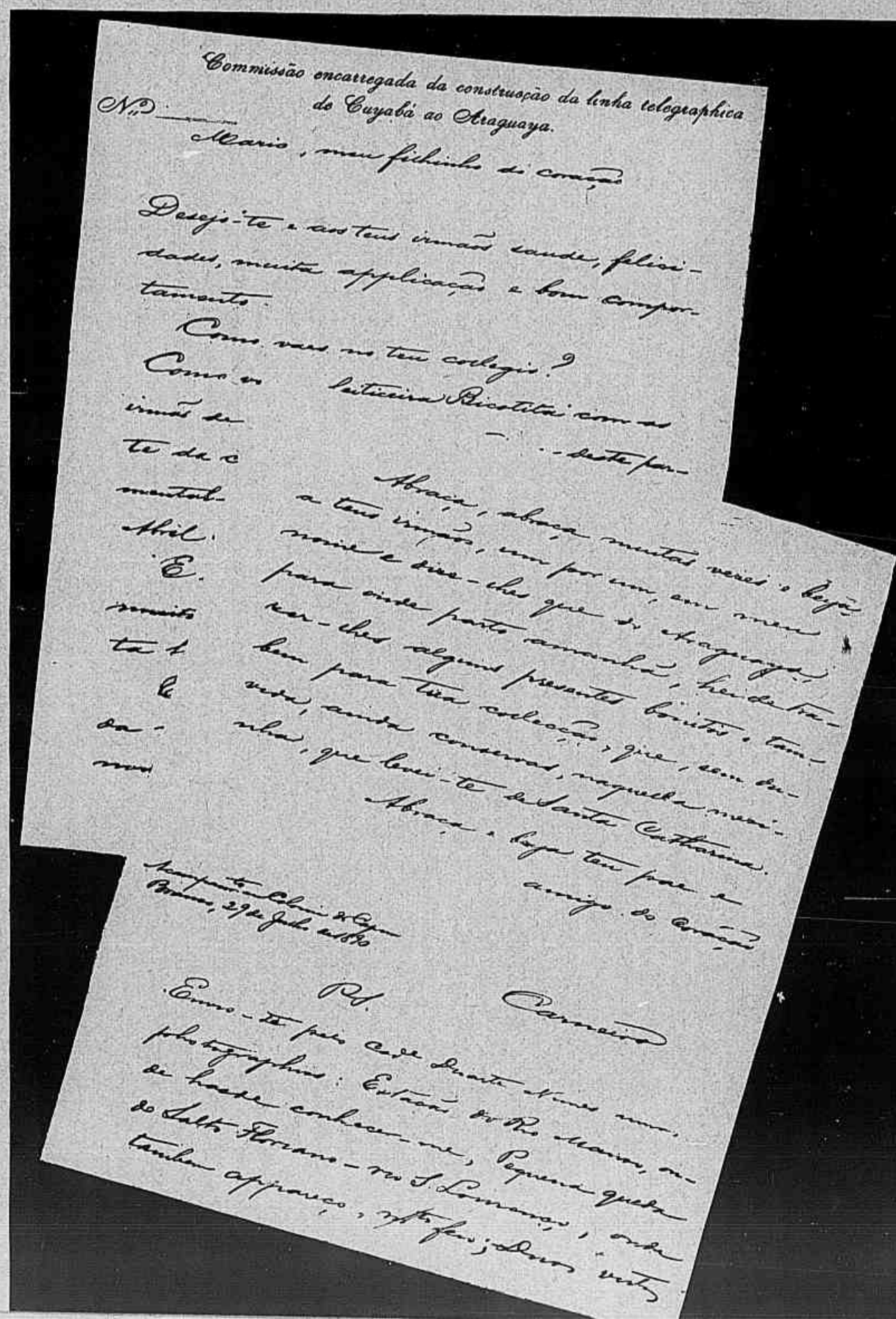
pois, ambas no dia 20 do corrente, na ocasião da inauguração.

Foi uma menina muito parecida com a Bicotita, quem levantou a bandeira; as cornetas tocando marcha batida e todos descobertos. Essa interessante menina é filha de um telegraphista e já está aprendendo.

Veja o retrato dela na vista do Rio Manso: é a maior das tres.

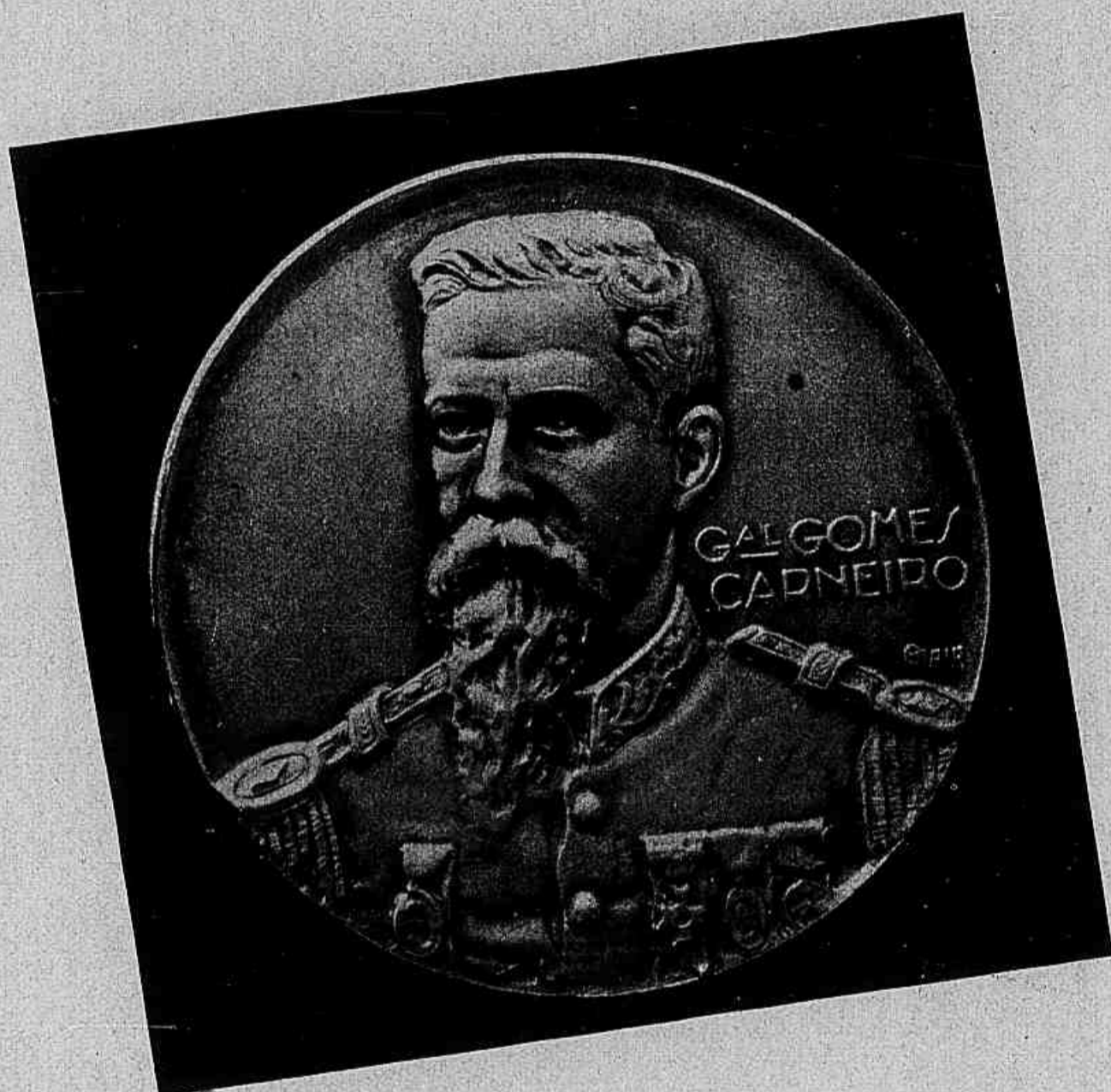
Parto hoje para o Araguaya. Adeus, abraça teu pae e amgº. — 30 de Julho 90.

Carneiro



# Medalha e sêlo comemorativos do cincoentenário do cêrcio da Lapa

**E**NTRE as iniciativas adotadas pelo governo nacional para comemorar a passagem do cincoentenário do Cêrcio da Lapa, figura a cunhagem de uma medalha e a emissão de um sêlo postal, cujas reproduções fotográficas aparecem nesta página. Damos, a seguir, as características do referido sêlo e da medalha, com todos os seus detalhes essenciais.



○ DIAMETRO da medalha é de 45mm.  
O anverso traz o retrato do General Gomes Carneiro e é de autoria do gravador Orlando Maia. O reverso compõe-se de uma faixa horizontal, onde figura o grupo principal dos sitiados de Laguna, segundo documentação fotográfica da época. Completam o reverso, que é de autoria do gravador Benedito Ribeiro, os dizeres alusivos ao acontecimento.  
Da referida medalha cunharam-se 100 exemplares em bronze e 30 em prata.

○ FORMATO do sêlo é retangular com 24mm. de alto, por 37mm. de largo.

Consiste o seu principal motivo no retrato do General Gomes Carneiro, inscrito numa elipse do lado esquerdo do retângulo.

Uma placa sobposta à referida elipse encerra os nomes:

Cel. Dulcideo Pereira, Cel. Correia de Lacerda, Dr. Amyntas C. Barros, figuras destacadas de notável empreendimento.

Completam a vinheta o grupo principal dos sitiados, segundo documentação da época, encimado pelos dizeres alusivos à natureza do sêlo, e rematado em sua base pela taxa correspondente. O desenho e gravura são de autoria do Sr. Mario Doglio, e a emissão monta em 500.000 exemplares impressos em côr vermelha.





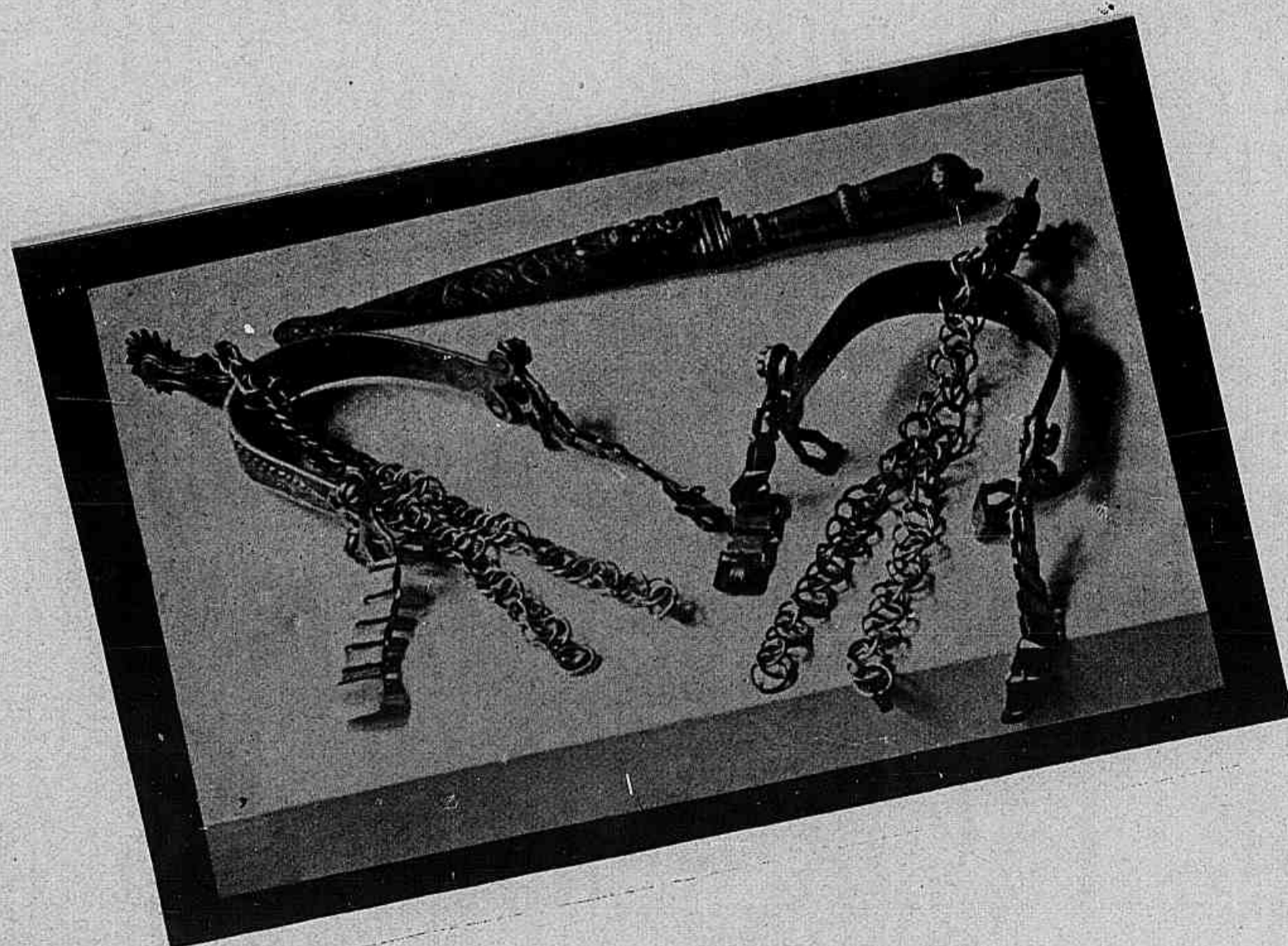
# GOMES CARNEIRO

NO «MUSEU

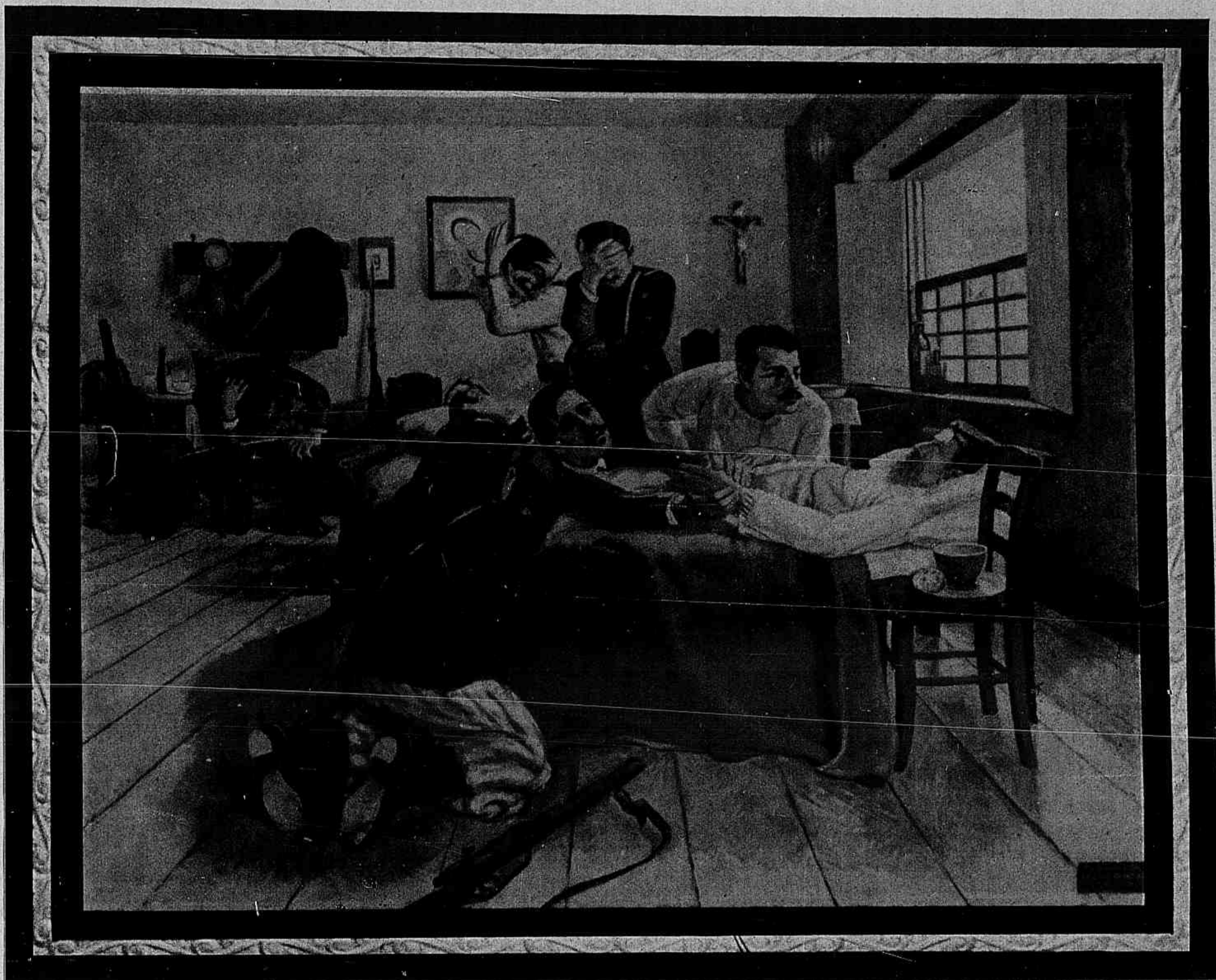
CORONEL DAVID CARNEIRO»

*Aspecto interior de uma das salas do «Museu Coronel David Carneiro», organizado e mantido em Curitiba por este conhecido historiador patricio que é um dos grandes estudiosos da vida e dos feitos do heroico defensor da Lapa.*

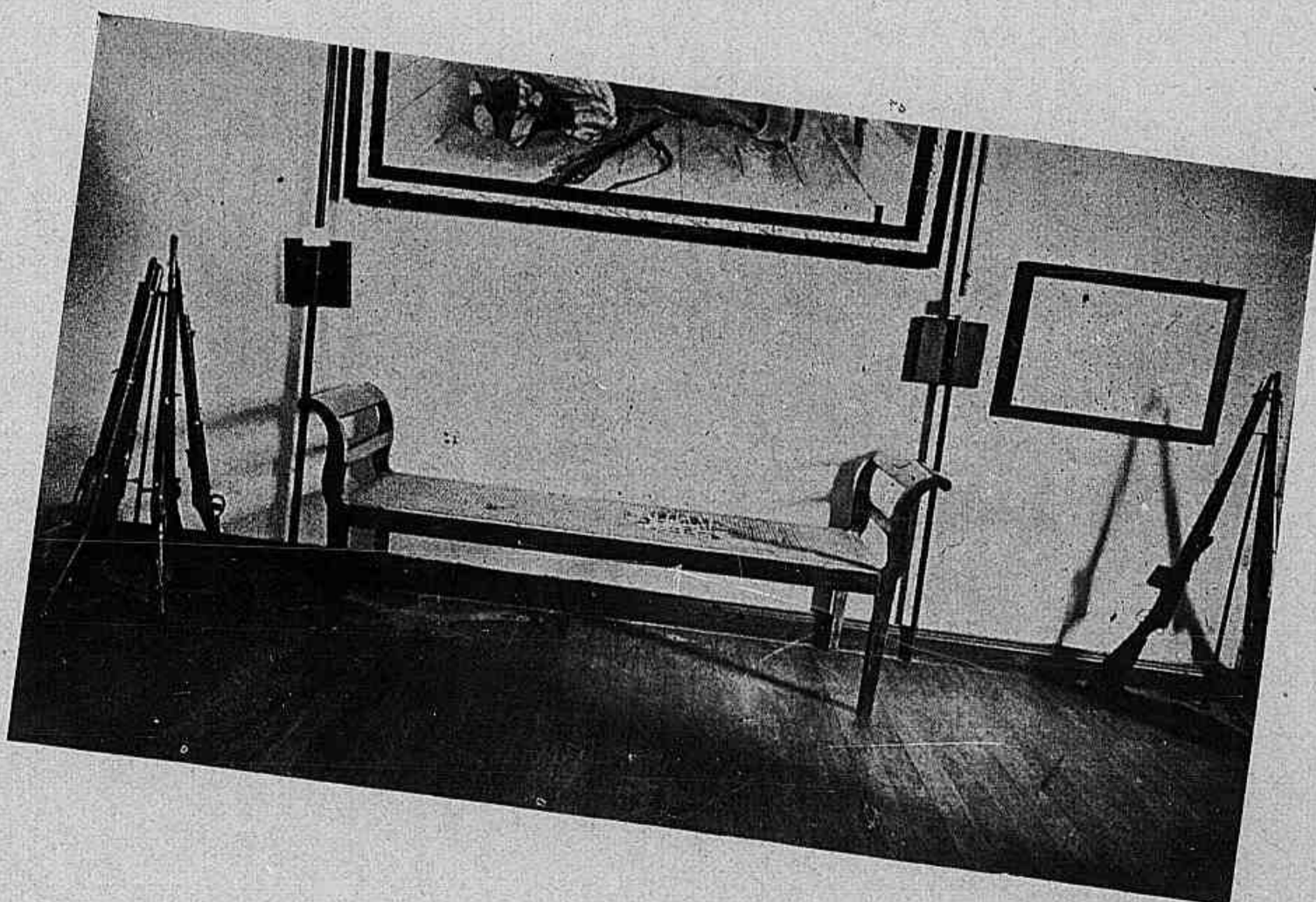
*Vê-se, na fotografia, o Coronel David Carneiro tendo à esquerda o escritor Romeu de Avelar, enviado especial de «Ilustração Brasileira» ao Paraná para colher dados históricos para a presente edição.*



*As esporas de campanha e punhal que pertenceram ao bravo comandante da resistência da Lapa.*



— A morte de Antonio Ernesto Gomes Carneiro, quadro existente no «Museu Coronel David Carneiro. Quadro de BONE



Sofá onde expirou o General Gomes Carneiro, durante o sitio da Lapa, uma das preciosidades do «Museu Coronel David Carneiro».



*Flagrante da inauguração da estátua do general Gomes Carneiro na cidade da Lapa.*

## O MONUMENTO A GOMES CARNEIRO NA LAPA RECORDANDO A SUA INAUGURAÇÃO NA HISTÓRICA CIDADE

**P**ERPETUANDO no bronze a memória do herói máximo da epopéia do Cêrco da Lapa, general Antonio Ernesto Gomes Carneiro, o govêrno do Estado do Paraná lhe fez erigir, na histórica cidade, uma estátua, cuja inauguração teve lugar, com a solenidade que a importância de tal ato exigia, a 9 de Fevereiro de 1928.

Nessa cerimônia usou da palavra, em nome da família do grande soldado o seu filho, auditor Mario Tiburcio Gomes Carneiro, que proferiu a brilhante e comovida oração que vai aqui reproduzida.

Evocando, ainda, a histórica cerimônia, em que se fez a consagração do valor militar e das altas qualidades de patriôta do general Gomes Carneiro, reproduzimos também algumas fotografias tiradas na Lapa, em que aparecem o então presidente do Estado, Dr. Munhoz da Rocha e outras altas personalidades que compareceram ao ato inaugural.

*O dr. Munhoz da Rocha, então Presidente do Estado do Paraná, discursando por ocasião da inauguração do monumento a Gomes Carneiro.*



**L**APA heróica, minha dôr e minha gloria, minha saudade e meu orgulho, meu luto e meu brasão, eu te saúdo! Eu te saúdo por esta glorificação em que o Estado do Paraná te condecora com a medalha que bem mereceram tua constancia, teu valor e teu civismo, realizando a cerimônia imponente no teatro mesmo de tuas façanhas e no mesmo dia que lembra uma das tuas perdas mais crueis!

Vitima espartana do dever, Lapa heróica, o Govêrno do Estado entrega-te em bronze o Soldado a quem a Republica, em momento de desespero, te entregou a ti e a própria salvação.

Eras o último reduto, ficaste a última trincheira, mas na tua firmeza, quasi divina, a Pátria se salvou.

Era sobrehumana a tua missão, foi sobrehumano o teu esforço; era decisiva a tua tarefa, foi decisiva a tua ação; e, cada hora de angústia da tua resistência valendo um dia de alento aos que confiaram em ti, o teu sacrificio teve a mais digna e a mais bela das recompensas: a salvação da Pátria.

Em holocausto a Ela, tu, abnegadamente, te imolaste; mas, quando desfalecidas tuas forças no colapso fatal, tu emudeceste, já tinhas salvado a República, poupando tuas irmãs mais próximas.

*O auditor Mario Tiburcio Gomes Carneiro, quando proferia o seu discurso.*



Nesta solenidade, Lapa heróica, a História engasta no teu nome o nome de teu defensor.

Quem êle foi, bem o sabes tu, que no fumo da guerra o sagraste o cidadão mais perfeito dentro do mais perfeito soldado.

Na solidariedade da amargura e das provações, em que juntos vivestes dias terríveis, tu lhe viste o sentimento e a obsessão do dever, a consciência quasi torturante das responsabilidades, a retidão obstinada, a firmeza tenaz, o carater, a generosidade, a honestidade incorruptível a fazerem d'êle "un homme qui falsait honneur à l'homme" na frase de Bassuet acerca de Turenne.

Quem tu foste, êle te disse nas proclamações em que apelou para o teu civismo, confessando, enobrecido da tua dedicação e da tua coragem, que vivia da tua confiança e do teu apoio, que não faltou nunca na colaboração dos Lacerda e no sangue dos Dulcidos e dos Amynthas.

Quem foste tu, Lapa heróica, diz ainda a lembrança de tuas feridas e da tua desolação e dos teus triunfos, porque, venceste, mesmo capitulando.

Com fidelidade digna do objetivo cívico desta apoteose, o Governo do Paraná, honrando a promessa de render à Lapa o merecido preito por seus serviços à causa nacional, comemora os teus feitos nesse bronze que é a tua primeira e será a tua mais bela medalha.

Guarda-o, Lapa heróica, com o enlevo em que tens guardado na memória a veneração por teu defensor, porque tu e êle estais entrelaçados nos mesmos atos sublimes de abnegação e de sacrifício.

Meu Pai! Passados trinta e quatro anos, fazem-se hoje, aniversário de tua morte, os teus primeiros e últimos funerais.

As circunstâncias em que tu morreste não permitiram que tivesses nem as continências do teu posto, nem as demonstrações de luto de teus comandados, nem os adeuses de tua Família; mas fizeram que saisses de um túmulo para uma estátua.

Nesse trajeto tão curto, gastaste trinta e quatro anos! Chegaste, porém, coroadado de flôres, acalentado na paz, ao som do hino da nossa terra, cantado pelos que amanhã constituirão a nação.

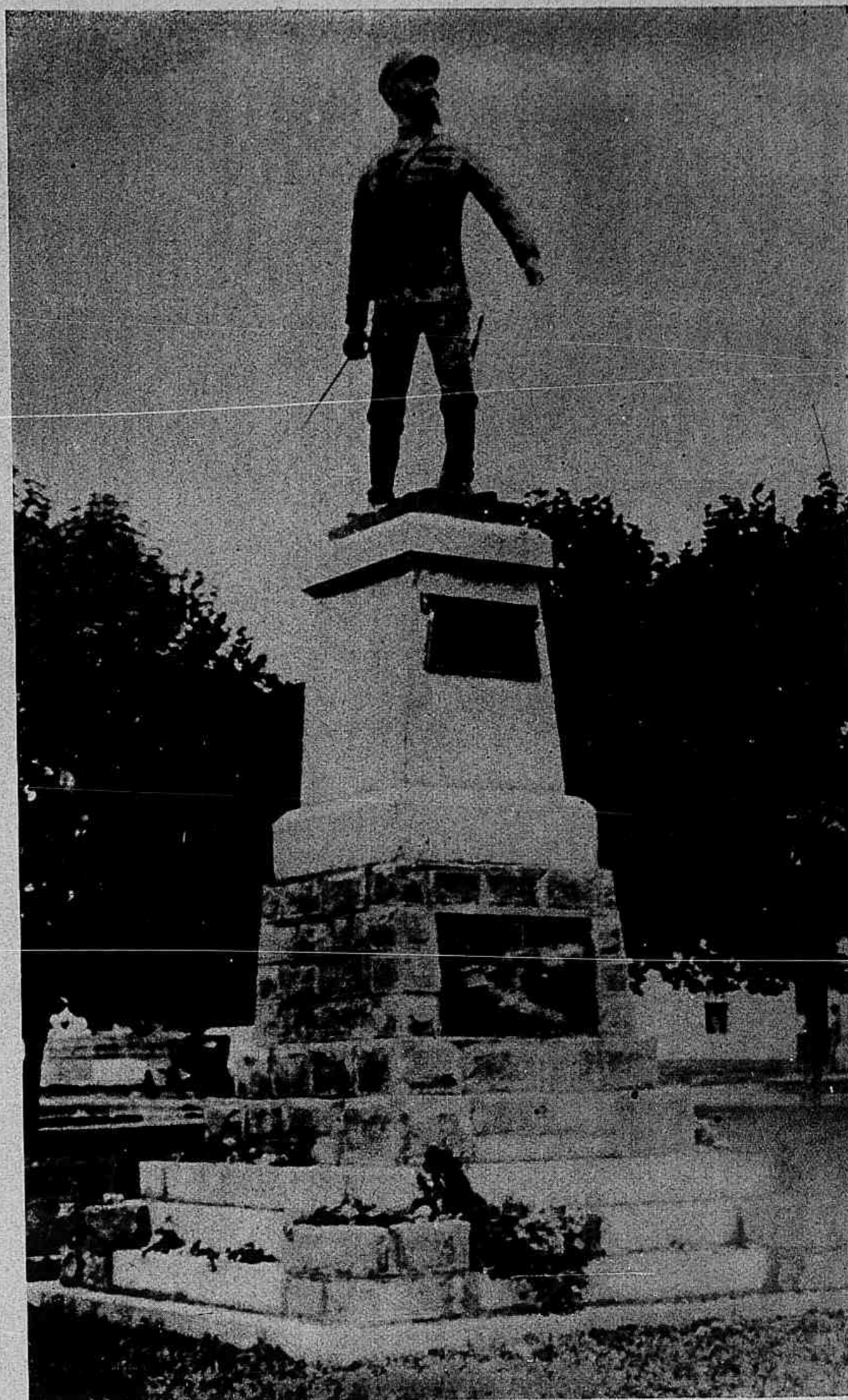
Da nave de um templo vieste para o pedestal de outro templo!

Aquele, as contingências da guerra te deram; este, é o civismo do Governo do Paraná que te consagra. O Governo do Paraná interprete dignissimo do sentimento republicano, executa nesta cerimônia imponente o julgamento da História sobre a tua obra de cidadão e de soldado, dando a esta comemoração, que é um dos últimos capítulos do seu largo e fecundo programa, o sentido alevantado de uma festividade cívica, em que se fazem as exéquias do soldado mais perfeito que a República já teve, galardoando a cidade a quem a República mais deve.

*Relevo da estatua representando Joaquim Lacerda e outras figuras que tomaram parte no cerco da Lapa.*

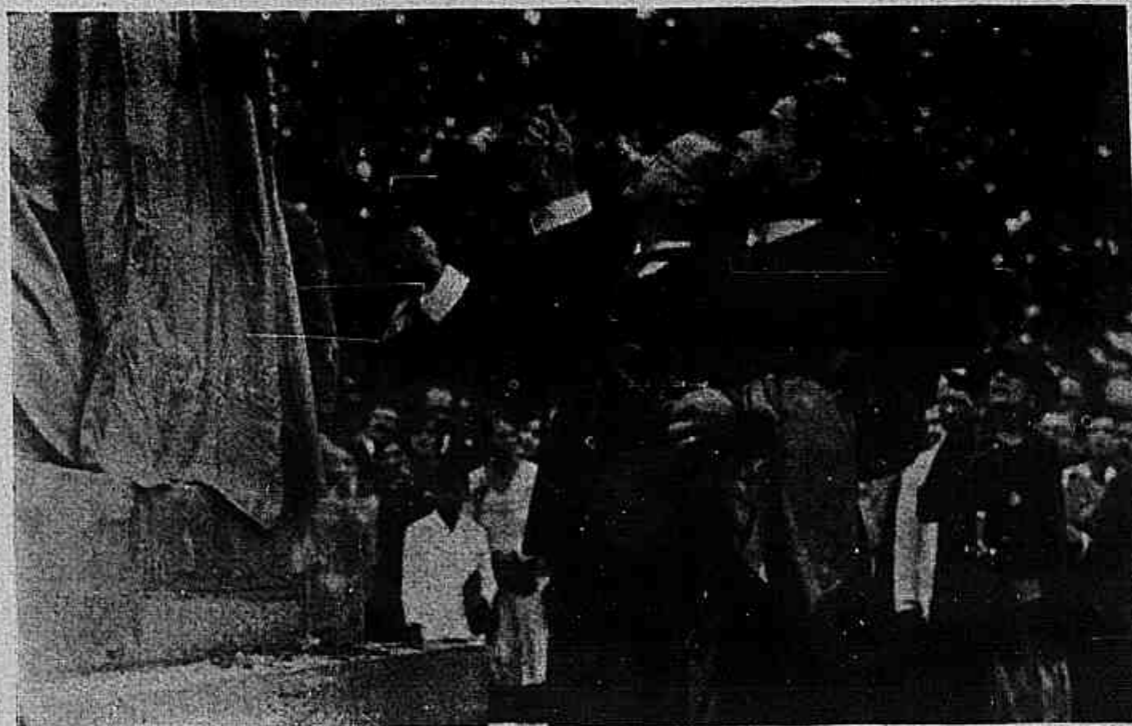


*Quando falava o major Dilermando, em nome do Exército Brasileiro.*



*A estátua de Gomes Carneiro, na cidade da Lapa, obra do escultor Turin*

*O Presidente Munhoz e o auditor Mario Gomes Carneiro; quando inauguravam o monumento.*





Cel. Domingos Garcia, comandante do batalhão de Reserva da Guarda Nacional.



Coronel Joaquim Lacerda, das forças legalistas



Tenente Henrique dos Santos, morto a 7 de Fevereiro de 1894

# VULTOS

# DA EPOPÉIA DA LAPA



Coronel Julião e seus dois filhos

Coronel João Antonio Ramalho, comandante do Batalhão Patriótico 15 de Novembro



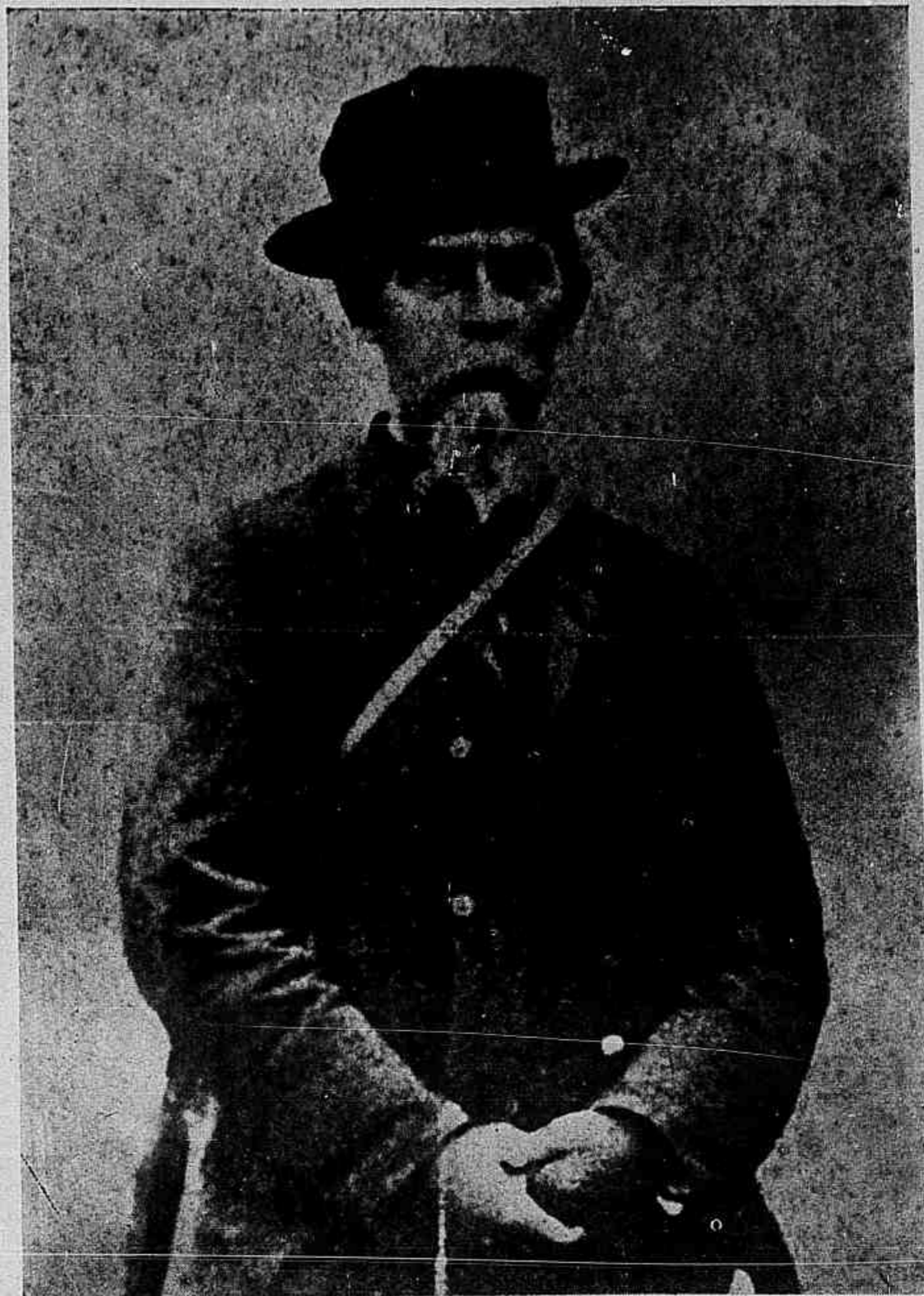
Da esquerda para a direita: Dr. Menezes Dória, General Juca Tigre e Cel. Sebastião Bandeira, das hostes federalistas.

# DOIS PRECIOSOS DOCUMENTOS DO HEROISMO ◆ DE GOMES CARNEIRO ◆

**E**NTRE a apreciável documentação existente da atuação do general Antonio Ernesto Gomes Carneiro à frente dos valentes companheiros de sua histórica jornada na Lapa, figuram os dois que incluímos nesta página, e que atestam o reconhecimento do Marechal Floriano Peixoto à bravura, lealdade e coragem do grande soldado a que, num momento de verdadeira inspiração, entregara — pôde-se dizer — os destinos da jovem República, tanto é certo que à sua brava resistência, só comparável à dos guerreiros antigos se deve o ter podido o Marechal de Ferro consolidar o novo regime.

São esses documentos o ato de promoção, ao posto de general de brigada, do então coronel Gomes Carneiro, e um trecho da Mensagem do Chefe do Governo ao Congresso, em Maio de 1894, na qual exalta a ação do defensor da Lapa, classificando-a, como se verá, a mais admirável página da história militar de um povo.

São esses dois interessantes documentos que, a seguir, reproduzimos.



Uma rara fotografia do general Gomes Carneiro, tirada na fase mais crítica da campanha contra os federalistas.

## PROMOÇÃO

«○ Vice-Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil:

*Attendendo aos relevantes serviços prestados pelo coronel do corpo de engenheiros Antonio Ernesto Gomes Carneiro, tanto na paz como na guerra; Attendendo á bravura que sempre demonstrou nos diferentes encontros com os inimigos da Republica; Attendendo á heroica resistencia que com a columna sob seu commando tem opposto na cidade da Lapa, estado de Paraná, desde 17 de Janeiro, ás forças reunidas dos inimigos da Patria, resolve promove-lo ao posto de general de brigada, continuando no quadro extranumerario.*

*O general de brigada Bibiano Sergio Macedo da Fontoura Costallat, encarregado do expediente do Ministerio da Guerra, assim o faça executar.*

*Capital Federal, 8 de Fevereiro de 1894, 6.º da Republica.*

a) FLORIANO PEIXOTO

a) Bibiano Sergio Macedo da Fontoura Costallat.

(ORDEM DO DIA N.º 533 — 26-3-1894.)

Trecho da mensagem  
de 7 de Maio de 1894

## ○ marechal Floriano Peixoto ao Congresso Nacional:

«○ Exercito, que, por seus honrosos antecedentes, já era digno da gratidão nacional, mais digno agora se torna, pelo importantissimo papel que desempenhou durante a revolta. Unido e patriótico, sempre obediente à lei, desde o começo da invasão do Rio Grande do Sul até hoje, elle tem se distinguido, não só pela sua resignação nos soffrimentos, como pelos feitos gloriosos que ha praticado, dentre os quaes citarei o levantamento do sitio de Bagé, o combate d'Armação, em Nitheroy e — luminosa auréola de um morto — a heroica defesa da Lapa, no Estado do Paraná.

Pelas publicações da imprensa, já deveis ter conhecimento do que foi aquella defesa, onde o inclito general GOMES CARNEIRO escreveu, talvez, a mais admiravel pagina da historia militar de um Povo.”

# VALOR DE UM CHEFE

**B**EM andou a Grecia em estabelecer a relação entre a noção de Arte do governo das nações — **Politike** — e a idéia de cidadão — **Polites**.

O cidadão como agente do civismo, deve fazer-se, pela natureza mesma de sua missão na sociedade, o sustentáculo das instituições. A proliferação do germe que deu o embrião da sociedade política há de procurar-se nos agrupamentos primitivos de homens selvagens que viviam nas selvas, da caça, da pesca, dos frutos, e moravam na copa das árvores.

Os agrupamentos inconscientes dos peixes em cardume, das aves em bando, das ovelhas em malhada, das abelhas em enxame, etc., não explicam a origem da sociedade porque correm à conta do instinto que, nem por ser assistido de rudimentar inteligência, basta para crear e aperfeiçoar instintivamente que, por abstractas, só poderiam ser inventadas por inteligência racional como a do homem (Archêro).

No momento, porém, em que o homem selvagem desce do tópo das árvores e procura nas cavernas ou nas grutas o abrigo noturno e às intemperies, e lugar para guardar o alimento, uma família tende a formar-se. (Archêro).

Saindo das cavernas, utiliza-se como instrumento de defesa e de trabalho, a pedra lascada e o osso e faz-se nomade e operário; nomade, pela necessidade de buscar o alimento natural — caça, pesca, fruto — e operário, pela necessidade de construir a morada para abrigar-se à noite e das intemperies. (Archêro).

O nomadismo dá lugar a aglomeração mais importante — a **tribu** — forma primitiva, ao mesmo tempo, mais antiga e mais rudimentar da sociedade política, reunião de **phratrias** subdivididas em **clans**, por sua vez aglomeração de **famílias** que se não sabe bem se precedeu à tribu e à phratría ou se resultou da tribu por aumento de densidade. (Lorton).

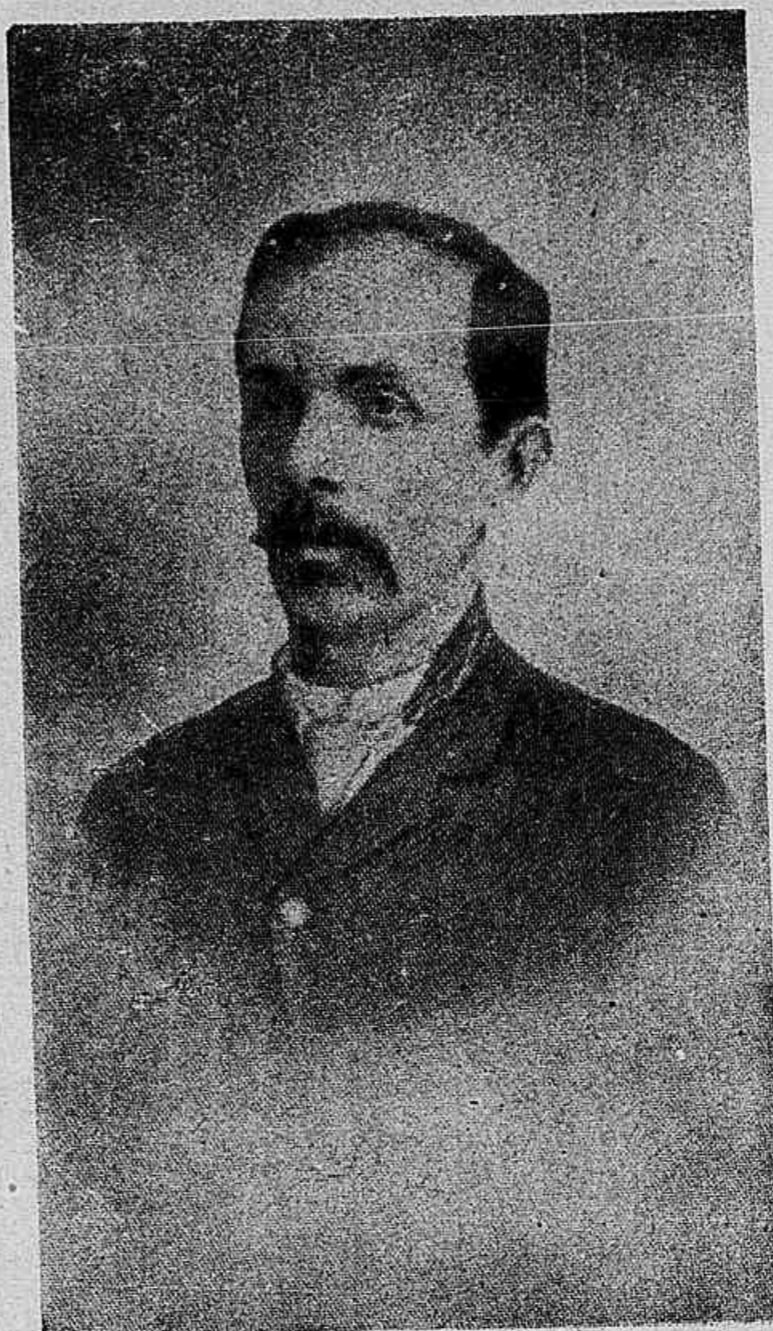
O carater da tribu é a uniformidade nas ocupações, nas crenças, nos costumes; um liame baseado na identidade das convicções religiosas, no patrimônio comum e nos interesses mais aparentes, une seus membros; cada individuo é ligado ao grupo pela vida, pela subsistência, pela liberdade; uma tribu não se reúne a outra; deuses especiais, costumes, e, sobretudo interesses, as separam; propaga-se pela cisão em colônias que vão ocupar outros territórios, e conservam entre si relações pela comunidade de religião e de lingua. Sem residência fixa, desloca-se em busca de melhores pastagens, de abundância de caça (Lorton).

Há um momento em que certo número destas tribus resolve parar em determinada região, fazem aliança umas com outras pela necessidade de se defenderem, e paulatinamente se misturam e confundem. O homem torna-se pastor e ocupa os campos; deixados, porém, logo que escassêa a herva necessária às pastagens dos rebanhos. Se encontra terras férteis, torna-se agricultor, constrói a morada e fixa-se ao solo. Adotam uma autoridade. A' medida que se expandem no tempo e no espaço e crescem em número, surge a idéa de conquista da terra cuja divisão crea o feudalismo; aparecem as famílias patricias; prepara-se a plebe composta de enjeitados, espurias, degredados, criminosos, escravos foragidos que se deram pelos campos incultos, e, atraídos pela mesma condição miseravel que os irmãos, constituem "aldéas" que se desenvolvem e formam "vilas". (Archêro).

Na baixa Chaldéa, ao longo das praias da Phenícia, como na Grecia, após as invasões doricadas, as tribus, favorecidas pela divisão natural da região que as montanhas e os braços dos rios separavam, organizaram-se

em cidades autonomas, caracterizadas pela predominancia da vida urbana sem abandono dos arrabaldes, porém, a maior parte dos moradores estabelece-se dentro das fortificações. Atrás destes baluartes, os camponeses em caso de perigo, acodem dos subúrbios. Ali estão edificados os templos, delibera-se, votam-se providencias de interesse comum. Entre os habitantes da cidade há mais estreita solidariedade. Com a cultura surgem as profissões, o comércio, as indústrias; esboça-se a divisão do trabalho. A administração é aristocratica ou democratica. (Lorton).

Roma é edificada no monte Palatino como uma fortaleza, guarda do templo e da morada dos patricios. Em derredor dela, aglomerando-se, fortalecendo-se pela solidariedade,



Floriano Peixoto, quando deixou o governo da República.

vivia a escoria, o detrito, a parte desprezível da humanidade; mas tal como a rosa tanto mais bela quanto mais estercada a terra de que brotou a roseira, desse monturo havia de sair as nacionalidades. (Archêro). A conquista de vários países, sob o jugo de uma unica autoridade, de governo monarchico e administração centralizada crea os imperios. Roma conquista toda a bacia do Mediterraneo e, para resguardar-se dos barbaros, dilata suas fronteiras até o Rheno e o Danubio. Desmantelado no século V pelas invasões, este imperio dá origem às nações ocidentais da Europa que se argamassam pouco a pouco, durante a idade média. (Lorton).

Forma nova de sociedade politica, a Nação não se firma nem na vizinhança nem na comunidade de interesses regionais aparentes; ocupa território maior do que o da Cidade; civilização mais adeantada e complexa; intercâmbio mais ativo; arcabouço mais resistente do que o dos imperios porque resulta de união menos artificial que não

tem unicamente a força para alicerce. (Lorton).

E' agrupamento de individuos nascidos na mesma terra, formando uma população fixada ao solo na qual um laço de parentesco espiritual desenvolve o pensamento da unidade de grupo.

Motivos históricos ou eticos indicam a necessidade de leis que regulem a marcha da coletividade, assegurem a ordem, o desenvolvimento e o progresso da sociedade, e de um poder soberano emanado dessas leis que vigie a aplicação e o cumprimento das leis: outra forma de sociedade politica. — o Estado.

Educado dentro destes principios e com tais propósitos, o cidadão há de, necessariamente, acatar a lei e a autoridade que dela emana; dentro deles, concorre para a manutenção da ordem e colabora eficientemente na marcha evolucionaria da sociedade. Nada mais prejudicial ao progresso de uma agremiação do que a situação de instabilidade que perturba todas as iniciativas, inquietam todas as atividades que hesitam ante a infirmez do terreno em que estão assentados os alicerces sociais.

\* \* \*

Acabara o País de passar por grande abalo que culminou com a mudança de regime. Necessariamente combalido com o abalo sofrido, precisava de tranquillidade para re-haver as energias perdidas, recuperar forças, repôr as cousas em seus lugares e re-tomar as atividades.

Infelizmente os acontecimentos não tiveram este curso.

O Rio Grande debatia-se com uma revolução que lhe talava os campos e impedia a marcha para a frente.

O Marechal Deodoro que assumira o governo republicano, afasta-se e transmite-o a seu substituto, o Marechal Floriano Peixoto.

O Almirante Wandenkolk, em Julho de 1893, parte para Buenos Aires, apossa-se do paquete **Júpiter**, arma-o em guerra, garante-o de tropas de desembarque, abastece-o de munição de guerra e de boca, rumo para o Rio Grande afim de tomar o porto e fazer d'ele base de operações; repellido, aprôa para Santa Catarina onde é capturado pelo cruzador República, enviado em sua perseguição.

O Almirante Custodio de Mello deixa a pasta da Marinha para empunhar o estandarte de revolta. Apodera-se dos mais importantes navios da Esquadra e rompe hostilidades contra o Governo.

Em meio de todas estas perturbações a figura de Floriano emerge na tela da História, inexpugnável ao contagio da confusão a que se pretendia lançar o País. Sem perder a serenidade, dirige-se, em telegrama circular, aos presidentes e governadores de Estado, comunica o fato, pede opóio e recomenda vigilancia.

Os Estados do Rio, S. Paulo, Paraná e Santa Catarina, poem-se imediatamente ao lado do governo constituido e mobilizam, desde logo, todas as energias em favor da estabilidade das instituições.

Em Niterói, a uma tentativa de desembarque na Armação, Fonseca Ramos à frente do Corpo Policial fluminense, faz de cada soldado um monolito, estende com eles a muralha contra cujo pano externo vem chocar-se e quebrar a furia dos revoltosos, e escreve, a 9 de Setembro de 1893, uma das mais belas páginas da História Militar.

Em S. Paulo, o Dr. Bernardino de Campos, em uma compreensão nítida de civismo, desdobra atividades no sentido de auxiliar, a todo transe, o governo e prestigiar a autoridade constituida.

Para defender Santos, visada pelos revoltosos em repetidas surtidas, guarnece e fortifica a cidade, e prevê, com singular visão, todas as hipóteses com providências acertadas que dão bem a idéia do estadista experimentado. As ordens partem como raios; nada escapa a seu senso vigilante; acode com medidas prontas a todas as solicitações; prevê a todas as necessidades com a precisão de quem deseja vencer.

Em perfeita identidade de vista com o comandante do Distrito a quem assiste em tudo que podia interessar à defesa e segurança do Estado, pôde dizer ao seu povo que estivesse tranquilo porque as providências para que S. Paulo nada sofresse, estavam tomadas.

Não conseguindo nada em Santos, os revolucionários atacaram S. Sebastião. O Dr. Bernardino de Campos acode com providências energicas, o ponto atacado.

Antevendo que as fronteiras do Paraná eram facéis vias de acesso à invasão de S. Paulo, forma corpos e guarnece, com tropas bem apetrechadas, todos os pontos vulneráveis. Em tudo isto, é vantajosamente auxiliado pelo patriotismo do povo paulista que, confiando no seu Chefe, cerca-o de todo o prestígio e cerra fileiras em torno d'ele.

No Paraná, o Dr. Vicente Machado esforça-se para dar ao govêrno central todo o auxilio possível. Estado de menores recursos, sem facéis vias de comunicação, não permitiu que os bons officios de seu Presidente tivessem a eficiencia do de S. Paulo.

Para comandar o Distrito Militar, é mandado o general Paulo Argolo em substituição ao Coronel Fernandes Barbosa. De chegada a Curitiba, o general Argolo teve de organizar tudo. Voltou vistas para a defesa de Paranaguá e Antonina. Chama officiais de confiança e entrega-lhes a direção de serviços importantes. Considerando que não convinha a situação de defesa, à espera do inimigo, resolve atacar; apresta tropas e parte ao encontro dos revolucionários. Marcha em direção à Lapa. Vencendo dificuldades de toda a ordem, falta de recursos, caminhos intransitaveis, consegue chegar a Rio Negro onde toma contacto com o inimigo.

Motivos superiores aconselham-n'o a abandonar o primitivo plano. Regressa à Lapa. Chegando a esta cidade o Coronel Gomes Carneiro, parte o General Argolo para Curitiba.

Exonerado do comando do Distrito, segue para o Rio. É nomeado para substituí-lo, o General Pêgo Junior. Enquanto todas estas cousas se passavam, os revolucionários estão ganhando terreno; invadem Santa Catarina, uma forte coluna, ao mando de Gumerindo Saraiva, acossada por Pinheiro Machado, marcha para Blumenau e Joinville. Os federalistas tomam Lages e invadem o Paraná; entram por Palmas e Rio Negro; demandam a Lapa.

Em 11 de Dezembro começam as demonstrações de hostilidades. A 17, o Coronel Gomes Carneiro, comandante da praça, manda fazer reconhecimentos. A 18, segue êle mesmo com um reforço para trazer, das margens do rio da Varzea, o gado deixado pelo inimigo.

Nos últimos dias de Dezembro e nos primeiros de Janeiro, as ações cifram-se em reconhecimentos e escaramuças.

Prevendo acontecimentos mais graves com a aproximação das forças revolucionárias, continúa os preparativos para a resistência e conserva-se vigilante.

A 13 de Janeiro, faz, com um piquete de cavalaria, um reconhecimento na estrada do Rio Negro e trava tiroteio com o inimigo. A 14, assinala-se o inimigo por essa estrada.

A 15, pela manhã, o Comandante da praça, em companhia de seu ajudante de Campo e de duas praças, segue pela estrada do Rio Negro, e ao avistar uma patrulha de reconhecimento inimiga, mandou que as duas praças façam fogo contra a patrulha que assim surpreendida, sai em disparada; mas o estratagem não ficou sem resposta; outra patrulha inimiga faz fogo sobre êle e o obriga a recuar. Pouco depois, a artilharia inimiga rompe fogo contra a cidade. O Coronel Gomes Carneiro não só manda que a sua artilharia responda ao ataque, como ainda envia forças de infantaria e cavalaria em reconhecimento.

A 16, o inimigo continúa o bombardeio, mas não é respondido, tanto por causa da distancia como pela necessidade de poupar munição.

A 17, foram observadas, ao longe forças de cavalaria, contornando a cidade pelo flanco direito, e pouco depois, a praça era atacada por todos os lados.

O ataque durou quatro horas e foi vigorosamente respondido pelas forças legais.

A 22, o inimigo que aproveitara o tempo em completar o sitio da cidade, ataca com veemencia. Após uma hora de renhido fogo, aproxima-se um piquete de cavalaria, hasteia bandeira branca e pede para parlamentar. Sabedor do fato, o Coronel Gomes Carneiro responde à bala, e o grupo foge.

O ataque recrudescer; o inimigo, repellido, manda novo emissário, desta vez, o filho do Coronel Pimentel que vinha trazer notícias alarmantes, mas o Coronel Gomes Carneiro não se alterou e mandou que o official se retirasse. Nova recrudescencia do ataque que cessa com a vinda de novo parlamentar, também não recebido. Novo e renhido fogo. Os revolucionários não perdem a esperança, e outro parlamentar aparece, mas o Coronel Gomes Carneiro não cede, e o inimigo, desesperado, continúa o combate que termina com o seu desbarato.

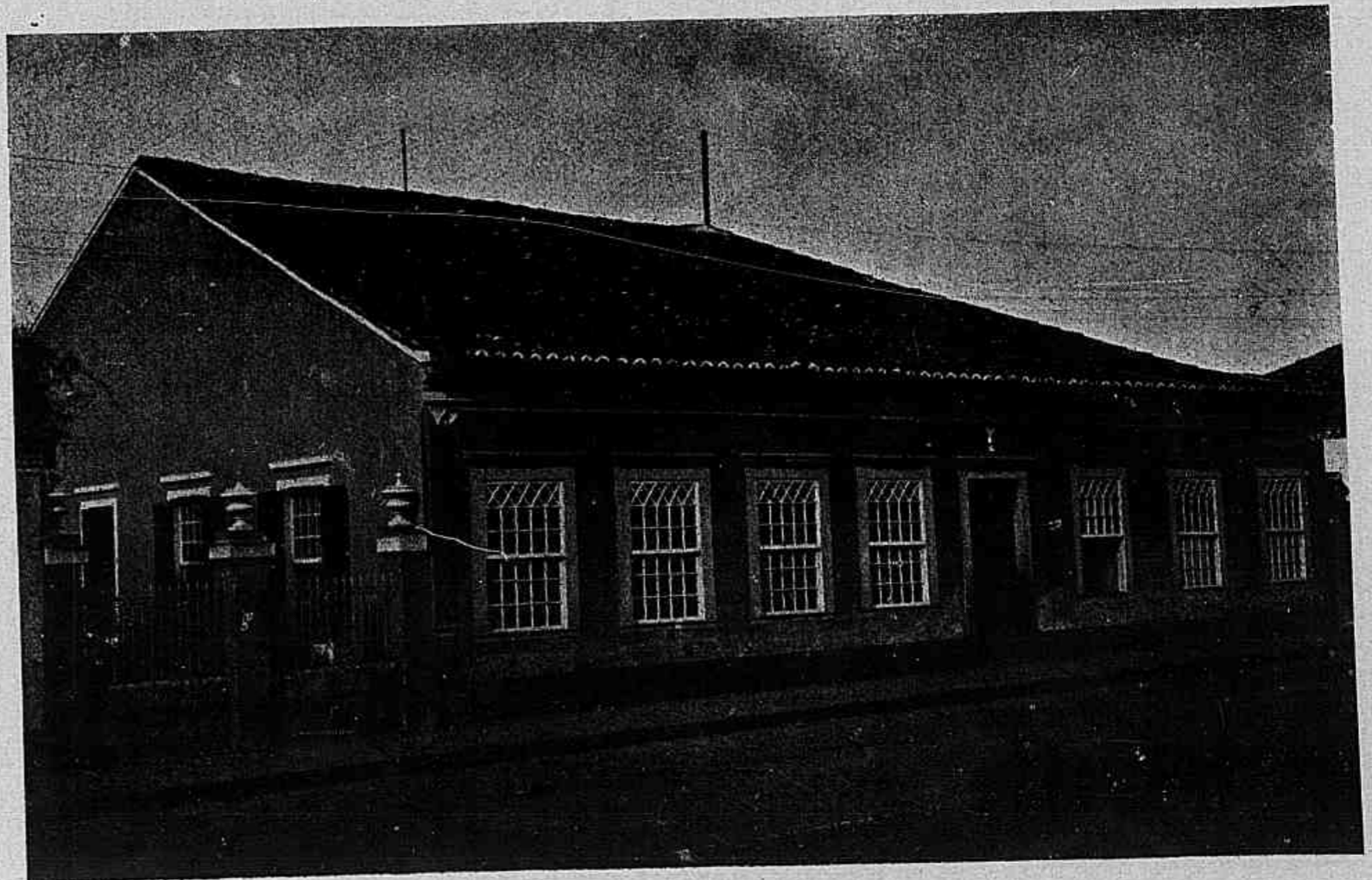
Durante as acalmias, o inimigo aproveita para apertar o cerco.

A 27, nova e violenta investida que é repellido. Já então a Lapa estava inteiramente cercada, sem quaisquer comunicações para fóra.

O General Pêgo Junior, comandante do Distrito, em vez de correr em auxilio de seu comandado que, naquele momento personificava a lealdade e a elevava ao mais subido preço, afasta-se para Castro, deixando entregue à sorte aquele punhado de heróis que combatiam galhardamente, norteados pela sensação íntima e dignificante da consciencia do cumprimento do dever. Daí por deante o inimigo não cessava o fogo com alternativas de maior e menor intensidade.

A 7 de Fevereiro, a cidade é atacada com grande violência, e o inimigo investe furiosamente; já alcançam algumas ruas, já se internam pelas casas, quando vêm dizer ao Coronel Gomes Carneiro que em determinado flanco, o inimigo já atingia as trincheiras. Gomes Carneiro parte para o ponto em perigo, dirige palavras de animação aos comandados que, confiante naquele vulto de serena intrepidez, despresavam a morte e lutavam com denodo em busca da glória, tripudiando por sobre todas as dificuldades; toma providências urgentes que visavam salvar a situação; neste momento, é mortalmente ferido um official que se achava a seu lado, e quando o amparava, outra bala vem prostrá-lo, atravessando-o.

*A casa histórica do Cel. Joaquim Lacerda, onde se assinou a capitulação da Lapa, em 1894, e onde faleceram o Cel. Dulcideo Pereira e o Cel. Joaquim Lacerda. Essa casa foi o quartel-general da 2.ª Brigada.*



Acudido pelo ajudante de campo, é imediatamente conduzido à presença do médico que o socorre.

O Coronel Joaquim Lacerda toma as providências necessárias, afim de que o Coronel Gomes Carneiro seja convenientemente abrigado, ordena a remessa urgente de reforço para o ponto onde a luta ia mais acesa. É igualmente ferido gravemente o Tenente Lebon Regis; a peça de seu comando cuja guarnição já se achava toda fóra de combate, cala-se.

Com o reforço, porém, ordenado pelo Coronel Lacerda, chega o Capitão Sisson que toma a seu cargo a peça e fá-la, de novo, trovejar.

Enquanto isto, os soldados arrombam a casa em que se havia entrincheirado o inimigo, e a luta trava-se corpo a corpo, pendendo a balança para o lado das forças que defendiam a cidade. Neste corpo a corpo furioso, é morto o Coronel Dr. Amintas de Barros e ferido mortalmente o Coronel Dulcideo Pereira.

O combate terminou às 15 horas, tendo o inimigo recuado em todo o circulo, pasmado na resistencia dos sitiados.

No dia seguinte houve pequenos tiroteios. Sepultava-se o Coronel Dulcideo Pereira. A 9, ainda tiroteios. A's 19½ horas, falecia o bravo comandante da praça, o glorioso herói da Lapa. Conduzido para a Igreja, foi, no meio da consternação geral e com todas as honras, a 10, sepultado, tendo

— Aos pés — a glória; e ao lado ajoelhada — A pátria, pobre mãe desventurada!"  
"A" cabeceira — a morte agradecida;

(José Bonifacio).

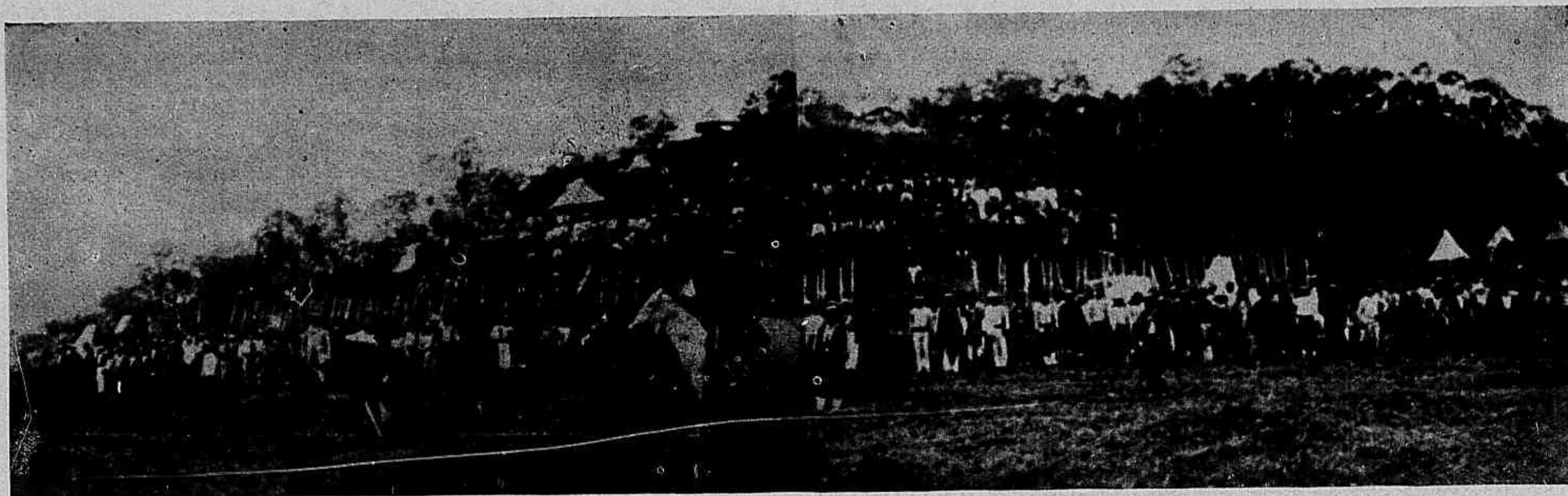
Enquanto lutava resignado e confiante, à espera do socorro ansiosamente solicitado, o Coronel Gomes Carneiro, espelho de civismo, modelo de virtudes militares, transmitia a aquele pugilo de bravos, a chama sagrada do dever militar; mas logo que a valente figura de lutador tombou na arena, a chama tremeluziu, lucilou e veio apagar-se na rendição.

Quando trouxeram ao grande Soldado da República, a noticia de que a Lapa se tinha rendido, êle, em uma frase profundamente expressiva como as sabia ter oportunas para cada caso, disse:

"Então o Carneiro morreu"

como para significar uma convicção íntima de que, se aquela personificação do valor não tivesse sido sacrificada, a Lapa não se renderia.

São lições que veem do passado para edificação do futuro.



*Fôrças de Gumercindo Saraiva, que tomaram parte no histórico cêrco*

# AS FÔRÇAS REVOLUCIONARIAS QUE SITIARAM A LAPA

*AS fôrças revolucionárias federalistas que sitiaram a Lapa, e contra as quais se opuzeram os bravos soldados comandados por Gomes Carneiro, eram aguerridas e, sobretudo, numerosas.*

*Tesmunho disso são as fotografias que nos ficaram daqueles dias, algumas das quais aqui reproduzimos, e em que aparecem os seus prin-*



*Joca Tavares, Aparício Saraiva e Gumercindo Saraiva, três caudilhos revolucionários.*

*eipais chefes, Joca Tavares, Aparício e Gumercindo Saraiva.*

*São preciosos documentos daqueles dias históricos, e atendem perfeitamente ao intuito de*

**ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA,**

*de reviver em seus mais vividos aspectos a memorável epopéia, cujo cincoentenário o país está comemorando.*

*Corpo revolucionário de Aparício Saraiva sitiando a Lapa*





*Coluna federalista diante de Tijucas — Paraná — em 1894.*



*Um batalhão de infantaria federalista em descanso. (1894)*



*Entrada de Gumerindo em Curitiba, em Abril de 1894.*

*Gumerindo e Piragibe, chefes revolucionários, na escadaria do 8.º Regimento de Cavalaria, em Curitiba.*



# DANDO REPOUSO ETERNO AOS RESTOS DOS HERÓIS DA LAPA

ENTRE as cerimônias que constaram do programa das comemorações do Cinquentenário do Cêrco da Lapa, figurou a inauguração do Panteon de 1894, onde ficarão repousando, em definitivo, os heróicos defensores daquela praça de guerra, tombados durante o histórico assedio.

Para êsse fim tornou-se necessário realizar a exumação prévia dos restos mortais de alguns dos denodados combatentes lapeanos, que repousavam em carater transitório em pontos esparsos do solo da velha cidade e dessas cerimônias piedosas foram lavradas as atas respectivas.

Damos abaixo o texto integral de uma dessas atas, que se refere à exumação dos restos dos coroneis Joaquim de Rezende Correia de Lacerda e Libero Guimarães, ato presidido pelo historiador coronel David Antonio da Silva Carneiro, e assistido pelas testemunhas que assinaram o expressivo documento.

## ATA DA CERIMONIA DA EXHUMAÇÃO DOS RESTOS MORTAIS DOS HERÓIS DO CERCO DA LAPA

A OS 22 dias do mês de Janeiro de 1944 (quinquagésimo aniversário do primeiro combate grande havido durante o memorável cêrco de 1894), presentes os abaixo assinados, nesta cidade da Lapa, no cemitério municipal, procedeu-se, às treze horas aproximadamente, à exumação dos restos mortais dos Srs. Coroneis Joaquim de Rezende Correia de Lacerda e Libero Guimarães.

Procedeu-se à exumação do Cel. Joaquim Lacerda, do jazigo da família, encontrados foram todos os seus ossos; porém em máu estado de conservação. A identificação foi, entretanto, fácil, em virtude de se haver encontrado botões de punho de camisa, de ouro, provas para a completa certeza, completados pelo testemunho do Sr. Antonio Cavallin, que assistira à inumação em 1905.

Procedendo-se à exumação do Cel. Libero Guimarães, do jazigo perpétuo em que fôra inhumado depois da sua morte,

houve certa dificuldade, por se encontrar o jazigo inundado d'água, e estarem os seus ossos junto com os de outra pessoa de menor conformação. Entretanto a identificação foi fácil pela forma do crânio e arcada dentária.

Separados os ossos de ambos os coroneis acima citados, foram colocados em urnas, e levados para a Igreja Matriz, onde esperarão as solenidades do cinquentenário, para inumação definitiva no Panteon de 1894.

Em seguida, na Igreja Matriz, constatarão os abaixo assinados que, de sob o altar do Santissimo Sacramento foram retirados os ossos de duas pessoas que haviam sido enterradas juntas. Pela tradição sabia-se que aí haviam sido inhumados logo após à morte de ambos, feridos e mortos no combate de 7 de Fevereiro de 1894, o Tte.-Cel. José Amintas da Costa Barros e o alferes Henrique José dos Santos.

Colocados os ossos em uma única urna para posterior separação, fácil, em virtude da diferença do porte, e da existência de um crânio com basta cabeleira, esperarão também, as solenidades do cinquentenário no Panteon.

E para que a todo tempo conste, lavrei a presente ata, que vai assinada por todos os que assistiram aos atos acima descritos, eu, David Antonio da Silva Carneiro, vice-presidente da comissão do 50.º aniversário da Resistência da Lapa, que a escrevi e assino.

Lapa, 22 de Janeiro de 1944.

- aa) David Antonio da Silva Carneiro.
- Francisco T. Beltrão.
- Padre Henrique Osvaldo Falars.
- João Gualberto Lacerda.
- Peregrino Dias Rosa Filho.
- Belarmino Pereira.
- José Cavallin.
- Antonio Cavallin.
- Luciano Lacerda.
- Francisco Lacerda.
- Fernando Augusto Lacerda da Silva Carneiro.

Flagrante da cerimônia da exumação dos ossos do coronel Joaquim Rezende Correia de Lacerda.



# FRASES DO General Gomes Carneiro

○ IMPERECÍVEL cabo de guerra mineiro, que era um espírito bastante ilustrado, legou à imortalidade um sem-número de frases, que foram ditas nos momentos precisos. Colhemos a êsmo as que reproduzimos a seguir, certos de que a sua leitura dará aos nossos leitores uma idéia nítida do valor espiritual de quem as pronunciou.

**“Morro, mas não hei de deixá-los passar”.**

Pronunciada diante de Floriano Peixoto, quando o Marechal de Ferro lhe pedia para comandar a tropa legal na Lapa.

\*

**“Nasci para ser general, e hei de ser general, um dia.”**

Pronunciada ao tempo em que era aluno do ginásio de São Bento, nesta Capital.

\*

**“O adversário não é inimigo. merece consideração e precisa de carinho.”**

Dita ao passar ao lado de um federalista ferido, que gemia de dôres.

\*

Próximo a uma trincheira, na rua da Boa Vista, na Lapa, o ínclito soldado exclamou:

**“Há-de a República vencer! Como seria possível o contrário, se ela tem defensores como êstes bravos, que eu me honro de comandar?”.**

\*

A pergunta que, em 1892, o marechal Floriano fizera ao então Coronel Carneiro:

— Que coronel deve substituí-lo no trabalho das linhas de Mato Grosso? O destemido cabo de guerra replicou:

— **“Qual coronel! A posição é de mérito, não de medalhão. Nomeie o tenente Cândido Rondon!”.**

\*

Durante o assédio à Praça da Lapa, o general Carneiro disse para o capitão Clementino Paraná, outro bravo:

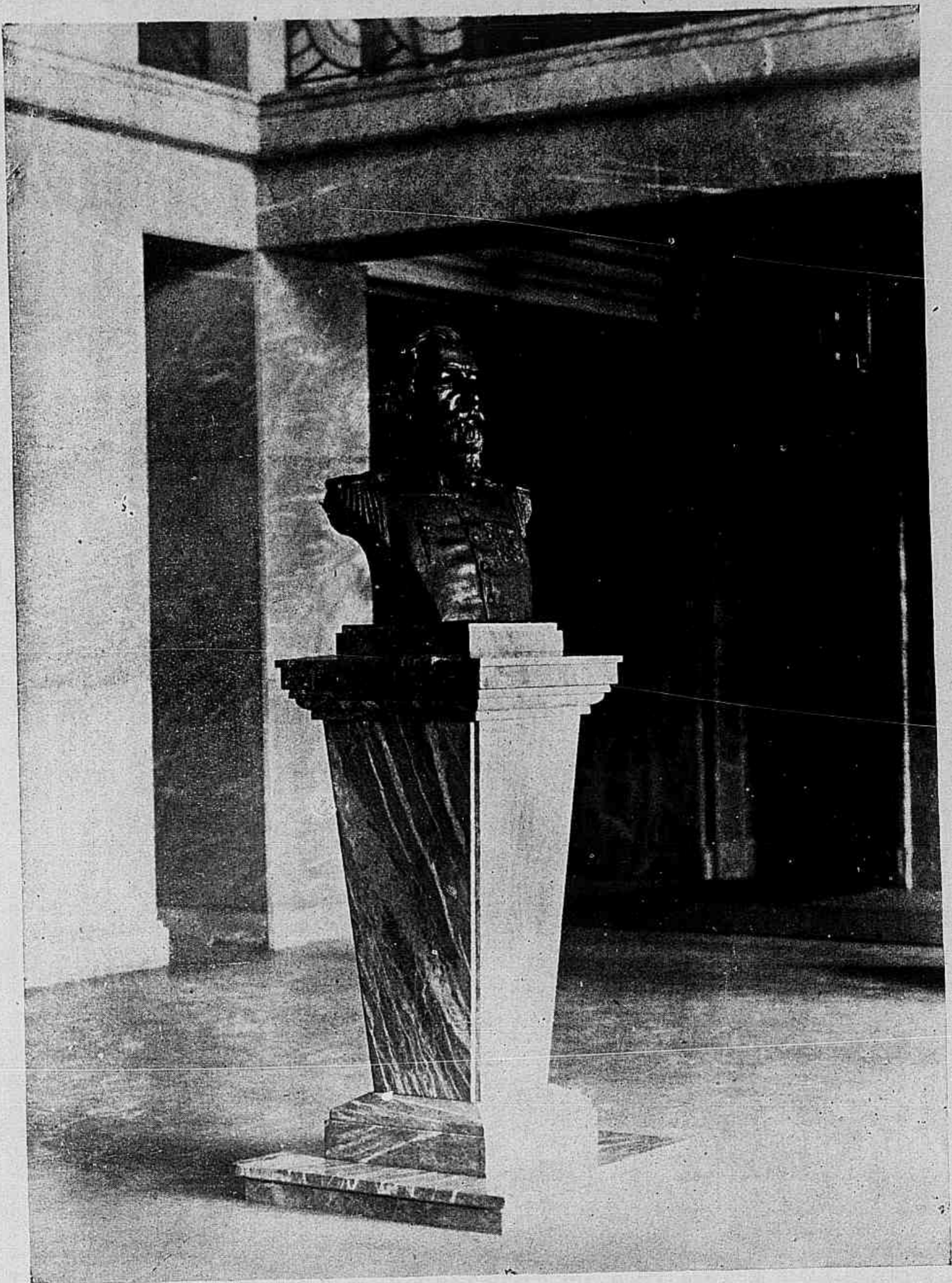
— **“O seu nobre esforço não será em vão. Trabalhar pela República é obter a glória!”.**

**“É uma glória morrer-se pela sacrossanta causa da República”.**

**“Resistência, resistência, resistência a tôdo transe!”.**

Estas últimas frases tiveram por cenário o aposento onde, em casa do amigo Pedro Fortunato, expirou o general Gomes Carneiro, aos 9 de fevereiro de 1894.

N. S.



*Busto do general Gomes Carneiro, no saguão da Diretoria de Engenharia do Palácio da Guerra, inaugurado em Fevereiro de 1942.*



*Casa em que nasceu o general Gomes Carneiro — Cerro Frio, Minas Gerais.*

# AS COMEMORAÇÕES

## Do cincoentenário do cêrcio da Lapa

**R**EALIZARAM-SE com grande imponência e obediência ao programa previamente traçado pela Comissão Central de Festejos presidida pelo general Raymundo Sampaio, as comemorações do cincoentenário da gloriosa epopéia que ficou assinalada em nossa História como o "Cêrcio da Lapa", feito militar dos dias históricos da consolidação do regime republicano, e do qual foi herói máximo o general Antonio Ernesto Gomes Carneiro. As comemorações, embora acompanhadas com o mais vivo interesse pelo país inteiro, tiveram como era natural, maior importância no teatro mesmo da luta entre os soldados da República e os Federalistas, a cidade da Lapa, que é hoje monumento histórico e há cinquenta anos vem sendo um documento vivo da coragem e do espírito disciplinado do nosso soldado.

### FERIADO ESTADUAL

Afim de prestigiar as comemorações que se realizariam naquela cidade, o interventor Manoel Ribas baixou previamente um decreto declarando feriado em todo o Estado o dia 9 de Fevereiro deste ano, medida que concorreu ainda mais para aumentar o brilho das comemorações que naquele dia tiveram início.

### A MISSA SOLENE

A primeira cerimônia do programa oficial, cuja realização teve lugar no dia 9, foi a missa solene na matriz local, celebrada por D. Ático Euzebio Rocha, ato a que compareceram o representante do interventor Manoel Ribas, o interventor Nereu Ramos, generais Heitor Borges, Raymundo Sampaio, Dr. Mario Gomes Carneiro, José Agostinho Santos e outras altas autoridades.

### A TRASLADAÇÃO DOS RESTOS MORTAIS DO GENERAL GOMES CARNEIRO

A seguir, realizou-se a trasladação dos restos mortais do general Gomes Carneiro e do seu ajudante de ordens, Theodoro Mello. As urnas foram conduzidas da matriz ao Panteon, pelos Srs. interventor Nereu Ramos, generais, que proferiu comovida oração, José Agostinho Santos, Gomes Car-

neiro e major Walter Uyers. Um pelotão do 13.º R.I. prestou as honras militares, enquanto uma banda do Tiro Rio Branco executou a marcha fúnebre. Vinte e uma salvas de artilharia foram ouvidas. À entrada do Panteon, um contingente da Fôrça Policial prestou as honras de estilo. No Panteon, onde se alinham os bustos em bronze do general Carneiro e dos coroneis Amintas Barros, Dulcideo Pereira e Correa Lacerda, falou o Dr. Gomes Carneiro, filho do general, que proferiu comovida oração. A seguir, foi lida a ordem do dia especial, assinada pelo coronel Teodureto Barbosa, comandante do destacamento mixto do Exército que guarnece a Lapa durante as festividades. Segue-se a inumação dos restos mortais do general Carneiro e de seu ajudante de ordens, que é feita pelos srs. interventor Nereu Ramos, generais Raymundo Sampaio, Heitor Borges e José Agostinho, major Walter Myers e capitão Fernando Flores. Desfilaram, depois, as tropas do destacamento mixto.

### O CONGRESSO DE HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO DE 1894

Revestiu-se de grande brilhantismo a sessão solene inaugural do Congresso de História da Revolução de 1894, realizada na sede do Conselho Administrativo do Estado do Paraná, e que contou com a presença de altas autoridades civis e militares do Estado, e de inúmeras pessoas gradas.

A mesa dos trabalhos teve a presidência do general Raymundo Sampaio e foi constituída pelo general Heitor Borges, comandante da 5.ª Região Militar; capitão Fernando Flores, secretário do Interior e Justiça do Estado, representando o interventor Manoel Ribas; do Arcebispo Metropolitano e do prefeito da Capital.

Dando início à sessão o general Raymundo Sampaio pôs em relêvo as finalidades do Congresso que eram as de colher subsídios para que os historiadores do futuro possam contar a história real do "Cêrcio da Lapa". Em seguida participou à assembléia que em virtude da ausência do efetivo presidente de honra do Congresso, Dr. João Candido Ferreira, que se achava acamado, daria a palavra ao Dr. Loureiro Fernandes, para ler o discurso do primeiro. A brilhante oração, cujas linhas, traçadas com a fidelidade de quem assistiu e tomou parte no "Cêrcio da Lapa", contém valiosos depoimentos dos chefes federalistas sobre a importância da resistência daquela praça nos destinos do movimento de 1894.

Em seguida, usaram da palavra o coronel Pedro Cordilino Azevedo, em nome dos congressistas, e o professor Tito Livio Ferreira, em nome da Delegação do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, saudando ambos, o interventor Manoel Ribas. O desembargador Henrique Fontes usou, após, da palavra, representando a Delegação do Instituto Histórico de Santa Catarina. Por fim o Dr. Pedro Calmon, em improviso, que foi várias vezes interrompido pela assistência, ressaltou a importância que tem a mística do passado nos destinos da nacionalidade e disse que o Congresso se constituía num ambiente de concordia espiritual em que a veneração pelos grandes nomes do passado iria servir de exemplo aos homens do presente para a construção da grandeza da Pátria Brasileira. A sessão foi encerrada após o improviso do Dr. Pedro Calmon.

Saudando os congressistas em nome do Governo do Estado, usou da palavra o Dr. Brasil Pinheiro Machado.

Durante os três dias em que se realizaram as comemorações, o Congresso esteve reunido, estudando e aprovando as monografias apresentadas.

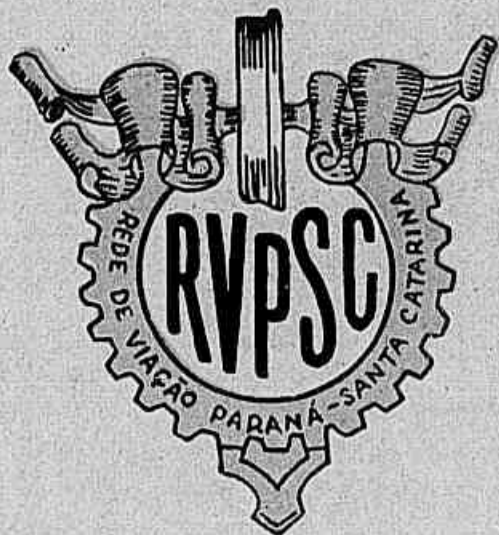
### O ENCERRAMENTO DAS CERIMÔNIAS DO CINCOENTENÁRIO DO CÊRCIO DA LAPA

As cerimônias comemorativas do cincoentenário do Cêrcio da Lapa foram encerradas no dia 12 do corrente com uma solenidade altamente significativa. Constituiu essa solenidade da entrega aos veteranos que participaram do histórico acontecimento, de dezenas de medalhas especialmente mandadas cunhar para êsse fim, pelo presidente da República.

Por ocasião da entrega dessas honrarias aos heróis do Cêrcio da Lapa, o interventor em Santa Catarina, convidado a tomar parte nas comemorações, pronunciou vibrante oração evocando a resistência de Gomes Carneiro e seus bravos comandados.

### NESTA CAPITAL

Também nesta Capital a gloriosa data foi reverenciada, destacando-se principalmente a sessão realizada pelo "Círculo dos Oficiais Reformados do Exército e da Armada", sob a presidência do general Leão de Souza, na qual o general Afonso Monteiro pronunciou interessante estudo sobre o general Gomes Carneiro.



## UMA ADMINISTRAÇÃO FECUNDA NA RÊDE DE VIAÇÃO PARANÁ SANTA-CATARINA

**ESTÁ PASSADA A ÉPOCA DOS SALDOS NEGATIVOS — NOVAS VARIANTES E EDÍFIÇOS — CONSTRUÇÃO DE LITORINAS — UMA LOCOMOTIVA FEITA EM PONTA GROSSA — INAUGURADA UMA LINHA DE LITORINAS ENTRE CURITIBA E PONTA GROSSA — ESCOLAS TÉCNICAS E CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO.**

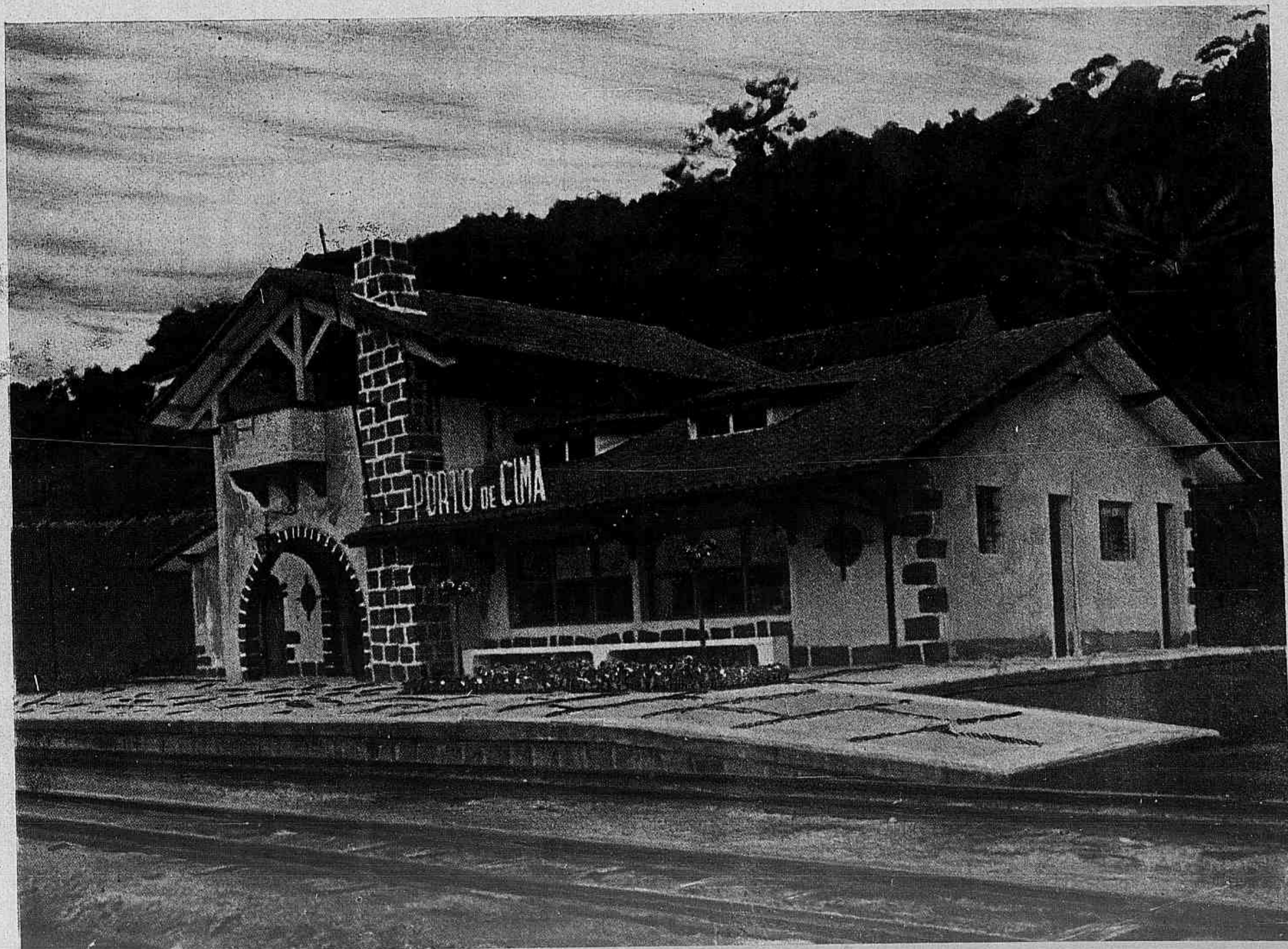
**A** O aferir insuspeitamente a obra que se está realizando na Rede de Viação Paraná-Santa Catarina, não há negar ao sr. Cel. Durival Brito e Silva, seu Diretor, reservadíssimo lugar na galeria dos grandes administradores ferroviários.

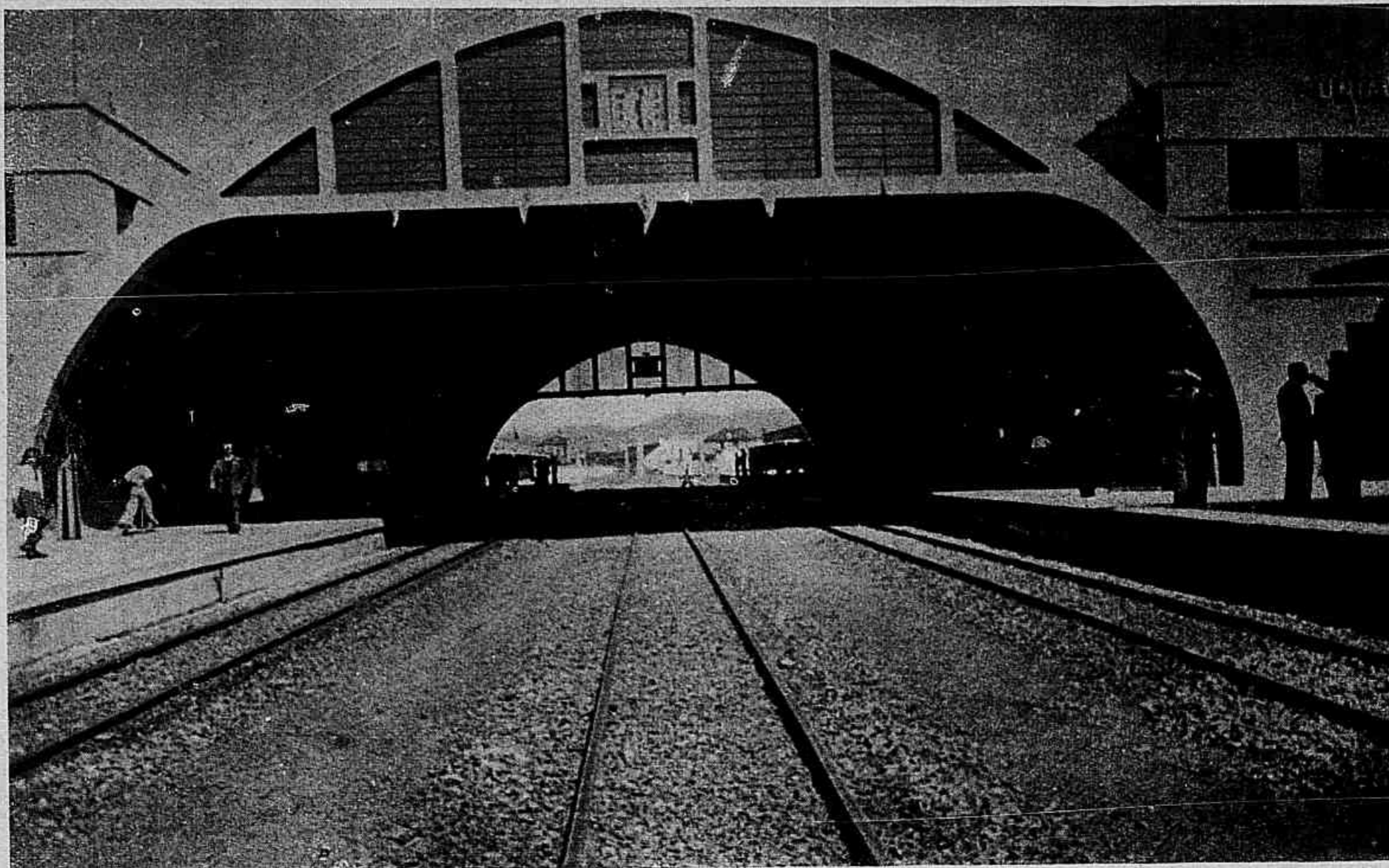
Fôrça de querer, vontade de realizar, firmeza de resolver — eis as feições preeminentes que revelou o seu caráter límpido e inflexível.

Assumindo em 1940 a direção da grande ferrovia, que o

atual govêrno encampou, encravada nos seus trilhos gastos e edifícios rãncidos, decaída e rebaixada ao extremo de não poder pagar aos seus operários, o ilustre engenheiro militar, continuando a gestão enérgica e capaz, infelizmente efêmera de seu saudoso antecessor Cel. Tiburcio Cavalcanti, está desenvolvendo, sem alarde, na quietude de sua modestia, uma administração fecundíssima, entregue às mais ativas diligências e às graves locubrações.

*A estação de Porto de Cima, na Serra de Paranaguá*





*Plataforma da estação de União.*

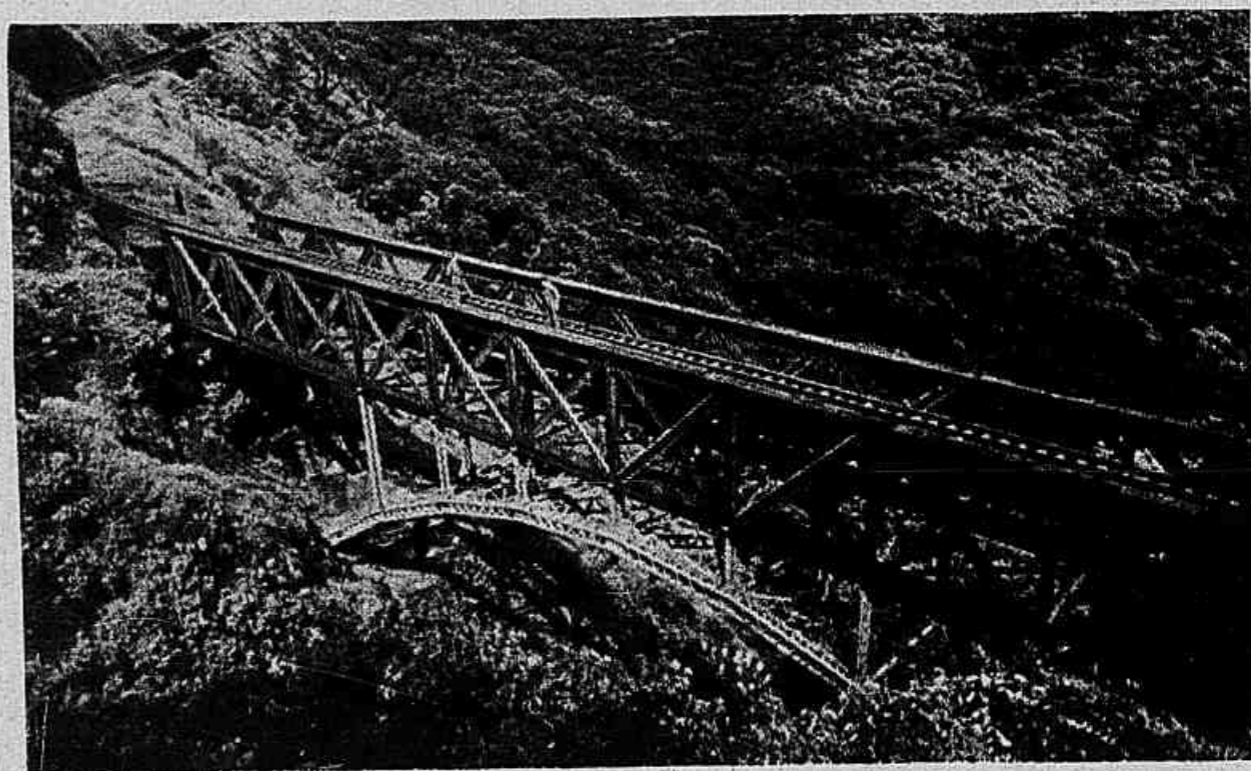


*Uma casa de agente de estação*

Os orçamentos da Rêde, que se calculavam sempre com saldos negativos, mostram-nos agora a excelente situação financeira em que a mesma se encontra atualmente. O saldo de 1943 ultrapassa quarenta milhões de cruzeiros.

É de ver e admirar a faina contínua de reformas e me-

lhorias. São estradas que se estendem, como a da União a Matos Costas, com 56 quilômetros; a de Monte-Alegre, com 66 quilômetros, e as três variantes no Ramal de Rio Negro, com o comprimento total de 27 quilômetros. São viadutos que se constroem, dos quais merece especial menção o que se ostenta sôbre a rua João Negrão, para linha dupla, de estílo soberbo. São confortaveis moradias para turmeiros, que surgem no lugar das edificações velhas e estragadas. São estações que se ostentam, modernas e elegantes, onde antes havia sórdidos e sombrios pardieiros, entre os quais se salientaram os de União e Jaraguá: a primeira, na divisa do Paraná com Santa Catarina, é for-



*Uma das pontes reforçada, na linha da Serra*

*"Hall" de uma das novas estações da Serra do Mar.*



mada por dois corpos distintos, um para cada Estado, ligados por grande abóbada em arco e por galeria subterrânea reservada à passagem de pedestres, e a segunda, importante ponto de entroncamento catariense, impõe-se logo aos viajantes pela correção e beleza de suas linhas arquitetônicas.

Magnífico prédio do Serviço Rodoviário.



Não será tempo perdido transcrever aqui um tópico do artigo publicado na "Revista Ferroviária" da Capital paraense que o Cel. Britto e Silva, convidado a dizer algo sobre sua obra, se refere às estações que estão sendo construídas na Serra, entre Curitiba e Paranaguá.

"Assim é que — disse êle — as velhas estações arruinadas e sombrias, em chocante dissonância com o ambiente colorido, animado e imponente, cederão lugar a outras de fi-



Estação de Porto de Cima, na Serra do Mar. Sala de espera para turistas.

sionomia arquitetônica própria, simples, graciosas e atraente, perfeitamente conformadas ao meio físico, onde estão sendo erigidas. Suas plataformas serão constituídas de extensos canteiros ajardinados, que lhes emprestarão aspéto mais pitoresco ainda, con-

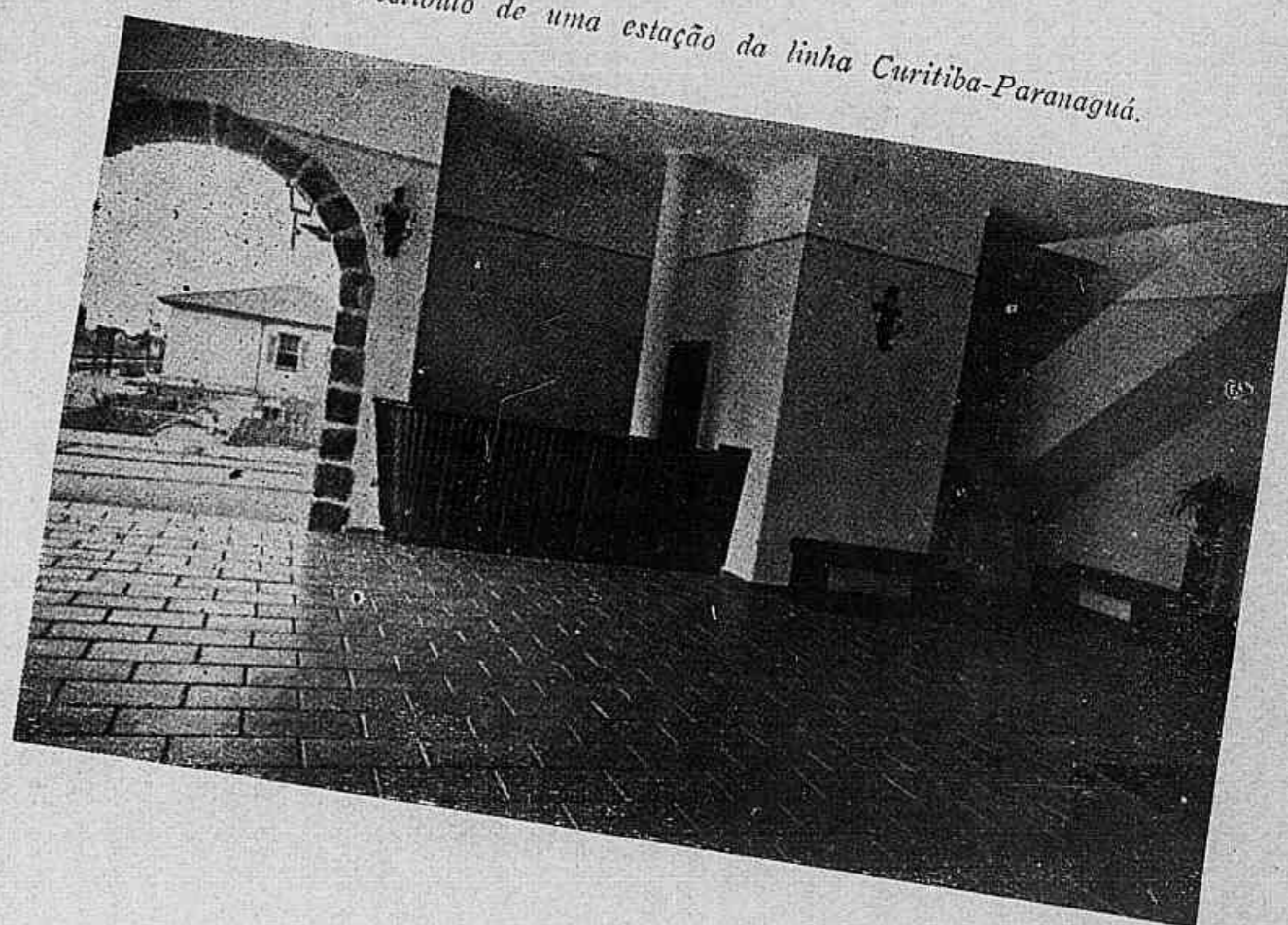
dizendo-as com o fim turístico que devem ter".  
E continuando: "Sobre tais benefícios de que gozarão os excursionistas ou simples passageiros, outros há, não menores, que interessam especialmente à vida dos ferroviários. São os que tendem a proporcionar-lhes casas residenciais confortáveis e higienicas, tais as que estão sendo construídas, com o mesmo gôsto e arte.

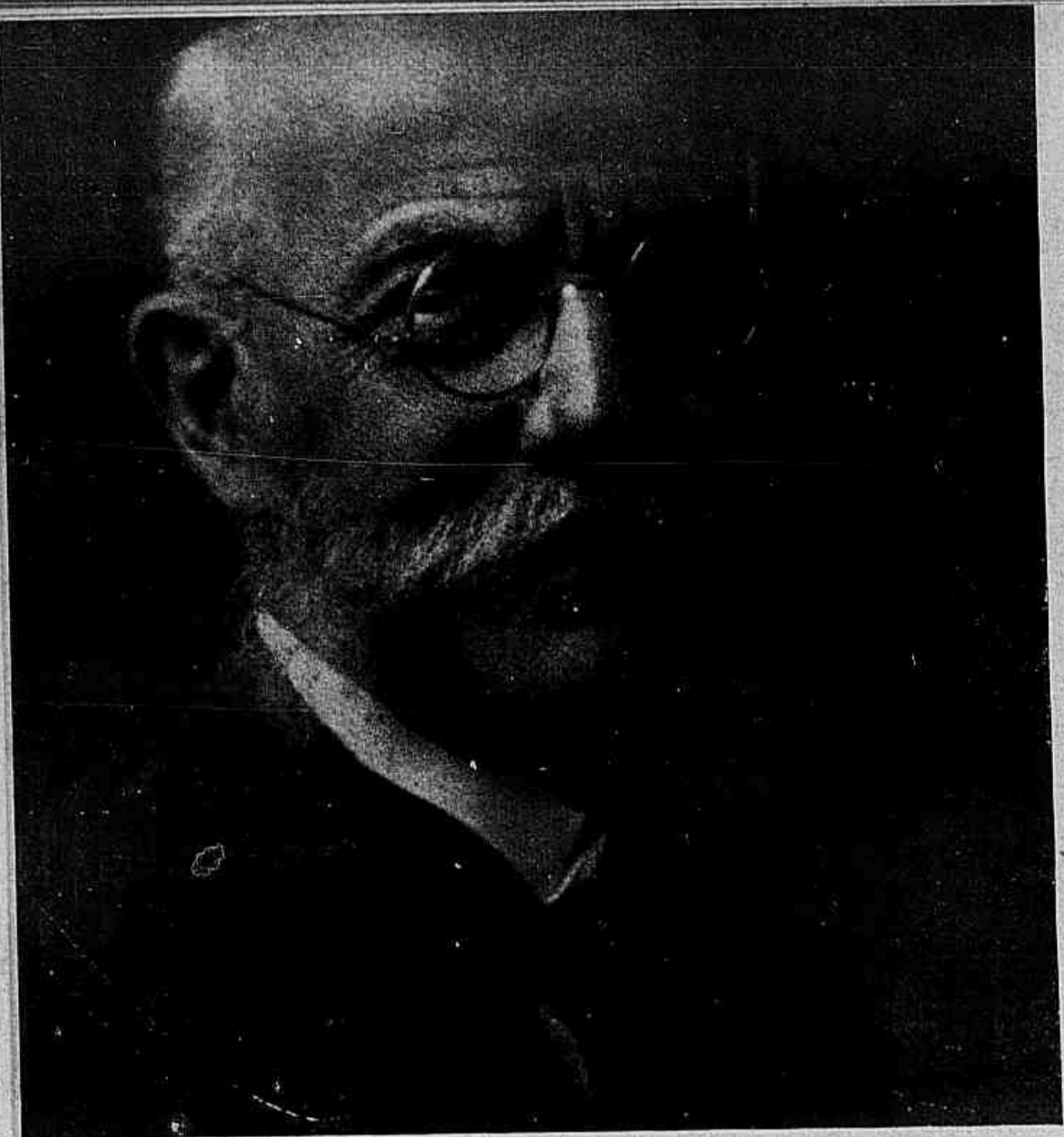


Note-se a elegância desta estação. Não parece estrada de ferro

A característica mais importante, entretanto, das novas estações, é a sua arquitetura convidativa, como que para transformar os passageiros, tão frequentemente reclamadores, em amigos da estrada de ferro. E nisto reside uma verdadeira revolução ferroviária,

Vestíbulo de uma estação da linha Curitiba-Paranaguá.





*Teixeira Soares, o primeiro diretor e o construtor da São Paulo-Rio Grande.*

engenheiros que vão à linda Capital paranaense. Não obstante as dificuldades do momento, bem notórias, oriundas da situação internacional, logrou a Rêde adquirir material necessário à construção de várias litorinas e vagões, a qual confiou às oficinas da "Metalúrgica Otto Bennack", de Joinville.

Dotadas de motores Diesel, cômodas e velozes, as litorinas têm desafogado em parte as crescentes dificuldades do tráfego. Dado o desgaste das vias, as litorinas suprem com vantagem a carência de locomotivas, por serem mais leves e poderem desenvolver maior velocidade.

ministrativas da Estrada em apêço é o tocante ao material fixo e rodante, que, sensivelmente desgastado, está impondo urgente substituição em sua grande parte.

Da encomenda de trilhos, aros e outros artigos feita, há quasi três anos, a firmas norte-americanas, conseguiu a Rêde até a presente data receber uma parte mínima sem embargo de estar, o respectivo pagamento assegurado por créditos irrevogáveis, que se elevam a mais de 30 milhões de cruzeiros.

Remediando os embaraços suscitados pela falta do precitado material, superiores dos meios de que



*Conforto, rapidez e segurança. — Uma das possantes litorinas articuladas.*

que se inicia no Brasil, e justamente no seu trêcho de estrada de ferro mais conhecido e que mais nos orgulha (Curitiba — Paranaguá).

O edifício do Serviço Rodoviário, onde se instala, também, moderníssima oficina de litorinas, a primeira a se fundar no Brasil, representa uma afirmação impressionante da programação que a Rêde está seguindo. Vasto higienico, tecnicamente aparelhado, é ponto de vista obrigatório aos

Faz-se já um tráfego regular desses cômodos veículos, entre Curitiba e Ponta Grossa, inaugurado em 1.º de Janeiro último, e cujos resultados estão sendo encarecidos por todos quantos viajam entre aquelas cidades. O tráfego entre Curitiba e Paranaguá, e entre Hansa e S. Francisco já está perfeitamente fixado, com esplêndido resultado.

O problema mágnico, que está ocupando lugar de evidência nas cogitações ad-

*Cel. Durival Brito e Silva, atual diretor e reformador da Rêde.*

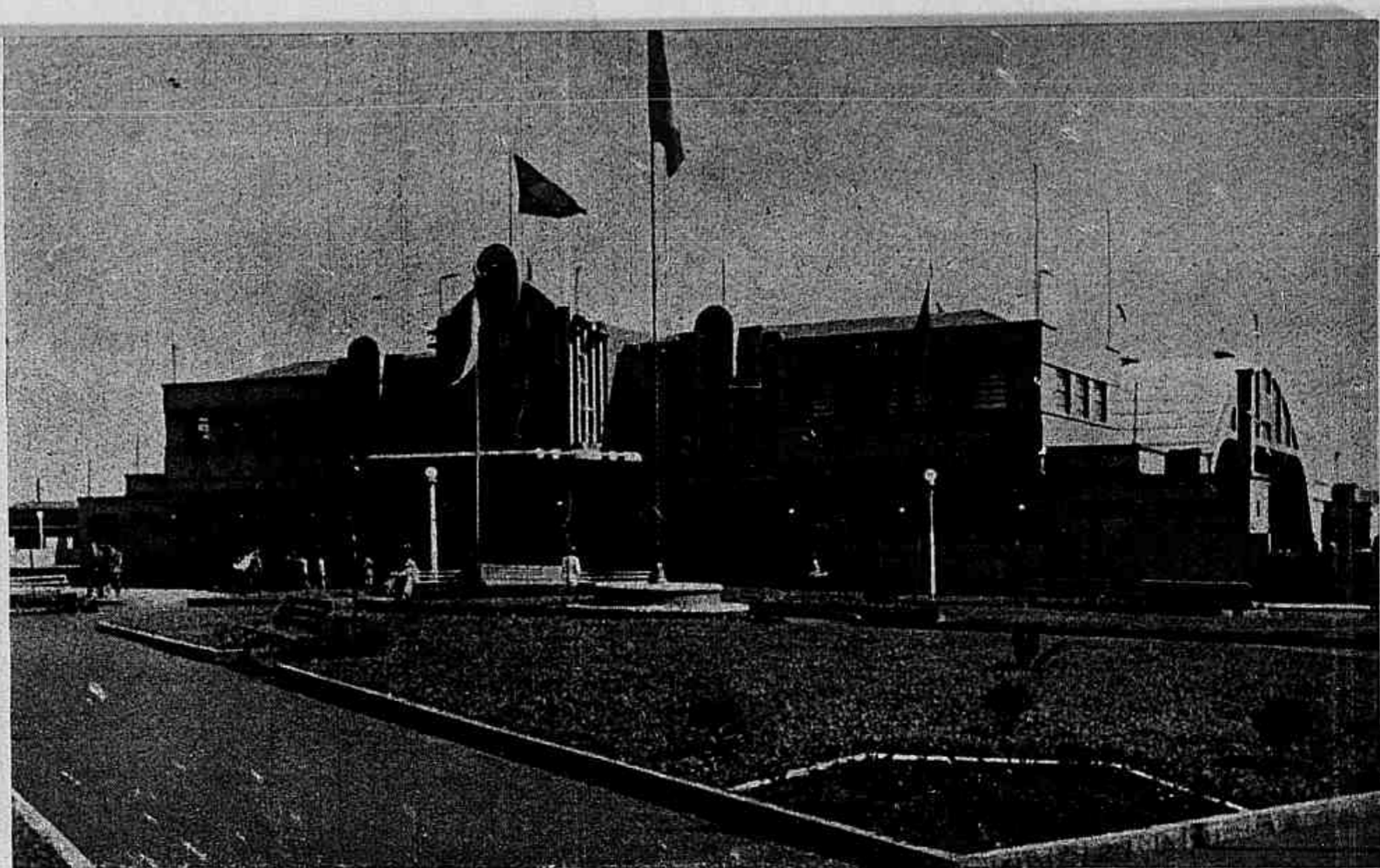


dispõe, a Rêde tem logrado, com extraordinário esforço, em oficinas próprias e particulares, a confeição de alguns artigos até agora importados. Outros, porém, como trilhos e aros, de tão extrema e urgente necessidade, para substituir os que se acham desgastados, continuam na dependência do fornecimento norte-americano, havendo notícias que os embarques já se realizaram.

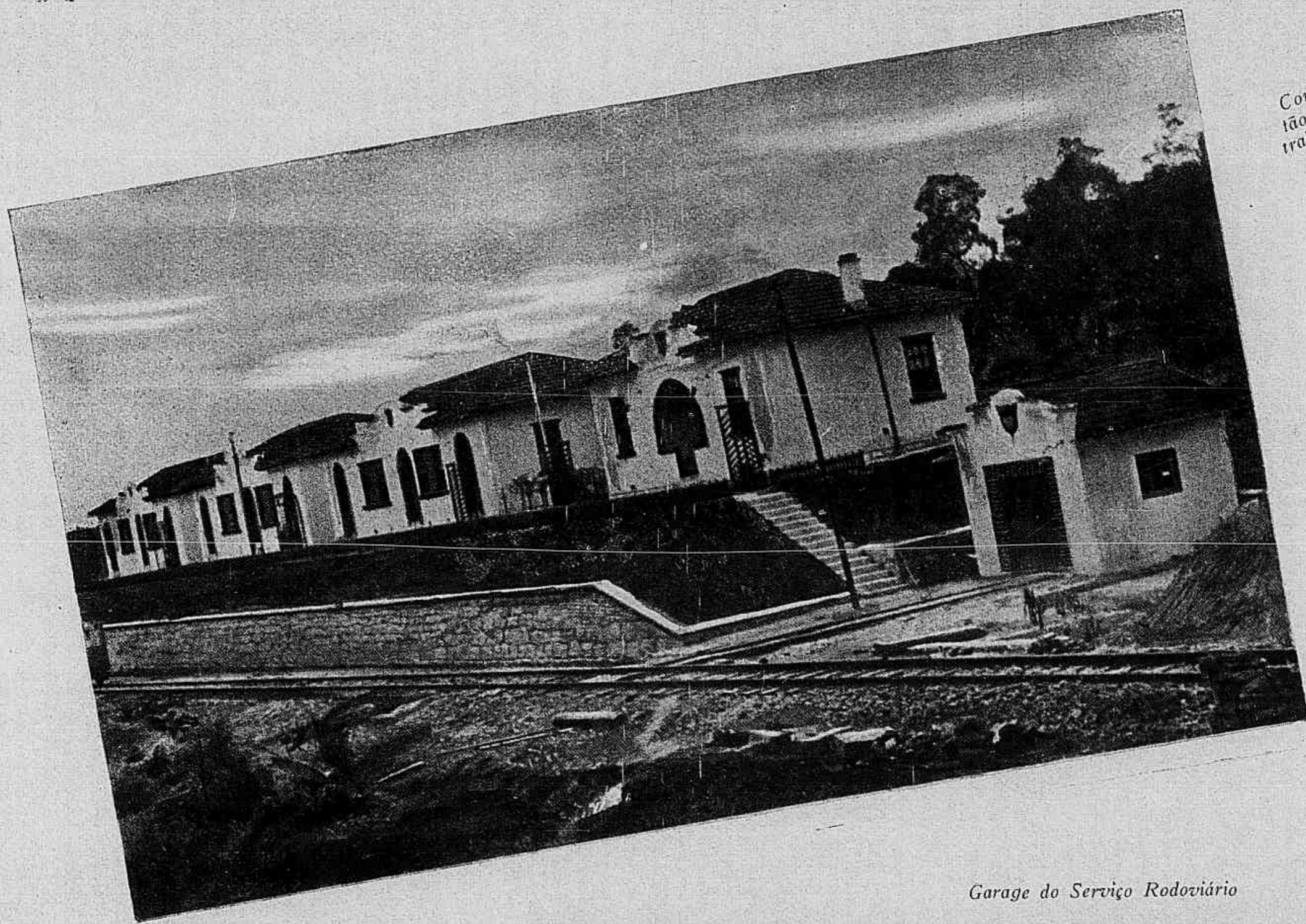
É digno de reparo que está em tráfego na Rêde uma locomotiva construída inteiramente nas oficinas de Ponta Grossa.

A invariável aplicação de administrador esclarecido, como o sr. Cel. Brito e Silva, não poderia deixar de dar aprêço igualmente ao preparo técnico e condições de vida dos ferroviários.

Para a formação racional dos seus artífices, dispõe a Rêde de duas escolas



*Uma das fachadas da estação de União*

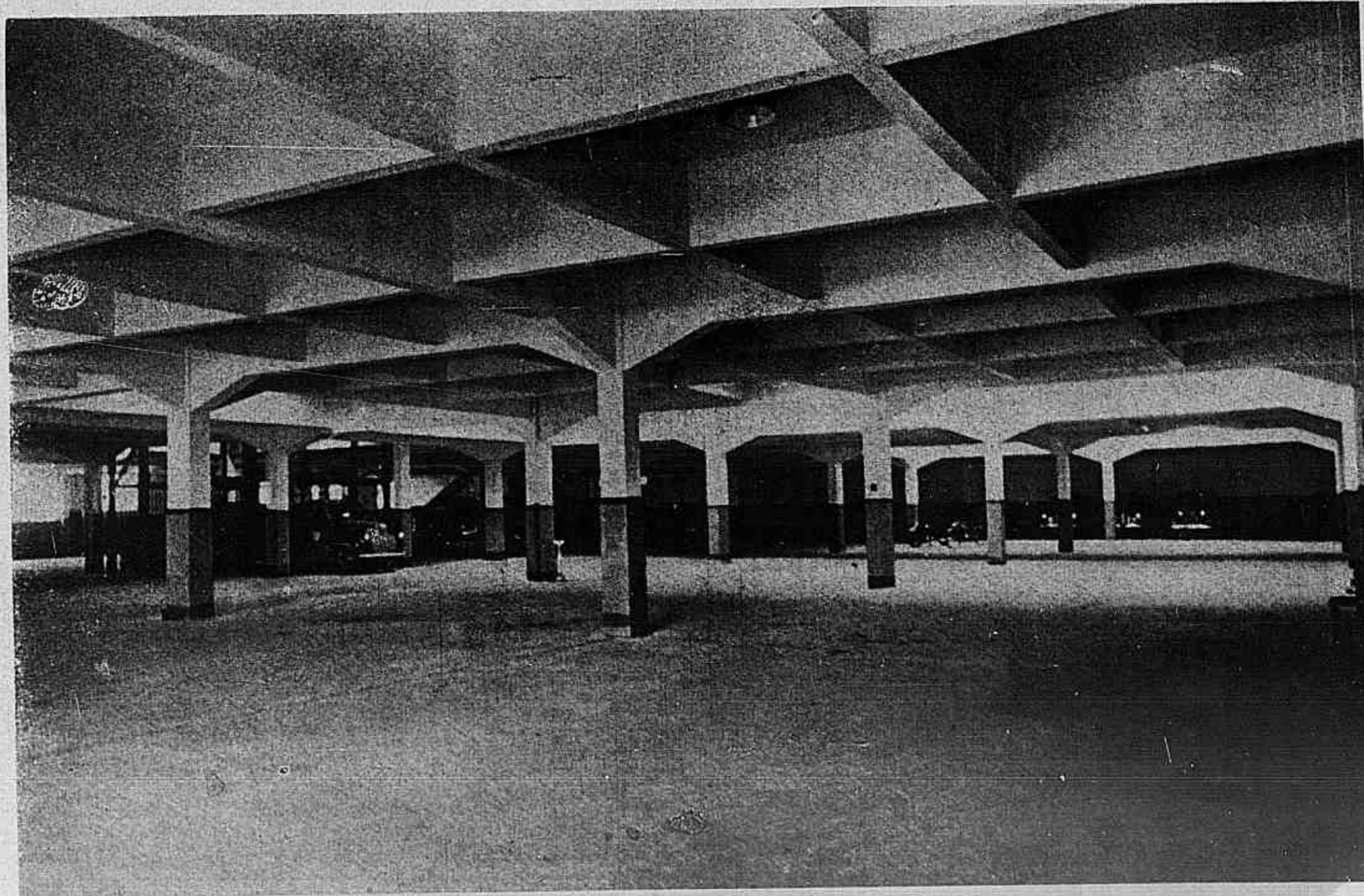


*Como se resolve a questão social. — Casas para trabalhadores.*

*Garage do Serviço Rodoviário*

profissionais, magnificamente instaladas em prédios próprios, uma em Ponta Grossa e outra em Curitiba, esta recém-construída, devendo funcionar no ano corrente, e aquela em plena atividade há já três anos. Funcionando estas também com grande frequência, nas referidas cidades, os cursos de aperfeiçoamento do pessoal de oficinas e de especialização do pessoal de escritórios, cujos frutos têm ficado muito acima da expectativa.

Daí, a solicitude com que se faz na Rêde sulina a seleção de candidatos à promoção nas diversas carreiras. Adquirem direito a acesso os diplomados pelos referidos cursos de aperfeiçoamento.



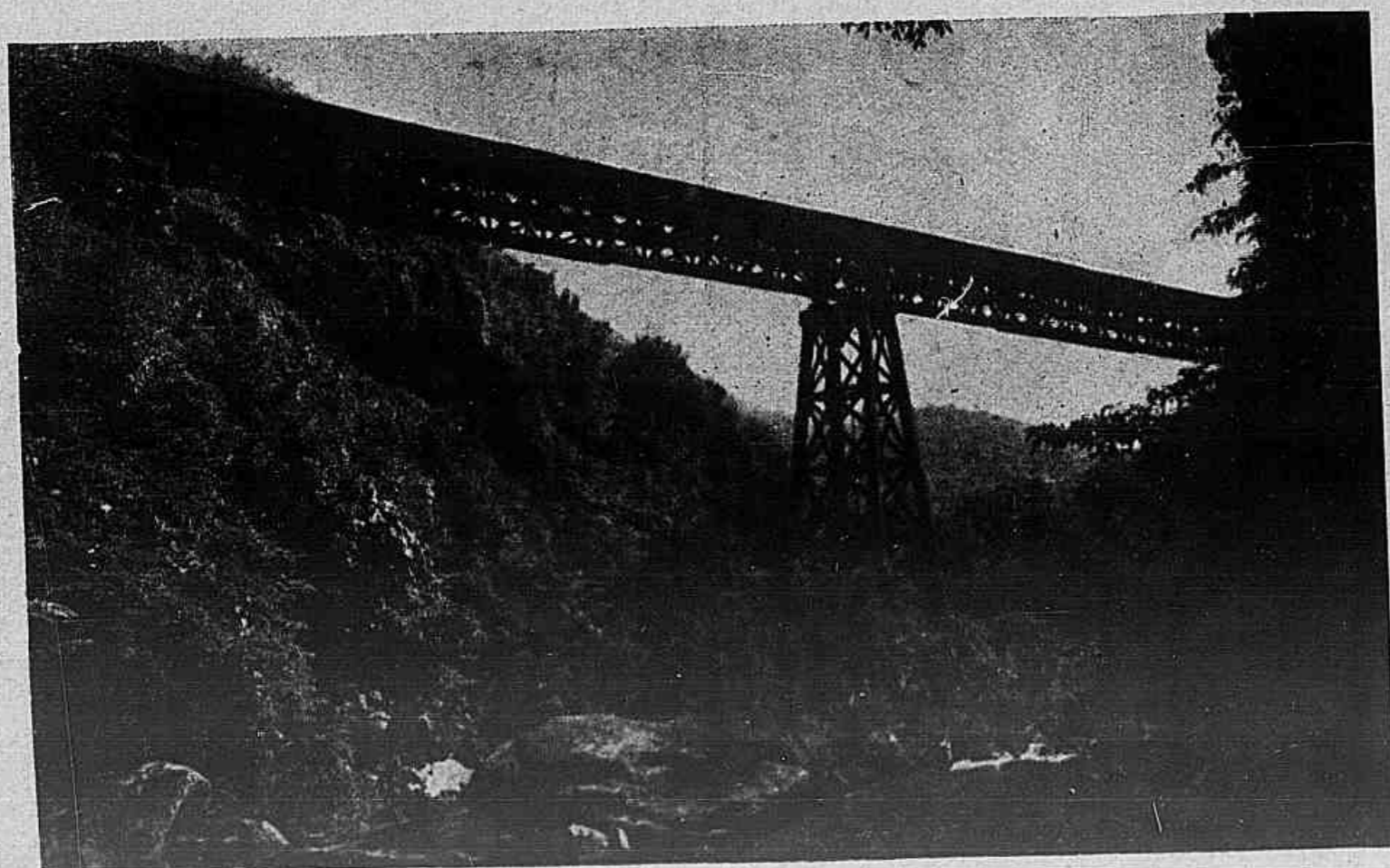


*Tunel do Viaduto Carvalho*

mento e especialização. Os que, por qualquer eventualidade, não podem frequentá-los ficam sujeitos aos concursos de segunda entrância, organizados, como os de admissão à Estrada, pelo Centro do Ensino e Orientação Profissional de S. Paulo, ao qual se filiou o da Rêde.

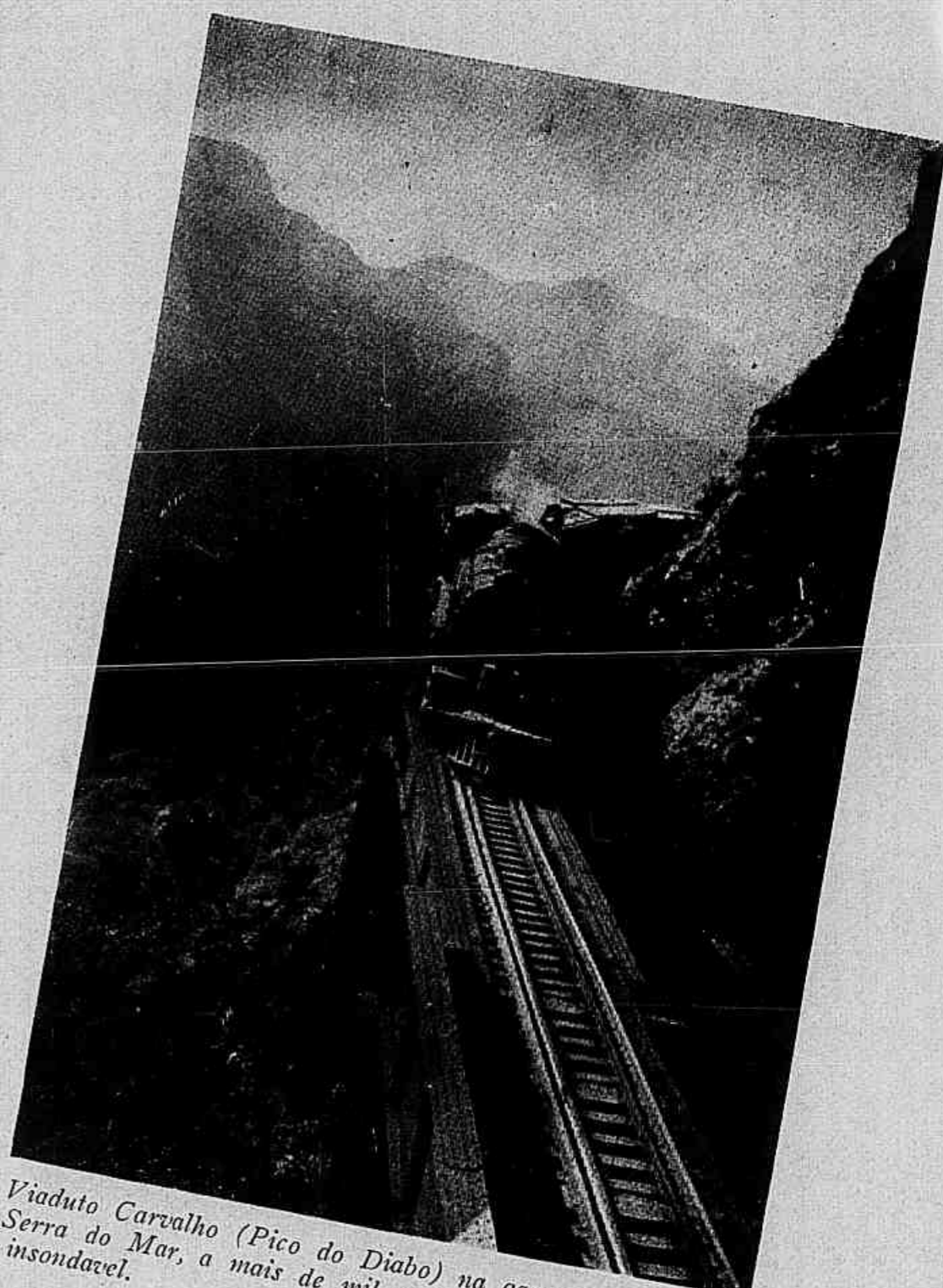
As promoções dos empregados obedecem hoje, naquela Estrada, a um plano inteiramente diverso do que até então se adotava. São contro-

*Outra ponte metálica da via-férrea*



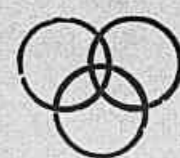
lados pelo Serviço do Pessoal, cujo fim é indicar ao diretor, para cada vaga, o empregado que à ela faz jús pela sua ficha funcional. Quanto às condições de vida do pessoal, a atual diretoria da Rêde paranaense-catarinense, procurando atenuar os gravames e as asperezas, da crise econômica pela qual atravessa o país, já majorou duas vezes os vencimentos de todos os ferroviários, e novo aumento lhes será em breve concedido.

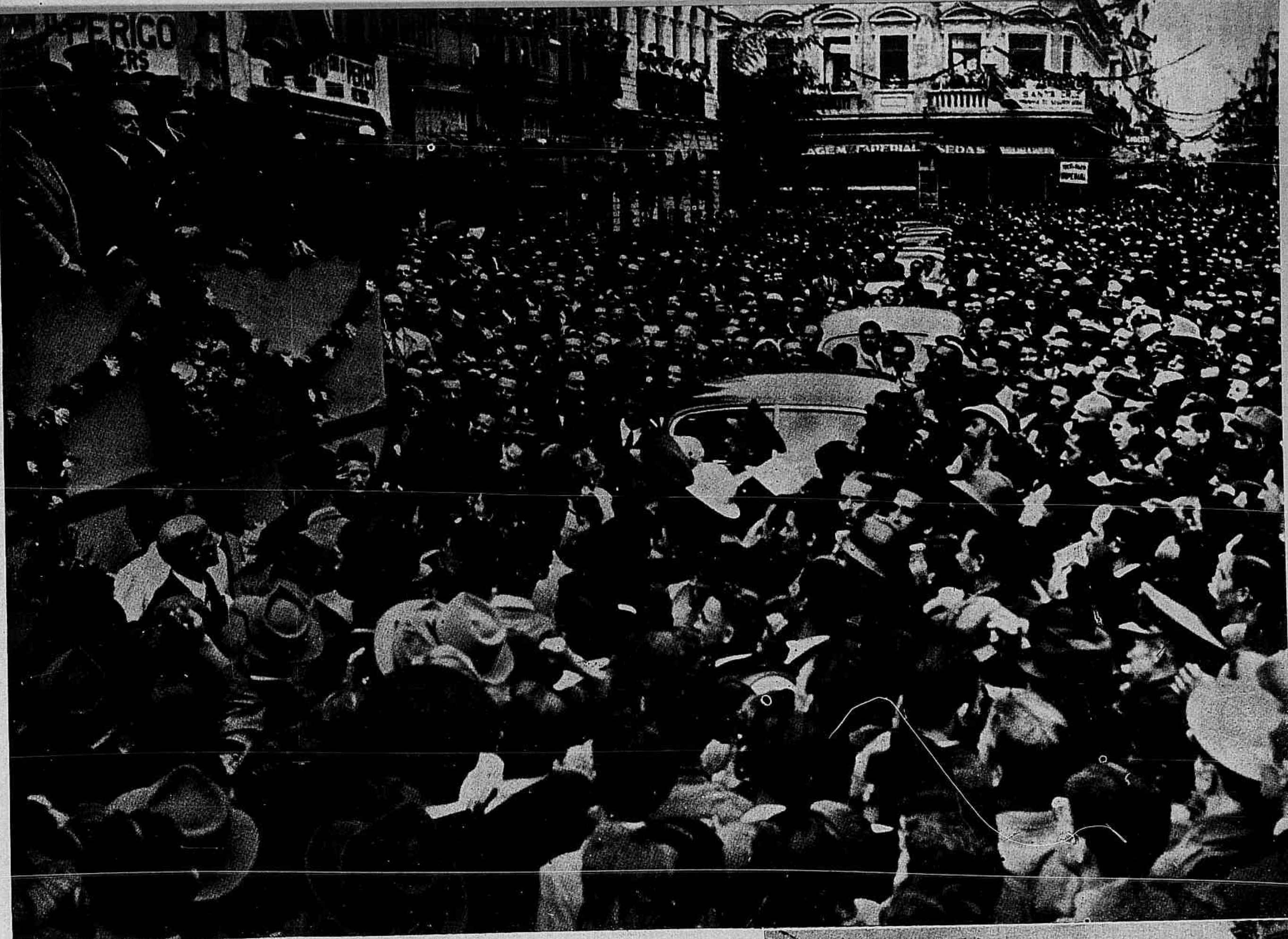
No que se refere a licença para tratamento de saúde, nunca vigorou, ali, como agora, regime tão humano e tão vantajoso para o funcionário.



*Viaduto Carvalho (Pico do Diabo) na garganta da Serra do Mar, a mais de mil metros de precipício insondável.*

Tornou-se, o clarividente e operoso Cel. Durival Britto e Silva, um grande revolucionário, cujas realizações estão redundando em brilho e crédito para o regime atual tão empenhado na solução fecunda de todos os problemas nacionais.





## O PRESIDENTE GETULIO VARGAS NO PARANÁ

**D**OIS expressivos flagrantos da calorosa recepção feita ao Presidente Getulio Vargas na capital paranaense quando da recente viagem do Chefe do Governo áquele Estado. A visita presidencial se estendeu ao interior do Paraná, até a Foz do Iguassú, Guaira e Ponta Grossa, onde S. Excia. foi alvo de expressivas manifestações populares, destacando-se à imponente parada trabalhista, realizada em sua homenagem, de que reproduzimos um aspecto. Ao alto, vê-se o fundador do Estado Nacional, quando dirigia a palavra aos que o homenageavam, em Curitiba.



# O MUSEU "MARIANO PROCÓPIO" E A OBRA DE ALFRÊDO FERREIRA LAGE

RAUL DE AZEVEDO  
DO P. E. N. CLUB E CONSELHEIRO DO  
"MUSEU MARIANO PROCÓPIO"



Dr. Alfredo Ferreira Lage, num dos seus últimos retratos.

O Brasil não esquecerá nunca esse nome. A morte levou-o agora, mas a sua obra ficará. Ele organizou um Museu sério da mais pura Arte, o de "Mariano Procópio", nessa bonita e querida cidade de Juiz de Fora, — um dos deslumbramentos de Minas Gerais. Um edifício soberbo, dentro dum famoso parque, obra de Glazion.

Porque o nome de "Mariano Procópio" para denominar essa Casa de Arte? Mariano Procópio era o nome do pai de Alfredo Ferreira Lage. E aquele foi o criador da celebre "União-Indústria", ligação Minas-Rio.

Foi um dos melhores diretores da antiga Estrada de Ferro Pedro II. Era um trabalhador inteligente e pertinaz. Filântrópo. Era um homem de cultura.

O filho em tudo seguiu os exemplos do pai, honrando o nome deste. Conheci-o em Juiz de Fora, quando lá residi. Foi ele que me levou ao seu Museu. Foi para mim uma surpresa e todo um deslumbramento.

Não sabia que o Museu era assim, que enfeitava tantas obras e arte. Contava passar ali duas ou três horas. Voltei uma, duas, dez vezes. Demorava nas excursões. Escultura, pintura, objetos outros e Arte. Muito do que pertenceu a Pedro II, muito do que foi da Princesa Izabel, a Santa. E de outros vultos eminentes do Brasil. Entre outras, recordações dos Andradas.

Homem de fortuna e de bom gosto, Alfredo Ferreira Lage — vestido sempre bem e com simplicidade, a barba branca bem cuidada, educadíssimo, um sorriso de grande senhor, — empregou quasi todos os seus fardos dinheiros no "Museu Mariano Procópio". Era um príncipe, um bélo fidalgo, — nos gestos, nas atitudes, na palestra que, homem inteligente, culto, viajado, espalhava junto aos seus amigos mais íntimos.

E todo esse Museu, com o edifício e o parque, num gesto à Bayard, — ele fez presente ao Governo de Minas Gerais. De certo Juiz

de Fora erguerá o seu busto dentro do parque lindo, espontando entre árvores seculares e flôres pompeantes.

Foi creado o "Conselho Administrativo do Museu Mariano Procópio". Honro-me de pertencer a esse grupo de escól, que tantos zêlos e cuidados têm pelas preciosidades artisticas que ali estão, tesouros dos maiores. Morre Alfrêdo Ferreira Lage aos 79 anos. Era viuvo. Não deixou descendentes. Formara-se pela Faculdade de Direito de São Paulo. Pertencia a muitas sociedades culturais do País e do Estrangeiro, inclusive o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. O Museu foi começado a organizar em 1922 e em 1936 foi feita a doação. Estimam o seu valor nuns vinte milhões de cruzeiros. Não deve haver exagero.

Há ali télas de Maissonnier, Fragonard, Isabey, Rociofs (*Tarde na Holanda*) e de outras celebridades, muitas brasileiras. Soberbas esculturas. Uma Tanagra que é uma maravilha. Numismática. Relíquias. Preciosidades.

A História do Brasil está fremente dentro desse Museu sereno e amplo. Rica a pinacoteca. Há ali joias, um mobiliário riquíssimo e cheio de tradições, manuscritos dum valor histórico. E' um ponto obrigatório para o bom turismo, e um lugar farto para os estudiosos, para os homens de Arte e que se dão aos estudos de História. O segundo Império oferece, naquele recanto do mundo, margem para observações que impressionam. O edificio é no estilo de Renascença Italiana.

Alfrêdo Ferreira Lage viajou quasi pelo mundo inteiro, pesquisando e buscando obras de Arte para o seu Museu. A sua coleção é rica e bela. Mas a Casa já não chegava. E então ele construiu uma outra ao lado, moderna. Ficou junto do castelo do seu pai. E ambos guardam pintura, escultura, etnografia, manuscritos, santos, numismática, pedras preciosas, minérios, oratórios, objetos de uso da família imperial, — espelhos, roupas, leques, prataria, lâmpadas, enfim, toda uma tradição e riquezas.

Como esquecer a "Sala Tiradentes"? Está ali o grande quadro penetrante e sugestivo, de

Pedro Américo. O espostejamento do martir brasileiro. Outras relíquias.

Lembro-me que na sala "Viscondessa Cavalcanti" há preciosidade inesquecíveis. Tudo foi doado pela nobre senhora.

Dizem os historiadores de Arte que há no Brasil somente um Fragonard. Ele está nesse Museu.

Relembro aquela coleção principesca de miniaturas, — dum acabamento perfeito, verdadeiras filigranas de Arte, que impressionam e comovem.

Há a "Sala Maria Pardo", — grande pintora, esposa que foi de Alfredo Ferreira Lage, e sua companheira notavel na criação do "Museu Mariano Procópio". Há joias dum raro valor, e télas perfeitas. Objetos de uso. Mais adiante, a "Sala Agassir". Justa homenagem ao sábio que, vezes muitas, foi hóspede de Mariano Procópio. Enfeixa coleções de raro sabôr científico.

A "Sala de Pedro II", é toda uma riqueza. Joias, Alfaias. Outros objetos, alguns do próprio uso. Uma bandeja de ouro que é uma fortuna e uma reliquia.

Das mais empolgantes é a "Sala de Autógrafos". Do primeiro que me recordo? — Napoleão Bonaparte. E outros de — Lamartine, D. João VI. Duque de Caxias, Rainha Vitória, Balzac, D. Pedro II, princesa Izabel, Almirante Tamandaré, D. Pedro I. Regente Feijó, Vitor Hugo, Ruy Barbosa, Mac-Mahon, Marechal Deodoro. Marechal Floriano, e de tantos outros!

Rica, preciosa, a "Sala Pedro I". Relíquias. Sévres. Faianças. Recordações da amante do Imperador D. Pedro I, a célebre Marqueza de Santos.

Há a chamada "Sala de Cultura". Bronzes, Mármore, Gessos, Obras dos dois Bernardelli. E lá estão Pedro Américo, Amoedo, Carlos Oswald, Vitor Meireles, Visconti, Baptista da Costa, Decio Vilares, Antonio Parreiras, Antonio Carneiro, Souza Pinto, Malhóa e mais algumas duzias de pintores notáveis.

Eis o "Museu Mariano Procópio", numa síntese. Eis a obra de Alfrêdo Ferreira Lage.

Medalhão comemorativo da fundação do "Museu Mariano Procópio"



# A UMBURANA VOLTOU A CANTAR!

*Página inspirada na representação  
de "Madame Buterfly" por Violeta  
Coelho Netto de Freitas.*

**F**AZ cerca de 27 anos que compareci a uma festa na casa de Coelho Netto, ali naquela rua do Rozo, agora oficialmente com o seu nome.

Era a primeira reunião social a que comparecia no Rio e o primeiro contacto mundano com a sociedade brilhante e requintada das letras cariocas.

Tive assim, oportunidade de travar conhecimento com Dona Gaby e o vitorioso artista do "Rei Negro".

Entre as moças, lembro-me bem de Gulnar Bandeira, cuja voz deliciava a assistência, a Paulina Raineri, que achei linda, a Yeda Chiabotto e outras rosas na plenitude das graças mais excelsas. A casa, sem ser rica, ostentava entretanto um pronunciado bom gosto nos menores detalhes do seu interior, onde os candela-bros antigos e a farta iluminação realçavam ainda mais a tessitura mimosa dos tapetes, as flores naturais e as flores humanas que ajejavam por todos os cantos da mansão acolhedora. Dona Gaby fazia anos e como soberana e rainha de tudo aquilo e do prestígio intelectual do seu companheiro, um homem que bordava à mão os tipos de letras mais complicados com a mesma habilidade com que estilizava páginas soberbas, irradiava graça e simpatia.

Quando a festa estava no auge, Coelho Netto foi aclamado para improvisar um conto. Pediu à assistência que lhe desse o tema.

Preferiam que ele próprio escolhesse o assunto, pois mestre das letras e de uma imaginação prodigiosa, ninguém melhor do que ele para com a magia da sua capacidade creadora, fazer jorrar em catadupa, a linfa das idéias e frases lapidares.

Sem vacilar um momento, escolheu "Sereia", uma composição cheia daquele arrebatamento e daquele vigor tão genuinamente seu.

Parece estar vendo a sua figura angulosa acompanhar as ondas revoltas do pensamento, qual tritão a debater-se afim de segurar pelos cabelos uma sereia lendária.

Foram trinta minutos de emocionante oratória em que a palavra tocada de todas as galas, saía de sua boca com a força candente de um projétil em chamas.

A assistência prorompeu delirantemente em aplausos quando a sereia coroada de medusas e estrelas marinhas, surgiu diante de nós para desaparecer repentinamente. Era mais ou menos assim o fio do conto que para deliciar seus convidados, Coelho Netto improvisara no dia natalício de Dona Gaby, sua mulher e sua inspiradora.

\* \* \*

Alguns meses depois, voltei à casa da rua do Rozo, afim de trocar idéias sobre clássicos portugueses.

Natural do Maranhão, terra onde os estudos do nosso idioma sempre foram primorosamente cuidados, Coelho Netto fornecera-me com a maior boa vontade as explicações desejadas. Vicejavam então ali, no mais belo canteiro de seu lar, um bando de crianças, já então o maior tesouro e fonte de alegria do casal. Entre estas estava um botão de rosa em cujo cálice as abelhas devem ter deixado o mel que havia de transformar-se na voz de Violeta Coelho Netto de Freitas, esta outra sereia que pela primeira vez vi cantar na noite memorável de Setembro de 1943, no Teatro Municipal da Paulicéa, como protagonista da opera "Madame Buterfly".

Depois, à medida que o tempo corria e as notas do soprano permaneciam nos meus ouvidos como um gorgueio de ritmos harmoniosos, fui recordando paulatinamente o que certa vez, abrindo seu coração, o escritor me confiara.



*Violeta Coelho Netto de Freitas*

O temperamento extraordinariamente vibrátil, Coelho Netto foi como todo predestinado, uma vítima da maldade e da perfídia. Sempre pronto para o bem, sem esperar retribuição, teve como todo mortal, sua corôa de espinhos.

Certo dia em que lhe revelara minha vida de lutador anônimo, achou-me digno de algumas confidências.

Foi então que me contou esta história:

— Conheci na minha infância, em Caxias, minha terra natal, uma árvore curiosa. Era uma umburana, árvore providencial do sertão nordestino que, como o umbú, tem mil serventias. No abrigo farfalhante de sua copa, os passarinhos em bando, todos os dias vinham pousar, Ninho e fôjo de defesa, de amor e hospitalidade, ali também os tropeiros e menestres mais famosos das matas circundantes, costumavam organizar recitais que constituíam o encantamento dos moradores da localidade.

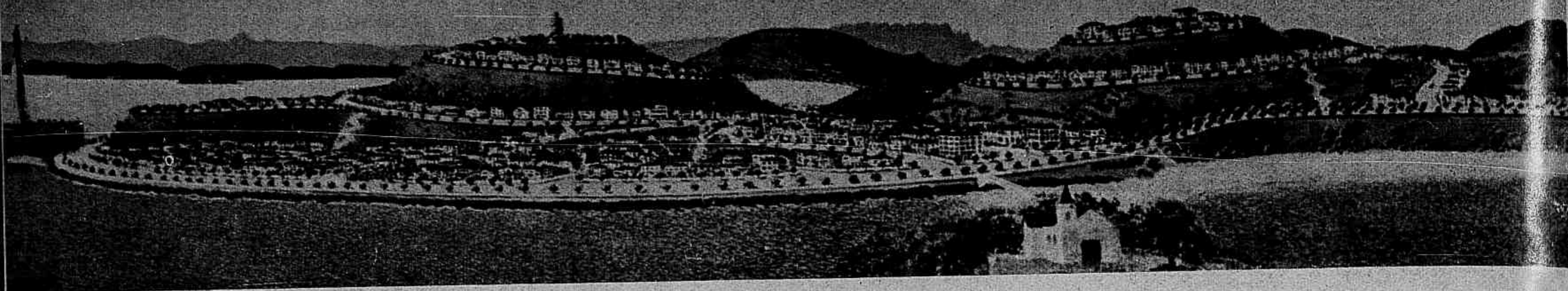
Afrontando os vendavais e o machado dos derrubadores, a árvore hospitaleira, ao mesmo tempo auditório e refugio dos cantores alados, começou repentinamente a definhar.

Toda a ramaria se transformou numa ossada nua e triste, sem mais aquela palpitação de vida e de trenos bemolados.

O meu destino, meu caro, tem muita semelhança com o desta árvore. Abriguei também sob minha frente muita gente ingrata que, atualmente, no crepúsculo da vida, me ofende, me combate e injuria. Então depois que perdi Gaby, minha rusa e minha companheira, um tédio e desalento profundo se apoderou de meu ser. Agora que os filhos se tornaram as flores mais belas da casa e o meu primogenito arrebatado pela morte, deixou-me cruciante saudade, tornei-me a imagem viva daquela umburana que não mais cantou!

\* \* \*

Ao ouvir agora Violeta encantar a platéia do Municipal com sua voz maravilhosa, tive a impressão de que a umburana, a comovente história que Coelho Netto me confiara, se decidiu novamente a cantar! O estilo do mestre insigne refloriu na voz admirável de Violeta Coelho Netto de Freitas, imagem viva da encantadora mulher que foi Dona Gaby.



*Uma visão de Niterói de amanhã*

# Niterói de Ontem e de Hoje

**H**Á um surto de renovação e de progresso que parece dominar indiferentemente os homens e as cidades. Por todos os lados vibram os acordes dessa reconstrução, a cujos ecos se vai ajuntar o estridor das máquinas no afã de produzir. É a característica dos tempos que correm, a escalada sem termo da espiral que conduz a uma vida melhor, de mais conforto, tranquilidade e beleza.

Niterói, a linda capital fluminense, parecia assistir, indiferente, ao crescer dessa onda de progresso. Seus velhos palácios, que outrora pompeavam formosos, ostentando a pureza de suas linhas arquitetônicas, não são hoje mais que reminiscências de uma época que já passou. Na sua estabilidade, Niterói era uma incoerência dentro do progresso vertiginoso do Estado vizinho. Com esta situação, porém, não se conformou o espírito dinâmico e realizador do Interventor Ernani do Amaral Peixoto que, juntamente com o Prefeito Brandão Junior, encetou a tarefa gigantesca de transformar a Capital Fluminense numa moderníssima metrópole, já pela remodelação de grande parte da zona central, como pelo aproveitamento de extensas áreas até hoje abandonadas, apesar de seus recursos urbanísticos.

O cometimento foi confiado à Companhia Melhoramentos de Niterói, que elaborou um grandioso plano de urbanização, entregando a execução das obras à firma Dahne, Conceição & Cia., já credenciada pela realização de outros empreendimentos de vulto.

## **A EXTENSÃO DAS OBRAS**

Os trabalhos que já se acham em pleno desenvolvimento e compreendem a urbanização e remodelação de uma área aproximada de 1.500.000 metros quadrados, equivalentes, mais ou menos, a um terço da área central da cidade, abrangem:

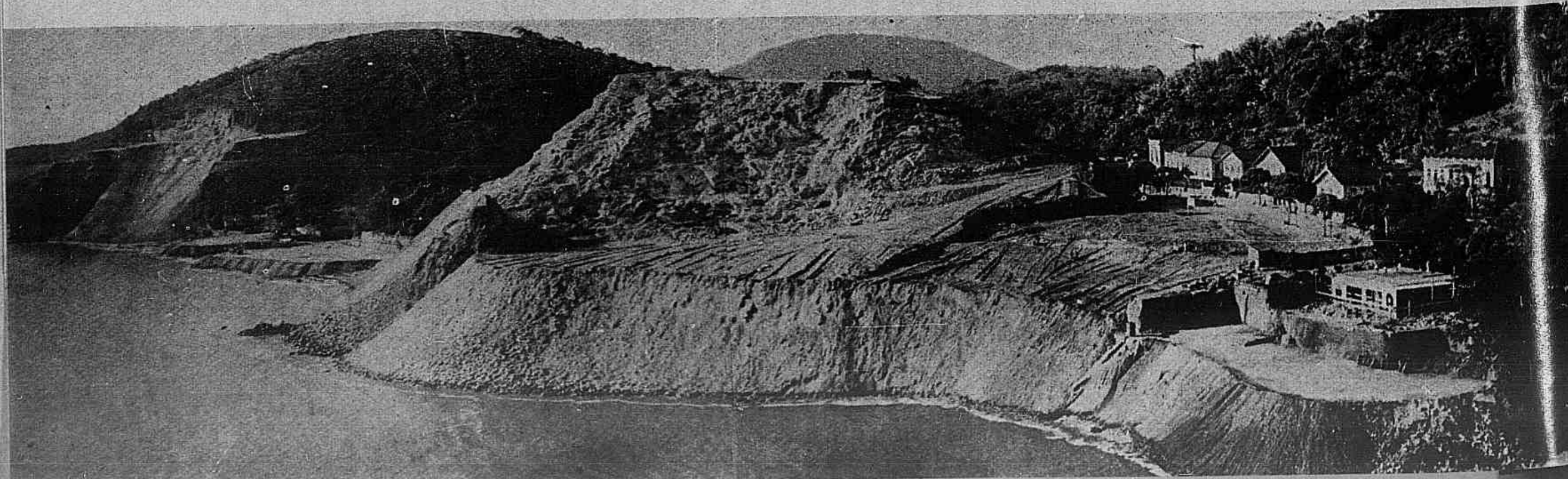
- 1 — Atêrro sôbre o mar, na zona compreendida pela Enseada Grande (Barcas), desde a Ponta da Armação até ao Forte de Gragoatá, com a execução de uma muralha, abertura da Avenida Beira-Mar, de 40 metros de largura, e loteamento da área aterrada;
- 2 — Atêrro sôbre o mar, na Praia Vermelha, e loteamento da área aterrada;
- 3 — Desmonte parcial, arruamento e ajardinamento dos morros de Ingá, Boa Viagem e Gragoatá;
- 4 — Arruamento do morro de São Sebastião, onde serão construídos dois viadutos e o acesso será facilitado por cinco ruas.

O plano foi elaborado com todos os requintes da moderna técnica de urbanização, visando o aproveitamento racional das condições topográficas do terreno e sem descuidar pormenores como a altura dos edifícios, a largura, declividade, arborização e pavimentação das ruas e avenidas e o ajardinamento dos logradouros públicos.

## **SERVIÇOS DE ÁGUAS E ESGÔTOS**

Empreendimento de tal monta não se consideraria completo se não compreendesse também o serviço de esgotos e o abastecimento de água à população. O serviço de esgotos de Niterói é antiquado e exige modernização. Foi, pois, estudado o seu reaparelhamento e já está sendo construída a grande Estação Depuradora do Canto do Rio, com capacidade para atender a 65.000 habitantes.

*Vista aérea das obras de urbanização dos morros de onde surgirão os novos bairros da cidade*



Para o abastecimento de água, planejou-se — e está em adiantada execução — a construção de uma linha adutora de 40 quilômetros de extensão e 1 metro de diâmetro, com capacidade para o fornecimento diário de cerca de 200 litros por pessoa, previsto o aumento da população até 180.000 habitantes.

### MEIOS DE TRANSPORTE

Os mais sérios aborrecimentos de quem se desloca do Rio para Niterói consistem na morosidade dos atuais meios de transporte.

Dentro em breve, entretanto, afastando de vez esses inconvenientes, começarão a circular na baía de Guanabara, ligando as duas capitais, velozes lanchas-ônibus, com a lotação de 100 passageiros sentados, e movidas por três motores de 150 cavalos-fôrça cada um. Essas lanchas, sôbre serem elegantes e confortáveis, reduzirão sensivelmente o tempo da travessia. Fica, destarte, assegurado mais um dos muitos fatores de sucesso com que conta o empreendimento, principalmente se se atentar em que o preço das passagens, consoante o contrato feito com o Governo, é surpreendentemente módico.

### PERSPECTIVAS PROMISSORAS

As magníficas condições topográficas da região, aliadas ao inteligente aproveitamento do relêvo do solo, garantem aos terrenos dos futuros bairros uma situação incomparável, completada pela proximidade das praias, pela amabilidade do clima e pela deslumbrante vista da baía de Guanabara.

Belíssimas vivendas serão em breve edificadas, e o projeto inclui também a abertura de casas de diversões e estabelecimentos comerciais, tais como casinos, cinemas, confeitarias, sorveterias, mercearias, farmácias, casas de modas e outros indispensáveis à vida autônoma que terão os novos bairros.

Acresce que esses bairros estão situados, entre o centro da cidade e a Praia de Icaraí, abrangendo uma zona até agora abandonada, porque o seu aproveitamento exigia a execução de obras de grande vulto, assás dispendiosas.

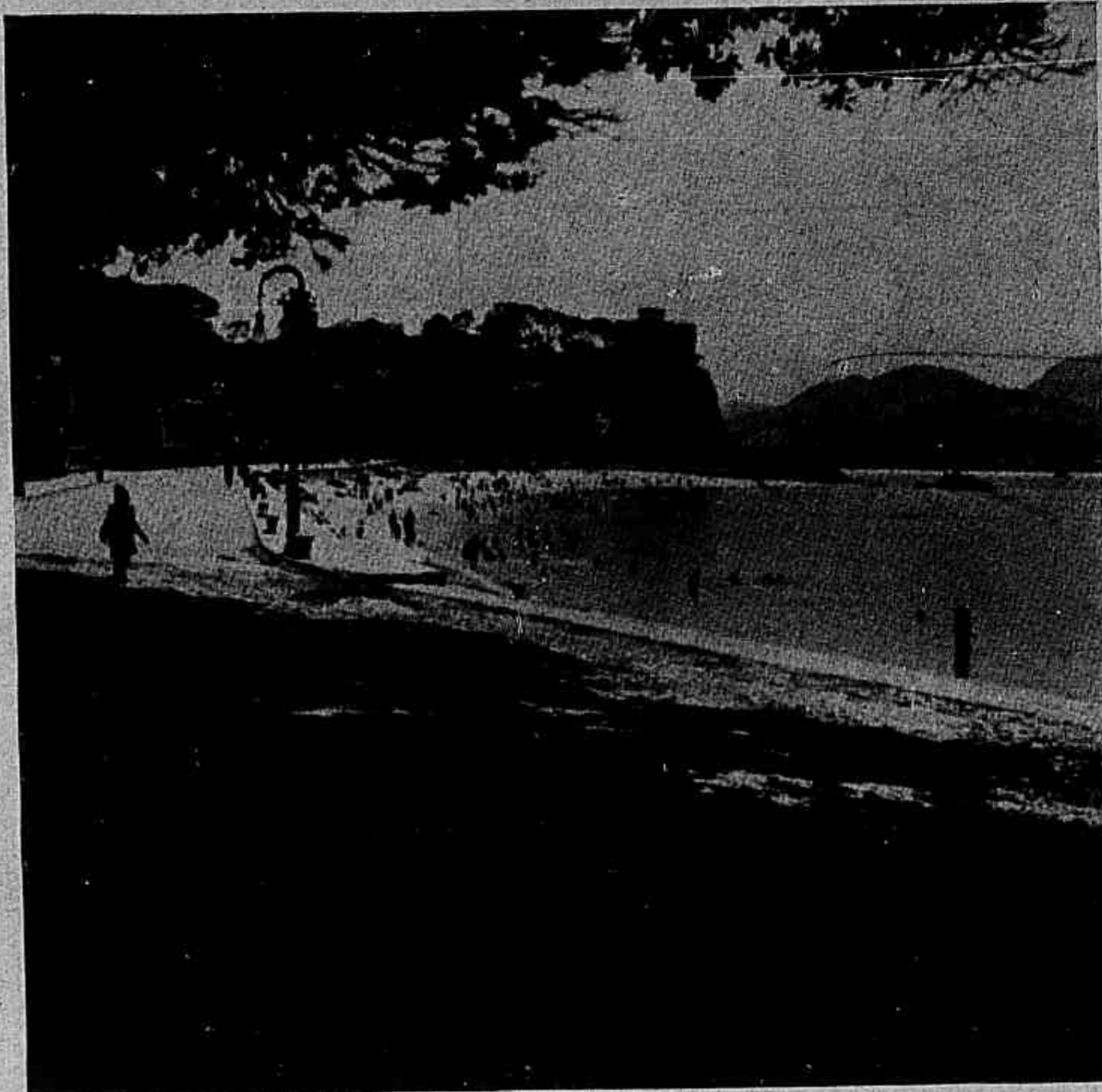
Um grande círculo de interesse se vem formando em tôrno desses terrenos que, diante das perspectivas que oferecem e das enormes somas neles invertidas por pessoas de segura visão financeira, constituem um sólido emprego de capital.

Com o intuito de apressar o florescimento dos novos bairros e incentivar as construções nas áreas urbanizadas, os Governos Federal e Estadual concederam isenção de laudêmios e de impostos de transmissão para as primeiras transferências, isenção de emolumentos de obras para prédios residenciais e de imposto predial, por 7 anos, para as primeiras construções levantadas, além de muitas reduções igualmente vantajosas. Convém notar que, nos casos gerais, essas isenções redundam numa redução de cerca de 25% do valor dos lotes.

Figuras de projeção nos nossos meios sociais e econômicos, que teem visitado os terrenos e que concretizaram em negociações o seu interesse pelos mesmos, teem sido unânimes em realçar a magnitude do empreendimento e o seu inestimável alcance no futuro.

Por todas estas razões, é justo concluir que, terminadas as obras, edificadas as ricas vivendas projetadas, construídos os jardins planejados e abertas as casas de diversões e de comércio fino, os novos bairros se converterão, por um milagre da técnica, num centro de rara beleza e elegância, só comparável aos maiores do mundo.

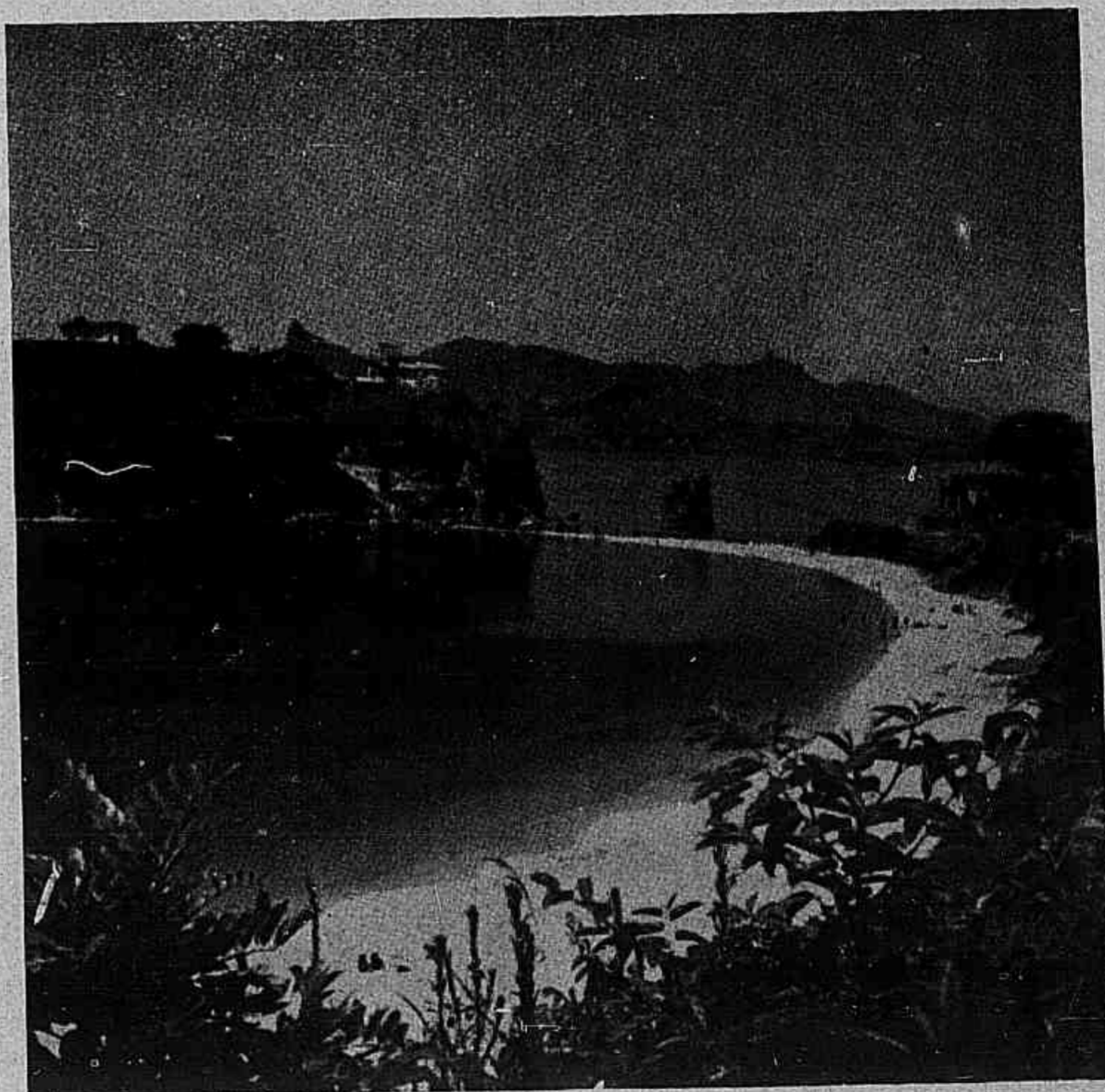
Continuando a sua missão de bem informar os leitores, a nossa reportagem apurou, ainda, que os escritórios do Departamento Comercial da Cia. Melhoramentos de Niterói, na sala 1.101 do 11.º andar do Edifício São Borja, à Av. Rio Branco, 277, estão aptos a fornecer, sem qualquer compromisso, informações completas e detalhadas aos interessados.



*A Praia das Flexas, situada entre montanhas, que se enche de banhistas nas manhãs de sol e liga a Praia de Icaraí à Praia de Boa Viagem.*

*(Fotos — C. Hasslocher)*

*Vista da Praia e da Ilha de Boa Viagem, recanto dos mais pitorescos, de onde se descortina o magnífico panorama formado pelos contornos da baía de Guanabara.*



# A PERENIDADE DA

de Frans Post (1612-1680) e de João Batista Debret (1768-1848). Antes, porém, alguns conceitos de caráter geral. São necessários. De princípio, julgo que se não deve confundir o mérito artístico, de veracidade técnica e estética, isto é execução, e criação, com fatores subsidiários de documentação. No primeiro caso — estamos, realmente, em contacto com representação artística, enquanto que, no segundo, deparam-se-nos elementos e natureza científica, e no seu grau inferior.

A documentação reclama uma exatidão biográfica, como se unicamente se pretendesse copiar a natureza com exatidão aparente, isto é, que mostra apenas a fisionomia estrutural da forma, sem o seu sentimento, nem mesmo o seu espírito, elementos estes que não são em suma da figuração artística.

Copiar literalmente a forma natural — não atinge ao seu sentido mesmo, a sua expressão animal ou vegetal, no que ela tem de maior, mais profundo e de mais significativo em relação ao ambiente, na interinação com os elementos circunvisinhos. Os fenómenos, luministas, e coloristas, na evidência vibratória de cada um e na ritmica diversa de ambos, não são necessários na copia, mas, na obra de arte, aparecem como o conceito estético único da pintura na pauta das belas artes. Fóra disso, estaremos encarando um fato meramente industrial, de fins científicos. Ninguém acreditaria, mesmo com senso desdenhoso, que diante de pilhas de excelente material de construção, estivessemos na júbilosa alerta de uma obra prima de arquitetura.

Não foge ao conceito de primeira água — que na própria obra de arte há graus e até mesmo valores. Por outro lado, aquela graduação e esta valorização alteram, por vezes, a andadura no decurso dos séculos. E há por épocas uma verdadeira moda no julgamento que os grupos humanos formam de diferentes artistas, que são mais apreciados num tempo, e desquiridos em outro. Mas não é desse fenómeno que agora se trata. Ele é por demais mutável para que se pretenda

Gustavo Courbet — As senhoritas da margem do Sena — Petit Palais



Arte grega — Cabeça Arcaica de Apolo

A lógica e a justiça sentimentais não reclamam espécie alguma de lógica nem de justiça... Quem critica, intelectualisa. Foge do ambiente emocional, ou por melhor dizer, afetivo. Não sei se aqui se aplicaria o velho provérbio português — “quem ama o feio, bonito lhe parece”. Naturalmente que nas ciências ditas exatas, por que somente tratam dos problemas elementares, as dúvidas são menores. E quase todos estão acordados em pontos numerosos; ou, pelo menos, aceitam, como verídicas, as demonstrações lógicas. Já na arte, o mesmo fato não se verifica. Especialmente na pintura-múltiplas e fundas, às vezes, se oferecem as divergências. Na maioria dos casos — não passam de questiunculas teóricas, de aspeto literário ou filosófico. Se se trata porém, da essência da pintura — aquelas diversidades se esfumam, ou morrem num braseiro lento.

Ainda no século passado grandes foram as quesillas sobre pintura. E delas nasceram quatro escolas: a clássica (David e Ingres), romântica (Delacroix e Gericault), realista (Courbet e Millet) e finalmente, a impressionista (Monet, Dégas), mas todas elas, com exceção da última, tramavam sobre temas literários, de natureza estética. Só a escola impressionista ofereceu novo e valioso equipamento, no campo técnico. Ainda assim, pelo seu estremado dogmatismo, caiu, em muitos casos, no ponto morto da arte, principalmente no tocante ao espírito das coisas e dos seres que retratava, e o alheamento do claro-escuro, evidencia mesma que faz ver a realidade, mostrando o que existe no ambiente.

No caso presente não se trata, porém, de disseminar conceitos de ordem filosófica sobre teorias de arte. Quero apenas trazer oportunamente, a plano de exame dois casos curiosos de inversão do gosto público, no tocante à pintura. Refiro-me ao alarme que se tem feito sobre os méritos piramidais



CABELLOS  
BRANCOS  
QUÉDA  
DOS  
CABELLOS

**JUVENTUDE  
ALEXANDRE**

SABOR  
QUALIDADE  
E PREÇO  
INCOMPARAVEIS!

**WHISKY  
BALMORAL**

# O B R A D E A R T E

## CONCEITOS GERAIS



Cabeça de Homem — Escultura grega — Escavações da Escola Francesa de Atenas-Delos

estabelecer uma coordenação segura. Mestres de escultura grega arcaica desafiavam os nossos contemporâneos, levando-os de vencida.

Ninguém pretenderia regular, por sistema tão vario, o verdadeiro mérito artístico. O que se conhece de original de Praxiteles, por exemplo, — o **Hermes**, jamais poderá ser desdenhado por época alguma ainda mesmo rudimentar na cultura artística. Quem poderia desconhecer o valimento definitivo de

Fantin-Latour — Natureza morta



POR FLEXA RIBEIRO

PROF. CAT. NA ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES.

uma pintura de Frans Hals, ou de um Velasquez? E já não me refiro áqueles que a critica e a opinião mundial sagraram na preferencia. Os fatores de valor artístico legítimos escapam às contingências falíveis da opinião contemporânea. Allás, a verdadeira obra de arte, por menor que seja, não apaga a sua beleza com o passar dos anos. Como a arte nasce de dons pessoais, e que estes não obedecem a uma periodicidade, pois, são esporádicos, sucede que a produção de valimento artístico não perece, nem se manifesta com regularidade. Aquilo que o homem fez com sentimento artístico e em que atingiu a um certo gráu de beleza — ficou para a perpetuidade na pauta de realização humana. E ninguém poderá imitar, nem destruir pela comparação de outra igual ou melhor. A verdadeira obra de arte — é sempre de Futuro. Há pintores da Renascença Italiana, como Pierre della Francesca ou Giorgionio, que ainda não alcançaram a sua época. O mesmo sucede com os dois acima citados. Frans Hals e Velasquez, no tocante à pintura exclusiva, ainda não são nossos contemporâneos... Estão adiante de nós.

No próximo artigo — terei que conversar sobre os nossos dois grandes mediocres: Frans Post e Debret.

### MEU VÔVÔ É

ranzinza...

êle é "do contra"



"Meu vôvô nunca me faz uma vontade... Ele dá o "contra" em tudo..." E por que? Simplesmente, por desconhecer o regime Eno...



"Mas o meu é bonzinho... Nunca dá "o contra". O seu segredo é o regime Eno..."

#### O QUE É O REGIME ENO

A prisão de ventre causa intoxicação interna. Para combatê-la, faça um regime com um laxante suave como o "Sal de Fructa ENO". O regime ENO consiste em toma-lo, diariamente, ao levantar e ao deitar. É bom para qualquer idade. Não há contra-indicação!



"SAL DE FRUCTA"

# ENO

LAXANTE SUAVE  
ANTIÁCIDO EFICAZ  
MELHOR ALCALINIZANTE



# HOTEL QUITANDINHA

ESTA' APRESENTANDO

O SEU PRIMEIRO E  
SENSACIONAL "SHOW"

# VOGUE 1944

UMA HISTORIA QUE COMEÇA  
COM EVA E A PARREIRA



ATRAÇÕES MUSICAIS

## RAY VENTURA

e sua grande orquestra  
com Jacques ASLAN


HENRI SALVADOR

"YoYo" HENRI

CODOLBANS = MILIONARIOS DO RITMO  
E GALVÃO

- ☆ JAN CLAYTON
- ☆ IMMA SUMACK
- ☆ MARIQUITA FLORES  
e ANTONIO DE CORDOBA
- ☆ Madeleine Rosay

- ☆ Margo Dowling
- ☆ Don & Dolores
- ☆ Gloria Thomas
- ☆ Grande Otelo
- ☆ Principe Maluco

ORQUESTRAS:   
CARLOS MACHADO  
E GAÓ



Reserva de mesas e informações pelos telefones: 42-6190 ramal 38 (Cia.  
Terrenos Quitandinha); 26-5550, ramal 5 (Casino da Urca); 42-8829 (A. D. A.).

# DE SIMPLES "MONTE DE SOCÓRRO" A MAIOR INSTITUTO DE CREDITO POPULAR DO PAÍS

## A CAIXA ECONÔMICA E O SEU ELEVADO PAPEL NA EDUCAÇÃO DE TODA UMA GERAÇÃO DE ESCO- LARES. --- OITENTA E DOIS ANOS DE RELEVANTES SERVIÇOS AO PROGRESSO DO BRASIL

**N**O seu gênero, a Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro é a maior instituição do país. O seu desenvolvimento é extraordinário; a sua esfera de ação é bem um índice do quanto pode a nossa capacidade de empreendimento. Há oitenta e dois anos, quando o alto senso administrativo de Itaboraí deu forma de realidade à idéia da criação da Caixa Econômica do Rio de Janeiro, o estabelecimento que daí surgiu trazia apenas o destino de um pequeno monte de socorro, onde do mesmo modo poderiam ser recolhidas as poucas e menos que problemáticas economias populares. Hoje, mais de três quartos de século depois, a obra surgida da idéia de José Joaquim Rodrigues Torres pode ser considerada o mais completo, o mais expressivo instrumento de progresso do país. E dizemos — instrumento de progresso, porque a Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro, além da contribuição valiosíssima que vem prestando à obra do maior desenvolvimento das forças vivas da nação, ainda concorre como poderoso auxílio e estímulo para difusão e fortalecimento de nossa educação econômica, lançando mão de todos os meios hábeis e inteligentes para inculcar no espírito do povo os hábitos de economia. Sabe a Caixa Econômica que a economia também age como função social e moral da vida, e que para o desempenho dessa função urge que o povo esteja aparelhado. Daí o seu contacto direto e continuado com as classes populares, visando a educação econômica geral. E que esse trabalho imenso já tem produzido os melhores frutos, é cousa que podemos facilmente verificar através das cifras dos depósitos da grande instituição fundada pelo Visconde de Itaboraí.

Já se conhece o total de depósitos da Caixa Econômica em 31 de Dezembro de 1943. As cifras referentes a esse movimento são um testemunho admirável de como o povo da capital da República está identificado com os altos propósitos da administração da Caixa. Esta, como se sabe, tem duas classes de depósitos: — os voluntários e os compulsórios, estes constituídos em virtude de atos judiciais, de caução e de dispositivos de leis, e aqueles representando iniciativas das várias classes sociais e qualificadas

de populares, escolares, comerciais, a prazo fixo, de aviso prévio e em liquidação. E' pelo movimento dessa última espécie de depósitos, isto é, pelo movimento dos depósitos voluntários, que se pode aferir da confiança que a Caixa Econômica inspira ao público, e, em consequência, dos resultados de seu meritório e extraordinário trabalho de preparação econômica das nossas gerações.

Já agora se calcula em dois milhões a população do Distrito Federal. Pois bem: calculada a nossa população nesta cifra, verifica-se que os depósitos voluntários da Caixa Econômica do Rio de Janeiro já ascendem a mais de 555 cruziros "per capita", pois que se totalizam eles em Cr\$ 1.245.384.694,00. Isso quer dizer, ainda, que os depositantes da Caixa Econômica já se elevam a um número superior à metade da população do Rio de Janeiro. E' o que nos diz o quadro abaixo:

Depósitos voluntários	Cr\$
Populares . . . . .	1.103.226.847,50
Escolares . . . . .	2.332.724,60
Comerciais . . . . .	38.265.637,70
Prazo Fixo . . . . .	20.451.974,20
Aviso Prévio . . . . .	72.595.800,40
Em Liquidação . . . . .	3.511.709,60
Total . . . . .	1.245.384.694,00

Este total deve merecer uma referência especial. E' que ele é único em todos os balanços dos institutos bancários do país. Certamente que nos algarismos dos depósitos do primeiro banco do país, vamos encontrar um total mais alto. Mas aí não somente se trata do banco da Nação, mas também do estabelecimento a que afluem até mesmo os depósitos dos outros bancos. Não é o caso da Caixa Econômica. Os depósitos voluntários que esta apresenta são, na sua quase totalidade, de origem popular, e depósitos dessa natureza nem mesmo o primeiro banco do país os tem em total tão elevado. Isso demonstra, sem mais comentários, que o extraordinário progresso da Caixa Econômica tem uma explicação lógica: — é que ela tem sabido se integrar na sua função de banco do povo. As cifras que acabamos de transcrever

ainda nos permitem uma observação: — é a que diz respeito aos depósitos escolares. Esses depósitos, totalizados em mais de dois milhões e trezentos cruziros, ou melhor, em mais de dois mil e trezentos contos de réis, representam as pequenas economias das crianças frequentadoras das escolas do Distrito Federal. Temos aí mais uma criação admirável, mais um serviço de assinalado alcance da Caixa Econômica do Rio de Janeiro. A mais de cem mil educandos, podemos mesmo assegurar que a mais de cento e vinte mil sobe hoje o número dos seus pequenos depositantes. Se bem considerarmos que os depósitos dos alunos das nossas escolas são feitos, quer os iniciais, quer os ulteriores, com importâncias mínimas, e se tivermos em vista a quanto já se eleva a soma total desses depósitos, facilmente apreenderemos o que há de grande, de significativo, de vasto nesse trabalho novo a que a Caixa Econômica do Rio de Janeiro se vem entregando com tanto devotamento e entusiasmo. Há nesse esforço, nessa realização, nessa obra, uma preparação do futuro que se pode contar como afirmação segura da grandeza de amanhã.

E, todavia, não é só por esse lado, não é só pelo que se refere à educação econômica em geral, que avulta e se nobilita a obra da Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro. O quadro dos depósitos tem uma outra face: — a da aplicação desses depósitos, e igualmente por aí o trabalho realizado pela Caixa tem proporções fóra do comum.

Ao encerrar o seu balanço de 31 de Dezembro de 1943, a Caixa Econômica, além dos depósitos voluntários, tinha o total de Cr\$ 99.300.596,70 de depósitos compulsórios, com o que se elevavam a Cr\$ 1.344.685.290,70 as somas confiadas à sua guarda. Mas esse dinheiro não estava nem está imobilizado nas suas arcas senão na parte considerada necessária ao seu encaixe. Mesmo porque os depósitos rendem juros, e para pagar os juros é preciso dar aplicação aos depósitos. Apenas, ao dar aplicação aos depósitos, a Caixa o faz de maneira que beneficia duplamente ao depositante: — de modo direto, pelos juros que lhe paga; de modo indireto, pela contribuição que presta ao progresso da nação.

Vejamos o que diz o balanço de Dezembro de 1943 na parte referente às aplicações. Ao encerrar o exercício findo, a Caixa tinha em empréstimos a formidável soma de Cr\$ 825.939.950,50, da qual Cr\$ 584.509.479,60 em empréstimos a longo prazo, assim discriminados:

	Cr\$
S/Garantias Simultâneas . . . . .	264.546.347,80
S/Hipotécas Particulares . . . . .	274.564.608,70
S/Hipotécas C. E. . . . .	23.155.196,40
S/Hipotécas Funcionários Públicos . . . . .	22.243.326,70
Total . . . . .	584.509.479,60

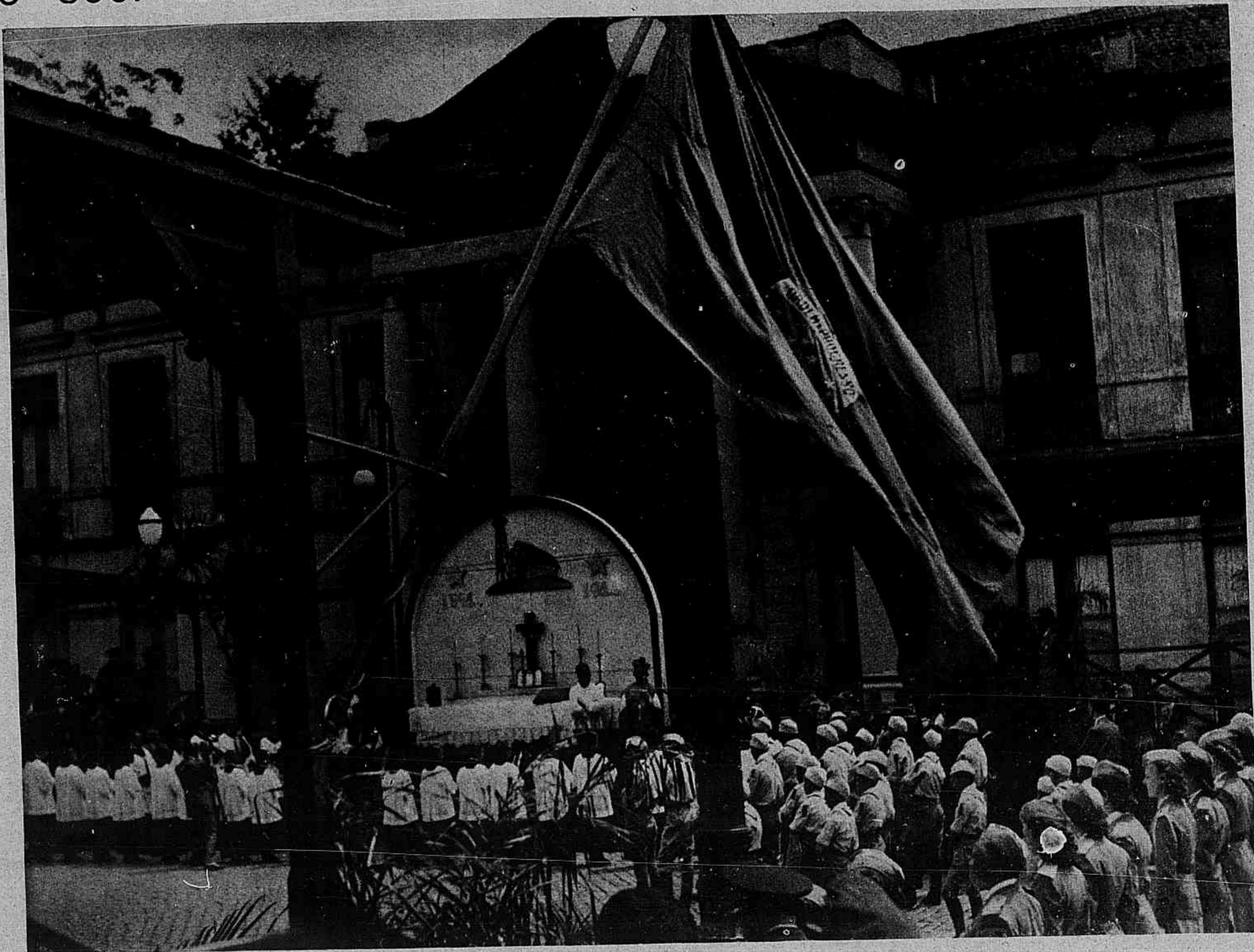
Os restantes Cr\$ 241.430.470,90 estavam aplicados em empréstimos a médio e curto prazo, assim discriminados:

S/Caução de Títulos . . . . .	26.177.280,70
S/Consignações . . . . .	136.453.119,60
S/Consignações C. E. . . . .	13.865.204,40
S/Consignações Conselho Superior . . . . .	506.352,80
S/Penhores . . . . .	64.277.680,00
S/Diversos . . . . .	150.833,40

Observando-se a discriminação de: grande total de Cr\$ 825.939.950,50, vê-se que a Caixa Econômica, além do emprêgo de mais de cento e cinquenta milhões de cruzeiros com que atende às necessidades do funcionalismo público, e de mais de sessenta e quatro milhões de cruzeiros com que ocorre às suas operações de penhores, e ainda de mais de vinte e seis milhões de cruzeiros absorvidos pelos negócios de caução de títulos, apresenta duas aplicações consideráveis: — a de Cr\$ 319.963.131,80 sobre hipotécas e a de Cr\$ . . . . . 264.546.347,80 em contas de garantias simultâneas. É certo que datando de mais de dez anos o início, na Caixa Econômica, das aplicações dessa natureza, e sendo apenas os totais acima os existentes em Dezembro de 1943, não é nem poderá ser por eles que haveremos de fixar o vulto do que a Caixa tem realizado, nêsse domínio, durante o período de referência, em que muitas operações devem ter chegado a seu termo, com consequente liquidação e resgate, deixando, por isso mesmo, de figurar nos quadros dos balanços. Mas embora não permitindo fixar o todo, nem por isso os totais acima referidos deixam de oferecer elementos para que, no caso, se

faça uma idéia da realidade. Com efeito, com os seus 319.000 contos de réis em hipotécas e 264.000 contos de réis em operações de garantia simultâneas, a Caixa Econômica está a nos dizer o que realizou e o que já deverá ter realizado, nêsse domínio, em proveito do país. Porque êsse é o principal aspecto por que se destacam essas aplicações da Caixa Econômica. As somas enormes que teem saído dos seus cofres nas rubricas de "hipotécas" e "contas de garantias simultâneas", sempre se destinaram ao mais alevantado dos emprêgos: engrandecimento de cidades e fortalecimento das indústrias. O surto de progresso do Rio de Janeiro com as suas construções majestosas, a criação de grandes indústrias em muitos dos nossos Estados, os serviços de abastecimento em diversas capitais brasileiras, o melhoramento dos serviços de portos ferroviários, tudo isto se deve hoje, em grande parte, à ação da Caixa Econômica, através das aplicações a que estamos fazendo referência. É o conhecimento de tudo isso justifica e reforça o conceito que é hoje de toda a nação: — a Caixa Econômica é a grande instituição que faz a coleta das economias populares para as restituir com dois proveitos: o pagamento de juros e o engrandecimento do país.

## O 390.º ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO DE SÃO PAULO



Aspecto da missa campal celebrada no Pátio do Colégio, comemorando a passagem de mais um aniversário da fundação de São Paulo.

# Pelo esforço de GUERRA do BRASIL

Os resultados de uma gestão capaz,  
orientada no sentido do interesse nacional

**U**MA das virtudes que mais recomendam o sr. Getúlio Vargas à confiança e ao apreço dos seus concidadãos é, sem dúvida, a acuidade de vista e o elevado senso com que o Chefe do Governo sabe recrutar auxiliares para as missões mais espinhosas e difíceis. Quem acompanha, na sua larga trajetória, a vida pública do responsável pelos destinos da nação brasileira, ha de aceitar, como irrecusável, a verdade de há muito proclamada por um dos seus mais autorizados e insuspeitos biógrafos: "O Presidente possui, em grau elevado, o raro privilégio de conhecer bem os homens que com ele servem, e dificilmente deixa à margem dos quadros da administração do país aqueles que uma vez já evidenciaram qualidades nas funções públicas."

Não é preciso rememorar, porque é recente, a extraordinária e inteligente atividade desenvolvida pelo coronel Pio Borges à frente da Secretaria de Educação do Distrito Federal. A sua passagem por aquele importante setôr da administração carioca foi assinalada por uma longa série de magníficos empreendimentos em favor do ensino, deixando marcos indelévels de uma grande inteligência e de um raro devotamento à causa educacional na metrópole brasileira. E essa gestão brilhante e fecunda não constituiu, por certo, nenhuma surpresa para quem já conhecia o largo fôlego de administrador e a ampla cultura do técnico que projetou e construiu, na capital da República, um trabalho que honra a engenharia nacional — a muralha de perfil cycloidal do Cais da Glória.

Secretário da Agricultura, Viação e Obras Públicas do Estado do Rio, em dois quadriênios, tendo construído os pôrtos de Angra dos Reis e Niterói, a atividade multiforme do sr. Pio Borges desenvolveu-se por todo o Estado numa série de iniciativas arrojadas, que haveriam de recomendar

o valoroso colaborador dos srs. Feliciano Sodré e Manoel Duarte para tarefas mais difíceis. E ele as teve e tem tido, depois, sem conhecer nunca dificuldades porque o sr. Pio Borges é desses homens para os quais não basta apenas a inteligência e o saber. O devotamento ao trabalho e, sobretudo, a lealdade, o zêlo e a probidade são virtudes de que o ilustre catedrático da Escola Militar não se deixa expropriar, e que com ele vivem permanentemente, até mesmo nas cousas pequenas.

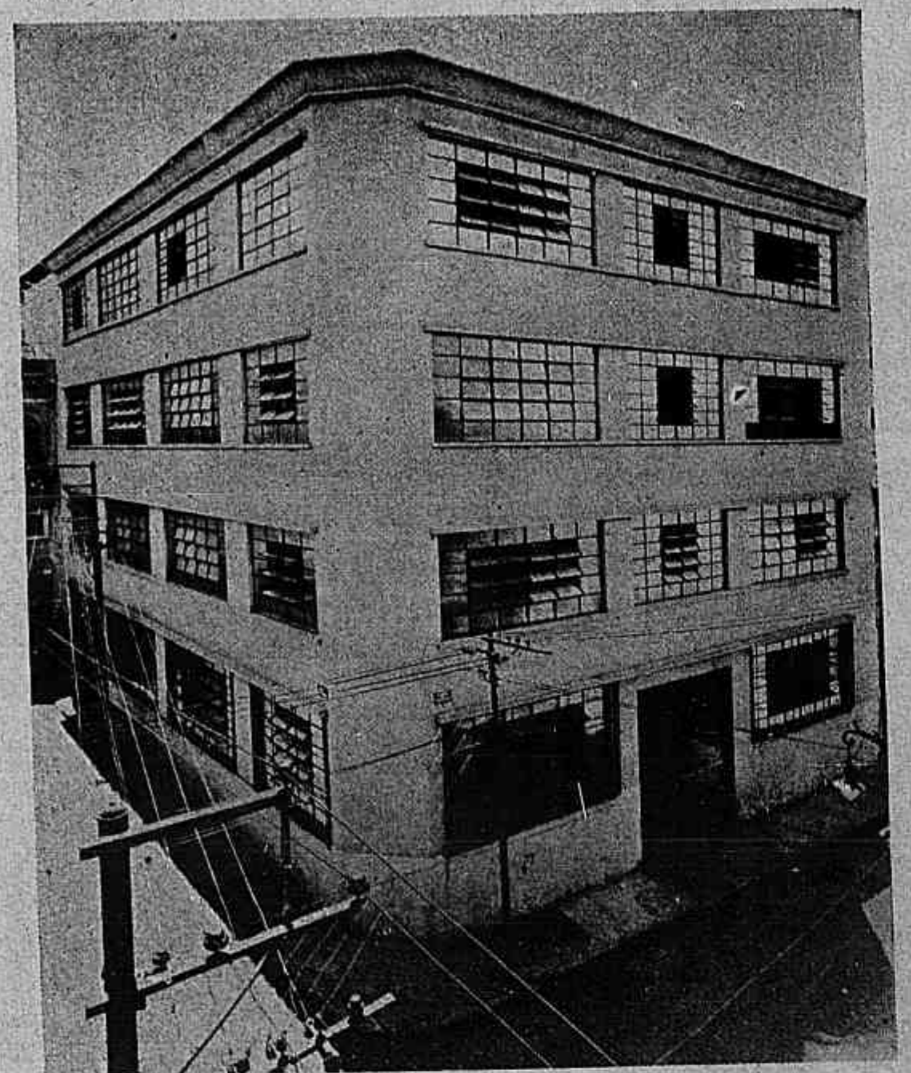
Encontrando-se, agora, à frente de uma grande empresa, para onde o convocou, em hora grave para a Nação, a confiança do Presidente Getúlio Vargas o sr. Pio Borges não precisou sequer de um ano para revelar a plena vitalidade daqueles atributos que já o haviam solidamente recomendado a um magnífico conceito público e a um largo crédito de confiança e estima por parte do Governo.

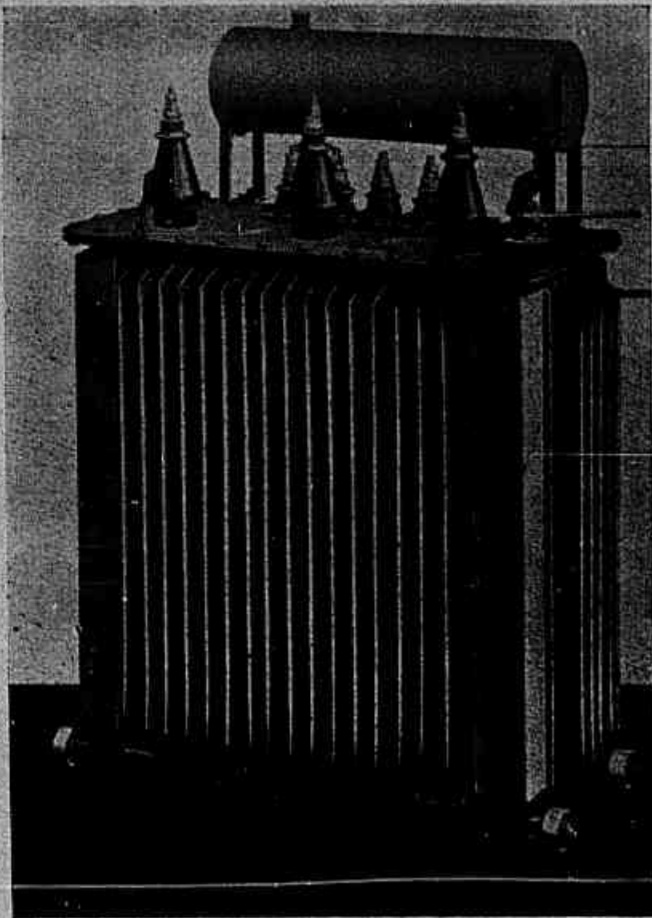
Espírito conciliador e justiceiro, infenso, porém, a toda e qualquer injunção que contrarie os interesses nacionais, ao ex-Secretário de Educação da Municipalidade foi atribuída, pelo Governo, em 28 de janeiro de 1943, a incumbência de administrar, em nome da União, a Companhia Brasileira de Eletricidade Siemens. E o que representa essa empresa na economia nacional, com 43 anos de atividade em nosso país, todos sabem. De uma simples representação comercial, em 1900, passou a constituir, poucos anos depois, uma empresa nacional sob a razão de Cia. Brasileira de Eletricidade Siemens — Schuckert S. A., com um capital de um milhão de cruzeiros, destinada à venda de produtos de Sociedade Limitada Siemens-Schuckertwerke e da sociedade, por ações, Siemens & Halske, e de todos os ramos de indústria eletrotécnica, além da importação de diferentes máquinas, ferramentas, acessórios, e da manutenção de um escritório técnico, construção e instalação de toda a variedade e ser-

viços de engenharia por conta própria ou de terceiros, mantendo filiais em São Paulo, Porto Alegre e Baía.

Sempre com a preocupação de desenvolver o seu campo industrial, a Companhia entrou a explorar múltiplos aspectos da produção elétrica, e hoje, cooperando decisivamente no esforço de guerra do Brasil, está mantendo, com perfeita regularidade, os seus compromissos de fornecimento a todos os Ministérios, com especialidade aos da Guerra, Marinha e Aeronáutica. Nesse particular, é de toda a justiça ressaltar os esforços despendidos para a satisfação das encomendas visto como as circunstâncias do momento impõem dificuldade por todos conhecidas.

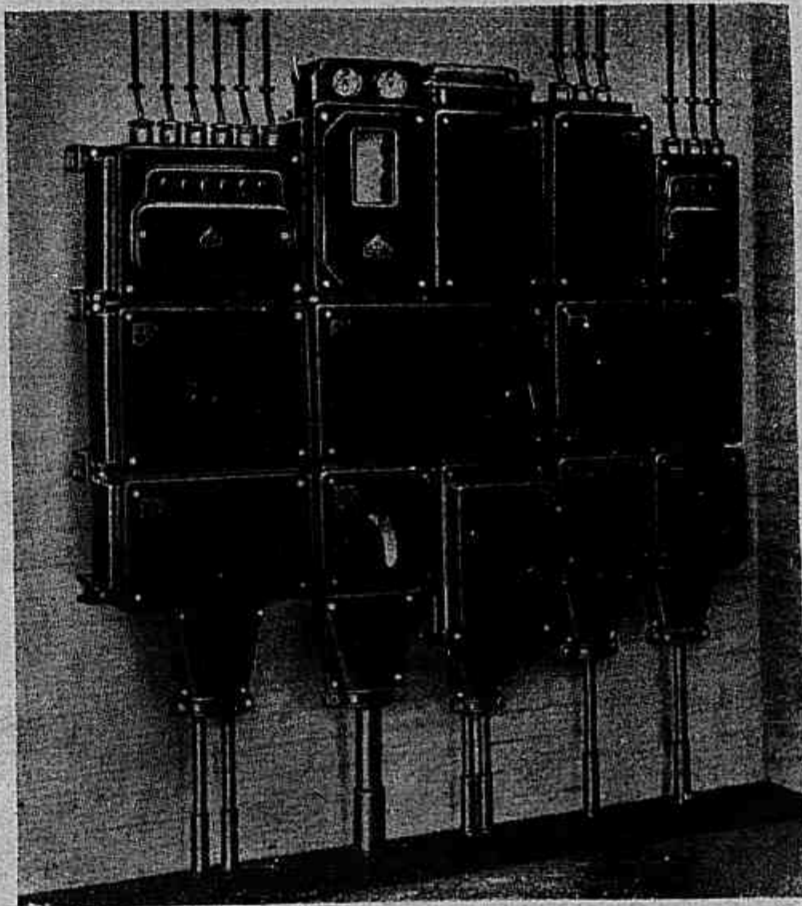
*Fábrica e Oficinas da Comp. Brasileira de Eletricidade Siemens-Schuckert S/A. à travessa das Partilhas n. 106, na Capital Federal. Existem, ainda, em São Paulo, instalações de muito maiores proporções do que esta.*





Transformadores até 600 KVA. Construídos no Rio e em S. Paulo.

Mas, não apenas a esses serviços estão sendo feitas as entregas de material. Também à Estrada de Ferro Central do Brasil, cujas obras de eletrificação assumem proporções cada dia maiores, e à Companhia Siderúrgica Nacional, onde as instalações e serviços eletrotécnicos de Volta Redonda reclamam vultoso material, têm sido feitos suprimentos de extraordinária importância.



Quadros blindados — Rio

Sob a direção do dr. Pio Borges, a empresa vem evoluindo promissoramente no sentido de novos empreendimentos, que visam a ampliação de suas atividades em diversos outros rumos. Dissemos, no início dessa reportagem, que o atual responsável pela gestão da Siemens não precisou um ano sequer para revelar, mais uma vez, os seus excepcionais atributos de administrador experimentado. Em verdade, assumindo a direção daquela empresa em fins de janeiro do ano p. passado, já em 10 de novembro daquele ano apresentava a mesma um crescimento de atividade industrial e comercial na importância de Cr \$ 3.697.777,00 (três milhões, seiscentos e noventa e sete mil e setecentos e setenta e sete cruzeiros), sobre igual período de 1942, quando a Companhia estava sob a direção dos seus pró-

prios acionistas. É um fato digno de especial menção, porque demonstra, a um tempo, o tino administrativo do seu gestor e a firme decisão do sr. Pio Borges de dar o máximo de seu labôr ao esforço de guerra do Brasil.

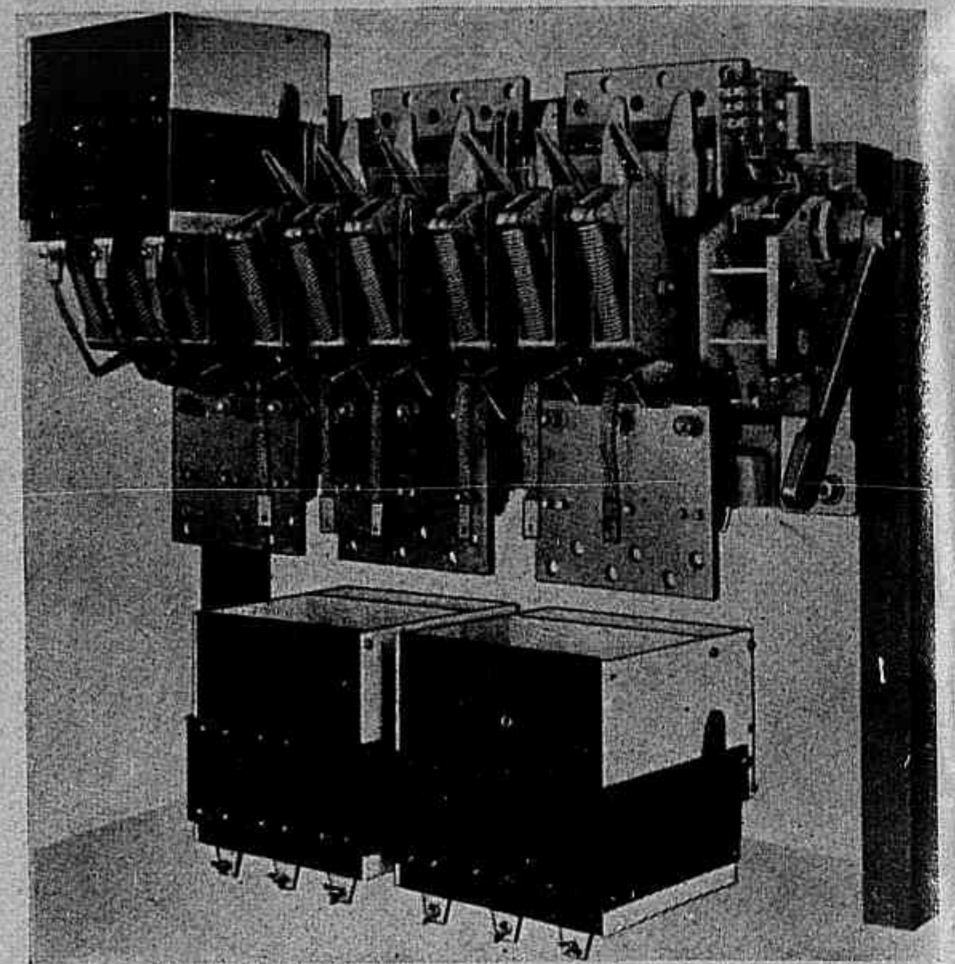
Com essa magnífica disposição, foi possível ao administrador federal daquela importante empresa liquidar todos os créditos pendentes e pagar todas as dívidas, dentre as quais se destaca, pelo seu vulto, uma com o antigo Banco Alemão Transatlântico, na importância de Cr\$ ..... 4.000.000,00 (quatro milhões de cruzeiros).

Na hora que passa, quando são reclamados os mais sérios esforços de toda a nacionalidade, afim de encarar de frente todas as necessidades decorrentes do nosso estado de beligerância, tem uma importância excepcional a contribuição oferecida pelo parque industrial brasileiro, em seu conjunto, e particularmente, a contribuição das empresas que laboram no quadrante dão especializações técnicas, como é o caso da Companhia Brasileira de Eletricidade Siemens, em relação ao esforço de guerra do Brasil.

E essa empresa pôde ufanar-se de haver cumprido, em 1943, e está cumprindo, como outras grandes companhias, o dever de colaborar com os ingentes esforços do país onde ela está desenvolvendo as suas atividades, há mais de quatro decênios.

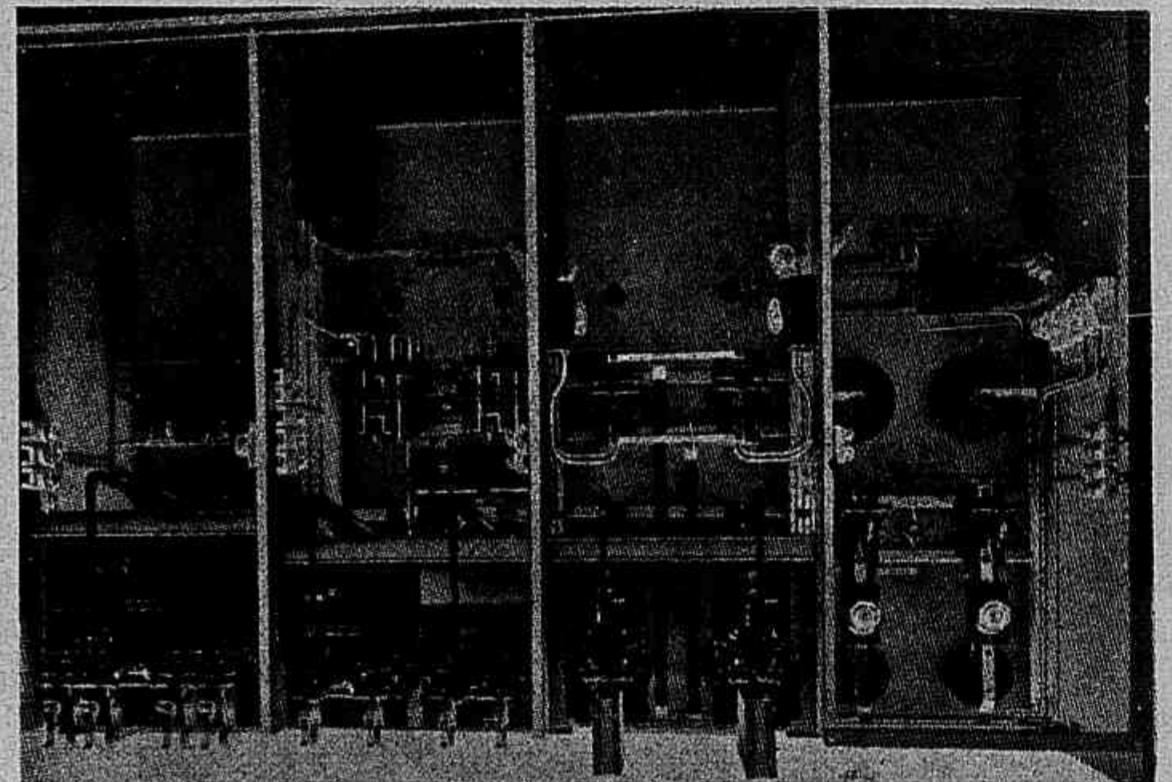
A Companhia Brasileira de Eletricidade "Siemens" mantém, atualmente, as seguintes oficinas: — Oficina Mecânica (S. T.), onde se fabricam transformadores com capacidade até 1.000 KVA; bombas hidráulicas; chaves a óleo de baixa e alta tensão até 25.000 V; chaves automáticas a seco até 1.000 ampères; chaves a faca e segurança de alta tensão; quadros

Fonte luminosa, montada pela Cia. Brasileira de Eletricidade "Siemens", no jardim principal de Ribeirão Preto. Est. São Paulo.



Chave automática a óleo, montada no país — 4.000 ampères

de comando e de distribuição, de chapas blindadas; relays primários e secundários; enrola-



Quadros de comando em geral — Rio — S. P.

mentos e conserto de máquinas elétricas (motores, geradores, transformadores, instrumentos medidores).

A Companhia executa instalações elétricas de luz e força, domiciliares e industriais, e de fontes luminosas com variação automática dos efeitos de luz e água.

— Oficina de Comunicações e de Aparelhos de Medição (S. C.), onde se constróem, reformam e modificam: centros e aparelhos telefônicos, tanto de sistema manual como automático; aparelhos de sinalização elétrica, em geral, ou ótica elétrica; relays elétricos e aparelhos elétricos de medição; retificadores a seco até 2 KV, de preferência aparelhos eliminadores para a telefonia, em geral; esteiras transportadoras sem fim.

— Oficina de Eletrodos (S. V.), cuja fabricação abrange eletrodos de 2 a 5 m/m, banhados e encapados para solda, ferro, batido e ferro fundido.

— Oficina de Rádio (of. R.), onde se consertam rádios-receptores, vitrólas elétricas e aparelhos acústicos.

Trabalham, atualmente, na Companhia Brasileira de Eletricidade "Siemens", perto de 600 funcionários e operários.

**N**O momento que vivemos, altamente histórico em seus aspectos mais importantes, e quando o Brasil promove a mobilização de seus recursos econômicos, chamando-os a si para enfrentar uma situação excepcional de sua existência de Nação tradicionalmente ordeira e pacífica, sempre será interessante acentuar que essa mesma mobilização se está processando, com mais relêvo, justamente, nos setores da técnica.

Não se entenda, por isso, que a guerra tenha vindo iniciar-nos nas tarefas técnicas de preparação para a grande empresa da nossa futura emancipação econômica, pois os próprios fatos aí estão para atestar que desde há muito lidávamos pela solução de tais problemas. A realidade é outra. Ela pôde ser expressa, dizendo-se que as necessidades decorrentes da presente situação vieram atuar como excelente estímulo àquele preparo, rasgando novos horizontes à capacidade dos nossos trabalhadores e à iniciativa das grandes organizações econômico-industriais.

Não há muito tempo o ilustre Diretor do Material Bélico do Exército, general Fiuza de Castro, realizou uma visita às instalações da S. A. Marvin, em Bonsucesso, e essa oportunidade de contacto com uma das maiores e mais empreendedoras firmas industriais do país serviu bem para evidenciar o que vem sendo, na sua expressão preparável, real, o esforço de guerra do país, no setor da produção bélica.

O general Fiuza de Castro, que se fez acompanhar do Coronel Franklin Emilio Rodrigues, Tenentes-Coroneis Altair de Queiroz, chefe do gabinete; José dos Santos Calheiros e Alcebiades Braga do Amaral; Majores Edgar de Abreu Lima e Carlos



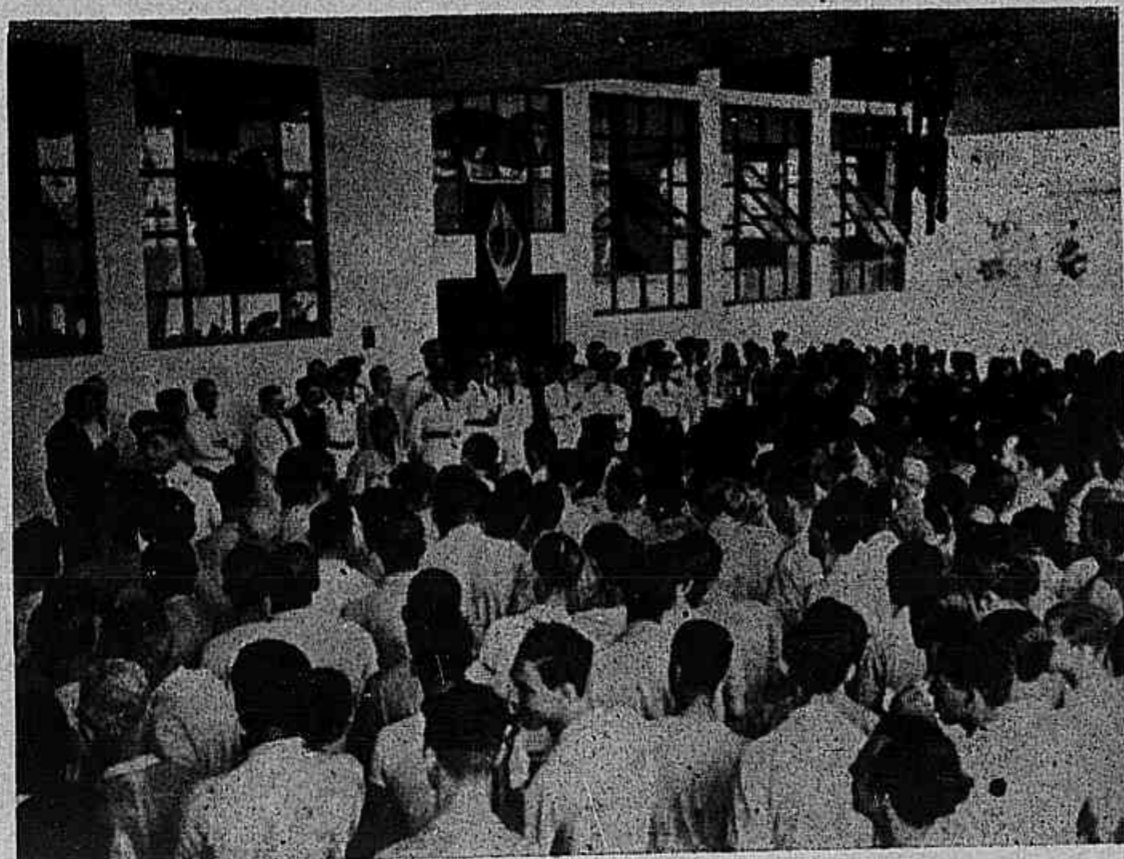
O General Fiuza de Castro inaugurando as novas instalações da S. A. Marvin, destinadas à fabricação de material bélico.

## A indústria civil colaborando para o esforço de guerra



Aspecto de uma parte da secção de polimento, vendo-se o Diretor do Material Bélico quando ouvia uma exposição das diversas fases da fabricação, feita pelo major Juscelino C. de Almeida, Assistente Militar da S. A. Marvin.

Os operários da S. A. Marvin ouvindo as palavras cheias de entusiasmo e patriotismo pronunciadas pelo General Fiuza de Castro, diretor do Material Bélico do Exército.



Proença, diretor da Fábrica de Bonsucesso; Capitão Eleusio Siqueira e Tenente Fiuza de Castro, seu ajudante de ordens, foi recebido à chegada pelos diretores da S. A. Marvin, srs. Alberto Sampaio, Luiz de Souza e Silva e Donald Duckly, e pelo assistente técnico junto àquela fábrica, major Juscelino de Almeida.

A comitiva do ilustre militar visitou todas as dependências da organização Marvin, que constituem talvez um dos mais importantes conjuntos de estabelecimentos fabris da Capital da República, onde se produzem vários artefatos de metal necessários à indústria bélica.

A S. A. Marvin, por contrato firmado com o Governo, recebeu a incumbência de fornecimento de material bélico ao Exército, para cujo cumprimento fez inaugurar, agora, ato que foi, justamente naquela ocasião, presidido pelo general Fiuza de Castro, dois novos pavilhões, destinados à produção de diversos materiais bélicos.

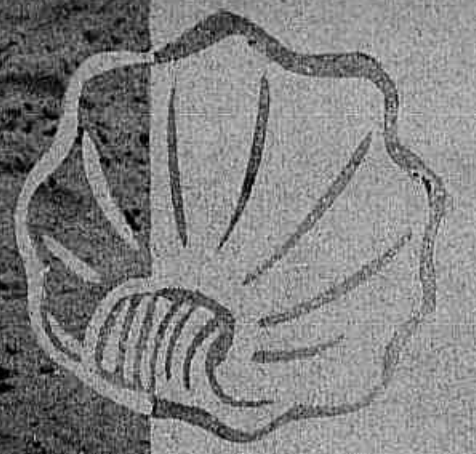
O general Fiuza de Castro usou da palavra, comparando o esforço do operariado da Marvin com o que vem sendo realizado pelo soldado no "front", — ambos com os olhos fitos — no mesmo ideal de liberdade democrática.

Exaltou, ainda, a cooperação dos dirigentes daquele estabelecimento, na execução de compromisso assumido com o Exército, tendo manifestado à imprensa, antes de se retirar, suas excelentes impressões sobre o que lhe fôra dado observar no transcurso da sua proveitosa visita à S. A. Marvin.

São da visita do Diretor do Material Bélico do Exército à fábrica de Bonsucesso os flagrantes que reunimos nestas páginas.

Grupo feito após a inauguração, vendo-se o ilustre visitante entre os diretores da S. A. Marvin.



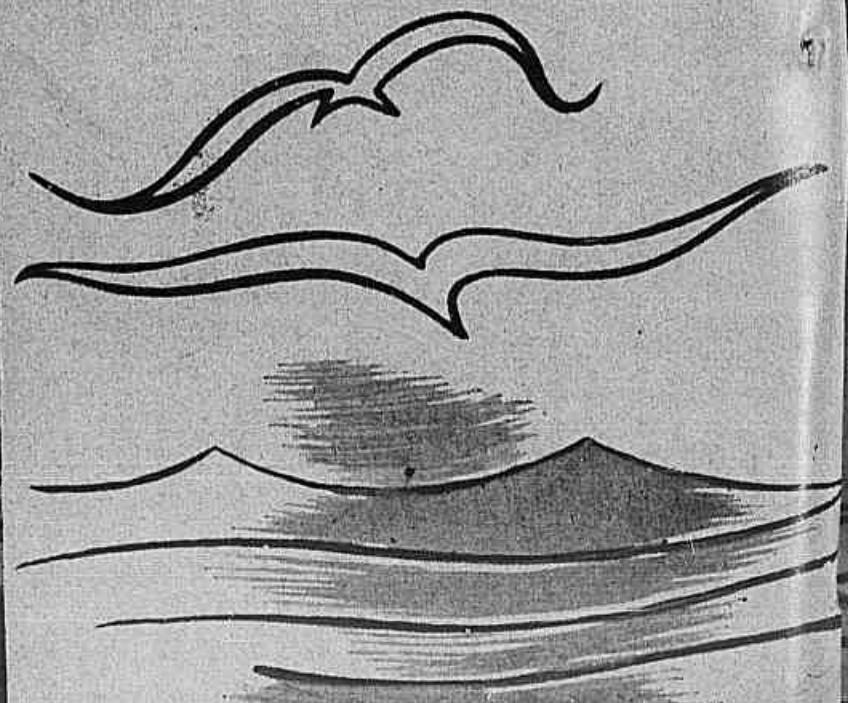
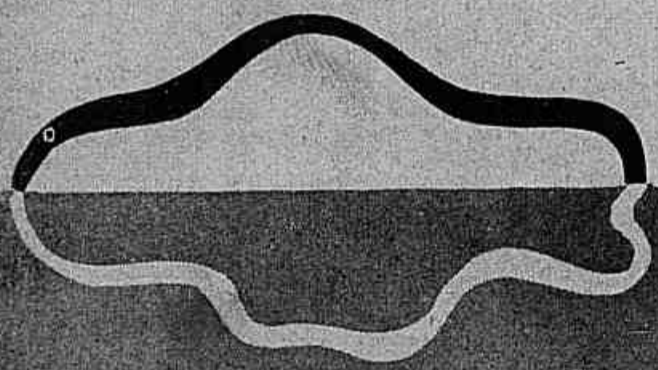


*Sras. Manfredo Costa Filho e Lucia Amaral*

**R**ECANTO que é um poema de cor e luz na paisagem do litoral bandeirante, a ilha de S. Amaro neste momento regorgita de visitantes. E' que lá, apesar da estação, o sol é um astro camarada. Pintor impressionista, seus tibios raios só fazem, à guisa de pinceladas decorativas, aumentar o encanto do panorama e das pessoas. A praia de Guarujá — uma das joias locais — formiga de banhistas, vindos de todos os pontos do país, afim de ali espaiar o espirito e refazer o organismo. Enquanto uns se dedicam à pesca, outros



*Lygia Sales, Vera Penteado, Yolanda Cerqueira Cezar.*



# GUARUJÁ

se entregam aos prazeres da natação, da petéca e de outros jogos praieros. E é como se a praia linda, bordejada de vilinos e "bungalows" elegantíssimos, se houvesse transformado num estádio olimpico — tal a floração de corpos harmonioso, ágeis e esbeltos que ali se exibem nas manhãs claras e nas tardes ensolaradas. Mas Guarujá não se notabiliza tão somente por seus dotes de estância balneária de primeira classe. Sua vida mundana — também intensa — estua de entusiasmo e se redoiira com a presença dos mais significativos elementos da "haute-gomme" anquietâna, que, descendo do planalto, ali vão para o descanso reconfortante e para os amáveis e requintados festivais tão do agrado daqueles que não sabem repousar abandonando seus hábitos elegantes e requintados. Congregando a mais fina e exigente camada da sociedade paulista, o Grande Hotel é agora um microcosmo dos melhores círculos mundanos de São Paulo, daquelas tradicionais famílias bandeirantes concedoras dos mais confortáveis hotéis dos grandes centros europeus e americanos, e que lá se reúnem para os lazeres esportivos da estação. E' que lá todos encontram comodidades e distinção — além de diversões noturnas no "grill" de verão mais sugestivo e encantador de que há memória na crônica especializada do país.



# BRASIL ECONÔMICO

O PROBLEMA DAS FLORESTAS NA PARAÍBA — Comumente, esquecem os agricultores a importância das matas, na economia da nação. Olvidam, que a árvore não somente protege as fontes, defende os mananciais, como representa grande fonte de renda, como matéria prima de diversas indústrias. Na Paraíba, a interventoria decidiu emprender um trabalho positivo, em prol do reflorestamento. Para isso, depois de acurados estudos, foi escolhida a Fazenda "Mangabeira" como o local mais apropriado à execução de um plano audacioso. Esse é o mais vasto trabalho que se enceta no Estado, tendo como escopo o aproveitamento racional de uma floresta artificial. Nunca se fez um movimento semelhante ali e todos os trabalhos, todas as despesas, todas as dificuldades estão previstos.

Esse plano está organizado com bastante simplicidade, podendo garantir um suprimento anual de 64 mil metros cúbicos de lenha. Somente ao 6.º ano começarão a ser feitas as derrubadas enquanto se plantarem novos talhões. Cada talhão será plantado num ano e os trabalhos de plantio terminarão aos 9 anos de trabalho, pois serão 9, os talhões a encher de árvores. Entretanto esses talhões não medirão simplesmente 10 ou 20 ou mesmo 50 hectares. Medirá cada um, nada menos de 200 hectares, o que dará uma área florestal de 1.800 hectares, ao fim do nono ano. Para se ter uma idéia da grandeza dos trabalhos, basta considerar que serão necessárias todos os anos 40 sementeiras de 10 metros por 1. Um 10.000 caixas de repicagem serão utilizadas para um total de 500.000 mudas, cada ano. Ao fim do sétimo ano, teremos 3.500.000 árvores plantadas e destinadas a uma exploração científica. O objetivo essencial desse projeto consiste no fornecimento de combustível aos Serviços Elétricos da capital, cujo consumo de lenha atinge atualmente à cifra de 180 metros cúbicos diários. Enquanto isso a Fazenda "Simões Lopes" prossegue na sementeira constante de mudas de essências florestais para venda a preços baixos aos agricultores. Alguns proprietários estão executando amplos serviços de reflorestamento, quase que com mudas exclusivamente da Fazenda. Entre eles podemos citar o agrônomo Renato Ribeiro, que já possui 120 hectares de terrenos florestados, na Usina São João.

—  
—  
PRODUÇÃO DE GASOGÊNIOS — Opera-se em São Paulo, um movimento a respeito da fundação de uma grande Cooperativa de Produção de Gasogênios. Cabe esta iniciativa ao Sindicato das Empresas de Transportes Coletivos, sob o patrocínio do Departamento de Assistência ao Cooperativismo do Estado de São Paulo, com irrestrito apoio da Comissão Estadual de Gasogênio. O objetivo primacial da importante organização é colaborar estreitamente com os poderes públicos no sentido de conjurar a séria crise de combustível que nos ameaça e, ao mesmo tempo, dar melhor orientação aos transportadores de cargas e passageiros assistindo-lhes na situação excepcional que ora atravessam. O capital será subscrito pelos transportadores rodoviários, e a Cooperativa providenciará imediatamente a instalação de oficinas e laboratórios para a construção ou fabricação de gasogênios em larga escala, produção em comum de carvão vegetal e criação de escolas especializadas para o preparo de técnicos. Eis um assunto, que

A organização  
Vinhos **UNICO**  
apresenta o seu  
melhor produto



Champanhe  
**MONACO**

DE FERMENTAÇÃO NATURAL

Pedidos e informações com **LOURENÇO HORACIO MONACO & CIA. LTDA.**  
ESCRITORIO E DEPÓSITO: RUA DA MISERICORDIA, 49 - TELEFONE: 42-5488



**Fundição**

**Ferro-Aço-Metals**

**Vicente Lima Coimbra  
& Cia. Ltda.**

Alfandega, 47 43-0050  
Rio 43-0054



merece as atenções de todo o Brasil, sobretudo enquanto perdurar a guerra e a falta de combustível líquido.

**A EXPORTAÇÃO DO CAFÉ** — Já se conhecem as estatísticas da exportação do café, sob o regimen do Convênio de Quotas. Ao terminar o primeiro quadriênio de 1943, obtinham-se os seguintes dados, quanto à importação dos Estados Unidos:

DE OUTUBRO A ABRIL

Em sacas

	Quota emendada	Entradas
Brasil . . . . .	16.322.932	2.293.106
Colômbia . . . . .	5.562.916	2.063.154
Costa Rica . . . . .	353.186	94.947
Cuba . . . . .	141.314	67.251
República Dominicana . . . . .	194.691	122.136
Equador . . . . .	264.910	104.093
Salvador . . . . .	1.064.264	386.354
Guatemala . . . . .	944.832	326.051
Haiti . . . . .	485.622	347.794
Honduras . . . . .	32.345	12.673
México . . . . .	841.367	275.182
Nicarágua . . . . .	346.388	65.473
Perú . . . . .	44.147	1
Venezuela . . . . .	680.558	285.229
Total . . . . .	27.379.472	6.441.444

São os países signatários do convênio de quotas. Há os não signatários, em número de três, cuja quota emendada corresponde a 574.322 sacas, em face da quota básica de 355.000 sacas. A importação do café dessa origem, pelos Estados Unidos, atingiu a 175.062 sacas, no período de 1.º de Outubro de 1942 a 10 de Abril de 1943, ao qual se referem os algarismos constantes do quadro supra.

**EXPORTAÇÃO DO BRASIL**

DE JANEIRO A MAIO

Em sacas

	1942	1943
Janeiro . . . . .	966.584	468.877
Fevereiro . . . . .	819.260	768.118
Março . . . . .	595.907	510.978
Abril . . . . .	950.923	611.260
Maio . . . . .	761.242	788.549
Total . . . . .	4.093.916	3.147.782

**COMPANHIA BRASILEIRA DE USINAS METALÚRGICAS**

End. Telegr. "METALUSINA" — TELEFONE 23-4863

**USINA DE NEVES**  
TELEFONE 8016

Grande Laminação de ferro e Aço, Fundição de Ferro e Bronze, Fábrica de Pregos para Trilhos, Parafusos, Rebites, Porcas, Panelas de Ferro, etc.



**FUNDIÇÃO NACIONAL**  
TELEFONE 22-3025

Fundição de Ferro de Engomar, Balanças, Louças de Ferro, Estanhado, Fundido e Batido para Cozinha, Canos de Chumbo para Água e Gás, Estamparia de Ferro, etc.

Todos os seus produtos têm a marca registrada — "ESTRELA"

**Usina de Barão de Cocais**

ESTAÇÃO DE MORRO GRANDE—MINAS

**ALTOS FORNOS PARA PRODUÇÃO DE FERRO GUSA**

ESCRITORIO :

Rua Visconde de Inhaúma, 69  
RIO DE JANEIRO

**O Colchão Americano**  
DE MOLAS VENTILADO

é o preferido, pelo conforto, durabilidade e distinção que oferece aos seus possuidores

VENDAS  
À VISTA  
E A  
PRASO

Rua da Quitanda, 23-A  
TEL. 42-8875

\*\*\*

**A MANTEIGA E O LEITE**

não devem cheirar a  
**A CARNE OU A PEIXE**



PREÇO  
CR\$ 12,00

**NARIZ DE FERRO**

À venda nas boas casas do ramo  
DISTRIBUIDOR GERAL PARA TODO O BRASIL:  
**C. PINHO JUNIOR**  
Rua do Ouvidor, 75-1.º and. - Rio de Janeiro

Proteja sua saúde protegendo os alimentos em sua geladeira. NARIZ DE FERRO absorve qualquer cheiro estranho em sua geladeira, guarda-comida etc. e evita que iguarias delicadas adquiram o gosto dos outros alimentos. 100% eficiente durante 6 meses.

Atendemos pedidos de reembolso. Preço CR\$ 13,50

NOME:.....  
RUA:.....  
IDADE:.....  
ESTADO:.....

# AS MULHERES DE TODO O BRÁSIL USAM



*O mais antigo preparado brasileiro  
Um produto indispensavel ao toucador*

Os dados da exportação, segundo os países de destino, foram tornados públicos apenas em relação ao quadrimestre inicial. Eles mostram que num total de 2.359.233 sacas, saídas até Abril, 2.025.913 sacas se destinaram aos Estados Unidos. Na Europa, ficaram-nos os mercados de quatro países apenas: Espanha, Islândia, Suécia, Suíça. O controle naval assegura a impossibilidade da exportação. Na Ásia, restam-nos o Hedjaz, Iraque e Siria; na África, a União Sul-Africana. São pequenas as quantidades absorvidas por esses centros de consumo. Nenhum dos países citados figura nas aludidas cifras com aquisições que se

aproximem do volume a que atingiram as compras argentinas, expressas em 101.498 sacas. As vendas de maior vulto, nesse caso, foram feitas à Espanha, com 50.003 sacas, no período analisado.

## SEGURO SOCIAL E AS SOCIEDADES COOPERATIVAS

— Os problemas humanos que o direito social protege, formam um dos aspectos mais interessantes do Estado Moderno. A necessidade de levar o direito social para o campo dos trabalhos rurais, constitue uma das preocupações dos governantes, de hoje e de após guerra.

Ora, a organização do seguro social pela forma da cooperativa pode ser um admirável expediente para facilitar a extensão do direito trabalhista à atividade agrícola. Sob esse ponto é que se poderia pedir à cooperativa de seguro social que desempenhasse, em face do direito social, aquele papel de um verdadeiro *substituto social*, a prevenir e a remediar os males e as desgraças econômicas que o direito social não possa superar e prevenir na vida rural do proletário dos campos. Sem os meios e as contingências das organizações privadas, obrigadas a operar sobre os empenhos do lucro, a organização cooperativa de seguro está em condições de atender aos fins que se possam exigir de uma empresa de proteção social do trabalhador. Se há um espírito cooperativista, a definir um conjunto de propósitos e sentimentos de mutualismo e solidariedade, nada coincide melhor com ele do que a empresa do seguro social. A lei das cooperativas 22.239 de 19 de Dezembro de 1932 não parece ter presente a idéia do seguro social quando alude às cooperativas de seguro. Ela fala em seguro de vida (letra c do art. 12) e em seguros marítimos e terrestres (letra b do art. 31), mas não se refere ao seguro propriamente social. Entretanto, o decreto-lei n.º 926 de 5 de Dezembro de 1938, revogando na lei 22.239 as modalidades de seguro de vida, de seguro marítimo e terrestre, dispõe, no art. 1.º, que "somente os seguros agrícolas, inclusive de indústrias rurais, e os de acidentes do trabalho poderão ser objeto de operações de sociedades cooperativas". Este decreto-lei abre, assim, ensejo para a execução do seguro social por intermédio da sociedade cooperativa. Faz mais ainda. Dispondo que somente os seguros agrícolas e de indústrias rurais podem ser objeto de operações de sociedades cooperativas, está a indicar que a modalidade do seguro social contra o acidente do trabalho *deve ser*, de preferência, *a do trabalho agrícola e da indústria rural.*

## CASA PINHEIRO BRAGA

### GASES PARA REFRIGERAÇÃO

Sociedade de Refrigeração e Produtos Químicos Ltda.

IMPORTADORA

LOJA E ESCRITORIO

AVENIDA SALVADOR DE SÁ, 88

TELEFONES 22-4817 — 42-7919

Endereço Telegrafico METHYLA

DEPOSITOS

AVENIDA SALVADOR DE SÁ, 6

TELEFONE 42-9535

RUA THOMAZ RABELLO, 35-A

Filial: Material Elétrico e Hidráulico -- Rua Frei Caneca, 88

Telefone 22-4458 - Rio de Janeiro



NÓS LHE RECOMENDAMOS — VER A PAGINA 12

# O SONETO DE MARTINS

**D**OMINGOS José Martins, chefe da revolução liberal que, em 1817, rebentou no nordeste do País, penetrou na história com os lisonjeiros epítetos de "Paladino altivo", "Vencedor magnânimo" e "Vencido intemerato". Sufocando o movimento, que era dirigido contra a prepotência coroada, Domingos, depois do Padre Roma, foi fusilado, aos 12 de junho de 1817, na Bahia, com seus filiados Pe. M. Joaquim de Almeida e Castro e José Luiz de Mendonça. O célebre "Soneto de Martins", a quem se referiram com elogios o Dr. Barbosa Lima, Max Fleiuss e outros pranteados patricios, é este, síntese do seu duplo amor:

Meus ternos pensamentos, que sagrados  
Me fostes quasi a par da liberdade,  
Em vós não tem poder a iniquidade:  
Eia, à espôsa voai, narraí meus fados.

Dizei-lhe que nos transes apertados,  
Ao passar desta vida à eternidade,  
Ela d'alma reinava na metade  
E com a Pátria partia-lhe os cuidados.

A Pátria foi o meu nume primeiro,  
A espôsa, depois, o mais querido,  
Objeto de desvêlo verdadeiro;

E na morte, entre ambas repartido,  
Será de uma o suspiro derradeiro,  
Será de outra o meu último gemido.

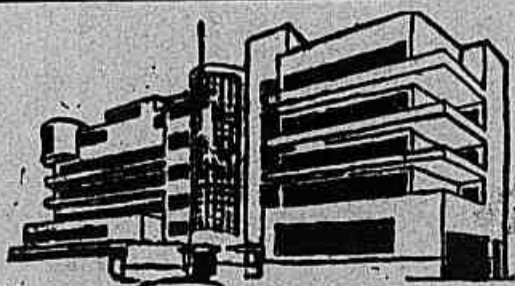
## HARD, RAND & C<sup>o</sup>

EXPORTADORES DE CAFÉ

SANTOS

VITORIA

RIO



**MATERNIDADE  
Arnaldo de Moraes**

PARTOS E CIRURGIA  
DE SENHORAS  
Tel. 27-0110

Instalações e aparelhagem moderníssimas. Ar condicionado nas salas de partos e de operações e nos apartamentos. Internamento e assistência a partir de 1:200\$000, com inscrição prévia. Radioterapia profunda. Raios X, diagnóstico. Tenda de oxigênio e Elio-terapia. Parto sem dor.

RUA CONSTANTE RAMOS, 173 — COPACABANA



**NÃO É QUESTÃO DE MODA!  
UM BONITO PENTEADO É SEMPRE APRECIADO**

Ontem como hoje, uma cabeça bem cuidada, com penteado alinhado, inspira admiração não só do elemento feminino como dos próprios homens! — Experimente usar Brylcreem — o mais perfeito fixador do cabelo. — Prove seu bom gosto usando e oferecendo aos seus amigos um tubo ou um vidro de Bry cream, como um presente útil.

## BRYLCREEM

*Não contém álcool, nem goma, nem amido e nem sabão.*

É econômico, não só pela qualidade, como porque é concentrado, rende mais, vale muito mais!

CAH-FNO-R-1



**V. S. NÃO VESTE ROUPA ALHEIA,  
NÃO COME COMIDA ALHEIA, NEM  
DORME EM CAMA ALHEIA.**

**POR QUE MORA ENTÃO, EM CASA  
ALHEIA QUANDO PODE ADQUIRIR  
UMA CASA PRÓPRIA ?**

- \* Mediante reduzida entrada em dinheiro e prestações mensais inferiores ao aluguel V. S. pode possuir um lar próprio.
- \* Se V. S. não dispõe de dinheiro para a entrada inicial, abra uma conta corrente com juros de 5 até 6% ao ano e acumule, proveitosamente, suas economias.
- \* Ótimos apartamentos e prédios residenciais, vendidos mediante reduzida entrada em dinheiro e o restante em prestações mensais inferiores ao aluguel.
- \* Empréstimos hipotecários pela Tabela Price, a prazo longo para compra de casa própria e juros legais, sem comissões ou taxas de fiscalização.
- \* Consulte-nos, sem compromisso.

### OBRIGAÇÕES DE GUERRA

Já foram vendidos em nossos "guichês" obrigações de guerra no valor de VINTE E QUATRO MILHÕES DE CRUZEIROS



Nossos funcionarios incorporados ás forças armadas — convocados ou voluntários — percebem os seus ordenados integralmente.

**Banco Hipotecário  
Lar Brasileiro**

S. A. DE CRÉDITO REAL  
Rua do Ouvidor, 90  
RIO DE JANEIRO

Sucursais:

São Paulo — Santos — Baía

# O comércio e a indústria do Paraná no cincoentenário do cêrclo da Lapa

O comércio e a indústria do Paraná, que se tem destacado pela sua pujança e desenvolvimento, como pelo seu espírito de brasilidade sempre comprovado, associaram-se, representados pelos seus valores mais altos, à iniciativa de ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA, de lançar esta edição comemorativa do cincoentenário do Cêrclo da Lapa. As páginas que se seguem são a sua valiosa colaboração para o êxito do nosso empreendimento.



## Raul Suplicy de Lacerda & Cia.

**EXPORTADORES E  
COMISSARIOS DE CAFÉ**

**MATRÍS EM CURITIBA**

Caixa postal, 486

**FILIAL EM PARANAGUÁ**

Caixa postal, 8

Telegramas: "LUAR"

**FABRICANTES EM GRANDE ESCALA  
DE COMPENSADOS DE PINHO MARCA**

**"DUCA"**

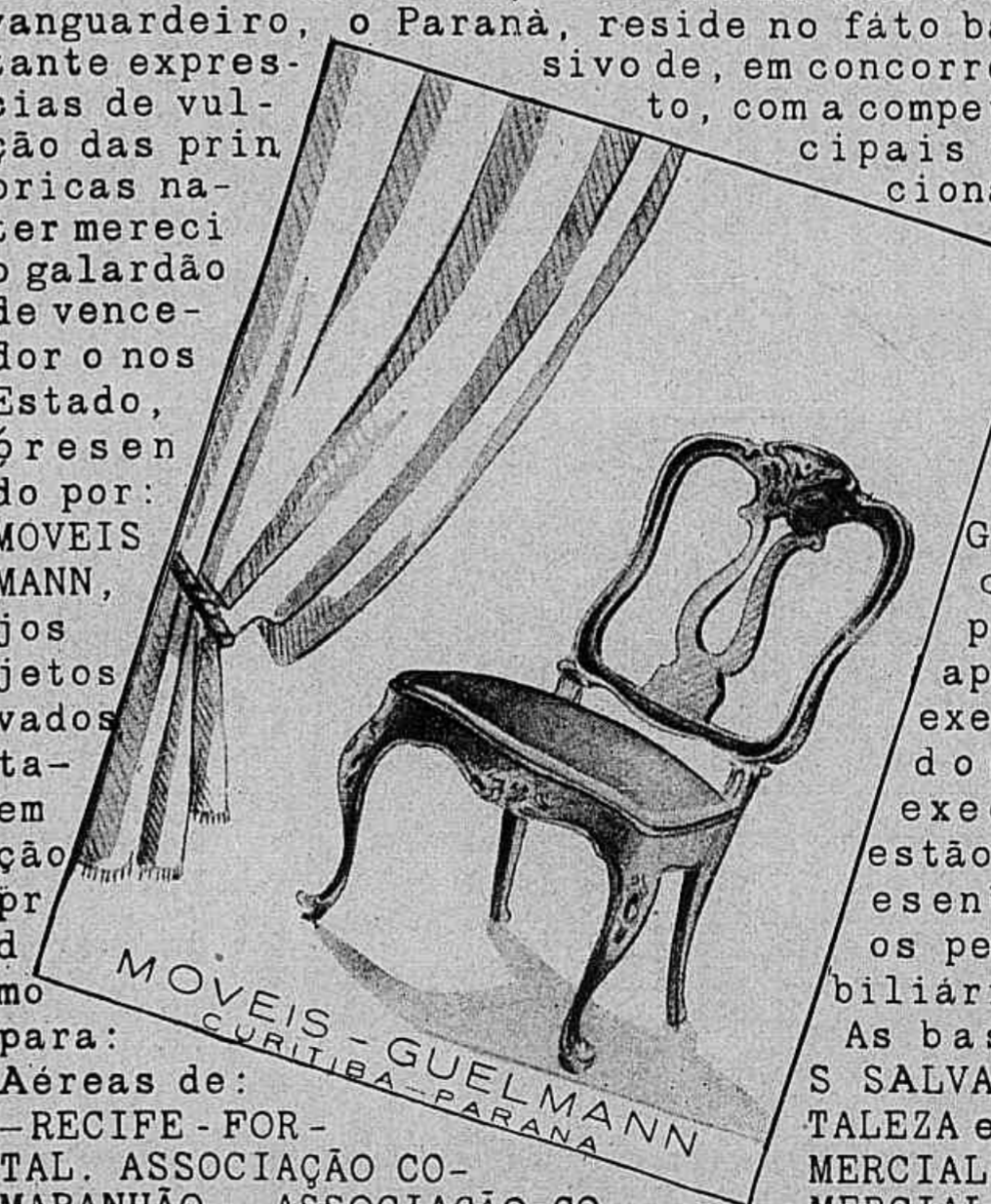
### A INDÚSTRIA DE MOVEIS FINOS NO PAIZ

A afirmativa eloquente de que a primasia neste ramo indústriar, continúa com o seu vanguardeiro, o Paraná, reside no fáto bastante expressivo de, em concorrência, com a competição, com a competição nacional do

so re ta-

GUEL cu-pro-apro-execu-dos e execu-estão re-esenta-os pelos biliários

As bases S SALVADOR TALEZA e NAMEDIAL DO MERCIAL DO AMAZONAS.- HOTEL SERRADOR, Rio de Janeiro - GRANDE HOTEL, São Luiz do Maranhão - GRANDE HOTEL, Campina Grande, Paraíba - CINE TEATRO GOIÂNIA, Goiânia, Est. de Goiaz.



MOVEIS - GUELMANN  
CURITIBA - PARANA

para:

Aéreas de:

-RECIFE - FOR-

TAL. ASSOCIAÇÃO CO-

MARANHÃO - ASSOCIAÇÃO CO

AMAZONAS.- HOTEL SERRADOR, Rio de Janeiro -

GRANDE HOTEL, São Luiz do Maranhão - GRAN-

DE HOTEL, Campina Grande, Paraíba - CINE

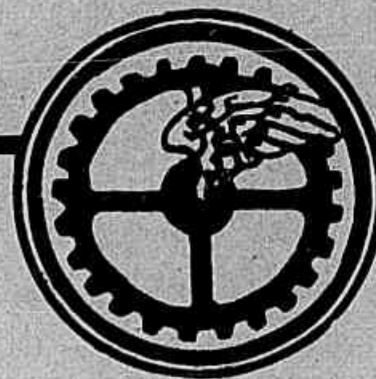
TEATRO GOIÂNIA, Goiânia, Est. de Goiaz.

# Srs. industriais e comerciantes



## GAERTNER & GUERRA

### IMPORTADORES E EXPORTADORES BRASIL



RUA MONSENHOR CELSO-134-138



CURITIBA - PARANÁ

CAIXA POSTAL 779.

Possuindo o **MAIOR ESTOQUE** de Correias Lona Borracha do Sul do País estão aptos a atender qualquer encomenda em quaisquer dimensões. —

**ESTOQUE PERMANENTE DE:**

Maquinas - Ferramentas - parafusos para todas as finalidades - Chopas - Aços - Ferros e outros metais - Material de construção - Material de Expediente - Materias primas para todas aplicações - Aparelhos para solda elétrica e autogena - Extintores de Incendio Tubos - e Conexões - Cimento.

**REPRESENTANTES E DEPOSITARIOS DA:**

**Eternit do Brasil Cimento e Amianto - Empresa Metalúrgica Nacional (MAQUINAS INDUSTRIAIS) ELETRODOS FREDOTI (MATERIAIS PARA SOLDAS)**

## BANCO DE CURITIBA S/A.

CURITIBA — Estado do Paraná

Carta Patente N. 1888 - Caixa Postal 806 - Endereço Telegrafico: Bantiba

Balanco encerrado em 31 de Dezembro de 1943

ATIVO		PASSIVO	
<b>Realizavel a Curto Prazo:</b>	<b>CR\$</b>	<b>Não exigível:</b>	<b>CR\$</b>
Títulos Descontados	10.691.926,30	Capital	2.250.000,00
Empréstimos em c/ctes	3.993.148,20	Fundo de Reserva e outros fundos	686.968,80
Correspondentes	3.022.412,00		2.936.968,80
Contratantes compra Terrenos	900,00	<b>Exigível a curto prazo:</b>	
	17.708.386,50	Depósitos à-vista	3.507.449,70
<b>Realizavel a Longo Prazo:</b>		" limitados	1.082.593,80
Acionistas	11.867,50	" aviso prévio	471.849,60
Empréstimos hipotecários	21.321,50	" Pod. Públicos	523.007,30
	33.189,00		5.584.900,40
<b>Disponível:</b>		Correspondentes	9.104.178,50
Caixa em moeda corrente	1.222.345,00	Cred. div. em c/c	70.656,50
Depósitos em Bancos	13.067,70		14.759.735,40
	1.235.412,70	<b>Exigível a longo prazo:</b>	
Idem no Banco do Brasil S/A	3.338,40	Depósitos a prazo fixo	3.215.076,90
	1.238.851,10	Contas a liquidar s/juros	78.758,60
<b>Imobilizados:</b>			3.293.835,50
Propriedades	292.111,00	<b>Contas de Compensação:</b>	
Móveis e Utensílios	127.989,70	Títulos em Cobr. Junto Corresp.	5.382.994,80
Valôres em garantia	300,00	Depósitos em c/cobrança	3.310.379,90
	420.400,70	Títulos em caução	3.186.343,80
<b>Contas de Compensação:</b>		Caucões da Diretoria e Tés.	30.000,00
Correspondentes c/Cobrança	5.382.994,80	Valores hipotecários	21.321,50
Títulos em Cobrança	3.310.379,90		11.931.040,00
Títulos Caucionados	3.186.343,80	<b>Contas de resultado Pendente</b>	
Valores Depositados	30.000,00	Contratos Venda Terrenos	31.550,00
Hipotecas	21.321,50	Maquinário	24.500,00
	11.931.040,00	Estampilhas	9.148,50
<b>Contas de Resultado Pendente:</b>		Portes e telegramas	2.552,70
Valores em liquidação	638.836,70	Rebate de Juros	85.222,00
Lucros e Perdas	1.011.930,20	Previsão juros s/depósitos	77.079,30
Concessão e Privilégio	170.450,00	Apólices	1.352,00
	1.821.216,90		231.404,50
<b>Total Cr\$</b>	<b>33.152.984,20</b>	<b>Total Cr\$</b>	<b>33.152.984,20</b>

S. E. ou O.

David Carneiro  
Diretor Presidente

Saul Valente  
Diretor Superintendente

José Biscain  
Contador  
Reg. 1.º 90 fls. 340

AGENTES DAS COMPANHIAS DE SEGUROS:  
*THE LONDON ASSURANCE E CRUZEIRO DO SUL*

## Pedro N. Pizzatto & Filhos

PINHO SERRADO, LAMINADO E  
COMPENSADO  
PRODUÇÃO E EXPORTAÇÃO



Escritório central: — Edifício PIZZATO  
Rua Conselheiro Laurindo, 2 — CURITIBA  
Caixa postal, 296 — Telefone, 133  
Endereço telegráfico: PIZZATO



Secção de EMBARQUES:  
P A R A N A G U A  
Telefones nrs. 267 e 107  
Endereço telegráfico: PIZZATO

A CONSTRUÇÃO DO PANTEON DA  
LAPA ESTÁ A CARGO DA FIRMA

## Gutierrez, Paula & Munhoz

Engenheiros Cívís Construtores

ARQUITETURA HIDRAULICA  
ESTRADAS E PONTES

Rua Dr. Muricy, 509 - 2.º andar

CURITIBA - PARANA. — Fone, 1344.

## Cia. Caete S. A.

INDUSTRIA, COMÉRCIO E EXPORTAÇÃO

MADEIRAS  
BRUTAS E BENEFICIADAS  
CAIXAS  
COMPENSADOS



RUA PEDRO IVO, 594  
TELEFONE, 2804  
CAIXA POSTL, 40  
END. TELEG.: "CAETE"  
CURITIBA — PARANÁ — BRASIL

## Banco do Estado do Paraná

SOC. ANONIMA

MATRIZ — CURITIBA

FILIAIS — PARANAGUÁ — ANTONINA — JACARÉZINHO  
— IRATI — LONDRINA E PONTA GROSSA.

CORRESPONDENTES — EM TODAS AS PRAÇAS IMPOR-  
TANTES DO ESTADO E DO PAÍS.

FAZ TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS.

# Luiz G. A. Valente S/A

AGÊNCIA  MARÍTIMA

DESPACHOS  
EMBARQUES  
IMPORTAÇÃO  
EXPORTAÇÃO

MATRIZ:  
CURITIBA  
Rua Monsenhor Celso, 234  
CAIXA 777

ENDERÊÇO TELEGRÁFI-  
CO PARA A MATRIZ E  
TÔDAS AS AGÊNCIAS  
**VALENTE**

FILIAIS:

RIO DE JANEIRO	
Avenida Rio Branco, 277--S/1209--	Caixa 1868.
PARANAGUA'	Caixa 42
ANTONINA	Caixa 20
SÃO FRANCISCO	Caixa 15

SERRARIAS PINHEIRO,  
BITUVA E NATAL  
Grande Fábrica de cabos  
para vassouras  
Enderêço Telegráfico:  
— "BITTAR"—  
CAIXA POSTAL, 5  
FERNANDES PINHEIRO  
— PARANÁ —

**Elias Abdo Bittar**

**INDUSTRIAL E EXPORTADOR DE  
MADEIRAS COM WAGÕES PRÓPRIOS**

ESCRITÓRIO:  
RUA DR. PEDROSA, 935  
Enderêço Telegráfico:  
— "BITTAR"—  
CAIXA POSTAL, 142  
Fone, 1575  
CURITIBA - PARANÁ

**GRANDE PRIX-PARIS 1937**



**Fabricas de Pianos: ESSENFELDER**

**AVENIDA JOÃO GUALBERTO 1073**

Caixa Postal, 251 — Telegr.: Pianos  
CURITIBA — PARANÁ

CASA MATRIZ:  
CURITIBA - PARANÁ - BRASIL  
RUA DR. MURICY, 509 (1.º)  
EDIFICIO "ITIBERÊ"  
Caixa Postal n.º 73  
End. Telegr.: ITIBERÊ  
Telefones: 419 e 548

**Carlos Itiberê da Cunha & C**  
INDUSTRIAS E EXPORTADORES DE MADEIRAS

**CODIGOS: MASCOTE E PARTICULARES**

CASAS FILIAIS:  
RIO DE JANEIRO  
RUA 1.º DE MARÇO, 6 (7.º) S/6  
End. Telegr.: ITIBERÊ  
Telefone: 23-4666

SÃO PAULO  
RUA LIBERO BADARÓ, 595  
(1.º) — S/122  
Caixa Postal n.º 5111  
End. Telegr.: ITIBERÊ  
Telefone: 3-7943

**SERRARIAS E FABRICAS DE CAIXAS**

"ITIBERÊ 1"  
PINHAIS  
ESTADO DO PARANÁ

"ITIBERÊ 2"  
FERNANDES PINHEIRO  
ESTADO DO PARANÁ

"ITIBERÊ 3"  
CANOINHAS  
EST. STA. CATARINA

"ITIBERÊ 4"  
PIRAHY-MIRIM  
ESTADO DO PARANÁ

"ITIBERÊ 5"  
PIRAHY-MIRIM  
ESTADO DO PARANÁ

"ITIBERÊ 6"  
PIRAHY-MIRIM  
ESTADO DO PARANÁ

"ITIBERÊ 7"  
PIRAHY-MIRIM  
ESTADO DO PARANÁ

"ITIBERÊ 8"  
PIRAHY-MIRIM  
ESTADO DO PARANÁ

"ESTUFA DOM PEDRO II"  
Tratamento e secagem  
artificial da madeira  
PARANAGUÁ  
ESTADO DO PARANÁ

**VAGÕES PRÓPRIOS**



# Julio Maito & Cia.

COMERCIO E REPRESENTAÇÕES

Rua Barão do Rio Branco, 209 -- Caixa, 720 -- Telefone, 4-4-6  
-- Teleg. "OTIAM"

PARANÁ \* CURITIBA \* BRASIL

## SECÇÕES ESPECIALIZADAS DE :

### Maquinas : —

Compressores de ar, bombas de vácuo, bombas hidráulicas, tornos mecânicos, moinhos de café, cortadores para frios, martelotes pneumáticos, máquinas para garages, oficinas, indústrias de madeiras, indústrias de ferro etc. —

### Ferramentas : —

Brocas para ferro e madeiras, limas em geral, tornos de bancada, bites, ferramentas para quaisquer aplicações, peças e acessórios. —

### Material de Construção : —

Ferros de todos os perfis, cimentos, chapas, aços, tubos, torneiras, registros, material sanitário, Celotex, etc. —

### Material Elétrico : —

Fornecimentos e instalações de luz fluorescente com estoque permanente de lâmpadas e acessórios para indústria, comércio e residências. Chuveiros, torneiras, Aquecedores e fogões elétricos. —

### Secção Domestica : —

Instalações de cozinhas e copas com móveis de aço, tipo americano, "KITNEVE" — Geladeiras — aparelhos elétricos de uso doméstico em geral. —

### Material para Hospital, Médicos e Laboratórios : —

Aparêlhos de eletro-medicina em geral, mesas para alta cirurgia, drogas e produtos químicos. —

### Motores : —

Motores elétricos, nacionais, "FAEBS" — Motores de popa, suecos, marca "ARCHIMEDES". —

### Balanças : —

Da afamada marca "FILIZOLA" — Automáticas de 1 até 50 quilos — Para armazens desde 100 até 5.000 quilos — Para pezar gado, porcos, vagons, etc. até 100.000 quilos. —

### Material de Pinturas : —

Tintas para todas aplicações da afamada marca "WANDA", dissolventes, impermeabilizantes, anti-corrosivas, etc. — Óleo de linhaça, pincéis, pistolas, filtros de ar e acessórios, concernantes. —

### Extintores de Incendio : —

Marca "CONTRA" de várias capacidades para aplicação em fábricas, casas comerciais, caminhões, automóveis, etc. —

### Secção de Papeis : —

Papeis com linhas d'água para Jornais — Estoque permanente de todos tipos de papeis nacionais e estrangeiros para tipografias, etc. —

## AGENTES AUTORIZADOS :

### ALMEIDA & MADALOZZO

— Av. Vicente Machado, 50-A, Cx. Postal, 45 — Ponta Grossa.

### GLACY M. LIMA

— R. 15 de Novembro, 49, Cx. Postal, 32 — Paranaguá.

### FELIX HORYLKA

— R. Benjamin Constant, Cx. Postal, 77 — Irati.

### GOMES & CIA. LTDA.

— R. 9 de Março, 387, Cx. Postal, 158 — Joinville.

### COMERCIAL LIMITADA

— R. Dr. Amadeu Luz, 28 — Blumenau.

### ALFREDO MATZENBACHER

— R. 7 de Setembro, 12, Cx. Postal, 79 — Pôrto União.

## Fábrica de Aparelhos Elétricos e Oficina Eléto-Mecânica BOTELHO DE SOUZA

Instalações elétricas em geral — Lâmpadas — Material elétrico — Fogões, Fogareiros, Lustres, Plafoniers, Pendentes, Arandelas, Aquecedores, concertos e enrolamentos em motores, dinamos, transformadores e outros aparelhos elétricos, niquelagem.

**MOTORES F. A. E. B. S. -- BRASIL**

Rua Barão do Rio Branco, 141 -- Telefone, 1846

CURITIBA

PARANÁ



**ÊSTES  
SÃO OS LIVROS MAIS LIDOS  
PELAS CRIANÇAS DO BRASIL**

CADA VOLUME

CR\$  
**6,00**

Páginas cheias de graça, movimento, bom humor e deliciosa ingenuidade, ao par de outras em que reponta o espírito da aventura, do heroísmo e da coragem.



LINDAS CAPAS COLORIDAS  
E SÓLIDAS ENCADERNAÇÕES

PREÇO DE CADA VOLUME  
CR \$ 6,00

À VENDA EM TÔDAS AS LIVRARIAS

Pedidos pelo Reembolso à  
S. A. "O MALHO"



**RUA SENADOR DANTAS, 15 - 5º ANDAR - RIO**

*O símbolo de garantia para a aquisição do seu lar próprio!*



A MAIOR ORGANIZAÇÃO  
DE VENDA DE IMOVEIS DA AMERICA LATINA

*Mendes Figueiredo & Cia. Ltda.*

RIO: Avenida Rio Branco, 108 - Tel. 42-8155 (Rêde interna)  
S. PAULO: Rua Bráulio Gomes, 13 (loja) Tel. 4-8155 (Rêde interna)

JÓVA